Maximiano Lemos

MAJOR MEDICO DO EXERCITO PORTUGUEZ,
LENTE DE MEDICINA LEGAL DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO,
SOCIO DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA, ETC.

RIBEIRO SANCHES

A SUA VIDA E A SUA OBRA

OBRA ESCRIPTA SOBRE NOVOS DOCUMENTOS,
NO DESEMPENHO DE UMA COMMISSÃO DO GOVERNO
PORTUGUEZ

PORTO

Eduardo Tavares Martins, editor
Rua dos Clerigos, 8 e 10

1911

anches)

RIBEIRO SANCHES

Publicações do mesmo auctor sobre historia da medicina

A medicina em Portugal até ao fim do seculo XVIII (tentativa historica) (Porto, Imprensa Commercial, 1881).

Medicina portugueza. As cruzadas. In «Medicina Contemporanea» de 1884.

Medicina portugueza. O Hospital Real de todos os Santos In «Medicina Contemporanea» de 1886.

Archivos de historia da medicina portugueza, periodico bi-mensal — 1887 a 1899, 1894 a 1896. — Nova serie — 1910.

Annuario dos progressos da medicina em Portugal:
- 1.º anno, 1883; Porto, 1884.
- 2.º anno, 1884; Porto, 1885.
- 3.º anno, 1885; Porto, 1886.

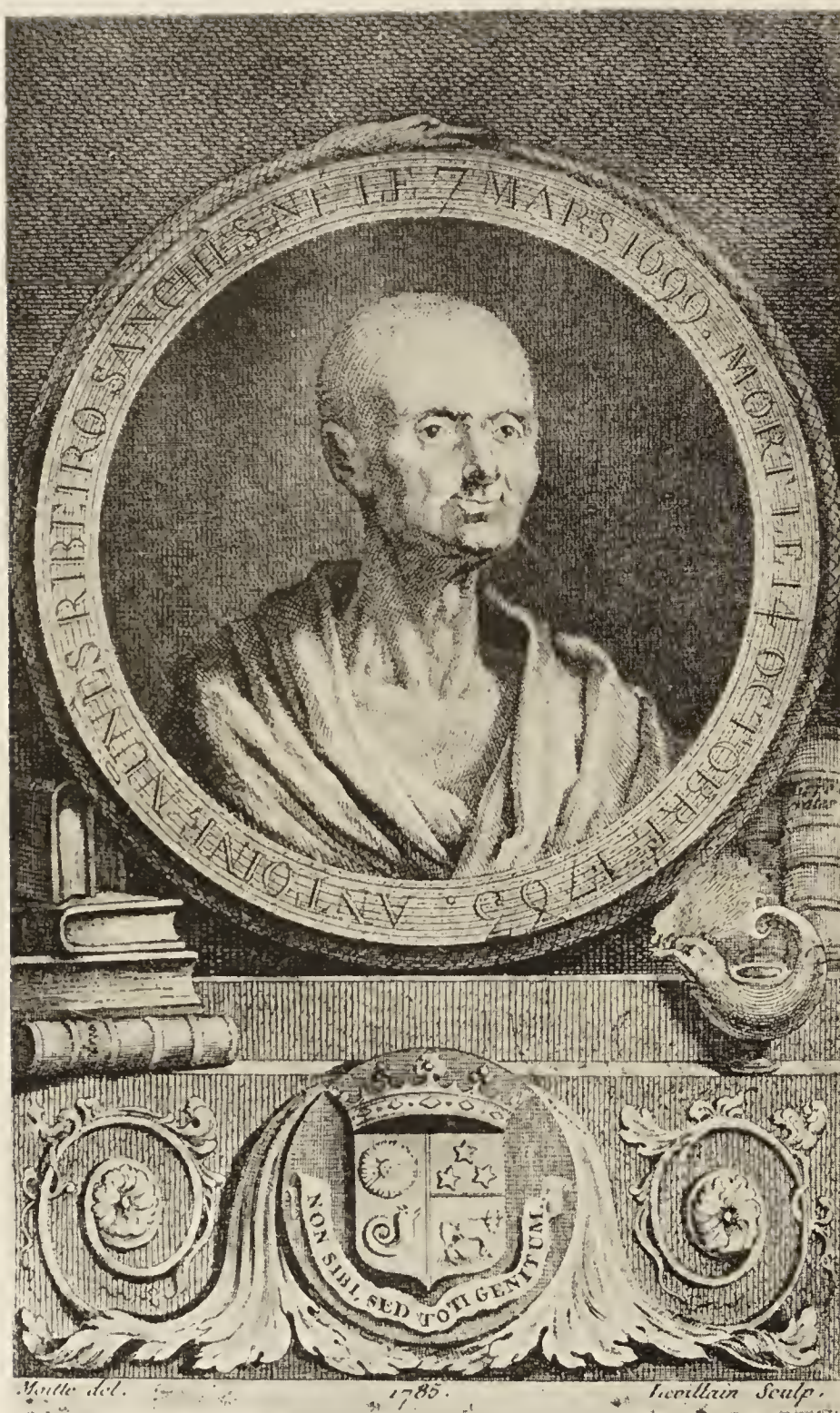
O professor José Carlos Lopes (Pôrto, Typographia de Arthur José de Sousa & Irmão, 1895).

O professor José d'Andrade Gramaxo (Porto, Typographia de Arthur José de Sousa & Irmão, 1897).

Historia da medicina em Portugal. Doutrinas e instituições (Lisboa, Manuel Gomes, editor, 1898). 2 volumes.

A obra scientifica de Ricardo Jorge — Porto, Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão — 1905.

Amato Lusitano — A sua vida e a sua obra (Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1907).

Zacuto Lusitano — A sua vida e a sua obra (Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1909).

RIBEIRO SANCHES

Copia do retrato publicado nas suas *Observations sur les maladies vénériennes*

Maximiano Lemos

MAJOR MEDICO DO EXERCITO PORTUGUEZ,
LENTE DE MEDICINA LEGAL DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO,
SOCIO DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA, ETC.

RIBEIRO SANCHES

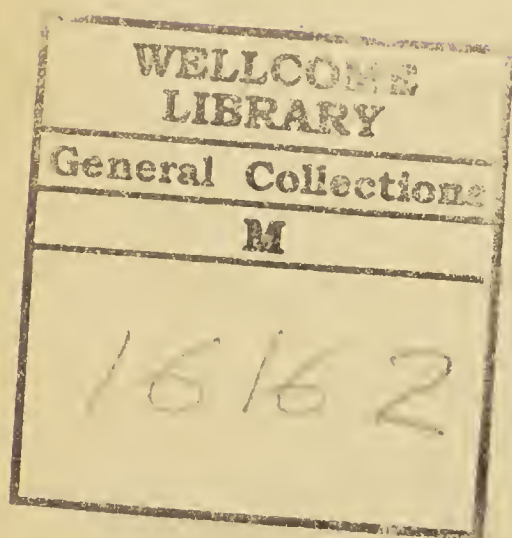
A SUA VIDA E A SUA OBRA

OBRA ESCRIPTA SOBRE NOVOS DOCUMENTOS,
NO DESEMPENHO DE UMA COMMISSÃO DO GOVERNO
PORTUGUEZ

PORTO

Eduardo Tavares Martins, editor

Rua dos Clerigos, 8 e 10

1911

AO LEITOR

O livro que vae lêr-se foi durante alguns mezes a minha occupação exclusiva e até certo ponto a minha unica razão d'existencia.

Encarregado em 31 de agosto de 1909 de escrever, em commissão gratuita, a historia da medicina em Portugal, pelo meu amigo Wenceslau de Lima, que então geria a pasta do reino, entendi que, de preferencia a refazer trabalhos anteriores, me devia consagrar ao estudo do periodo moderno dessa historia cujo começo se póde datar do advento de Ribeiro Sanches.

Não ignorava que a sua biographia havia sido escripta por Andry e Vicq d'Azyr, mas nenhum delles lhe tinha consagrado a attenção que elle merecia. Este facto mais me confirmou na minha resolução. O momento parecia asado para a tarefa. Ricardo Jorge havia publicado a respeito de alguns amigos do illustre medico trabalhos valiosos, e um alumno da Escola em que sou professor, o snr. Arthur Araujo, descobrira em Ponte do Lima alguns ignorados manuscriptos sobre os quaes escreveu uma interessante memoria.

Comecei a trabalhar com verdadeira devoção e tive a fortuna de encontrar materiaes desconhecidos, inaproveitados ou incompletamente aproveitados para o edificio que tinha a peito construir. Examinei os manuscriptos que tinham sido objecto da memoria do

snr. Araujo; obtive auctorização para consultar o Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros, onde encontrei documentos que não tinham sido vistos pelo mallogrado investigador Sousa Viterbo, que aliás já tinha explorado com proveito o mesmo Archivo; compulsei os ineditos que se conservam nas Bibliothecas Nacïonal e da Ajuda; corri a Evora onde tive nas mãos três cartas de Sanches que alli esperavam por um leitor, e como soubesse que em Paris existiam, na Faculdade de Medicina, trabalhos seus que nunca haviam sido impressos, ahi os fui estudar.

Eis summariamente indicado o que fiz no proposito de colher elementos de trabalho, e se o exponho não é para valorizar o mesquinho estudo que hoje dou a lume, mas porque nesta peregrinação muitos serviços recebi que desejo registar e agradecer.

Primeiro que a todos gostosamente protesto o meu reconhecimento ao meu antigo condiscipulo e velho amigo Wenceslau de Lima por me ter confiado a honrosa missão de que saíu este livro, que doutro modo difficilmente escreveria. Julgo tanto maior obrigação fazel-o quanto o despacho do ministro nunca o entendi doutro modo que como prova de dedicação.

Desde o inicio dos meus trabalhos encontrei no snr. Pedro A. d'Azevedo, o illustre conservador da Torre do Tombo que todos os estudiosos conhecem e apreciam, um dedicado collaborador. Todos os documentos que encontrou naquelle riquissimo Archivo, e podiam interessar á biographia de Sanches, se deu ao trabalho de copiar e generosamente poz á minha disposição.

Para a consulta da correspondencia dos nossos representantes em Paris ao tempo de Sanches, soc-

corri-me do meu antigo discipulo Eduardo Valerio Villaça, que rapidamente obteve de seu Ex.^{mo} pae, então ministro dos negocios estrangeiros, a auctorização que desejava.

Nos funccionarios das bibliothecas do Porto, de Lisboa e de Evora encontrei a mais decidida boa vontade em me coadjuvar. Seja-me permittido especializar o nome do snr. Dr. Francisco Forte F. Torrinha pelos muitos serviços que nesta ultima me prestou.

A collecção particular que mais me interessava pertence ao meu distincto collega Dr. Manuel d'Oliveira, de Ponte do Lima. Não só me permittiu examinal-a, mas confiou-me durante o tempo que reputei necessario os manuscriptos de Sanches que possue.

Está longe de completa a lista dos que me auxiliaram no meu trabalho. Outro collega e não menos distincto, o Dr. Lopo de Carvalho, promoveu na Guarda investigações que em logar proprio são aproveitadas. Devo ao meu querido Ricardo Jorge a certidão de edade de Sanches, que lhe fôra offerecida pelo snr. Dr. Antonino Vaz de Macedo. Ao fallecido secretario da camara de Benavente, snr. Emygdio Augusto da Silva, mereci a attenção de proceder a buscas no Archivo daquella Camara que, apesar de infructuosas, não lhe exigiram menos trabalho. Theophilo Braga honrou-me com uma carta em que me expoz o que tinha averiguado das relações de Sanches com Francisco Manuel do Nascimento. O meu amigo P.^{e} Joaquim Pessoa d'Andrade Campos tambem se dignou promover algumas investigações em Buarcos sobre o medico Duarte de Brito, a quem Sanches se refere.

Creio bem que nos obsequios recebidos entrou por muito a dedicação patriotica de concorrerem todos os

cavalheiros cujo patrocinio solicitei para honrarem a memoria de um compatriota illustre; mas o auctor deste livro não engeita, antes confessa com prazer, as dividas de gratidão que contrahiu.

A sciencia, porém, não tem fronteiras e aos estrangeiros não é desconhecido o nome de Ribeiro Sanches. O snr. Dr. D. Miguel Unamuno, sabio reitor da Universidade de Salamanca, procedeu a pesquizas sobre os estudos do medico portuguez naquelle centro de instrucção. O meu amigo e distincto professor de Vienna d'Austria, Dr. Max Neuburger, teve a amabilidade de copiar trechos da edição allemã da *Historia da medicina* de Richter que nunca pude encontrar. Consegui depois um exemplar em russo, do qual amavelmente me traduziu algumas paginas o snr. Julio Cordewener. O conceituado prof. E. Leersum procurou nos registos da Universidade de Leyde vestigios da passagem de Sanches e de seu irmão. Em Paris, quando trabalhei na Bibliotheca da Faculdade de Medicina e visitei os Archivos do departamento do Sena, recebi dos directores dos dois estabelecimentos, os snrs. Dr. Hahn e Lazard, attenções que estava longe de suppôr encontraria em um paiz estranho. Alli me prestou relevante auxilio o notavel esculptor Francisco Gouveia, a quem devi provas de estima inolvidaveis.

A esta longa lista falta acrescentar um nome. A proclamação da Republica veiu encontrar-me em uma situação que poderia parecer excepcional ao snr. Dr. Antonio José d'Almeida, digno ministro do interior. S. Ex.ª não a modificou. Esta prova de confiança não foi das que menos me penhorou.

CAPITULO I

A familia de Ribeiro Sanches — Os seus primeiros annos — Estudos em Coimbra — A organização da Universidade; as matriculas; a vida academica — O rancho da carqueja.

No primeiro quartel do seculo XVIII apparecem-nos, nas duas Beiras, algumas familias de christãos novos que mais ou menos prosperavam, a despeito da vigilancia que sobre ellas exercia o Santo Officio e das violencias que delle soffriam. Na Guarda, na Covilhã, no Fundão, em Castello-Branco, em Penamacor, em localidades menos importantes até, registam-se os nomes de membros destas familias, muitos dados a profissões humildes, consagrando-se outros ao commercio e á industria, alguns seguindo carreiras liberaes.

Estavam longe de ter uniformidade de crenças religiosas estes descendentes dos antigos judeus peninsulares. Alguns eram sinceramente christãos e soffriam resignados os vexames que os opprimiam. Outros revoltavam-se contra a oppressão e, vivendo em commum, apontados com escarneo e vilipendio, entre si narravam as calamidades por que tinham passado, elles ou os seus. Outros ainda odiavam os seus perseguidores e secretamente voltavam aos seus ritos de tradição.

A uma destas familias, fortemente experimentada pela

Inquisição, pertencia o mais illustre medico que tivemos neste seculo, Antonio Ribeiro Sanches. ([1])

Temos á vista a sua certidão de edade que nos diz que elle viu a luz em Penamacor a 7 de março de 1699. O padre Domingos Mendes, cura da freguezia, baptizou-o a 17 do mesmo mez. Padrinhos foram Antonio Henriques e Maria Nunes, esta ultima possivelmente a avó materna do nosso biographado. ([2])

Poucas vezes se refere elle á sua terra natal e não muitas á provincia a que ella pertence. Em carta escripta de S. Petersburgo ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares a 15 de julho de 1735, ([3]) falla em Penamacor, *patria minha*, e em outra sem data, escripta de Paris a um portuguez que passou por aquella cidade, que se encontra em uns manuscriptos que pertenceram ao conde da Barca, ([4]) diz:

> «é para o snr. D. Vicente (de Sousa Coutinho) que é todo o meu Portugal hoje, que pela Serra da Estrella. por Penamacor e os Tourões, affirmo-lhe que não levantava a penna do chão.»

Em outro manuscripto de egual procedencia, com o titulo de *Algumas causas da perda da agricultura de Por-*

([1]) E' este o nome com que se assignou em todos os documentos, e não foram poucos, que delle nos passaram pelas mãos. E' o nome com que o designam os assentos das matriculas de Salamanca. Todavia, no seu testamento, juntou aos seus appelidos o de Nunes, assignando-se Antonio Nunes Ribeiro Sanches.

([2]) Esta certidão d'edade foi offerecida pelo nosso distincto collega Antonino Vaz de Macedo a Ricardo Jorge, que a ella se refere no seu trabalho *Cartas de Ribeiro Sanches* in *Medicina Contemporanea* de 1907, de que se fez uma separata. Das mãos d'este passou para as nossas agradecidas mãos. (Veja-se documento n.º 1).

([3]) Bibliotheca de Evora.

([4]) Estes manuscriptos foram objecto de uma interessante memoria do snr. Arthur Araujo (*Gazeta dos Hospitaes*, 3.º anno, n.º 22). Posteriormente tivemos occasião de os consultar por delicada concessão do seu actual possuidor, o estimado clinico de Ponte do Lima, dr. Manuel de Oliveira, em cuja escolhida bibliotheca se encontram verdadeiras preciosidades.

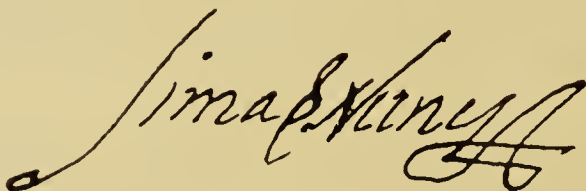
tugal depois do anno de 1640 (1777), encontra-se outra passagem muito mais interessante:

«Eu vi e conheci no tempo da guerra da successão até o anno 1713 destas companhias de cavallaria, chamadas *de meio alqueire* em Penamacor, Pedrogão, Monsanto e Penha Garcia, villas ao lado da raia de Castella, comarca de Castello Branco. Estas companhias se formavam á custa do lavrador rico, ou homem honrado que tinha bastante para comprar 50 cavallos com sella e armas: Elle era o capitão: não tinha salario da coroa, nem os soldados, mais que meio alqueire de cevada ou de centeio cada dia: o seu emprego era fazer incursões em Castella, roubar e queimar, sem estarem ás ordens do governador da provincia.»

Da Beira-Baixa lembra a Serra da Estrella, todo o anno coberta de neve, ([1]) a que tambem se refere na segunda carta que citamos acima. Entre os males resultantes da perseguição aos christãos novos menciona o prejuizo que resultou para o commercio das lãs na Beira e Alemtejo. ([2]) Fallando no destino a que se deviam applicar os rendimentos de beneficios e canonicatos vagos, lembra a edificação de novas egrejas parochiaes «impedindo por este meio a muitos logares que conheço na raia da Beira alta e baixa irem os pobres villões ouvir missa uma e duas leguas longe da sua habitação.» ([3])

Recordava-se de que ainda no principio do seculo sahia dos portos de Buarcos e Figueira muita pescada sêca a vender pelas duas Beiras, com grande vantagem dos povos por ser mais barata que o bacalhau. ([4])

Finalmente ainda se referia a um processo de conservação das carnes, usado pelos caçadores de Castello Branco:

([1]) *Tratado de conservação da saude dos povos*, ed. de Paris, 1756, pag. 28.

([2]) *Origem da denominação de christão velho e christão novo* (Collecção Barca-Oliveira).

([3]) *Meios que Pedro Primeiro Imperador da Russia tomou para regrar os Ecclesiasticos do seu Imperio e estabelecer a sua subsistencia* (mesma collecção).

([4]) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em Portugal* (collecção citada).

«Os caçadores da comarca de Castello Branco em tempo da quaresma não deixam de caçar coelhos e perdizes, e para conserval-os os assam quasi a metade e os mettem dentro de talhas de azeite: fica esta sorte de carnes fresca por muito tempo.» ([1])

Seu pae, Simão Nunes, era, ao que dizem Andry e Vicq d'Azyr, ([2]) um negociante abastado que gosava de excellente reputação, menos pelos bens de fortuna que possuia do que pela probidade com que os adquirira. Di-

Assignatura de Simão Nunes

zem ainda que tinha um espirito esclarecido e foi elle proprio quem se encarregou da primeira educação do filho, dando-lhe a lêr Plutarco e Montaigne.

Temos difficuldade em acceitar esta asserção, tanto no que respeita aos bens de fortuna do pae de Ribeiro Sanches como á sua illustração. Relativamente aos meios de fortuna, Simão Nunes, no processo que a Inquisição lhe moveu, disse que era tratante, o que não embaraça ainda a affirmação dos dois biographos de Sanches, mas um primo de Simão, Luiz Nunes Ribeiro, que foi interrogado em 1732, affirmou que elle era sapateiro. ([3]) Por outro lado, Ribeiro Sanches enviava em 20 de março de 1735 ao Dr.

([1]) *Tratado da conservação dos povos*, pag. 229.

([2]) Andry — *Précis historique sur la vie de M. Sanches*, junto ao *Catalogue des livres de M. Antonio Nuñes Ribeiro Sanches* dont la vente se fera en sa Maison, rue de la Verrerie, Cimetière de S. Jean, le Lundi 15 Decembre 1783 et jours suivants à trois heures de relevée. A Paris, chez de Bure MDCCLXXXIII (Bibliotheca municipal do Porto). — *Œuvres de Vicq d'Azyr, recueillies et publiées avec des notes* par Jacq. L. Moreau (de la Sarthe). Paris, chez L. Duprat-Duverger. An XIII — 1805 — III, pag. 217.

([3]) V. Documento n.º 3.

Manuel Pacheco de Sampaio Valladares 100$000 réis para que lhe comprasse livros e outros objectos, mandando entregar o resto a seu pae, para que soubesse que vivia. Não era crivel que a um negociante abastado se mandasse dinheiro de presente, e menos ainda quantia tão pequena, levando mesmo em attenção a differença de valor da moeda.

Quanto aos seus conhecimentos, Simão Nunes diz de si que apenas sabia lêr e escrever. Poderia acreditar-se que em repetidas viagens a que o forçassem os seus negocios adquirisse conhecimentos e desenvolvesse o espirito, e succede que nos processos de Diogo Nunes Ribeiro, seu cunhado, e de Diogo Nunes, primo deste, Simão Nunes é designado como flamengo, o que póde entender-se como tendo viajado nos Paizes-Baizes. Mas contra esta interpretação vem a sua propria declaração de que nunca sahiu de Portugal e que assistiu em Penamacor, Monsanto e Guarda.

A familia de Simão Nunes é hoje bem conhecida, mercê dos documentos que dos archivos desentranhou o estudioso conservador da Torre do Tombo, o snr. Pedro A. d'Azevedo, e que generosamente nos facultou, o que lhe dá jus á profunda gratidão que aqui gostosamente lhe deixamos attestada.

O processo n.º 7906 da Inquisição de Lisboa refere-se a este Simão Nunes e fornece abundantes pormenores a respeito dos seus parentes. Tinha 42 annos quando se apresentou naquelle tribunal a 30 de maio de 1715, o que faz remontar o nascimento a 1673.

Seus paes, já fallecidos, eram christãos novos e chamavam-se Alvaro Fernandes e Isabel Nunes. O primeiro era curtidor e natural de Penamacor. A segunda nascera em Monsanto.

Christãos novos eram tambem e naturaes de Penamacor seus avós paternos Manuel Fernandes, egualmente curtidor, e Guiomar Nunes. Já não viviam em 1715.

Residiam na mesma villa, mas eram naturaes de Monsanto, seus avós maternos, Simão Fernandes, sapateiro, e Anna Mendes.

Simão Nunes tinha sido baptizado na freguezia de Santiago de Penamacor pelo cura Manuel Caldeira, servin-

do-lhe de padrinho seu tio Pedro Lopes, e fôra chrismado pelo bispo da Guarda Fr. Luiz da Silva.

Tinha seis irmãos que se chamavam Manuel Nunes, Maria Nunes, Isabel Nunes, Leonor Mendes, Pedro Lopes e Anna Mendes.

Manuel Nunes era christão novo, negociante, casado com Isabel Henriques, natural de Penamacor, e tinha duas filhas: Maria, de 5 annos, e Isabel.

Maria Nunes era casada com Lazaro Rodrigues, sapateiro, natural de Penamacor e moradora em Belmonte, e tinha três filhos: Brites, de 6 annos, Antonio, de 8 e Leonor, de 2.

Isabel Nunes era casada com Manuel Fernandes Bonito, sapateiro, natural de Penamacor e moradora no Fundão, e tinha três filhos: Alvaro, de 8 annos, Maria, de 5 e Leonor, de 1.

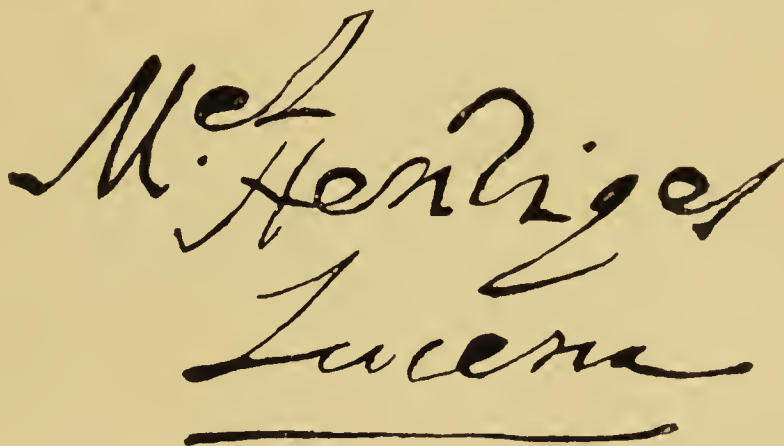
Leonor Mendes era viuva de Antonio Rodrigues, sapateiro, natural de Penamacor e moradora na Guarda. Tivera uma filha, Brites, que fallecera de menor edade.

Pedro Lopes era sapateiro, casado com Anna Nunes, natural de Penamacor e morador na Covilhã, e tinha duas filhas de cujos nomes se não lembrava Simão Nunes, ao ser interrogado.

Finalmente, Anna Mendes era casada com Manuel Rodrigues, ferreiro, natural de Penamacor e moradora em Alpedrinha. Tinha dois filhos chamados Manuel, de 5 annos e Francisco.

Não é a satisfacção de uma vã curiosidade que nos leva a exhumar estas notas. Algumas destas pessoas hão de reapparecer no decurso do nosso trabalho. ([1])

A mãe de Ribeiro Sanches chamava-se Anna Nunes Ribeiro e tambem se apresentou na Inquisição, mas o seu processo não se encontra na Torre do Tombo.

Apesar disto, estamos em circumstancias de esclarecer a sua genealogia em virtude de diversas denuncias de pessoas de sua familia.

Em 23 d'agosto de 1703, foram vistos na Inquisição

([1]) Veja-se Documento n.º 2.

de Lisboa os autos e culpas de Manuel Henriques de Lucena, christão novo, procurador na casa dos Cincos, natural de S. Vicente da Beira e morador na Guarda. Foi condemnado a carcere e habito penitencial perpetuo, sendo a sentença lida no auto de fé de 10 d'outubro de 1704.

Pelas suas declarações reconstitue-se toda a sua ascendencia e descendencia, entre a qual encontramos Anna Nunes Ribeiro.

Manuel Henriques de Lucena era filho de Diogo Gomes Henriques e Isabel Henriques, ambos naturaes de S. Vicente

Assignatura de Manuel Henriques de Lucena

da Beira e ahi moradores. Casou com Maria Nunes, natural de Idanha, já fallecida em 1703, filha de Luiz Lopes, cirurgião, natural de Lisboa, e parece que christão velho, e de Maria Nunes Ribeiro, natural de Idanha-a-Nova.

D'este casamento resultaram cinco filhos, que são os seguintes:

Antonio Ribeiro Sanches, estudante de medicina, ausente, tio do nosso biographado.

Luiz Lopes, cirurgião, que não teve geração.

Clara Henriques, casada com João Nunes, negociante, moradora em Benavente em 1714, e depois em Londres.

Anna Nunes, ou Anna Nunes Ribeiro.

Diogo Nunes Ribeiro, medico, casado com Gracia Caetana da Veiga, a quem adeante nos referiremos com mais individuação. (1)

(1) Veja-se Documento n.o 4.

Estas particularidades ignoradas ácerca dos ascendentes de Antonio Ribeiro Sanches, resumiu-as o snr. Pedro A. d'Azevedo no quadro seguinte:

Dr. Antonio Ribeiro Sanches.	Simão Nunes, natural de Penamacor, apresentou-se na Inquisição em 1715. Processo n.º 7906.	Alvaro Fernandes, curtidor, natural de Penamacor.	Manuel Fernandes, curtidor, natural de Penamacor.
			Guiomar Nunes, natural de Penamacor.
		Isabel Nunes, natural de Monsanto, moradora em Penamacor.	Simão Fernandes, sapateiro, natural de Monsanto, morador em Penamacor.
			Anna Mendes, natural de Monsanto, moradora em Penamacor.
	Anna Nunes, apresentou-se na Inquisição, mas não se encontrou o processo.	Manuel Henriques de Lucena, procurador da casa dos Cincos, natural de S. Vicente da Beira, nascido em 1641. Preso em 1703, processo n.º 1953.	Diogo Gomes Henriques, natural e morador em S. Vicente da Beira.
			Isabel Henriques, natural e moradora em S. Vicente.
		Maria Nunes, já fallecida em 1703.	Luiz Lopes, cirurgião, natural de Lisboa e parece que christão velho.
			Maria Nunes Ribeiro, natural de Idanha-a-Nova.

Do casamento de Simão Nunes com Anna Nunes Ribeiro não foi unico fructo o nosso biographado. Quando em 1715 aquelle foi interrogado na Inquisição, disse ter cinco filhos: Antonio, o mais velho, que teria treze annos, [1] Maria, Isabel, Diogo e Guiomar.

Diogo Nunes Ribeiro, no seu interrogatorio do anno de 1703, mostra-se pouco conhecedor d'este ramo da sua familia.

Apenas sabe que o casal tem dois filhos pequenos cujos nomes ignora. Mais tarde, pelas declarações de Diogo Nunes, segundo primo de Ribeiro Sanches, vê-se que a familia tinha crescido. Este attribue aos seus parentes seis ou sete filhos, indicando os nomes de Antonio, medico, Manuel, aprendiz de boticario, e João, ferrador. Dos outros não se recorda.

Recorremos á amabilidade do nosso collega Lopo de Carvalho para fazer procurar na camara ecclesiastica da Guarda os nomes dos irmãos de Antonio Ribeiro Sanches. Infelizmente havia desapparecido o livro onde estava o registro dos nascimentos dos irmãos mais velhos. Encontraram-se os immediatos em que estão lançados os seguintes:

Diogo, nascido em 9 de maio de 1710;
Manuel, nascido em 9 de janeiro de 1713;
José, nascido em 8 de janeiro de 1718;
e Theodosia, nascida em 29 de março de 1720. [2]

Destes irmãos do medico beirão só voltaremos a encontrar o Manuel que se chrismou em Marcello.

A vida do nosso medico, durante a infancia e adolescencia, nada se deveria ter extremado da que levavam os filhos de christãos-novos de que traçou um quadro tão vivo que parece vivído:

---

[1] Como ficou dito, Antonio Ribeiro Sanches nasceu em 1699, o que está em harmonia com o que seu pae declarou.

[2] Estas notas foram colhidas pelo snr. P.e Carlos da Paixão Borrego nos livros de registro da freguezia de S. Thiago de Penamacor, um com principio em 1708 e outro em 1719. Estes livros existem na camara ecclesiastica da Guarda.

«Tanto que um menino christão novo é capaz de brincar com os seus eguaes logo começa a sentir a desgraça do seu nascimento, porque nas disputas que nascem dos brincos daquella edade já começa a ser insultado com o nome de judeu e de christão novo. Entra na escola e como é costume louvavel que estes meninos vão não só nos dias de preceito mas ainda nos de trabalho á egreja com seu mestre a ouvir missas e ajudar a ellas, acompanhar o Santissimo Sacramento e outras mais procissões, o mesmo mestre, o clerigo ignorante, o irmão da confraria e, o peor é, o mesmo parocho já fazem distincção deste menino e daquelles que são christãos velhos, porque estes são preferidos para ajudarem á missa, para levarem o castiçal ou vela branca ou tomar a vara do palio; esta preferencia é bem notada daquelle menino ou rapaz christão novo, agasta-se, peleja e chora contra os seus companheiros por se ver tratado com desprezo.

Entra este rapaz christão novo no commercio do mundo e a cada passo observa que os christãos velhos por trinta modos o insultam e desprezam: quanto mais vil é o nascimento e o officio do christão velho tanto mais insulta o christão novo, porque como é honra passar e ser christão velho quem insulta e despreza um de nação honra-se e distingue-se; por isso o carniceiro, o mariola, o tambor e mesmo o algoz e o negro escravo são os primeiros que insultam e que dão a conhecer com infamia um christão novo; os que tem melhor educação lá dão seus signaes de distincção, mas com maior decencia: um quando fala com elle lhe diz uma meia palavra de cão; outro por giria lhe chama judeu, outro põe a mão no nariz, outro antes que fale dá umas cutiladas de dedos pelos bigodes, a maior parte faz acenos que tem rabo. Este é o trato que tem da plebe um christão novo com os seus compatriotas, esta é a satisfacção com que vive em sua patria e como ser desprezado incita vingança, não vive mais que roído do odio e do fingimento.» [1]

Temos, porém, informações mais precisas na carta já citada do Dr. Sampaio Valladares.

Apesar da sua origem, Sanches nos primeiros tempos da vida parece ter sido educado na fé catholica e na ignorancia de que havia divisões entre individuos da mesma crença. Conservou-se em casa dos paes até aos 13 annos, e frequentou a escola de latim, manifestando uma grande inclinação para a leitura. A todos pedia livros emprestados «porque na casa aonde nasci não havia delles abundancia». Buscava a conversação de homens doutos

[1] *Origem da denominação de christão velho e christão novo.* A parte final do trecho já foi publicada pelo snr. Arthur Araujo.

como o Dr. Taborda Nogueira que lhe forneceu meio de satisfazer a sua curiosidade. Era este muito versado na historia e Sanches ia forrageando na sua livraria quanto encontrava. Recordava-se o futuro medico de que entre outros livros encontrara as *Guerras civis da Judéa* de Josepho, em uma versão castelhana, e como as pedisse ao doutor lhe «disse graciosamente este bello e facundo homem: Meu Ribeirinho, quereis lêr as guerras da vossa nação?» O rapaz não lhe respondeu, porque não comprehendeu a allusão.

Feitos os 13 annos, o pae mandou-o para a Guarda «para aprender a tocar cithara, etc.». Nesta cidade morava sua tia paterna Leonor Mendes, viuva do sapateiro Antonio Rodrigues em 1715. Em casa della o encontrou annos depois seu segundo primo Diogo Nunes. O medico illustre diz que vivia em casa de um seu parente, que muito bem póde ser o proprio Antonio Rodrigues que ainda então fôsse vivo. Este recommendou-o a um seu amigo, já entrado em annos, e muito dado á leitura; era um christão novo que tinha passado pela Inquisição mas que resumia as suas convicções neste pensamento digno de Montaigne: Verdade e caridade bastam para ser homem de bem. Foi este homem que, no mesmo tempo que lhe fazia lêr e repetir a *Chronica de D. Manuel* de Damião de Goes, lhe começou a fallar na distincção entre christãos velhos e christãos novos e a pouco e pouco lhe fez saber que elle pertencia a estes ultimos. Três ou quatro annos se demorou Sanches na Guarda, tempo que evidentemente não foi consagrado apenas a aprender o poetico instrumento que levara o pae a afastal-o de si. Provavelmente completaria os seus estudos de latim, visto que tinha o proposito de se fazer clerigo, ignorando que estava inhibido de satisfazer este desejo pela sua origem israelita. A' casa paterna só de fugida volvia, o que póde explicar-se porque foi essa a epocha das violencias inquisitoriaes sobre os seus. O pae apresentava-se em 1715 no Santo Officio em Lisboa e provavelmente já antes lhe inspirava desconfiança. [1]

[1] Carta de Sanches a Sampaio Valladares, já citada.

Em 1716 chegava a Coimbra para cursar os estudos. Matriculou-se no Collegio das Artes, dirigido pelos jesuitas. De certo póde affirmar-se que teve por professor o P.e Manuel Baptista, da Companhia de Jesus, a quem annos depois dava demonstração de quanto lhe era reconhecido. Duas vezes se lhe refere nos seus manuscriptos. Em um delles escreve: «Devo este conhecimento ao meu amado e venerado P. M. Manuel Baptista de quem aprendi Philosophia em Coimbra.» (1)

Em carta que lhe dirigia, mas que não chegou a terminar e portanto a expedir, dizia-lhe: «Quando considero com quanto amor e cuidado V. R. tinha dos meus estudos e aproveitamento emquanto tive a fortuna de ser seu discipulo em Coimbra no anno 1716 e nos seguintes.» (2)

Todavia, nem sempre Sanches assim pensava dos seus estudos de philosophia, ou pelo menos nem todos os seus professores lhe mereciam o mesmo conceito em que tinha o P.e Manuel Baptista. Bem desejariamos transcrever a parte duma carta sua que a elles se refere, mas attento que isso nos levaria longe, contentar-nos-hemos com alguns topicos principaes. Os padres da Companhia não manifestavam pelos alumnos o interesse que deviam e quanto á grammatica latina não ha duvida que a ensinavam, mas nunca o latim. Em rhetorica não expunham a arte, o artificio, a energia com que estavam compostas as obras de Cicero, de Virgilio, de Tito Livio, não ensinavam os differentes estylos, embora os mandassem escrever, não faziam distinguir as palavras vernaculas das barbaras, mas sobretudo não davam uma ideia pelo menos da historia antiga e moderna, e da geographia do tempo dos romanos. Para remate haviam publicado uma Prosodia «a mais miseravel coisa que appareceu no seu genero». Os discipulos viam-se em difficuldades para entenderem a giria aristote-

(1) *Dissertação sobre as paixões d'alma*, mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris — III vol., pag. 159.

(2) Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris — VI vol., pag. 258. A carta era escripta em 1747, quando Sanches residia em S. Petersburgo.

lica que lhes era fornecida, mas se algum conseguia vencel-as possuia-se de um orgulho indomavel que o fazia reputar-se o primeiro commentador de S. Thomaz. Não havia meio de lhe fazer confessar um erro, e quando os mestres o louvavam, ou lhe dirigiam epigrammas nos actos, ou os lentes jubilados lhe argumentavam, de tal modo se possuia de vaidade que ao ser chamado a defender uma these «tremia toda a aula» e quando dois alumnos travavam uma discussão «muitas vezes vinham a acudir de outra classe por medo que se matassem».

A conclusão era que aprender a nossa philosophia era peor que não a aprender. *Eu fui creado assim e assim cuidei emquanto estive em Portugal.* (1)

Algumas notas sobre o Collegio das Artes se encontram nas suas obras que importa relembrar. A' decadencia dos estudos de latim, trocada pela giria das escolas, se refere elle na seguinte passagem:

«Succedeu muitas vezes entrarem naquelle collegio de Coimbra estudantes com evidente conhecimento da lingua latina, que tinham estudado pelos auctores classicos; e tanto que começavam de estudar aquella Philosophia da Escola ou o direito civil ou canonico na Universidade, em poucos dias não sómente esqueciam aquella lingua que tinham aprendido com tanta pena e por tanto tempo mas em seu logar adquiriam aquelle latim dos claustros, ficando incapazes depois de sahirem daquelles estudos, não sómente de escrever duas regras em latim, mas nem ainda entender um auctor classico latino.» (2)

As fraudes que se praticavam nos exames apontava-as, procurando acautelal-as:

«As precauções para que os estudantes respondessem o que soubessem, e não o que lhes inspirariam os circumstantes, como era costume naquelles actos de philosophia no Collegio que foi das Artes em Coimbra estão indicadas acima ...» (3)

As disputas philosophicas que se travavam nas aulas

---

(1) Carta citada ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares.
(2) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 18.
(3) Op. cit. pag. 158.

e eram a essencia dos exames tambem desejaria proscrevel-as:

«Aquelles exames à força de syllogismos, com um relogio de areia, que nunca cahia toda no fundo; aquelles epigrammas em louvor do examinando e outras semelhantes ridicularias, não deviam memorar-se nesta Universidade.» ([1])

Finalmente, desejava tambem afastar os actos d'ostentação e de cortezia que estimulavam a vaidade dos alumnos e em que se perdia o tempo sem proveito:

«Aquellas orações, elogios e cumprimentos com que se decoravam aquelles actos (graus), deviam ser abolidos, causando perda de tempo, que deve ser empregado nos estudos uteis tanto pelos mestres, como pelos estudantes.» ([2])

Segundo os estatutos velhos, a frequencia do curso de artes só era exigida aos alumnos que se destinavam a theologia ou medicina. Devemos acreditar, portanto, que Sanches, ao vir para Coimbra, já pensava em seguir esta ultima carreira.

Esta resolução deve ter-se depois modificado, porquanto elle nos diz que frequentou dois annos direito:

«eu tambem estudei dois annos o direito civil, e comecei a vêr em casa de letrados alguns arrazoados, do que nunca disse coisa alguma a V. M.cê porque aquelles poucos que vi que V. M.cê escrevia levavam outro modo daquelles que eu tinha visto na Guarda e Penamacor, patria minha, eu bei sei que V. M.cê nunca foi pelo caminho de muitos.» ([3])

Se apenas encontramos nesta carta esta affirmação do facto escripta por elle, os seus biographos não o omittem, embora Barbosa Machado o refira a Salamanca, o que não é exacto.

Nas obras do medico portuguez, encontram-se alguns trechos que demonstram que não era hospede no direito

([1]) Op. cit. pag. 158.
([2]) Op. cit. pag. 166.
([3]) Carta a Sampaio Valladares datada de S. Petersburgo a 15 de julho de 1735.

civil e menos ainda no canonico. Para se convencer, basta que o leitor volte algumas paginas apenas.

Durante o tempo que frequentou os estudos em Coimbra, só temos noticia de um seu contemporaneo, o P.e Polycarpo de Sousa, mais tarde bispo de Macau, com quem se correspondeu na Russia. Era discipulo do P.e José da Silveira, quando Sanches ouvia as licções do P.e Manuel Baptista. ([1])

O medico portuguez, alguns annos depois, escrevia ao Dr. Sampaio Valladares a carta que tantas vezes temos citado, em que se encontram informações sobre a maneira como passava as ferias, o que tem real importancia para se seguir a sua evolução religiosa, causa de muitos acontecimentos da sua vida. Desde que aos treze annos deixou a casa paterna já dissemos que só de visita lá voltou. «Posso assegurar a v. m. que depois da edade de 13 annos até á idade de 23 que jámais estive três semanas de sequito em casa de meu pae, assim que vinha a casa como hospede». Apesar de ser ainda catholico, quando residia na Guarda, onde começava a ser conhecido como christão novo, envergonhava-se de ir ouvir missa á Sé, mas confessava-se e commungava sem sacrilegio; aos pés do confessor ia levar o odio que tinha aos que lhe diziam que elle não podia ser clerigo, nem frade, «porque para clerigo tinha inclinação».

No segundo anno de Coimbra foi passar umas ferias a Thomar, em casa de um parente já velho de seu pae, homem muito rico e que tambem tinha estado na Inquisição. Este deu-lhe a lêr o *Epitome de las historias portuguesas* de Faria e Sousa e começou a informal-o da maneira como o Santo Officio procedia para com os christãos novos, despertando ao moço estudante uma grande curiosidade. Era esse parente «o melhor portuguez e mais afeiçoado á nossa nação», mas enfurecia-se sempre que falava da Inquisição. Sanches fazia-lhe muitas perguntas e elle não se eximia a responder-lhe, mas nunca proferia uma pala-

([1]) Carta acima citada, dirigida a este padre mestre.

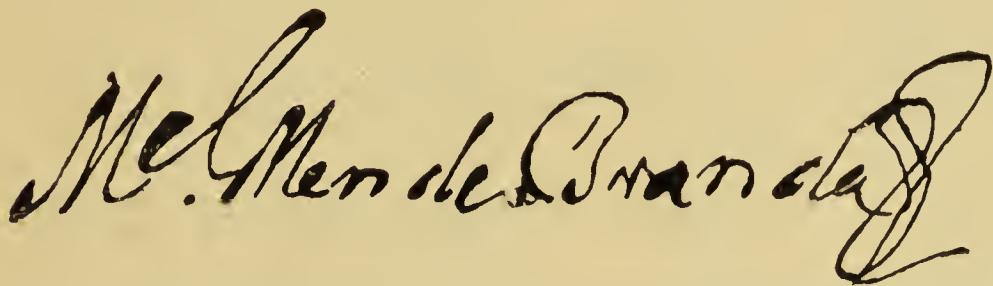
vra contra a fé catholica. Estas conversas ardentes acabavam de uma maneira singular. Depois de ter narrado ao estudante de 18 annos horrores que fortemente lhe deviam impressionar a imaginação, o parente, que praticava todos os actos de christão, fazia-lhe resar á noite a Corôa de Nossa Senhora!

Sanches esteve em Coimbra de 1716 a 1719, mas no anno seguinte já o encontramos em Salamanca.

Sobre os motivos que o levaram a abandonar a Universidade, os esclarecimentos que os seus biographos nos dão devem acceitar-se com alguma reserva. Dizem Andry e Vicq de Azyr que as tendencias de Sanches para o estudo da medicina, já manifestadas emquanto frequentava o curso de artes, foram contrariadas pela familia. Um tio seu, jurisconsulto estimado em Penamacôr, fez-lhe as offertas mais vantajosas, designando-o para seu successor e prometteu acrescentar a tantos beneficios a mão de sua filha unica ainda mais seductora pelo caracter que pela belleza e que tinha apenas 17 annos. Sanches tinha então 18. ([1]) Este cedeu sem repugnancia, trabalhou assiduamente no escriptorio do tio e via todos os dias a prima, cuja presença o desviava da primitiva resolução.

A leitura casual dos *Aphorismos* de Hippocrates reaccendeu-lhe, porém, a antiga vocação para a medicina e abandonou projectos de casamento e estudos juridicos para se consagrar inteiramente a ella.

Não encontramos confirmação desta romanesca aventura, e todavia hesitamos em a dar por falsa, visto que Andry deve ter colhido os elementos da sua biographia do proprio Sanches. De que estudou direito, não póde haver duvida como vimos.

As duvidas são emquanto ao casamento projectado com a prima.

Na lista dos tios de Sanches, que apresentamos precedentemente, não se encontra um jurisconsulto. Deveria

([1]) Como Sanches estudou 2 annos direito, sendo 1719 o ultimo delles, é possivel que a matricula em leis se realizasse quando o futuro medico tinha os 18 annos indicados pelos seus biographos.

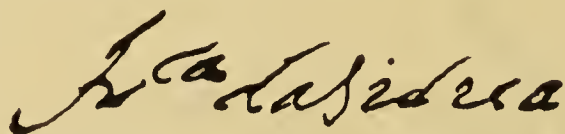
isto fazer abandonar por completo a narração dos biographos do medico beirão.

Todavia, d'entre os documentos que nos foram confiados pelo snr. Pedro A. d'Azevedo, encontra-se um que merece examinar-se. Refere-se a Manuel Mendes Brandão, christão novo, *advogado,* casado com Anna da Silva, morador na Covilhã, mas natural de Monsanto, onde nasceu em 1667.

A sua genealogia póde estabelecer-se facilmente por esse documento. Seu pae chamava-se Marcos Mendes, era

Assignatura de Manuel Mendes Brandão

natural de Monsanto e vivia de sua fazenda, e sua mãe chamava-se Violante Rodrigues, natural de Penamacor.

Mendes Brandão, ao ser interrogado na Inquisição, não se lembrava dos nomes dos avós, com excepção do paterno que se chamava Lazaro Rodrigues; dos maternos ouvira que eram naturaes de Penamacor.

No seu depoimento faz referencias a Simão Nunes, seu *primo;* de facto, a mãe de Mendes Brandão era irmã de Alvaro Fernandes, avô paterno do nosso biographado. (1)

A circumstancia de ser o unico parente conhecido de Ribeiro Sanches que se entregava á advocacia póde fazer lembrar que a elle se refere a nota de Andry e Vicq d'Azyr. Acresce, a corroborar a hypothese, que Manuel Mendes Brandão tinha uma filha unica, Francisca da Silva.

---

(1) O quadro que publicamos, e foi organizado pelo snr. Pedro A. d'Azevedo, faz vêr as relações de parentesco entre Ribeiro Sanches e Manuel Mendes Brandão. V. Documento n.º 5.

Mas, para acceitar-se esta hypothese, é necessario admittir que as inexactidões de Andry vão muito longe.

Segundo a sua informação, o tio de Sanches era um jurisconsulto estimado *em Penamacor*. O primo vivia na Covilhã, embora tivesse assistido em outras localidades. A noiva de Sanches era mais nova um anno do que elle, segundo o mesmo testemunho. A filha de Manuel Mendes Brandão, segundo a sua confissão, visto que ella em 1725 tambem foi interrogada na Inquisição, nascera em 1692, isto é, tinha mais sete annos do que o illustre medico seu parente. Por outro lado, Francisca da Silva affirmava que

Assignatura de Francisca da Silva

nunca sahira para fóra do reino e assistira sempre *na Covilhã,* excepto um mez que passara em Penella, e algum tempo depois em Lisboa. ([1])

Expuzemos as duvidas que suscitam as affirmações de Andry e que nos não atrevemos a resolver. Ao leitor ficam elementos para formar o seu juizo.

Antes de abandonarmos a Universidade, cumpre dizer que nas obras de Sanches se encontram informações valiosas sobre aquelle estabelecimento e sobre a ruina que elle ameaçava. Não podemos resistir ao desejo de as aproveitar. ([2])

O illustre medico vê no proprio caracter da instituição universitaria não só uma causa da ruína dos estudos, mas uma origem de perturbação social.

Esta ideia, favorita de Sanches, exprime-a largamente nas suas *Cartas sobre a educação da mocidade,* cuja primeira parte é toda consagrada ao estudo da perversão das

---

([1]) V. Documento n.º 6.

([2]) Theophilo Braga já extractou quasi as mesmas passagens na sua *Historia da Universidade.*

ARVORE DE GERAÇÃO

Manuel Fernandes, curtidor, casou com Guiomar Nunes ou de Almeida, naturaes e moradores em Penamacor

- Alvaro Fernandes, natural de Penamacor, curtidor, casou com Isabel Nunes, natural de Monsanto, filha de Simão Fernandes, sapateiro, e de Anna Mendes, naturaes de Monsanto
  - Manuel Nunes, nasceu em 1000, tratante, casou com Isabel Henriques. Apresentado na Inquisição em 1703, processo n.º 2431.
    - Leonor nasceu em 1705.
    - Maria nasceu em 1710.
    - Isabel
  - Maria Nunes, casou com Lazaro Rodrigues, sapateiro.
    - Antonio nasceu em 1707.
    - Brites nasceu em 1709.
    - Leonor nasceu em 1713.
  - Isabel Nunes, casou com Manuel Fernandes Bonito, sapateiro, moradora no Fundão. Apresentada na Inquisição.
    - Alvaro nasceu em 1707.
    - Maria nasceu em 1710.
    - Leonor nasceu em 1714.
  - Leonor Mendes, viuva de Antonio Rodrigues Capote, sapateiro.
    - Brites
  - Pedro Lopes, nasceu em 1685, sapateiro, casou com Anna Nunes. Apresentado na Inquisição, processo n.º 7909.
    - Maria. Antonio
  - Anna Mendes, casou com Manuel Rodrigues, ferreiro, moradora em Alpedrinha.
    - Manuel. Francisco
  - Simão Nunes, nasceu em 1673, tratante, feitor do senhor de Belmonte, casou com Anna Nunes. Apresentado em 1715, processo n.º 7906.
    - Antonio, Maria. Isabel. Diogo. Guiomar. etc. nasceu em 1702.
- Maria Nunes, casou com Manuel Henriques, tratante, moradora em Penamacor
  - Guiomar

    sem geração
- Violante Rodrigues, casou com Marcos Mendes Carixo, curtidor, morador em Monsanto
  - Lazaro Rodrigues, sapateiro, casou com Isabel Mendes.
    - Marcos Mendes
  - Guiomar Nunes, casou com Manuel Nunes Sanches, medico, moradora em Idanha-a-Nova.
    1. Manuel Nunes Sanches, medico, morador no Brasil. Processo n.º 11 824 em 1732.
    2. Henrique Froes, boticario, pae de Manuel Nunes Sanches.
    3. Marcos Mendes, morador no Brasil. Processo n.º 2141 em 1732.
    4. Leonor Henriques, casou com Francisco Nunes de Paiva, cirurgião.
       - Manuel Nunes Sanches, cirurgião, morador em Villa Franca de Xira. Processo n.º 8246 em 1728.
    5. Catharina de Paiva, casou com Marcos Mendes Capote.
    6. Helena Rodrigues, casou com João Rodrigues.
    7. Isabel Nunes, casou com João Rodrigues Mourão, cirurgião.
    8. Jorge Froes.
  - Maria Nunes, casou com Thomé Lopes, curtidor, moradora em Monsanto.
  - Manuel Mendes Brandão, nasceu em 1676, advogado na Covilhã, casou com Anna da Silva, filha de Mathias Mendes Seixas, medico. Inquisição de Lisboa n.º 6643, em 1707.
    - Francisca da Silva, nasceu em 1692, casou com Estevão Soares de Mendonça. Processo n.º 8248 em 1728.
      - Antonio Soares de Mendonça Brandão, nasceu em 1726. Recebeu o habito da Ordem de Christo em 1775.
      - Christovão Manuel Brandão, nasceu em 1730. Estudante em Roma.
      - Maria, nasceu em 1732.
- Beatriz Rodrigues, casou com Francisco Lopes, moradora em Penamacor
  - Manuel

    sem geração
- Joanna Mendes ou de Almeida, casou com Pedro Rodrigues, surrador, moradora no Fundão
  - Manuel Rodrigues Preto, tratante, casou com Isabel Mendes, morador no Fundão. Processo n.º 4159 em 1717.
    - Manuel Rodrigues Preto. Leonor. Theodora. Violante.
  - Maria Nunes, casou com Manuel Mendes, sapateiro, moradora em Idanha.

relações entre o poder civil e politico e o poder da Egreja, com damno manifesto para um e outro. As funcções do poder civil haviam sido usurpadas pelos ecclesiasticos, constituindo uma verdadeira intolerancia civil e uma intolerancia ecclesiastica. Referindo-se á Universidade de Coimbra, frisava a sua subordinação ao papado, de que lhe parecia demonstração evidente a approvação que tinha dado á bulla *Unigenitus,* em claustro pleno, sendo reitor Nuno da Silva Telles, em 1717:

«Lamentemos, diz elle, o estado de um monarcha que não tem, nem póde ter um conselheiro, um juiz nem um Procurador da Corôa, que não esteja ligado por juramento defender tudo o que tem decretado uma potencia estrangeira, uma potencia que fundou na sua monarchia outra que faz os mesmos effeitos que aquellas plantas chamadas parasitas que se sustentam do succo da arvore adonde estão pegadas: lamentemos que está S. Majestade, e cada uma das suas villas, sustentando a nossa Universidade, para deminuir o poder real, para absorver-lhe a jurisdicção que tem nos seus subditos, e em Portugal um em vinte, pela doutrina da Universidade, ficam subtrahidos daquella indispensavel obrigação: e assim é que se consideram os Ecclesiasticos.» (1)

Sendo o Reitor, o Conservador e a maior parte dos membros do Conselho academico ecclesiasticos, regulares ou seculares, estando os lentes de canones, de jurisprudencia e theologia já providos em beneficios ecclesiasticos, ou aspirando a elles, não esperavam o premio dos seus trabalhos e estudos do Estado, mas da Egreja, que era uma outra monarchia dentro delle.

Nos collegios de S. Pedro e S. Paulo residia a principal nobreza do reino e os professores de jurisprudencia civil e ecclesiastica. O fim principal destes dois collegios era o estudo do direito canonico, e a formatura nesta faculdade dava accesso a beneficios e cargos ecclesiasticos de mais vantagem e menos trabalho do que a formatura em jurisprudencia civil. Os proprios lentes de direito civil eram premiados com canonicatos e beneficios ecclesiasti-

---

(1) *Cartas sobre a educação da mocidade* — Colonia, 1760, pag. 41.

cos que disfructavam emquanto viviam no celibato. No quadro dos estudos destes collegios não entrava o das leis do reino nem o da historia profana e sagrada; não tinha logar o direito publico nem a politica, nem a sciencia attinente ao estabelecimento e conservação do estado civil; todas as cadeiras se reduziam a ensinar o direito canonico e a theoria da jurisprudencia cesarea.

A' excepção dos estudantes de medicina, todos os alumnos da Universidade sahiam embuidos destas doutrinas; espalhavam-se por todo o reino e procediam de harmonia com ellas, que o mesmo era que preferirem a auctoridade pontificia á do soberano, na maior parte das decisões dos seus cargos. Os povos seguiam as mesmas maximas, porquanto é certo em todos os estados que do trato e modo de pensar da nobreza e dos magistrados depende o dos povos onde residem.

A conclusão era que a consequencia de tal regimen falseava o conceito das relações entre o poder real e o poder pontificio e que o povo portuguez antepunha ao serviço da patria o da côrte de Roma, no que estava o seu proprio interesse. ([1])

A odiosa distincção entre christãos novos e christãos velhos, as inquirições sobre limpeza de sangue, em uma palavra, a intolerancia religiosa, depois de concorrer egualmente para prejudicar os estudos, ia a seu turno corromper o corpo social.

Qualquer rapaz dado á vida dissipada e dissoluta, ás vezes mesmo criminosa, se podia matricular na Universidade, em seguida a um leve exame de latim do breviario. Preferia ordinariamente o direito canonico, ou a jurisprudencia, e passava a gosar dos privilegios universitarios, ficando subtrahido á jurisdicção real. Concluir o curso era depois uma questão de tempo. Munido do seu titulo de bacharel, queria entrar no estado ecclesiastico? Recusava-lh'o o bispo, sem inquirições de sangue limpo. Desejava seguir a magistratura e lêr no Desembargo do paço? Não lhe con-

---

([1]) O que se lê no texto é a transcripção quasi litteral do *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 116 e 117.

sentia o primeiro tribunal do reino este favor sem mostrar as suas inquirições de sangue. Pretendia o logar de advogado de um tribunal? Tambem este lh'o vedava sem inquirições de sangue.

A Universidade de Coimbra, conferindo o gráu de bacharel a um dos seus alumnos que era incapaz de servir a patria, commettia dois crimes, um contra a dignidade da sciencia e outro contra o bem do Estado; conferia as honras dos seus gráus a um escravo, porque só os escravos não podiam servir a sua patria; só os menores não podiam dispòr dos seus bens; só os mentecaptos não podiam fazer testamento; só os que não podiam tirar as inquirições de sangue eram reputados por escravos, apesar da sua sciencia, procedimento e capacidade, virtudes decoradas com um gráu de bacharel ou de licenciado.

Reputava Sanches incomprehensivel que a Egreja de Portugal e Castella fosse nesta materia contradictoria de si propria. Emquanto este estudante já formado vivera na patria, emquanto cursara a Universidade, os ecclesiasticos concediam-lhe o uso dos santos sacramentos; se queria entrar no estado ecclesiastico, os bispos tratavam-n'o como se fosse escravo ou hereje, mas continuavam a conceder-lhe o uso dos santos sacramentos, vivendo na religião christã.

A ignorancia dos mestres da lingua latina e o odio castelhano que infestou Portugal pela usurpação de Filipe II levaram a explicar a palavra *natales* que se lê em uma das decisões do concilio de Trento por geração e ascendencia. Esta interpretação era erronea: nem a Republica, nem o Imperio romano, nem a Egreja universal christã conheceram inquirições; a palavra *natales* quer dizer simplesmente dia do nascimento ou dia em que nasceu. E com semelhantes fundamentos prohibiam os nossos bispos dar ordens menores a quem não trouxesse comsigo as suas inquirições de sangue. [1]

Os abusos que em Coimbra se haviam introduzido no regimen das matriculas, dizia elle que se não encontravam

---

[1] Op. cit., pag. 144 e 145.

em nenhuma outra Universidade. Os alumnos, ou forçados pela necessidade, ou levados pela aversão aos estudos, ficavam todo o tempo em suas casas ou pelos caminhos intransitaveis do tempo. ([1]) Mas ainda é mais frisante o que transcrevemos litteralmente:

«Todos sabem que a metade dos estudantes, ou pelo menos a terça parte dos que estão matriculados em Coimbra, tanto que se matriculam no mez de outubro, que voltam para suas casas, onde ficam até o Natal, e ás vezes até o entrudo: vem para Coimbra para se matricularem na segunda matricula, e tanto que firmaram o seu nome voltam para casa até os quinze de maio, quando vem para matricular-se pela terceira vez. De tal modo que uma grande parte dos estudantes que se formam em medicina (exceptuando os partidistas), em leis e no direito canonico contando os sete ou seis annos que estudaram, não ficaram por dois mezes seguidos na Universidade.

«Isto é tão verdade, como notorio ao reitor, e ao conselho da Universidade: e como nunca pensaram a destruir este enganoso abuso, parece que o approvam. Note-se o pouco que pensa uma Universidade ecclesiastica no augmento das sciencias: note-se que pouco cuidado tem da perda dos bons costumes, que pelas jornadas com companheiros de egual animo se estragam nas estalagens e se arruinam em despezas e em jogo.» ([2])

O tempo lectivo era encurtado pelo grande numero de feriados, tendo por causa as festas de Egreja, os prestitos universitarios e outras ceremonias academicas:

«O curso academico de Coimbra, começando pelo S. Lucas e acabando a quinze de maio, não contém mais do que cento e nove dias lectivos: é por causa dos dias de festa da egreja, dos prestitos e outras funcções academicas que todo o curso lectivo de sete annos se reduz a quasi noventa dias lectivos ou três mezes.

Se contamos os estudantes que voltam para suas casas tanto que se matricularam na Universidade três vezes por anno, o curso academico para estes não foi de vinte dias lectivos.

Todos os estudantes desta Universidade sahindo della a 15 de maio ficam em suas casas até outubro, tempo bastante para esquecerem o que aprenderam, consumindo aquelles cinco mezes no ocio, na dissolução, nos divertimentos e queira Deus que não seja nos vicios!

([1]) Op. cit., pag. 2.
([2]) Op. cit., pag. 151 e 152.

Deve-se considerar o que gastam nas jornadas, ordinariamente em companhia; o que augmenta as despezas pelo jogo e outras mais dissipações.» ([1])

Ribeiro Sanches encontrou em Coimbra dois typos classicos de estudantes: o estudante chronico e o que se dava á vida de feição e galanteio:

«Lembro-me que reparei em Coimbra em um estudante já de edade mais de sessenta annos; como o proprietario da casa onde eu morava o conhecesse, respondeu-me que este estudante velho sendo rapaz e estudante matriculado na Universidade, um seu parente lhe fizera *um legado de 200 réis por dia emquanto* andasse na Universidade. Que fez o estudante? Continuou a matricular-se cada anno e assim destinou a sua vida naquelle estado para receber dois tostões por dia emquanto vivesse.

. . . .

«Tambem vi homens de maior edade, sem professarem mais que a vida de *feição e galanteio,* virem de Lisboa e das Provincias passarem o inverno a Coimbra, lojados com os estudantes, na intenção de se divertirem; nunca lhes faltou companhia de jogar, glosar motes, tocar instrumentos, dançar e consumir o tempo na conversação dos equivocos e dos repentes. A Universidade não tomou disto nunca cuidado: tinha muito, que o meirinho prendesse o estudante com cabello longo polvilhado, com fivela de prata; comprando todo o Reino ao mesmo tempo as de ferro e de metal dos Estrangeiros.» ([2])

Já antes se referira Sanches aos que buscavam a Universidade apenas com o fim de recrear o animo e adquirir algum trato social:

«Muitos sei eu que vão passar alguns annos nas Universidades, principalmente os Morgados, não com outro intuito do que aprender aquelle trato civil e cortezão que se aprende na companhia e no trato dos homens civilizados, nascidos nas cortes, ou nas cidades mais populosas: estes são os que ordinariamente servem de obstaculo a aquelles que se applicam aos estudos; como não ha Mestres de humanidades e daquelles estudos das Linguas e outros mais agradaveis, como são da Poesia, da Historia e das Antiguidades Patrias, Grecas e Egipciacas, passam aquelle tempo para adquirirem o habito do ocio, e todos os mais vicios que traz comsigo o animo desoccupado.» ([3])

([1]) Op. cit., pag. 160.
([2]) Op. cit., pag. 150 e 151.
([3]) Op. cit., pag. 34.

Ribeiro Sanches repisa frequentemente a mesma ideia, como se vê das passagens seguintes:

«Muitos cavalheiros e morgados vão passar alguns annos na Universidade, não com outro intento do que adquirirem aquelle trato nobre e cortezão; e passado aquelle tempo voltam para suas casas, onde vem ser empregados muitas vezes nos cargos acima referidos (os que hoje chamamos administrativos).» ([1])

«Além que estes estudos deleitariam aquelles animos desoccupados que não vinham á Universidade que para consumir o tempo na dissolução e no desenfado.» ([2])

Outros damnos resultavam do feitio bellicoso da mocidade academica do tempo. As arruaças, as investidas breve degeneraram em crimes que foram expiados no patibulo:

«Quem tiver a peito a santidade dos bons costumes, o amor do saber e da doutrina, desejará vêr esta lei praticada na Universidade Real, ou outra tão semelhante que evite os horrores e a vida estragada que vi e experimentei em Coimbra, Universidade Regia e Pontificia, desde o anno de 1716 até o de 1719. Ainda não estão sepultados os horrores que commetteu o rancho da carqueja; e para que melhor se conheça a necessidade desta lei, direi aqui em poucas palavras a vida dos estudantes daquelle tempo.

Cada estudante era o senhor de alugar casa onde achava mais da sua conveniencia; uns na cidade e arrabaldes, outros perto da Universidade: conheci muitos que se levantavam sómente da cama para jantar, estando em boa saude: outros passando dia e noite a tocar instrumentos musicos, a jogar as cartas e fazer versos. Quasi todos matriculados em canones nunca estudaram nos primeiros quatro annos: o primeiro estudo era a postilha pela qual deviam defender conclusões no quinto anno. Não havia noite de inverno sem oiteiros mesmo deante dos Collegios de S. Pedro e S. Paulo: rondavam armados de noite, como se a Universidade estivesse sitiada pelo inimigo: muitos tinham seu cão de fila, que era a sua companhia de noite. Nas aulas nunca ouvi tivessem nem inspectores, nem reformadores quotidianos. Os proprietarios das casas não tinham obrigação de darem parte ao Conselho academico do procedimento dos estudantes que logeavão. Não havia defensa daquellas barbaras e indecentes investidas, feitas com violencia e desacatos, armados os aggressores, como para assaltar um castello: destes ex-

([1]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 128.
([2]) Op. cit., pag. 129.

cessos resultaram mortes, incendios e sacrilegios e outros maiores horrores que se commetteram no anno de 1719.» ([1])

Aos desatinos que a mocidade do seu tempo praticou, e sobretudo aos excessos do celebre *Rancho da Carqueja*, ainda Ribeiro Sanches se refere na seguinte passagem:

«Quem souber de que modo os estudantes vão estudar a Coimbra, armados como se fossem para a campanha, ou para a montaria, com armas offensivas e defensivas, com polvora e bala e cães de fila, com creados e cozinheiros; quem se lembrar ainda das atrozes *investidas* de Coimbra; dos barbaros excessos que commetteu o *Rancho da Carqueja* nos annos 1719 e 1720, achará necessarias as precauções referidas, e que só um batalhão de infantaria armado de espingardas com baionetas e cartucheiras carregadas poderá domar aquelle fogo da mocidade portugueza: e que são inuteis um Meirinho de capa e volta com doze pobres e velhos archeiros, que nem intimidam, nem inculcam a menor attenção no animo da mocidade resoluta e destemida.» ([2])

Não eram demasiadas as censuras de Ribeiro Sanches ao estado da Universidade no seu tempo. Tudo alli se podia fazer menos estudar. Desde que se formara o celebrado *Rancho da Carqueja* desapparecera de todo a tranquillidade indispensavel aos trabalhos escolares. ([3])

Perante a gravidade dos crimes commettidos pelo *Rancho*, não se extranhe que Ribeiro Sanches julgasse necessario para manter a ordem em Coimbra um batalhão de infantaria de 600 homens que se repartiria em corpos de guarda a cada porta da cidade. O batalhão devia estar aquartelado fóra dos muros da Universidade e o seu commandante receberia directamente as ordens do conservador

---

([1]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 148 e 149.

([2]) Op. cit., pag. 118 e 119.

([3]) O *Rancho da Carqueja* era uma sociedade de estudantes de costumes dissolutos que se ajudavam mutuamente na satisfacção das suas viciosas inclinações. Onde houvesse uma donzella galante que agradasse a um dos membros do *Rancho* empregava-se a seducção para havel-a; se não bastava a seducção recorria-se á força, raptava-se e ficava exposta a toda a casta de indignidades, até que era abandonada quando sobrevinha o fastio. O seu chefe, Francisco Jorge Ayres, natural de Faiões, concelho da Feira, foi degollado em 20 de junho de 1722 em Lisboa.

ou do Senado academico. Todos os annos seria rendido. De noite o batalhão destacaria rondas e em todo o tempo velaria pela conservação, ordem e paz dos que compunham a Universidade. (1)

Sanches dá-nos algumas informações a respeito da Coimbra do seu tempo, que provam quão pouco se tem modificado aquelle centro de estudos. As condições de alojamento dos alumnos eram proximamente as das *republicas* actuaes:

«Cada dois ou tres Estudantes têm uma ama, um e ás vezes tres creados; se é cavalheiro tem um cozinheiro, um creado e um pagem ou pelo menos um negro: o fausto de um fidalgo, ou seja porcionista nos Collegios de S. Pedro e S. Paulo consiste no maior numero de creados e sustentar uma mula ou um cavallo. Cada um tem sua sociedade particular: e daqui vem que todos vivem armados, com animo de offender e de defender-se, do mesmo modo que se vivessem entre inimigos, e não na sociedade civil, onde a união e cordealidade são o mais potente beneficio a que aspira todo o Estado bem governado.» (2)

Deplorava que ahi se não encontrassem casas mobiladas, onde por preço commodo se tivesse agasalho conveniente:

«E' coisa digna de lamentar-se que só na Universidade de Coimbra se não ache uma camara alfaiada com cama, cadeiras, mesa e um cofre para alugar-se. E que seja a necessario a cada estudante trazer de sua casa, da distancia de quarenta a cincoenta leguas, cama e trastes para viver na casa que arrendou com tanta despeza e tanto embaraço.» (3)

Lamentava que os proprietarios das casas dos estudantes não estivessem sujeitos a severa fiscalização e insiste na necessidade de reprimir os actos de indisciplina:

«A causa porque os estatutos da Universidade de Coimbra, prohibindo armas defensivas ou offensivas aos estudantes, não são observados, provém que os proprietarios das casas e os magistra-

(1) Op. cit., pag. 118.
(2) Op. cit., pag. 124.
(3) Op. cit., pag. 122.

dos não são castigados asperamente com penas pecuniarias, expulsão da casa ou perda do cargo.

«Se os inspectores que propomos fossem autorizados para pedir socorro aos corpos da guarda, estabelecidos ás portas do circuito da Universidade e ao que existisse ao seu centro e prendesse aquelles que commettessem a minima irregularidade, é certo que se evitariam tantas facadas, cutiladas e mortes, tanta investida, tantas rondas de noite e assaltos em logares, ou privilegiados ou indecentes: ninguem se atreveria a resistir a quatro ou cinco espingardas carregadas com bala e calçadas com uma baioneta; acabáriam daquella vez os valentões e os cães de fila.» ([1])

Verberava o luxo que alli se tinha introduzido e a preferencia dada a objectos de vestuario procedentes de paizes estrangeiros, com grande prejuizo da economia nacional:

«Até o anno 1718, o vestido dos estudantes da Universidade de Coimbra era uma loba de baeta com capa, que custava de 7$200 até 9$600 reis. Neste anno veiu de Lisboa a moda da abbatina, e vem a custar este vestido de crepe ou de panno de 25$000 até 30$000 reis. Deixo aquella destruição de *voltas e punhos* de Cambraia que não se fabrica em Portugal; deixo o gasto que faz o estudante das *engomadeiras*. O que vi mais lamentavel eram doze ou quinze logeas estrangeiras na rua da Portagem onde os estudantes compravam meias, fivelas, luvas, estojos, tesouras e tudo que vem de França e de Inglaterra. Ahi aprendiam e adquiriam o habito de não poderem vestir-se senão do que se fabricava fóra do reino. Saem da Universidade e quando vem ser medicos, letrados, conegos, bispos, juizes e magistrados, procurarão viver do mesmo modo e vivem; espalham pelo reino esta superfluidade, ficam todos suspirando por tudo o que é estrangeiro. Aquelles dois collegios de S. Paulo e de S. Pedro pela sua ostentação de grandeza nas becas, a cavallo em mulas, ou cavallos de manejo sellava este governo economico da Universidade, que todos desejam imitar, porque veneravam aquella destruidora pompa.» ([2])

Ás suas ideias protecionistas doía este desprezo a que se votavam as coisas nacionaes, formando votos por que na Universidade se ensinassem as doutrinas economicas que defendia:

([1]) Op. cit., pag. 121 e 122.
([2]) Op. cit., pag. 163 e 164.

«O que constitue um bom patriota é comer o que produz a sua terra e vestir-se e tratar-se com o que se fabrica na sua patria: este ensino tão necessario, e tão desconhecido em Portugal, devia estabelecer-se e ensinar-se pelos estatutos da universidade real.» ([1])

Na mesma ordem de ideias se filia a critica que faz ás disposições regulamentares que em Coimbra se applicavam aos estrangeiros que a frequentavam, collocando-os em situação diversa dos nacionaes e com prejuizo para estes:

«A Universidade de Coimbra não só dá o grau a todos que estudam nella, mas ainda por ser estrangeiro tem um anno mais de mercê que os nacionaes; de tal modo que sendo obrigado um medico frequentar a aula de medicina cinco annos, se tiver um anno de mercê pela sua capacidade terá outro por ser estrangeiro e se formará em dois annos e meio ou três: terá partidos no reino e será empregado no serviço real.» ([2])

Lamentava ainda Ribeiro Sanches a falta de sociabilidade que havia entre os estudantes:

«Sómente Portugal está destituido deste bem da sociedade; se na Universidade fosse a Escola e o fundamento, se espalharia em poucos annos por todo o reino. Do mesmo modo que fossem os passeios em Coimbra, do mesmo se introduziriam no resto do Reino; mas cada qual vae com o seu amigo, armados, vestidos ou com capotes e botas; uns por caminhos desviados; outros por montes e salgueiraes; outros a visitar conventos; mas sempre sós, sempre retirados; temendo insultos ou evitando perigos.» ([3])

Tambem julgava digno de reparo o processo de recrutamento do professorado, em que as provas offerecidas eram mais de espectaculo que de competencia:

«Porque é costume na Universidade de Coimbra e na maior parte das catholicas romanas chegar a ser lente dellas por ostentações e antiguidades, meios os mais equivocos para se poder julgar da sua capacidade e sciencia.» ([4])

([1]) Op. cit., pag. 162.
([2]) Op. cit., pag. 167 e 168.
([3]) Op. cit., pag. 126.
([4]) Op. cit., pag. 174.

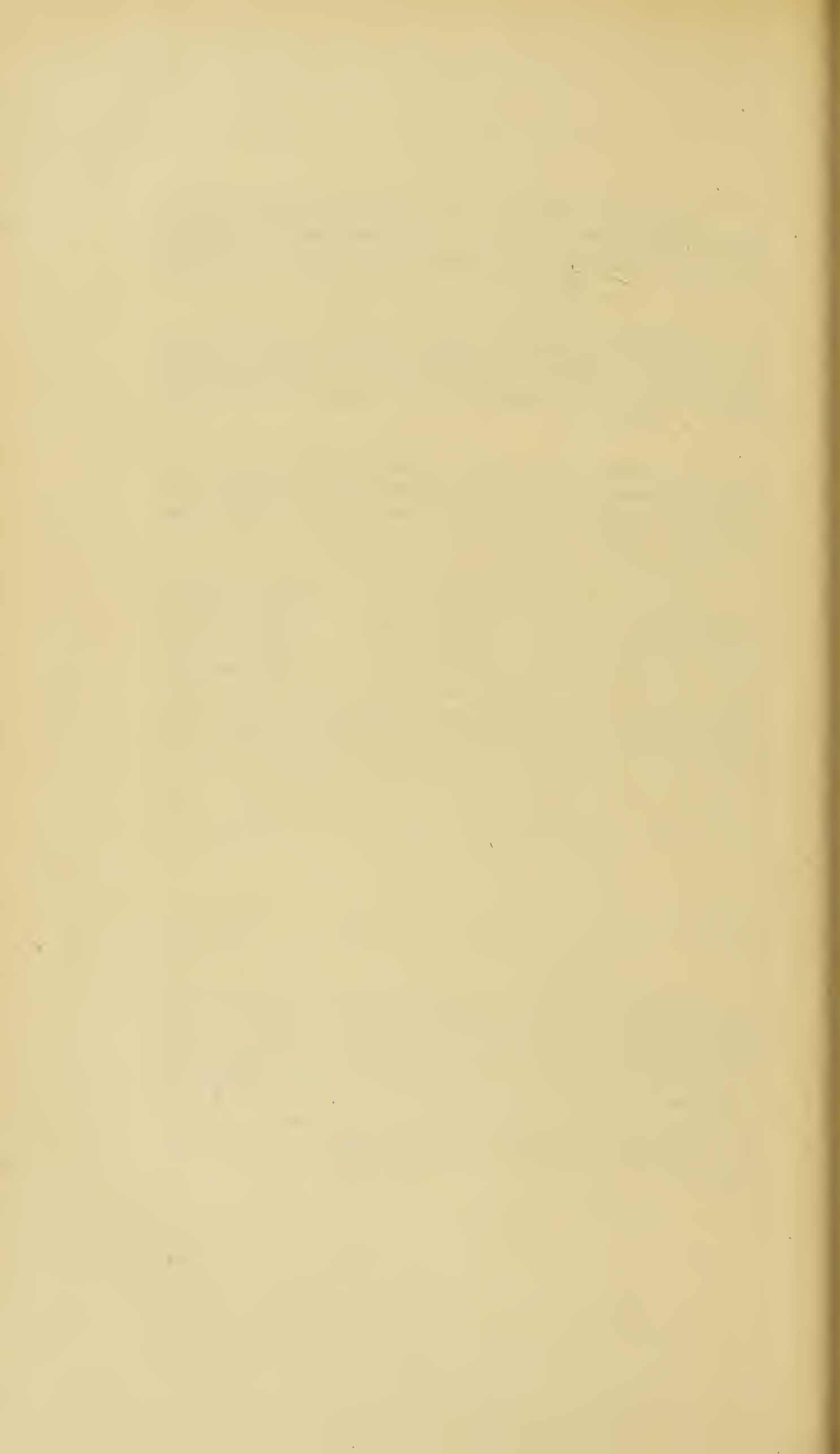
Por ultimo, salientava que no quadro das disciplinas se não encontrava o estudo do direito patrio, ao passo que se dava latitude ao do direito canonico e do direito cesareo:

«Semelhante doutrina (o estudo do direito patrio) quizera eu que se ensinasse na nossa Universidade, como na de Turim. E bem se poderá vêr que sorte de letrados e juizes sahiam da Universidade de Coimbra sem terem estudado as leis do reino pelas quaes vão a advogar e a julgar.» ([1])

Em contraposição a este retrato da decadencia a que chegara a nossa Universidade, queremos, a proposito de Coimbra, relembrar o nome de um medico illustre que mereceu a Sanches uma referencia elogiosa:

«Lembro-me que em um logar perto de Coimbra devastava os seus habitantes uma epidemia mortal: depois de haverem tentado varios remedios chamam aquelle celebre medico de Buarcos, Duarte Lopes: informa-se da causa da epidemia, tudo examina, tudo pondera, e observou que a fonte da qual bebia todo o povo, nascia ao pé de um oiteiro, sobre o qual estava fundada a egreja: suspeita a corrupção das aguas pela infecção que lhe communicariam os cadaveres: prohibiu que ninguem bebesse daquellas aguas, ou que servisse para cozinhar e em poucos dias cessou a epidemia.» ([2])

([1]) Op. cit., pag. 142.

([2]) *Tratado de conservação da saude dos povos*, pag. 100. Parece que a memoria de Sanches o atraiçoava. Não se conserva em Buarcos o nome do Dr. Duarte Lopes; mas no arco da capella de Nossa Senhora da Conceição existe uma inscripção com os dizeres: *Esta obra mandou fazer o Dr. Duarte de Brito. Era de 1714*. Era elle um medico considerado que falleceu em 1 de dezembro de 1718. Fôra casado com D. Anna de Freitas Cavalleiro e tinha um irmão, o licenciado Alvaro de Brito. Devemos esta informação ao snr. Augusto Goltz de Carvalho, a pedido do nosso presado amigo P.e Joaquim Pessoa d'Andrade Campos, digno prior do Louriçal.

CAPITULO II

Partida para Salamanca — Estudos de Sanches naquella Universidade — Pratica na Guarda: o Dr. Bernardo Lopes de Pinho — Diogo Nunes Ribeiro — A vida academica em Salamanca: o Dr. Diogo de Torres Villarroel — Regresso de Sanches á patria.

Qualquer que seja a opinião que se fórme a respeito da aventura que resolveu Sanches a partir para Salamanca, é certo que em 1720 o encontramos matriculado naquella Universidade. Os seus biographos commettem a este respeito inexactidões que não vale a pena levantar e o proprio Sanches não é seguro na fixação da data em que alli principiou os seus estudos.

Quando elle nos diz que ainda frequentou humanidades em Salamanca, (¹) affirma uma verdade. Quando, em um seu manuscripto, marca os seus dezenove annos como a epocha em que alli começou a estudar, (²) antecipa dois annos esse acontecimento.

(¹) Não obstante que tinha aprendido a philosophia escolastica em Coimbra e Salamanca . . . (*Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 23).

(²) A l'âge de 19 ans j'ai entrè dans l'université de Salamanca (*Journal* de Sanches, nos mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris).

Segundo informações do illustre reitor da Universidade de Salamanca, Dr. Miguel Onamuno, a primeira matricula que se encontra em Salamanca do medico portuguez é de 28 de novembro de 1720 e essa matricula é na Faculdade de Medicina, cursando tambem neste anno Artes.

No anno seguinte, a 17 de dezembro, encontramos novamente o nosso compatriota a estudar Medicina, e esta matricula repete-se a 15 de dezembro de 1722 e a 20 de dezembro de 1723. ([1])

O regimen dos estudos em Salamanca era bastante irregular. Os alumnos não frequentavam seguidamente as aulas, estudavam com quem queriam e faziam os seus exames quando se julgavam habilitados para elles. Apenas, ao avisinharem-se os actos, se mostravam de alguma assiduidade. Os certificados de frequencia que lhes eram necessarios facilmente os obtinham de três condiscipulos complacentes. ([2])

O proprio Sanches escreve a este proposito:

«Em Salamanca, Pisa, nem nas universidades da Italia, França e nas do Norte, não ha matriculas como as nossas, nem se observam os estatutos de obrigar o estudante por tantos annos: cada qual procura graduar-se conforme se acha capaz; e tudo depende do exame dos professores e dos honorarios que recebem do graduando. Esta é a razão porque os estudos destas universidades estão hoje na maior decadencia: porque os professores ordinariamente approvam todos, sabendo muito bem que perderão os honorarios; porque estão certos que se não graduarem este candidato, que procurará outra Universidade, que lhe dará o diploma pelo dinheiro e não pela sciencia.» ([3])

Desta liberdade relativa de frequencia resultou que ao mesmo tempo que o moço beirão ia seguindo os mestres de Salamanca, tambem praticava a medicina na Guarda, o que deve ter-se dado nos ultimos dois annos do curso, aproveitando as ferias que mais ou menos espaçaria. «No

---

([1]) V. Documento n.º 7.

([2]) G. Regnier — *La vie universitaire dans l'ancienne Espagne*, Paris, 1902, pag. 200.

([3]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 160.

tempo das ferias sempre estive na Guarda e sómente ia tomar a benção de meus queridos paes quando ía para a Universidade.» ([1])

Ainda pelo testemunho de Sanches sabemos que elle estudou a medicina na Guarda, com o dr. Bernardo Lopes de Pinho, de quem ainda se lembrava com muitas saudades e veneração, quando já conhecera os medicos mais illustres da Europa:

«E' grande merito em um medico ter alegria e poder manifestal-a junto dos doentes; conserva e augmenta a propria reputação e o enfermo tem nelle maior confiança se elle se torna agradavel por uma conversação decente e interessante e por uma certa nobreza no gesto e no modo de exprimir-se: dá mais energia aos remedios que prescreve. Meu mestre, o doutor Pinho, medico da cidade da Guarda, tinha todas estas qualidades. *Fui seu discipulo durante dois annos;* e observei que no mez em que elle fazia serviço no Hospital da Misericordia desta cidade, havia maior quantidade de doentes curados do que no mez em que estava de serviço o outro medico, apesar desse medico ser muito instruido; mas era de um caracter duro, o que o tornava odiado pelos doentes. Recordo-me que quando meu mestre entrava na sala, todos erguiam a cabeça para o verem; todos tinham a alegria e a satisfacção pintadas no rosto; os que desesperavam do seu estado sentiam-se consolados; levantava o seu espirito abatido, pela graça, pela decencia, pela compostura, pela doçura que tinha nas palavras e pela coragem que lhes inspirava para supportarem as dôres que soffriam.» ([2])

Em um manuscripto de Sanches, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, intitulado *Peculio de varias receitas para diversas queixas,* encontra-se uma nova referencia ao seu saudoso mestre:

«Foi Deus servido, quando eu fui praticante na Guarda do senhor Bernardo de Pinho, meu venerado mestre, (eu tive a honra de receber as doutrinas de tão illustre medico) de me dar com o exemplo tão saudaveis conselhos.»

([1]) Carta a Sampaio Valladares, já citada.

([2]) Art. *Affections de l'âme* da *Encyclopedie methodique* publicada por Panckoucke, pag. 264.

Os saudaveis conselhos eram que fosse casto no exercicio da sua profissão. (1)

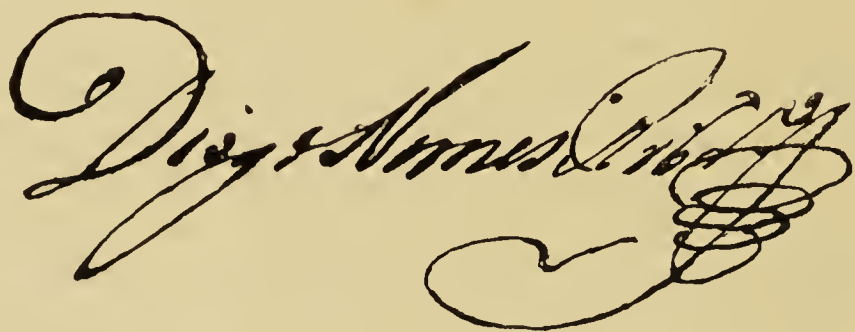
A confirmar as affirmações de Ribeiro Sanches temos uma denuncia de Manuel Nunes Sanches (2), feita em 23 d'outubro de 1726. Encontrara-o na Guarda em 1722, em casa de uma tia paterna, de nome Leonor Mendes. Todos elles se entregavam ás praticas judaicas.

Procuramos averiguar alguma coisa mais a respeito do mestre de Sanches e tivemos a fortuna de encontrar no nosso distinctissimo collega Lopo de Carvalho um dedicado collaborador. Infelizmente, o archivo da Misericordia da Guarda foi devastado. A maior parte dos livros da epocha desappareceram e os que existem estão incompletos com dezenas e dezenas de folhas arrancadas. Não se encontra a nota do contracto feito entre elle e a Misericordia, nem se sabe dos honorarios que percebia nem os serviços que prestou como medico. O seu nome apparece pela primeira vez como irmão nobre ou de primeira condição em 1728. Depois vêmol-o em 1759 eleito provedor e em 1764 mordomo dos presos. E' natural que já então não fosse clinico estipendiado da Misericordia, para que se não désse a singularidade de como provedor fiscalizar os proprios actos como medico.

Dos seus merecimentos como clinico, além do testemunho de Ribeiro Sanches, encontramos na *Illustração medica* de Duarte Rebello de Saldanha algumas palavras que estão inteiramente de accordo com as do illustre clinico de Penamacor. Referindo-se a umas febres que grassaram em Almeida, diz Saldanha: «Quando naquella

(1) Fol. 52 v. E' inutil accrescentar mais citações. Todavia ainda se refere a um doente observado na Guarda na passagem seguinte: Vidi ego similem hemorrhagiam Lusitaniæ in civitate Guardiæ in Nobilissimo ægroto jam senescente melancholico valde sine periculo obortam (6.º vol. dos Mss. de Paris — pag. 46 v.). Ao dr. Joaquim Pedro de Abreu escrevia uma carta que não chegou a ser expedida, em que se lê: Pratiquei a medicina por quatro annos na Guarda e em Benevente (8.º vol. dos mss. citados). A sua residencia em Benevente foi proximamente de dois annos.

(2) Manuel Nunes Sanches era primo de Antonio Ribeiro Sanches. V. Documento n.º 8.

praça ha doença de maior cuidado, e que necessita de ponderação, vae da cidade da Guarda o Doutor Pinho; e é o que foi a curar essas doenças. Este medico deu a pratica ao nosso amigo Ribeiro Sanches, e é um dos mais consummados que tenho encontrado, mecanico no systema, mas ecletico na eleição.» ([1])

Dizem ainda Andry e Vicq d'Azyr que a resolução de Sanches, abandonando os estudos juridicos pela medicina, lhe creou uma situação difficil. A amizade do tio arrefeceu, a mãe ficou irritada e o proprio pae não teve força para o proteger abertamente. Teve, porém, a fortuna de encontrar em um seu parente algum allivio ao pesar que a familia lhe causava. Um tio materno, Diogo Nunes Ribeiro, sabendo do procedimento do sobrinho e dos sacrificios que fazia para seguir a sua vocação, afeiçoou-se-lhe muito e protegeu-o efficazmente. Foi elle quem o recommendou a Bernardo Lopes de Pinho, a quem acabamos de nos referir. A'parte o exaggero dos dois biographos a respeito do tio de Sanches, quando lhe chamam *celebre medico* de Lisboa, estas palavras são a expressão da verdade.

Diogo Nunes Ribeiro era natural de Idanha-a-Nova, e ahi nasceu em 1668. Estudou em Placencia, onde se encontrava por 1690, Salamanca e Coimbra. De abril de 1697 a egual mez do anno seguinte assistiu em Abrantes, onde provavelmente exerceu a sua profissão, e nesse anno de 1698 transferiu-se para Lisboa, onde residia quando foi preso pela Inquisição em 22 de agosto de 1703. Por essa occasião declarou que não possuia bens de raiz. Os seus haveres limitavam-se a meia duzia de tamboretes torneados; dois contadores de pau do Brazil no valor de 40$000 réis; um leito da mesma madeira que valia 20$000 réis; quatro ou cinco caixões de pau da India de 30$000 réis de valor; um guarda-roupa e um bufete que tudo reputava em 40$000 réis e mais dois bufetes que valiam 40$000 réis. Os seus livros podiam ser avaliados em 30$000 réis. Possuia uma mula que lhe havia

---

([1]) Rebello de Saldanha — *Illustração medica*, I, pag. 57.

custado 62$500 réis. Tinha a receber uma letra de Roma da quantia de 25$000 réis que provinha de umas flôres e oleos que tinha mandado para D. Lourenço d'Almada.

Casara com Grácia Caetana da Veiga, natural de Lisboa, onde nascera em 1676, e filha de André de Sequeira, mercador, e de Isabel Maria. (1) Deste casamento houve seis filhos: Isabel Maria da Veiga, Manuel Nunes Ribeiro, Maria Caetana da Veiga, André Nunes Ribeiro, Rodrigo Lopes da Veiga e Theresa Eugenia da Veiga.

Assignatura de Diogo Nunes Ribeiro

No auto de fé de 19 de outubro de 1704, foi lida a sentença de Diogo Nunes Ribeiro, na qual se lhe mandou abjurar os erros, com carcere e habito penitencial perpetuo, sendo instruido nos mysterios da fé. Sua mulher foi tambem condemnada a carcere e habito penitencial a arbitrio dos inquisidores, mas a sentença só foi publicada no auto de 12 de setembro de 1716. (2)

Diogo Nunes Ribeiro não permaneceu por muito tempo no carcere. Pelo menos em 1716 já estava solto e a liberdade não era recente. Nova tempestade estava, porém, a formar-se sobre a sua cabeça.

Em 24 de fevereiro de 1716, uma religiosa do mosteiro de S. Bernardo da villa de Cós, D. Bernarda Josepha

---

(1) É o que consta do processo n.º 2367 da Inquisição de Lisboa. V. Documento n.º 9.

(2) E' esta a substancia do processo n.º 3054 da Inquisição de Lisboa. V. Documento n.º 10.

de Miranda, accusava-o de que estando ella em Lisboa em casa de sua prima D. Francisca Xavier, viuva de D. Rodrigo de Miranda Henriques, e sendo aquelle medico chamado a prestar serviços clinicos a ella Bernarda lhe ouvira falar em desabono dos inquisidores, dizendo que elles favoreciam a quem lhes parecia e que bem lhe podiam dar signal para que entendesse por que estava preso, visto que tinham alguma obrigação de lh'o fazerem, e que dissera mais que de noite, quando estivera preso, se deitava de bruços e por baixo da porta, a deshoras, fallava com os outros presos que estavam encellados. ([1])

Não deu a Inquisição grande importancia a esta denuncia, porquanto pelo natal de 1725 Diogo Nunes Ribeiro estava ainda em Lisboa entregue ao exercicio da clinica. Morava junto á casa do conde de S. Vicente e achou-se envolvido na fuga de um christão novo, Manuel Rodrigues Sarzedas, que com a mulher e seis ou sete filhos se passou para Inglaterra. ([2])

Era grave o caso e provavelmente desde então a situação tornou-se insustentavel para Nunes Ribeiro. Urgia emigrar e assim é que em 1727 vêmos o tio de Ribeiro Sanches estabelecido em Londres em companhia de cinco filhos e da mulher, professando publicamente a lei de Moysés. Com elle haviam fugido outras pessoas da sua familia. ([3])

Em carta escripta por Ribeiro Sanches a Jacob de Castro Sarmento e datada de 11 de novembro de 1752, o illustre medico refere-se a seu tio e protector nos seguintes termos:

([1]) Caderno do Promotor da Inquisição de Lisboa, do anno de 1715, fol. 325. V. Documento n.º 11.

([2]) E' o que consta da denuncia de Henrique de Baulssay, capitão de mar e guerra, natural de Amsterdam. (Caderno n.º 96 do Promotor da Inquisição de Lisboa, fol. 163). V. Documento n.º 12.

([3]) Estas informações são colhidas no processo de Diogo Nunes, primo de Diogo Nunes Ribeiro, n.º 7488 da Inquisição de Lisboa. V. Documento n.º 13.

«O Dr. Diogo Nunes, medico com a experiencia de 40 annos de Lisboa, me disse no anno 1724 que havia observado que todos os que cahiam em estupores, se iam ás Caldas da Rainha, vinham cada vez peores e que por ultimo morriam apopleticos.» ([1])

Em um dos seus manuscriptos chamava tambem ao tio medico experimentadissimo, affirmando ter delle recebido a informação de que as sementes da esteva eram um poderoso lithonptrico. ([2])

Era tambem provavelmente Nunes Ribeiro o medico experimentado que em 1725 dera informações a Ribeiro Sanches a proposito das febres intermittentes, contínuas e perniciosas que grassavam em Lisboa. ([3])

Pago este tributo a um dos mestres do nosso biographado e ao seu desvelado protector, prosigamos.

Póde-se hoje fixar com toda a exactidão a data da conclusão do curso de Antonio Ribeiro Sanches. O snr. Dr. Onamuno encontrou o termo respectivo, que é o seguinte:

«Ex.en para Br en Medicina de D. Antonio Rivero Sanchez, n.l de Peñamacor Dr. La Guardia.

En Salam.ca y a cinco de Abril de mil set.os y veinte y quatro desde las dos hasta las quatro de la tarde se juntaron en la sala del claustro de esta Univ.d á examinar para Br em Medicina a d.ho D. Anto Rivero Sanchez presentes los Sres Dr Alonso Gutierrez de Salamanca, Ror Dres D. Blas Perez de Villarta Presidente del acto D. Pedro Carrasco Zambran, D. Manuel Joly, Dn Pedro de San Martin, D. Alonso Lopez Salgado, D. Joseph de Parada Outiberos, D. Manuel Ximenez Perez y D. Manuel Herrero, Cathedraticos de la d.ha Facultad Examinadores de d.ho acto.

Y juntos parecio presente el D.ho Don Ant.o Rivero Sanchez el qual en presencia de los d.hos Sres puso e fundo sus conclusiones en

([1]) *Appendix ao que se acha escripto na Materia Medica do Dr. J. de Castro Sarmento sobre a natureza, contentos, efeytos e uso pratico em forma de bebida e banhos das aguas das Caldas da Rainha*, pag. 94.

([2]) Cistus ladanifera. Semina sunt potentissimum lithonptricum in pulverem reducta. Ita accepi ab Avunculo Medico Experientissimo Nomine Nunes Ribeiro non inglorio. (*Materia Medica*, vol. I dos mss. de Sanches em Paris).

([3]) Ribeiro Sanches — *Tratado da conservação da saude dos povos*, ed. de Paris, pag. 63.

la facultad de Artes y Medecina á las quales le árguieron quatro Doctores de la misma facultad examinandole arguyendole y preguntandole rigorosam.e en la referida facultad hasta que el examen fue acavado que se votó en secreto sobre su aprovaz.n ó reprovaz.n y constó ser aprovado por nemine discrepánte.

D.n Alonso Gutierrez Salamanca R.or — Dr Blas Perez Villaharta

Ante mi

Diogo Garcia de Paredes

S.o F.» [1]

Poucas referencias se encontram nas obras de Sanches á Universidade de Salamanca, que ao tempo ía cahindo na mais deploravel miseria.

Fala da organização daquelle estabelecimento, subordinado em tudo á auctoridade do mestre-escola da Sé, cuja jurisdicção era delegada immediatamente do summo pontifice, [2] mas não se mostra affecto ás bases em que ella assenta, querendo que as universidades dependam apenas do poder secular.

Dá uma ideia dos quatro collegios maiores destinados á nobreza. Para ser admittido nestes collegios era necessario provar fidalguia de primeira grandeza segundo o costume do reino. Tambem era necessario que o candidato fosse licenciado em uma das quatro faculdades: theologia, direito, jurisprudencia e medicina. «De mon tems comme il n'avoit pas de médecin qui pouvoit montrer prouves de noblesse il n'y avoit pas de médecins dans les colléges de Salamanca.» [3]

---

[1] Sanches não se recordava com exactidão do anno em que terminara o seu curso e possivelmente foi elle que induziu em erro Barbosa Machado, com quem teve relações. Provam-n'o os trechos seguintes: V. R.ma soube como passei a Salamanca e que no anno de 1725 tomei naquella universidade o grau de medico. (Carta ao P.e Manuel Baptista nos mss. de Paris, 6.o vol., fol. 258). Tambem em um memorial de 12 de dezembro de 1778 que entre elles existe se lê: Diz Antonio Ribeiro Sanches medico formado na Universidade de Salamanca no anno de 1725. (IV vol., fol. 260 v.).

[2] *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 111.

[3] Mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de medicina de Paris — vol. VII, fol. 141.

Refere-se ao horario dos cursos, dizendo que em Salamanca e na maior parte das universidades catholicas, os lentes se demoravam apenas uma hora por dia, ao passo que nas da Hollanda e da Allemanha ensinavam pelo menos duas, e muitos lentes, como fôram Burman e Boerhaave, chegavam a ensinar quatro e ás vezes cinco horas por dia. (1)

Desejaria muito Ribeiro Sanches que todas as vezes que em uma Universidade algum dos seus alumnos adoecesse ou cahisse na miseria fôsse soccorrido pelo estabelecimento que frequentava ou mesmo repatriado quando estrangeiro. Era frequente esta carencia de auxilio nos institutos de instrucção, e succedera em Coimbra a um ou outro brasileiro que não achara o soccorro que reclamava.

Por isso elogia Salamanca por ter provido a estas desgraças. Conservava um excellente hospital, que sustentava á sua custa e onde se tratavam os estudantes doentes. *Como no tempo era já pouco frequentada,* rarissimo era o que usava daquella piedade. (2)

Era exacta esta ultima observação de Sanches. Longe ía o tempo em que perto de 7:000 estudantes de toda a peninsula cursavam as aulas. Em 1700, já não tinha mais de 2:000 e o numero ía continuando a baixar. (3)

Tambem se refere ás condições de alojamento dos estudantes, que offereciam commodidades que em Coimbra faltavam:

«Em Salamanca, em todas as universidades da Italia e do resto da Europa, todas as casas ou camaras que os estudantes alugam tem o necessario para viver, sem serem obrigados mais que trazerem comsigo dinheiro.» (4)

---

(1) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 134.

(2) Op. cit., pag. 174.

(3) Em 1584-1585 a Universidade fôra frequentada por 6:778 estudantes; em 1724-1725 apenas por 1:611 (Vidal y Diaz — *Memoria historica de la Universidad de Salamanca*, pag. 383 e seg.)

(4) *Methodo para estudar e aprender a medicina*, pag. 122.

Como digno de elogio, é tudo quanto o nosso medico encontra. Mas a impressão dominante é a de decadencia já affirmada na deminuição da concorrencia. Quando se refere aos conhecimentos ahi adquiridos é para dizer: Todos sabem a que se reduzem os estudos dos nossos medicos formados na Universidade de Coimbra ou na de Salamanca. ([1])

A philosophia escolastica que aprendera nas universidades peninsulares não lhe merecia affeição alguma:

«Não obstante que tinha aprendido a philosophia escolastica em Coimbra e Salamanca, não obstante que tinha estudado a medicina com algum louvor dos seus mestres, não tinha adquirido aquella logica ou raciocinio que sabe discernir o falso do verdadeiro, o certo do duvidoso, sendo a causa que de meus mestres nunca ouvi nem aprendi, até áquelle tempo, tal modo de governar o entendimento.» ([2])

A renovação mental de Sanches só se effectuou depois que ouviu em Leyde o immortal Boerhaave:

«Eu me lembro que antes que ouvisse o grande Boerhaave, o ultimo livro de Medicina que estudava sempre me parecia o melhor e seguia os seus dictames e prática medica; de tal modo que dentro de um anno a mudava tantas vezes, quantos tinham sido os auctores que tinha lido naquelle tempo, sendo a causa que não julgava do que lia; descançava o juizo no alheio e nisto consistia então o meu raciocinio.» ([3])

É devéras contristador o balanço dos seus conhecimentos medicos que Ribeiro Sanches dá, annos depois, ao ouvir as licções de Boerhaave, e traduz bem a impressão que lhe ficara dos seus estudos peninsulares. Diz elle que os discipulos do celebre medico hollandez que nunca tinham ouvido outro mestre, ainda que se chamassem Van Swieten, Alberto Haller, João Frederico Schreiber, não podiam apreciar devidamente a doutrina deste professor:

«Mas aquelle que tinha estudado em outras Universidades, que tinha já praticado a medicina, que tinha lido com applicação e cui-

([1]) Op. cit., pag. 4.
([2]) Op. cit., pag. 23.
([3]) Id., Id.

dado Hippocrates, muita parte de Galeno, Ettmulero, Heredias, Vallesios, Sydenham e Baglivio, e *que se achava no cahos da ignorancia, sempre* tenteando ás escuras de que modo conheceria ou curaria uma doença, será aquelle que saberá admirar esta doutrina.» ([1])

Sanches encontrou em Salamanca como lente de Prima o Dr. Pedro Sanches de Leon, que lhe aconselhou que se propuzesse como oppositor, e lhe disse que dentro de um anno obteria um partido dos que alli se davam aos estudantes christãos velhos. Ninguem o considerava de estirpe judaica, portanto. ([2])

As referencias que o nosso medico faz ao estado de abatimento da gloriosa Universidade de Salamanca nada accrescentam ao geralmente sabido sobre a decadencia do ensino superior em Espanha no primeiro quartel do seculo XVIII. Monravá e Roca affirma que um estudante, com quatro passeios pela Universidade de Coimbra ou Salamanca, com quatro matriculas, está feito medico. ([3])

Uma das *Cartas eruditas y curiosas,* de Fr. Benito Feijoo, occupa-se das causas de atraso das sciencias naturaes na visinha nação.

E' certo que não é nomeada a famosa Universidade, mas as causas são tão geraes que com certeza tambem se applicam a ella, se a ella especialmente não respeitam, tanto mais que o critico havia estudado em Salamanca. Feijoo assignala seis factores principaes de que depende a resistencia aos novos methodos scientificos. O primeiro é o curto alcance de grande parte do professorado que pensa que não ha saber além do pouco que sabe, e quasi com mofa e gargalhadas acolhe o nome de Descartes. Vem depois a preoccupação com que em Espanha é recebida qualquer novidade. O errado conceito de que são curiosidades inuteis tudo quanto os novos philosophos nos apresentam, constitue o terceiro factor. A falsa noção que muitos possuem do que é a philosophia moderna vem juntar a sua influen-

---

([1]) Op. cit., pag. 63 (aliás 91).

([2]) Carta ao Dr. Manuel Pacheco de Sampayo Valladares, de S. Petersburgo, 15 de julho de 1735 (Bibliotheca de Evora).

([3]) *Novissima medicina*, Lisboa, 1744, pag. 14.

cia ás causas precedentes. Outra, e certamente poderosa, vem a ser o zelo pio mas indiscreto e mal fundado de que as novas doutrinas tragam algum prejuizo á religião. Finalmente o ultimo factor é a emulação nacional, de facção ou simplesmente pessoal.

Como exemplo da preoccupação nacional, conta o facto de que uma senhora, por aversão á França, matou um papagaio pertencente á rainha D. Maria Luiza de Bourbon, esposa de Carlos II, sómente porque dizia algumas palavras em francez. A emulação de partido levava uma facção a levantar os seus membros e a deprimir systematicamente a facção adversa. Mais assanhada que todas era a emulação pessoal. Feijoo narra um episodio interessante a demonstrar a incultura da Espanha. Em tempo de Carlos II de Inglaterra resolveu a Sociedade Real de Londres mandar uma commissão ao pico de Teneriffe fazer observações sobre a pressão atmospherica. Para isso dirigiu-se ao embaixador espanhol pedindo-lhe uma recommendação para o governador das Canarias. Como os commissionados lhe fallassem em peso do ar, o diplomata julgou-os simplesmente doidos.

Mais grave do que isto, era que ao tempo de Feijoo houvesse em Espanha professores que ainda desconhecessem que o ar estava sujeito á gravidade, o que levava o auctor do *Teatro critico* a comparal-os aos scythas e godos. (1)

O estado de Salamanca, ao tempo em que o medico portuguez a frequentou, ninguem o pintou mais ao vivo do que um lente daquelle estabelecimento, o Dr. Don Diego de Torres Villarroel.

Singular personagem a do doutor que, muito antes de Rousseau, se lembrou de fazer perante o publico as suas *confissões,* em que dá noticia da sua familia, da sua educação, dos seus trabalhos, dos incidentes da sua vida.

Villarroel nasceu em Salamanca de uma familia mais que modesta, pelos annos de 1697.

---

(1) Frei Benito Geronymo Feijoo — *Cartas eruditas y curiosas*, Madrid, carta XVI, pag. 215 e seg.

Depois de ter estado em captiveiro na aula de Pedro Rico, onde aprendeu as primeiras letras, passou ao Collegio Trilingue onde começou a «trompicar nominativos y verbos, con mas miedo que aplicacion.» Confiado á pupillagem do Dr. D. Juan Gonzalez de Dios, cujo aspecto o aterrorizava e que era liberal no castigo, o receio foi vencendo a sua pouca diligencia no estudo. «Fuí bueno, porque no me dexaron ser malo; no fué virtud, fué fuerza.»

Alcançou-lhe o pae uma beca da Universidade de Salamanca, e aos treze annos no mesmo Collegio Trilingue começou a estudar a philosophia com o Padre Pedro Portocarrero, da Companhia de Jesus; mas, livre de receios, o rapaz tomou tamanho horror ás sciencias que «en cinco años no volvi a ver libro alguno de los que se rompen en las Universidades.» Frequenta a aula de rhetorica. Era cathedratico o Dr. D. Pedro de Samaniego de la Serna; «los que conocieron al maestro y han tratado al discipulo, podrán discurrir lo que el me pudo enseñar y yo aprender.» O mestre tinha apenas três collegiaes e lia por um livro castelhano. Um dia perde o papel ao vir para as escolas. Promette alviçaras em avisos que affixa nos geraes, mas o precioso papyro não apparece. Ficam os alumnos sem aula e o lente gasta a hora em «conversaciones, chanzas y novedades inutiles y aun disparatadas.»

Então Villarroel atirou-se com furia — é elle que o diz — a toda a casta de desatinos. Aprendeu a bailar, a jogar a espada e a pelota, a toirear, a fazer versos, e applicou o engenho em discorrer diabruras e enredos. Abria portas, falseava chaves, partia cadeados e não se lhe escapava das mãos parede, porta ou janella que não rompesse ou escalasse. Desatou a furtar ao reitor e collegiaes fructas, chouriços e outros comestiveis «que fué providencia del cielo no acabar en vicio execrable lo que empezó por huelga tolerada.»

Gastos cinco annos no Collegio com o proveito que se comprehende, voltou para casa dos paes. Ahi lhe caíu nas mãos um *Tratado da Esphera* do Padre Clavio, e por elle teve a primeira noticia de que havia sciencias mathematicas no mundo. Algumas vezes, porém, conseguia illu-

dir a vigilancia domestica, e eil-o a correr as caçoilas e cubilhetes das pastelarias, a furtar as copiosas ceias da capella de Santa Barbara, a frequentar com os amigos as casas de bairros extraviados onde soava uma pandeireta ou guitarra. «Deste este tiempo tomaron tal miedo á estos hurtos, y tan soberbio temor a los palos y pedradas que se levantaban entre hurtados y ladrones, que los Graduados y Ministros de la Universidad, por acuerdo suyo, repartian las cenas á las tres de la tarde, quedandose solo con los huevos, el xigote y la ensalada, para cumplir con la ceremonia y el hambre de la noche.»

Um dia fugiu de casa e entrou em Portugal por Almeida. Encontrou um ermitão que o induziu a levar vida contemplativa, mas escapuliu-se-lhe ao cabo de pouco tempo e veiu parar a Coimbra, onde se apresentou como chimico e mestre de dança em Castella, vivendo á larga da venda de xaropes e unguentos. Valeu-se de um formulario francez e com o que vira praticar aos medicos de Salamanca e com quatro historias, duas mentiras e quatro chanças cobrou creditos e tinha sempre á porta grande numero de doentes. Durou a exploração pouco menos de oito mezes. Vendia remedios para fazer crescer o cabello, para tirar as sardas do rosto, para limpar os dentes, e as mulheres diziam que era o maior homem do mundo. (1)

Os zelos indiscretos de um conimbricense cioso levaram-n'o a pôr-se a recato no Porto, onde gastou o que ganhára em oito mezes de vida coimbrã a fazer cabriolas com as mãos e com os pés. Alista-se como soldado, deserta por conselhos de uns toireiros espanhoes que vieram a Lisboa tomar parte em umas festas reaes, e com elles volta á Espanha, abandonando-os para entrar na terra natal, repeso e contricto, pelo menos apparentemente. Começou então a estudar as mathematicas sem mestre e deu á luz uns *Almanachs* e *Prognosticos* que lhe grangearam reputação de feiticeiro e nigromante. Para calar os invejosos, pediu Villarroel á Universidade a substituição da ca-

---

(1) *El hermitano y Torres.* Sevilla, en la Imprenta Castellana y Latina, pag. 33 e 34.

deira de mathematica que estivera sem mestre trinta annos e sem ensino mais de cento e cincoenta. Concedida ella, ensinou dois annos a bastantes alumnos, presidindo ao cabo deste prazo a um acto de conclusões geometricas, astronomicas e astrologicas e «o exercicio logrou os applausos de unico, as admirações de novo e as felicidades de não esperado».

As ordens de sub-diacono que por essa epocha recebeu não acalmaram o seu espirito rebelde e burlão. Por isso novamente abandonou Salamanca e foi para Madrid, onde em trinta dias estudou medicina.

Pelos trinta e dois annos voltou a Salamanca e decidiu-se a lêr a cadeira de Mathematica, para o que fez a respectiva opposição.

Sahiu outro competidor á mesma cadeira que contava com muitos votos. Villarroel não se acobardou e no anno de 1726 tirou pontos em vespera de Santa Cecilia.

O que então se passou reclamaria outro chronista que não o nosso illustre cathedratico, que fez violencia á sua modestia para o contar. Contentemo-nos, porém, com o unico testemunho que temos: o seu.

A's 9 horas da manhã entrou no geral de canones das escolas maiores. A's provas assistiam 3:000 a 4:000 pessoas. «Subi á la Catedra, en la que tenia una esfera armiliar de bastante magnitud, compases, lapiz, reglas y papel, para demostrar las doctrinas. Luego que sonó la primera campanada de las diez, me levanté y sin mas arengas que lo señal de la cruz, y un distico á Santa Cecilia, cuya memoria celebraba la Iglesia en aquel dia, empecé a proponer los puntos que me habia dado la suerte; los que extendi con alguna claridad y belleza, no obstante de estar remotissimo de las frases de la latinidad. Concluí la hora sin angustia, sin turbacion y sin haber padecido especial susto, encogimiento, ni desconfianza; al fin de la qual resonáron repetidos victores, infinitas alabanzas y amorosos gritos, durando las entonaciones plausibles, y la alegre griteria casi un quarto de hora: celebridad nunca escuchada, ni repetida en la severidad de aquellos Generales. Serenóse el rumor del aplauso; y en la proposicion de titulos y me-

ritos, que es costumbre hacer, mesclé algunas chanzas ligeras (que pude excusar) pero las recibió el Auditorio con igual gusto y agasajo.» Quando lhe argumentou o oppositor, Villarroel saíu-se com algumas replicas felizes que por modestia omitte. O enthusiasmo do auditorio chegou ao delirio; na mais descompassada vozearia os estudantes acompanharam-n'o a casa, aturdindo as ruas por onde passaram.

Três dias depois, o oppositor era acolhido com vaias ao terminar a sua prova. A votação recaíu quasi unanime sobre Villarroel. Ao ser conhecido o resultado, os estudantes que enchiam as ruas visinhas da Universidade dispararam tiros, repicaram sinos, lançaram foguetes e, em tropel, acompanharam o novo professor a casa, repetindo os vivas e alaridos sem cessar. Na noite seguinte saíu a cavallo um esquadrão de escolares filhos de Salamanca, illuminando com brandões de cêra e outros lumes um grande quadro em que ia escripto com letras d'oiro em campo azul o nome do preferido, o seu appellido e o novo titulo de cathedratico. Illuminaram os visinhos mais miseraveis e nos mirantes das freiras não faltaram luminarias, nem lenços, nem vozearia. Alternavam musicas e victores por todos os bairros e aquella noite parecia um dia de juizo.

O que foi o ensino do novo cathedratico corresponderia á espectativa? Não é facil a um leigo aprecial-o. O que se póde affirmar é que Torres manteve a disciplina por processos completamente seus. Na sua aula nunca se ouviram os gritos nem se deram as faltas de respeito que eram vulgares nas de outros professores. O mestre advertira os alumnos de que aguentaria todas as perguntas que lhe quizessem fazer sobre os argumentos da tarde, mas se algum se entremettesse a gracioso lhe «romperia la cabeza», porque não era tão prudente nem tão soffredor como os seus companheiros. Houve apenas um selvagem ocioso, homem de trinta annos, cursante de theologia e deshonestidades, que uma tarde lhe soltou *un equivoco sucio*, e a resposta que teve o seu atrevimento foi atirar-lhe o doutor á cara um compasso de bronze que pesava três ou quatro libras. «Su fortuna y la mia estuvo en baxar con acelera-

cion la cabeza, y esta mañosa prisa lo libró de arrojar en tierra la meollada.» Produziu este correctivo um *miedo tan reverencial* que d'ahi em deante ninguem mais se atreveu a dirigir-lhe gracejos.

Depois, a vida de Villarroel tem menos interesse para nós. Lá foi entremeando a regencia da cadeira com algumas viagens um pouco longas a Madrid, o que o não impediu de redigir grande numero de memorias, tão notaveis pela abundancia de informações como pela variedade de reflexões moraes; todos os annos publicava um almanach onde assignalava com exactidão as phases da lua e predizia os eclipses, as mortes dos principes e outras catastrophes publicas com tanta felicidade que tornou conhecido o seu nome em toda a Espanha e só com essa publicação ganhou 40:000 ducados ([1]). Compôz um numero respeitavel d'obras instructivas e divertidas: *Anatomia do mundo visivel e do mundo invisivel; Viagem phantastica em uma e outra esphera; Visões e sonhos moraes; Medicina physica e moral; Tratado dos tremores de terra e receitas domesticas; Tratado da pedra philosophal;* duas collecções de *Poesias varias;* tres séries de biographias edificantes e grande quantidade de satiras e pamphletos em que gastou o genio batalhador.

Não satisfeito com ter enchido quatorze grossos volumes impressos a duas columnas, deu-se a outras occupações menos uteis talvez, mas egualmente absorventes: bordou pelas proprias mãos um tapete de trinta pés de comprido por quinze de largo; um frontal e uma casula destinada aos padres capuchos; dez casacos; um cobertor e outros objectos caseiros. De genio alegre e sociavel não faltou a uma festa, nem a uma comedia, nem a uma corrida de toiros.

Quando se doutorou em 1732, saíu a celebral-o com antecedencia o bairro dos oleiros, imitando com uma mogiganga com burricos o passeio que pelas ruas costumava fazer a Universidade, acompanhando os que graduava. Os do bando iam representando as faculdades, revestidos com

---

([1]) *Pronosticos del Gran Piscator de Salamanca.*

variedade de farrapos e côres; levavam as trombetas e tambores os bedeis, reis d'armas e mestres de ceremonias; á tarde houve corrida de toiros com que rematavam os graus em Salamanca. «Dixose entonces que yo iba tambien entre los de la mogiganga, disfrazado con mascarilla y con una ridicula borla y muceta azul; pero dexémoslo en duda, que el descubrimento de esta picardiguela no ha de hacer desmedrada la historia.» ([1])

Se temos colhido tantas notas é porque algumas retratam pitorescamente a vida de Salamanca ao tempo de Sanches. Na segunda parte das *Visiones y visitas de Torres con D. Francisco de Quevedo por la côrte,* trasladadas da phantasia ao papel, Villarroel expõe com a sua franqueza brutal a vida scientifica de uma Universidade da epocha. Mostra-nos os alumnos perdendo nas viagens o tempo e o dinheiro; livres da tutella dos paes, frequentando as tavolagens e os prostibulos e em cada anno vindo seis ou sete dias á Universidade. Esses raros dias em que entram em uma aula passam-n'os troçando dos novatos, rasgando-lhes as batinas, gritando, zombando dos mestres, impedindo-os de dictar e de cumprir as suas obrigações. Ao voltarem a casa, levavam menos vergonha, nenhum dinheiro e muitos vicios, especialmente o do jogo e dos amores faceis que para o ensino de um e outros sobravam mestres e mestras na Universidade. Os lentes mostravam-se preguiçosos e ignorantes, unicamente entretidos em se espiarem, em maldizerem uns dos outros, em disputarem entre si as cathedras e as prebendas. O quadro é vivo e merece transcrever-se: «Deplorable es esta perdicion; pero te asseguro, que tiene peor casta, y mas indisculpables las costumbres de los viejos doctorados que las de los mancebos manteistas; porque el ansia à la Cathedra, la agonia de el Grado, la furia à la Prebenda, à la Plaza, y al Obispado, los hace blasfemar unos de otros, tratandose (sin temor de Dios, ni de su condenacion) con crueldad en los informes; añadiendose los unos a los otros

([1]) *Vida, ascendencia, nacimento, crianza y aventuras del Doctor Don Diego de Torres Villarroel* — Madrid, MDCCLXXXIX — passim.

pecados indignos, á fin de contentar la vanidad de sus deseos: cada uno, es ceñudo fiscal de el otro, è incansable atalaya de su vida, y costumbres; todos se quieren matar, y heredar los unos a los otros, siendo contrarios de si mismos, y de todo el linage escolastico; aquellas lossas respiran ambicion, rancor, vanidad, y sabiduria loca: en lo mecanico de sus rentas, distribuciones, y otros negocios claustrales, son tantas, y de tal calaña las quimeras, que se les ofrecen, y levantan, que continuamente viven en perpetua tribulacion, y tienen hecho habito à las inquietudes, hijas de su soberbia, y presumpcion, y criadas en aquellas Aulas, en donde nunca han querido poner Cathedra de humildad: cada uno se considera mas sábio y mas prudente, que el otro, y esta es la raiz de los desconciertos y alteraciones.»

De que Villarroel se refere a Salamanca não póde restar duvida, ao vêr-se a maneira como termina esta passagem: «Yo, Don Francisco de mi alma, soi un Cathedratico de la mas excelente de las Universidades, y explico en ella las treinta y dos Ciencias Matematicas, y he visto la disculpable floxedad, y el reprehensible vicio de los mozos, y la poca solicitud dè los Doctores; las mas Cathedras se passean, y hai Maestros à quien no conocen los Discipulos; los Religiosos, van, y vienen à las Aulas; y los Escolares suelen ignorar el General donde se dicta la Profession, que van à exercitar: bien sé yo, que si me oyeran los demàs Cathedraticos, me reñirian la soltura con que te estoi informando; pero como tengo a mi favor la verdad, y por testigos à ellos mismos, y al concurso de los Estudiantes, me burlaria de su ceño; y como yo logre, que me visites, por la tuya sola despreciaré la compañia de todos los hombres, à sus bienes, y à sus enseñanzas. Aih Quevedo! si tu te aparecieras alguna vez por allà, yo te hiciera vèr cosas, que no imaginaste quando vivo, ni podias presumir quando difunto.» ([1])

([1]) *Tomo segundo. Sueños morales, visiones y visitas con Don Francisco de Quevedo* — En Salamanca, en la Imprenta de Pedro Ortiz Gomez — pag. 121, 122 e 123.

E a este quadro deploravel da Universidade oppõe uma lisonjeira pintura do Collegio imperial dos jesuitas, casa admiravel que tornou a côrte mais christã e menos inculta a nação, seminario glorioso das sciencias e das virtudes.

Tempo é de voltarmos a Sanches depois de termos aferido as suas informações por um testemunho coevo. Agora que concluira o curso e que não tinha motivo algum para permanecer em Espanha, onde os proprios gracejos doíam ([1]), regressou á patria.

Antes, porém, de o seguirmos neste novo estadio da sua vida, precisamos de narrar acontecimentos anteriores que têm importancia para o seguimento da nossa narrativa.

Sabemos que Sanches passava as ferias na Guarda, mas as de 1721 foram gosadas em Benavente, onde tinha uma tia, Clara Nunes, casada, antes de 1714, com um commerciante chamado João Nunes. Nessa occasião foi tambem a Lisboa, onde foi recebido «com muito amor» por seu tio Diogo Nunes Ribeiro e pela familia. Toda ella tinha passado pela Inquisição, como sabemos, e ao contrario de outros que apesar das perseguições se mantinham na fé catholica, Diogo Nunes abandonára-a e no fundo da sua consciencia era judeu. Começou elle a dar noticia ao sobrinho do que era o Santo Officio, que conhecia bem, e depois de o ter inteirado dos seus processos deu-lhe a lêr uma relação manuscripta da origem e modo interior politico, economico e juridico da Inquisição. Ao mesmo tempo, no seu zelo de proselytismo, «começou a misturar uma ou outra palavra de judaismo». Mostrou-lhe então a Escriptura e Sanches começou a lêr o Pentateuco, embora não estivesse determinado a abandonar as suas crenças. A' medida que se lhe abriam novos horizontes, o moço estudante criticava o que lia, argumentava e o tio chegou a ganhar medo de ter ido muito longe na sua tentativa de conversão. Uma cunhada de Diogo Nunes, «mulher de um enge-

([1]) Aquelles satyricos que não podem falar sem picar (o engenho castelhano é a prova) . . . Carta citada ao Dr. Sampaio Valladares.

nho sublime e agradavel», fallou-lhe nas consequencias do que ella chamava a sua obstinação e Sanches foi cedendo ao menos na apparencia. ([1]) Atemorizado, começou a lêr a Biblia com os commentadores judeus. Voltou a Benavente e como lá tinha tempo leu o que pôde de companhia de seu tio afim João Nunes, mas não discutia com elle «porque o considerava ignorante». João Nunes tambem fôra perseguido pela Inquisição, e fallava-lhe nella para dizer que estava confesso. ([2]) Quando partiu para Salamanca ia «ainda bem confuso», mas as obrigações escolares distrahiam-n'o por então de estudos religiosos: «não me metti mais a lêr coisas da Biblia». E' certo, porém, que a sua fé estava muito abalada. Não se confessou nesse anno e assim passaram mais dois. ([3])

([1]) Chamava-se Theresa Eugenia da Veiga, segundo o testemunho de sua sobrinha, do mesmo nome, que em 1729 e em 1758 foi interrogada na Inquisição. (Processo n.º 3692 da Inquisição de Lisboa). A' data do primeiro interrogatorio desta sobrinha, Theresa Eugenia da Veiga havia-se ausentado de Portugal.

([2]) Não se encontra este processo na Torre do Tombo, conforme informação do snr. Pedro A. d'Azevedo.

([3]) Carta a Sampaio Valladares, citada.

CAPITULO III

Fixação em Benavente — O Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares — Residencia em Lisboa — A epidemia de febre amarella de 1723 — Denuncias á Inquisição — Conversão ao judaismo — Sahida de Portugal — As aguas de Penha Garcia.

Regressando a Portugal, Sanches veiu fixar-se em Benavente, provavelmente á sombra de seus tios João Nunes e Clara Henriques.

No processo de Henrique Nunes de Paiva, commerciante, natural de Monsanto, colhem-se os nomes de um *tratante,* Manuel Nunes Sanches, filho de Thomé Luiz Capote e de um Manuel, filho de João Rodrigues, cirurgião, ambos parentes afastados do nosso Ribeiro Sanches, que tambem podem ter concorrido para a sua fixação temporaria na villa que o terramoto recentemente destruiu. [1]

Andry diz até que elle obteve o cargo de medico de partido daquella villa, o que se nos não afigura provavel, em pessoa que não podia provar a limpeza de sangue reclamada para o exercicio de qualquer cargo publico. [2]

---

(1) V. Documento n.º 14.

(2) Em carta de 15 de maio de 1908, informou-nos o fallecido secretario da camara de Benavente, snr. Emygdio Augusto da Silva, de que foram absolutamente infructuosas todas as diligencias que empregou no archivo daquella corporação para encontrar vestigios da passagem de Sanches por alli.

Convém todavia notar que Andry colheu os elementos para a sua biographia do proprio Sanches, com quem teve relações intimas por muitos annos.

Ha nas *Cartas sobre a educação da mocidade* uma passagem a respeito de inquirições que parece uma allusão a qualquer circumstancia pessoal:

«Sigamos agora o estudante medico: este no primeiro ou no segundo anno dos seus estudos, se quer oppôr-se áquelles partidos que dá a Universidade aos estudantes benemeritos, é necessario que tire as suas inquirições e que as presente com o seu requerimento á Universidade. Supponhamos este estudante já formado em medicina, que chega á sua terra, onde ha partido da camara, de que gosa um christão novo medico: neste caso o novo medico se tirar as suas inquirições de limpeza de sangue, alcançará o partido que pretende; e o medico que não póde tirar inquirições limpas fica rejeitado delle, ainda que servisse a dita camara por quarenta annos. Já se vê que este medico rejeitado não póde ter cargo honroso, como ser medico de um hospital famoso, ser familiar do Santo Officio, nem ser de nenhuma ordem militar, nem mesmo terceiro do habito de S. Francisco.» ([1])

Possivel será conceder que elle desempenhasse temporariamente as funcções de medico municipal, e que a intervenção de algum competidor de mais fervorosa fé o obrigasse a abandonal-as.

Não póde, porém, pôr-se em duvida esta residencia em Benavente, que aliás Barbosa Machado omitte.

Três passagens do manuscripto de Sanches já citado a pag. 33 esclarecem esta permanencia em Benavente e permittem mesmo fixal-a chronologicamente:

«A maior parte das febres quartans do outomno nas quaes se terminam as febres intermittentes do Ribatejo e Alemtejo, Lisboa, estou persuadido que são acompanhadas de gallico, e que se no fim do tratamento, quando tomam a quina, ou em cosimento ou em pó, tomassem algumas dóses cada semana das ditas pilulas mercuriaes que não recahiriam nellas e não se terminariam por quartans *que vi durar por dois annos.*» ([2])

([1]) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 86 e 87.
([2]) Fol. 97 v.

«A maior parte das doenças que vi em Portugal foram as febres intermittentes tanto vernaes como do outomno e principalmente emquanto estive em Benavente além do Tejo, dez leguas de Lisboa para o sudeste. Esta villa está posta em uma planicie cercada pelo oriente de um rio que acaba no Tejo, que alaga ordinariamente tudo á roda, do que ficam charcos e aguas sediças, podres; quando o anno é chuvoso maiores doenças soffrem os habitantes; pelo contrario, nos annos seccos aquella terra é assás sadia *como experimentei por dois annos que alli vivi.*» (1)

«Vi começar febres intermittentes com modorra e quasi apoplexia, os olhos vermelhos, pesada, rouca a respiração e sem accordo nem sentido durar o accesso vinte e quatro horas; vir outro accesso semelhante e morrer o enfermo apoplectico. Estas febres descreveu no Hanover o judicioso medico Verlhof e Mugde, cirurgião em Minorca, e eu em Benavente no anno de 1724.» (2)

Em outro manuscripto de Sanches lê-se: «E' infinito o damno que causam á agricultura estas estendidas coutadas; os coelhos, os porcos montezes, os veados e outros animaes ferozes. Que se informem em Benavente o que soffrem as sementes pela coutada de Salvaterra.» (3)

Estamos portanto fixados em que Sanches se estabelecera em Benavente em 1724 e que ahi permaneceu dois annos.

Datando a sua formatura em Salamanca de 5 d'abril de 1724, o prazo marcado vem a terminar em 1726, e effectivamente sabemos que neste ultimo anno ainda estava na destruida villa.

Já precedentemente nos referimos a um interrogatorio na Inquisição de Lisboa a que foi submettido em 29 d'outubro de 1726 um primo de Ribeiro Sanches, Manuel Nunes Sanches, cirurgião, morador em Villa Franca de Xira.

(1) Fol. 107.

(2) Id., fol. 112.

(3) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em Portugal* (Collecção Barca-Oliveira).

Muitas outras passagens poderiamos citar a corroborar as que aproveitamos no texto. Na carta ao Dr. Sampaio Valladares por duas vezes diz que esteve em Benavente. Tambem em carta ao Dr. Joaquim Pedro d'Abreu affirma que praticou a medicina por quatro annos na Guarda e em Benavente.

Nesse documento diz-se que o nosso illustre biographado residia em Benavente. Todavia, e isto póde ter alguma importancia, em outra passagem do mesmo depoimento, Manuel Nunes Sanches diz de seu primo que *ouviu que o dito Antonio era em Benavente.*

Referencias que Sanches faz ás inundações do Tejo parecem ser fructo de observação pessoal, colhida no proprio terreno:

«Tanto em Portugal, em todos os logares que borda o Tejo, em Angola adonde inundam tantos rios aquelle reino, como em toda a America, depois das inundações, logo que as materias das enxurradas começam a apodrecer, o ar se infecta e produz semelhante podridão nos corpos: manifesta-se por toda a sorte de febres podres e sobretudo por dysenterias; terminando em suores frios, em pintas, convulsões, carbunculos, raras vezes em parotidas e bubões que suppuram benignamente, e muito mais vezes por suores abundantes e universaes que escapam a vida». [1]

A insistencia de Sanches em occupar-se dos effeitos das inundações mais o confirma:

«Estes effeitos devem experimentar e experimentam aquelles logares perto de Lisboa alagados pelas aguas doces dos rios que se desaguam no Tejo, como são o de Zatas perto de Salvaterra e outros muitos de uma e outra parte: alagam-se aquelles campos no inverno e na primavera, ficam as aguas encharcadas e misturadas com as salgadas produzem naquelle delicioso clima as mais horrendas febres perniciosas que se experimentam em todo o reino.» [2]

Mas em outra passagem encontramos designadamente apontada Benavente como uma das povoações que soffriam com estes desnivelamentos das aguas:

«... E para não ír mais longe, observemos o que se passa nos bordos do Tejo na Gollegã, Santarem e os logares circumvizinhos como Salvaterra, Benavente, Coruche e Çamora. As inundações do Tejo e dos rios que se desaguam nelle nestes logares, alagam os campos e pelo outomno todas vem a apodrecer; se desgraçadamente se vem a misturar agua salgada naquelles charcos, então a

---

[1] *Tratado da conservação da saude dos povos*, pag. 47.
[2] Op. cit., pag. 58.

podridão será mais intoleravel; mas parece que de sessenta annos as inundações são maiores da parte do Alemtejo; porque diminuindo-se o alveo do Tejo pela quantidade de immundicies que recebe da parte de Lisboa, é força que as aguas debordem do outro lado: póde ser que esta seja a causa porque as febres intermittentes continuas e perniciosas não se observaram em Lisboa senão depois daquelle tempo, como um experimentado medico me disse em Lisboa no anno 1725.» ([1])

Possivel é que tambem sejam as recordações de Benavente que lhe acudam ao referir-se ás habitações dos pobres em Portugal, se não tinham ainda mais remota origem:

«Costumam em Portugal em algumas partes do reino ou por delicia ou por necessidade construirem quartos baixos nas entradas das casas, tanto para habitarem, como para evitarem os ardores do sol. O melhor seria sempre no primeiro andar: mas quem não tiver commodo para viver que nos quartos baixos mande-os construir...» ([2])

Talvez que Ribeiro Sanches tivesse em vista à povoação de Benavente ao referir-se á influencia que o calor intenso exerce na producção das doenças no nosso paiz:

«Os grandes calores, como os grandes frios sempre começam depois dos solsticios: os grandes calores ou grandes frios continuados por si sós não são tão nocivos como se crê vulgarmente; mas rarissimas vezes se observam, sem serem acompanhados de humidade consideravel: por esta razão os mezes de agosto, setembro e em Portugal os principios de outubro são os mais doentios e fataes aos exercitos.» ([3])

Comquanto Sanches falle no Alemtejo, é possivel que sejam recordações das vizinhanças da villa em que fez clinica as que apresenta no trecho seguinte:

«A secura do clima, junta com os ardores do sol, nestes mesmos mezes do Estio causam outros males mais violentos, mas que são sempre acompanhados com a podridão dos humores. Se os

---

([1]) Op. cit., pag. 63.
([2]) Op. cit., pag. 143.
([3]) Op. cit., pag. 156.

campos vierem secos, se a terra se abrir com gretas tão profundas ás vezes, como se veem no Alemtejo que parecem abysmos; todas as arvores sem folhas, ou tão secas como se fossem torradas; se o terreno fôr de areia, rochedos, sem ladeiras, nem montes, rios, nem lagos, então os ardores do sol seccam e destróem a fabrica dos nossos corpos, dissipa-se o mais subtil dos humores, vem acres, apodrecem por ultimo, outras vezes se suffocam em um instante, ou se fazem congestões mortaes no cerebro e nos bofes: cada dia se veem desastres nos segadores e malhadores que se deitam a dormir expostos ao sol: morrem apoplecticos ou com uma inflammação violenta do bofe.» (1)

A curta referencia que faz aos nossos segadores parece tambem colhida no sul do reino:

«Costumam os nossos segadores e malhadores refrescar-se com migas frias, ás quaes chamam os castelhanos *guaspacho*...» (2)

Em Benavente, conheceu Ribeiro Sanches o cirurgião Julião dos Reis, que curava os carbunculos com folhas de couve esmagadas (3), e manteve relações com um obscuro poeta, Manuel Pacheco de Sampaio Valladares, a quem devia mandar da Russia algumas cartas, uma das quaes verdadeiramente preciosa. Barbosa Machado incluiu-o na sua *Bibliotheca Lusitana*, e os esclarecimentos que aqui vamos inserir foram colhidos na sua obra. Filho de Manuel Pacheco de Sampaio e Isabel Valladares, nasceu em Benavente a 13 d'abril de 1673, sendo baptizado no 1.º de maio. Depois de ter aprendido humanidades na terra natal, passou a Lisboa, onde estudou philosophia e mathematica no collegio de Santo Antão dos padres jesuitas. Depois foi a Coimbra, onde se entregou ao estudo do direito pontificio, e tendo recebido o grau de bacharel submetteu-se a exame no Desembargo do Paço, mas apesar de ser julgado apto para o exercicio de cargos publicos, preferiu trocar os codigos pela amenidade das letras e foi um dos mais applicados membros da Academia dos Anonymos, onde

(1) Op. cit., pag. 158.
(2) Op. cit., pag. 192.
(3) Mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de medicina de Paris, vol. 1.º

recitou versos e discursos. Falleceu na terra natal em 1 de março de 1737. O que delle resta são versos á morte da rainha D. Maria Sophia, duas comedias em espanhol e uma *Arte de Rhetorica* publicada posthuma.

Durante a sua estada em Benavente, Sanches não podia esquecer-se de seu tio e desvelado protector Diogo Nunes Ribeiro, e logo depois de se ter installado naquella villa correu a abraçal-o. Elle o escreve a Sampaio Valladares: «Vim... para Benavente, fui a Lisboa onde estive algum tempo.» ([1])

Outros testemunhos conformes se encontram nas obras do nosso illustre medico. Em um seu manuscripto encontra-se a seguinte passagem: «Onde as marés são tão violentas e principalmente em Lisboa, exposta ás furiosas tempestades do vento sul; como vi no anno 1724 onde a maior parte dos navios que estavam ancorados se perderam, despedaçados e encalhados na praia desde a alfandega até mais abaixo de Santo Amaro.» ([2])

Já precedentemente demos conta de uma carta sua a Jacob de Castro Sarmento, em que se refere ao encontro com seu tio Diogo Nunes em Lisboa neste mesmo anno.

Finalmente, narrando uma conversa que teve com o benemerito medico de Marselha, Bertrand, sobre a consulta que este recebeu do governo portuguez sobre uma epidemia que grassou na capital do reino em 1724, Sanches colloca entre parenthesis esta nota: «Vi e tratei alguns individuos affectados d'esta doença em Lisboa.» ([3])

A epidemia a que Ribeiro Sanches se refere poderia suppôr-se a primeira invasão da febre amarella no nosso paiz. Começou durante o outomno de 1723, que foi extraordinariamente quente e sêcco. Simão Felix da Cunha descreve d'este modo a symptomatologia da doença: «Acommettiam com febre contínua, dôres de cabeça e

([1]) Carta citada.

([2]) *Avantagens que resultarião de hum Porto Franco na foz do Tejo* (Collecção Barca-Oliveira).

([3]) *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* — Leyde, 1778, pag. 153.

laxidões de corpo, uns tendo horripilações, outros sem ellas, mas com vomitos, outros ou quasi todos com nauseas, sem vomitarem nada, alguns tendo anciedades e outros a região superior do ventriculo dolorosa de sorte, que não consentiam lh'a tocassem, e eram doenças tão agudas que se lhes não acudiam, os mais delles vomitavam negro, com dejecções da mesma sorte e morriam ao terceiro, quarto ou quinto dia; outros se lhes dissolvia o sangue, que morriam inanimados por cisuras das sangrias de bichas e de sarjas e alguns por fontes antigas, morrendo um grande numero.» ([1])

Como a doença fôsse desconhecida, foi denominada por differentes fórmas. Uns chamavam-lhe colera, outros vomito preto; para o povo era o mal da moda.

Passados os primeiros dias de outubro, amiudaram-se as mortes. Providenciou então o governo e mandou a differentes medicos oito quesitos, ordenando-lhes que respondessem em curto prazo. Certamente porque os pareceres se não acordassem e como antes se desenvolvesse a peste em Marselha, foi consultado o celebre dr. Bertrand sobre se a epidemia de Lisboa era analoga á daquella cidade. Foi negativa a resposta, porque lá faltavam os vomitos negros que caracterizavam a doença entre nós.

Por mais de três mezes padeceu a capital do reino, durante os quaes é de notar a grandeza d'animo de D. João v, permanecendo na cidade e assistindo a todos os enfermos com facultativos e medicamentos e toda a sorte de soccorros. Diz-se que morreram nesta epidemia mais de seis mil pessoas, sendo principalmente dizimadas as ruas e bairros menos asseados.

José Rodrigues d'Abreu, na sua *Historiologia medica* (1733), tambem se refere, mas summariamente, á epidemia em cujo combate tomou parte. Abreu apenas diz que no anno de 1723 se observou em alguns bairros uma maligna constituição de vomitos pretos que vexou alguns

([1]) Simam Felix da Cunha — *Discurso e observaçoens apollineas sobre as doenças que houve na Cidade de Lisboa Occidental e Oriental o Outono de 1723* — Lisboa occidental, 1726 — proemio.

bairros de Lisboa durante quatro mezes e que já alguns casos se tinham manifestado na Ericeira em 1721, como se observaram em Peniche em 1728 e no Funchal em 1731.

Depressa se atalhou o flagello pela compaixão divina e pela grande providencia de D. João v, que não olhou a despezas para que aos doentes não faltassem soccorros de toda a ordem, confiando a pessoas de sua inteira confiança velarem por elles.

Outra descripção da doença temos na *Arte com vida ou Vida com arte* de Manuel da Silva Leitão (1738). Tambem elle affirma que a epidemia, desde 15 de setembro até 15 de dezembro de 1723, victimou mais de seis mil individuos apenas em Lisboa, e que os obitos foram sobretudo frequentes em certos bairros e ruas, particularmente immundos. Leitão attribue a doença aos vapores quentes que se levantavam de essas immundicies, tanto mais que o vento suão que soprou constantemente mais augmentava o calor e seccura do ar. Apenas escaparam os que moravam nos bairros mais altos, viviam nas ruas mais largas e usavam principalmente de alimentos frescos.

Desde 8 d'outubro até 25 de novembro, sobretudo, em que as mortes mais se amiudaram, o calor que o vento suão contribuia a entreter tornara-se verdadeiramente intoleravel. Os atacados eram sobretudo os individuos de forte constituição, no vigor da edade, dos 25 aos 45 annos.

Leitão abona-se com a auctoridade de Hippocrates, que já notara que as doenças causadas pela atrabilis eram sobretudo vulgares no outomno, principalmente quando elle era quente e secco, e succedia a um estio ardente como tinha sido o desse anno. Pela manhã cedo, o ceu mostrava-se abrazado, com uma côr tão de fogo que parecia que estava lavrando o maior incendio. Leitão nunca vira semelhante phenomeno nem o tornou a vêr depois. A seccura era tambem extraordinaria, porque durante seis mezes não cahira uma gotta de chuva. Attribuiam uns a doença aos estrangeiros, outros á corrupção dos alimentos, outros ainda ás immundicies que infestavam Lisboa, não advertindo que estrangeiros sempre houvera na cidade e

que a falta de limpeza era enfermidade chronica na capital. Que na constituição epidemica influia o grande calor, bem o provou o facto de que a doença começou a declinar quando o vento rodou ao sul e começaram a cahir alguns chuveiros. Desde que o tempo refrescou, «a tempestade das doenças foi socegando, as mortandades foram parando e o susto de todos foi acabando». ([1])

Leitão poucas informações fornece sobre a symptomatologia da doença, mas do seu quadro faziam parte os vomitos negros, as hemorrhagias pela bocca e pelas vias inferiores ou por outra parte, inclusivè as cisuras das sangrias. ([2])

Quanto ao tratamento affirma que de nenhum proveito se mostrou a agua de Inglaterra que os medicos da côrte frequentemente aconselhavam. Dispensem-nos os leitores de lhes dizer as razões, que nada têm de scientifico. ([3])

Egualmente se refere á epidemia de 1723 Duarte Rebello de Saldanha. Tambem menciona os vomitos negros como o symptoma mais frisante, mas o seu depoimento interessa sobretudo o tratamento:

«Eram diversos os pareceres sobre o caminho que devia tomar a cura destas doenças; mas a experiencia mostrou que só o methodo da diluencia e dos refrescos executados por leites asininos e caldos de frangãos nitrosos e nitrados eram o poderoso antidoto desta epidemica labe; por consistir ella em uma superlativa acrimonia, adusta, errodente e espessa da colera; em cujo methodo se firmaram ainda aquelles professores que o tinham impugnado, obrigados, na retractação, dos presentaneos bons successos, que experimentavam com elle os companheiros, que seguiam o contrario; e persuadidos dos maus que na renitencia elles proprios confessavam, vieram todos, já sem contradicções, a executar este methodo, com o qual venceram dahi em deante sem tantas mortes a epidemia.» ([4])

A reforçar estes testemunhos medicos, alguns do-

([1]) Op. cit., pag. 43, 44 e 45.

([2]) Op. cit., pag. 247.

([3]) Op. cit., pag. 198.

([4]) Duarte Rebello de Saldanha — *Illustração medica*, II — Lisboa, 1762, pag. 483.

cumentos attestam que o estado sanitario de Lisboa não era normal. Em 15 d'outubro de 1723, Diogo de Mendonça Côrte Real chamava a attenção do senado da capital para uma carta que recebera do guarda-mór, mandando reunir os vereadores para sobre o assumpto tomarem providencias. Logo a 23 informava-o de que nas vizinhanças do Convento do Corpo Santo se accumulavam immundicies de que resultavam doenças e reclamava a sua remoção. O secretario d'estado lamentava que os senados se houvessem com tanto descuido no asseio da capital e ordenava que todas as ruas, becos e alfurjas se limpassem, assim como se despejassem as tendas de queijos podres, carnes, peixes e principalmente bacalhau corrupto «que se entende que deste descuido de limpeza nascem tantas e tão graves doenças, tantas mortes que tem havido nestas cidades.» (1)

Do mesmo dia era uma carta do cardeal da Cunha ao escrivão da saúde, para que o provedor com os medicos e cirurgiões procedesse ao exame dos mantimentos que se denunciassem como viciados ou corruptos. Os corregedores e juizes do crime participariam a um dos vereadores, que provavelmente tinha sido eleito para velar pela saúde da capital, os alimentos em máu estado que encontrassem nos seus bairros. (2)

Por ultimo, prohibia-se a venda de vinho novo, emquanto fosse necessario. (3)

As medidas sanitarias adoptadas ainda estiveram em vigor durante o anno seguinte. Em casa do cardeal da Cunha, reunia-se uma junta de que fazia parte o desembargador Chrispim Mascarenhas de Figueiredo, provedor-

---

(1) Freire de Oliveira — *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, I — pag. 493 e 494.

(2) Freire de Oliveira — *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, XII — Lisboa, 1901, pag. 8 e seguintes. Carta do secretario d'estado Diogo de Mendonça Côrte Real ao vereador do senado occidental Jorge Freire de Andrade, de 26 d'outubro de 1723.

(3) Carta do secretario d'estado Diogo de Mendonça Côrte Real ao vereador do senado occidental Jorge Freire d'Andrade, de 13 de novembro de 1723 — Freire de Oliveira, op. cit.

mór da saúde, a quem especialmente competia ordenar a visita a todos os navios que entrassem no porto. ([1])

Foi esta epidemia de febre amarella provavelmente importada do Brazil. Não pensaram deste modo Simão Felix da Cunha e Manuel da Silva Leitão, que attribuiram a doença, como dissémos, ao grande calor que reinou por esta epocha em Lisboa.

Parece-nos, porém, que outra devia ser a doença que Ribeiro Sanches observou e a que dá o nome de peste. Os symptomas da epidemia de 1723 eram tão caracteristicos que não deixaria de os apontar, elle que tão bom observador se mostra em todas as suas obras. Por outro lado ella parecia já extincta no verão de 1724.

As notas que de onde a onde se encontram a respeito das doenças que viu neste anno nem sequer permittem estabelecer um diagnostico preciso. O leitor o julgará como nós pelas seguintes transcripções:

«Aquella epidemia que desolou Lisboa no anno 1724 pelos mezes de Agosto e Setembro, mostrou sua violencia nos logares baixos da cidade desde a rua nova até o Rocio: nos logares altos della poucas fôram as familias que sentiram aquelle flagello.» ([2])

«Aquellas febres pestilentes nascidas no Limoeiro de Lisboa, que causaram a morte ainda a muitos habitantes vizinhos daquella prisão não tiveram outra causa que o ar pôdre, encerrado, cheio das exhalações daquelles cadaveres viventes: como nos hospitaes se gera aquella febre pestilente que vimos, mui differente das doenças com que entram, assim nas prisões pela mesma causa se geram a mesma sorte de febres contagiosas.» ([3])

«Estas mesmas exhalações, ou que provenham do interior da terra, ou que se exhalem dos corpos que existem na sua superficie em menor quantidade farão tempestades e redemoinhos, semelhantes ás que Lisboa experimentou com tanto estrago das embarcações nos annos 1724 e 1731.» ([4])

([1]) Carta de 27 d'abril de 1724. Freire d'Oliveira, op. cit.
([2]) *Tratado de conservação da saude dos povos*, pag. 83.
([3]) Op. cit., pag. 132.
([4]) Op. cit., pag. 284.

A residencia de Sanches em Lisboa foi muito curta e por isso não surprehende que nas suas obras poucas mais notas se encontrem a respeito da capital do reino. A custo exhumamos umas referencias aos ventos reinantes que aliás pouco interesse offerecem:

«Em Lisboa o vento do mar depois do mez de maio refresca e começa a ventar depois do meio dia: no inverno tempera o ar e o sentimos quente e humido.» ([1])

«Como a terra é corpo mais denso que a agua e o ar, ha-de conservar mais calor no tempo quente e mais frio no tempo de inverno; daqui vem que experimentamos em Lisboa os ventos de Castella no estio ardentes e no inverno frios.» ([2])

«Conhecemos em Portugal o vento do Sul quente e humido, porque vem como aquelle do Occidente por cima do mar. O vento Nord-Est e do Oriente, por secco e quente, porque vem da terra; mas nas comarcas de Pinhel e de Viseu o vento do Sul é frio e secco; passa este sobre a serra da Estrella todo o anno coberta de neve e toma a sua qualidade.» ([3])

Tambem se encontra uma referencia ao abastecimento de aguas em Lisboa:

«Foi notavel o cuidado que tiveram os romanos na abundancia, na pureza e na bondade das aguas, fundando com gastos e trabalho immenso dos seus exercitos aquellas magnificas obras, das quaes ainda hoje arruinadas, conservam a majestade daquelle Imperio. Nenhuma nação necessita mais de imitar nesta materia a romana, que a portugueza; as nações de quem a sua bebida ordinaria são varias sortes de cerveja, agua misturada com vinho, chá, café, continuamente, bebendo agua cozida, não necessitam tão grande cuidado na eleição das aguas; mas a portugueza a sua bebida ordinaria é este elemento e por essa razão devem pôr todo o cuidado em procural-a, em abundancia e a mais apurada.

Quando faltarem as fontes, a agua dos rios poderá suprir esta falta: a da chuva guardada em cisternas cada anno limpas: em seu logar a dos poços com a mesma cautela mas seria util antes de bebel-as ou mandar dar-lhe uma unica fervura ou serem passadas

---

([1]) Op. cit., pag. 27.
([2]) Op. cit., pag. 28.
([3]) Op. cit., pag. 28.

por pedras ponces, como se costuma em Castella nos *pilones*. Estas cautelas são escusadas nas aguas das fontes claras e correntes, como são as de Lisboa.» ([1])

Fallando de hospitaes, Sanches não podia esquecer-se da creação das *misericordias*, a instituição benemerita que tanto honra o nosso paiz:

«Mas depois que os reis pouco a pouco deram a liberdade aos povos, depois que reclamaram os bens ecclesiasticos para soccorrer a pobreza, introduziram-se geralmente os hospitaes geraes e em Portugal mais piedosamente que em reino algum da christandade, pelas casas da misericordia estabelecidas nas villas e nas cidades.» ([2])

Offerece particular interesse o que nos diz a respeito da desinfecção, julgando insufficientes as praticas seguidas e ampliando-as:

«Bem sei que por lei publica se queimam as camas e os vestidos dos que morrem de mal contagioso na cidade de Lisboa, mas não chegou a bondade desta lei mandar corrigir a infecção do aposento adonde morreu o enfermo, nem a purificar os moveis delle.» ([3])

Ainda Sanches, ao occupar-se da remoção de immundicies, se recorda do processo que no seu tempo era empregado na capital do reino:

«Aquelle cisco, lama ou immundicies varridas se deviam ajuntar contra a parede da mesma casa: não no meio da rua, ou no rego, para que as aguas levando-as comsigo não entupissem os canos ou aqueductos da cidade. Na mesma deveria um official auctorizado e perpetuo ter á sua ordem um certo numero de carros feitos ao modo de cofres para nelles as transportarem fóra da cidade nas covas, ou logares baixos á roda: o que seria mais facil do que transportarem-se as lamas em ceirões, no espinhaço de machos e despejal-os na praia como se fazia em Lisboa.» ([4])

Poderá offerecer algum interesse o que affirma dos

([1]) Op. cit., pag. 86.
([2]) Op. cit., pag. 108.
([3]) Op. cit., pag. 105.
([4]) Op. cit., pag. 79.

enterramentos em Portugal, embora não especifique que tem em vista a capital do reino:

«Bem sei que estes damnos foram previstos em Portugal porque ordinariamente, tanto quanto me lembro, costumam lançar cal nos cadaveres tanto que os mettem nas sepulturas: methodo excellente, se fosse esta operação feita em um cemiterio fóra da villa ou cidade exposto a todos os ventos.» ([1])

Passados os annos de 1724 a 1726 em Benavente e Lisboa, Ribeiro Sanches decidiu-se a abandonar a patria.

Anhelando maior esphera a capacidade do seu talento, diz Barbosa Machado, saíu neste ultimo anno de Portugal. Andry affirma que, apesar de ser muito moço, Sanches em Benavente conciliou pela regularidade dos costumes e por curas felizes a confiança e estima publicas e poderia lisongear-se de reunir todos os suffragios se estivesse satisfeito comsigo proprio. Mas o seu ardor pelas sciencias ía augmentando á medida que os seus conhecimentos se estendiam e percebeu dentro em breve que a patria não tinha os recursos que a sua paixão pelo estudo reclamava. Por isso resolveu viajar e vêr as celebres universidades da Europa, abandonando por isso o seu logar.

São isto euphemismos destinados a mascarar a singela expressão da verdade. Barbosa Machado era eminente nestes artificios. Sempre, porém, que se trata de um christão novo em Portugal, é necessario contar com a Inquisição. O monstro já não tinha a ferocidade de outras eras, mas ainda opprimia, vexava e matava.

E' de 29 d'outubro de 1726 a denuncia de seu primo Manuel Nunes Sanches affirmando que havia quatro annos se declarara com Ribeiro Sanches como crente na lei de Moysés, em que um e outro viviam. Na Guarda, vendo rezar o futuro medico da côrte da Russia, perguntara-lhe que orações eram aquellas, recebendo como resposta que eram o padre-nosso, omittindo-lhe o nome de Jesus, e alguns psalmos penitenciaes. Mezes antes, em 25 de

([1]) Op. cit., pag. 96.

abril, fôra interrogado o capitão Henrique de Baulssay, que denunciara a parte que Diogo Nunes Ribeiro tomara na fuga da familia de Manuel Rodrigues Sarzedas. Vinham estas denuncias depois de ter passado pelo Santo Officio quasi toda a familia de Sanches. Qualquer que fôsse a curiosidade scientifica do nosso medico — e nós não a pômos em duvida — o motivo que o levou a abandonar a patria deve ter sido o receio de ser alvejado pelas perseguições religiosas de que a sua familia tinha sido victima quasi ininterruptamente durante vinte annos.

E não eram apenas as crenças religiosas da familia que o expunham a essa perseguição, eram as suas proprias.

Eis o que Sanches escreve: «Vim outra vez para Benavente, fui a Lisboa, adonde estive algum tempo e já me considerava convencido que a lei judaica era a verdadeira. O argumento maior fôram aquellas palavras repetidas na Biblia: *Et hæc præcepta erunt in æternum omni populi Israel* por estas ou semelhantes, mas depois soube que a palavra *olam id in æternum* significa longo espaço de tempo com fim, como se vê que diz a Biblia do Templo de Salomão *et hic Templus erit olam, id est,* por longo tempo, porque o Templo acabou.

«Até este tempo não tinha determinação de passar ao Norte; não cria na lei de Christo, mas não observava coisa alguma da lei de Moysés, as minhas orações eram os 7 Psalmos penitenciaes. Por acaso comecei a lêr Santo Augustinho *De Civitate Dei* e como chegasse áquelle ponto de circumcisão dos meninos judeus depois de Abrahão (1) fez-me tal terror o não estar circumcidado, que me levantei como doido e lançando mão do meu Hippocrates encadernado á antiga em tábuas quebrei uma dellas por signal e logo me determinei de passar ao Norte, adonde

(1) Procuramos em Santo Agostinho a citação que tanto impressionou Sanches e nelle produziu effeito tão singular. O doutor da egreja commenta a passagem da Biblia em que se lê: «Toda a creança do sexo masculino que não fôr circumcidada ao oitavo dia será exterminada porque infringiu a minha alliança» (cap. XXVII, lib. XVI).

me imaginava que acharia os Judeus e a lei judaica a coisa mais santa que havia no mundo.

«Emfim, parti sem me despedir nem dizer palavra a minha tia, nem a pessoa mais que a meu tio que de casa de um inglez lhe escrevi adonde me veiu fallar.» ([1])

Antes, porém, de partir, Ribeiro Sanches escreveu a sua primeira obra, que infelizmente ficou manuscripta mas de que restam vestigios. E' o *Discurso sobre as aguas de Penha Garcia* a que se refere Francisco da Fonseca Henriques no seu *Aquilegio medicinal*:

«O Doutor Antonio Sanches Ribeiro, medico de bom engenho e letras, assistindo na villa de Salvaterra, teve para si que esta agua passava por minas de ouro, não negando que corre pelos ditos mineraes de ferro e enxofre; sobre o que fez um discurso agudo e curioso. Mas assim como é certo que pelo calor, pelo cheiro e pelo sabor da agua se reconhece o enxofre e o ferro, assim é tambem certo que os outros mineraes se não pódem conhecer por discurso, senão por experiencias. Se houvera quem usasse desta agua com arte e lhe observasse curiosamente os effeitos, então se poderia vir em conhecimento dos mineraes que lhe dão as virtudes, que sem duvida são muitas e tão efficazes, como attestam os referidos prodigios; a cuja fama, desde julho até o fim de setembro, ha grande concurso de gente a tomar banhos nesta fonte; o que fazem sem arte, sem regimento e sem commodo; porque como aquelle sitio é deserto, e não ha casa de banhos, nem medico e enfermeiros que os governem, cada qual usa delles como lhe parece, e sahindo do banho não tem mais abrigo que as sombras das arvores, que alli são muitas, ou algumas barracas que da sua rama fabricam. Tomam dois banhos no dia, de manhã e tarde; e cada um delles de uma até duas horas e não passam de dezoito banhos. Nos achaques internos, como são obstrucções do mesenterio e affecções hypocondriacas, bebem desta agua com grande utilidade. O dito Doutor Antonio Sanches, que deveu grande beneficio a esta fonte, porque lhe serviu de remedio de uma gotta rosada quando pequeno e de uma hypochondria depois de adulto, notou curiosamente que no estio, quando o sol no meio dia tem chegado ao seu zenith, está frigidissima esta agua e que ao sol posto torna á sua tepidez que de manhã conserva.» ([2])

([1]) Carta ao Dr. Sampaio Valladares, já citada.
([2]) Fonseca Henriques — *Aquilegio medicinal*, pag. 45 e 46.

Estas aguas de Penha Garcia são hoje conhecidas pelo nome de *Thermas de Monfortinho,* de um ignorado logarejo de 60 visinhos situado nas faldas da vertente sul da serra assim chamada, no concelho de Idanha, districto de Castello Branco, a 200 metros do rio Erges que alli separa Portugal de Espanha. Sobre a sua composição apenas sabemos que uma analyse qualitativa levada a effeito pelo snr. José Gardette Martins lhes deu direito a inscreverem-se como hyposalinas e azoto-oxygenadas, tendo em liberdade grande percentagem de azoto e oxygenio livres. As suas applicações therapeuticas acham-se ainda mal determinadas, e pouco adeantam ás que estabeleceu em 1863 um medico da localidade, o Dr. Pedrosa Barreto. (1)

(1) José Gardette Martins — *Dissertação inaugural sobre as Thermas de Monfortinho* — Porto, 1901.

CAPITULO IV

Saída de Portugal — Genova — Residencia em Londres: Diogo Nunes Ribeiro e Castro Sarmento — Passagem em Marselha e Bordeus — Viagem á Italia: Pisa: João Alberto de Soria e João d'Almeida — Regresso a Bordeus — Ultima estada em Londres.

A biographia de Sanches nos annos que immediatamente se seguiram á sua saída de Portugal encontra grandes tropeços. Não só é difficil conciliar o que os seus biographos escreveram com affirmações do nosso medico, mas ha evidente contradicção entre assertos seus. Escrevendo Sanches em epochas differentes da sua vida, comprehende-se que a sua memoria, apesar de fidelissima, o atraiçoasse nos escriptos que mais se distanciam dos acontecimentos que relata. Um criterio portanto se póde estabelecer para resolver as duvidas: sempre que se encontrem asserções contrarias, preferir a versão que mais se aproxime do successo a que se refira. Ora, as cartas de Sanches escriptas ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares são datadas de 1733 a 1735: serão ellas o nosso guia no que vamos escrever.

Julgamos assente que Sanches saíu da patria em 1726, a data fixada por Barbosa Machado. Todavia, contra esta chronologia brigam affirmações discordantes do nosso biographado, uma que recúa esta data, outra que a protráe. Dirigiu-se primeiro a Genova, embora com o fito posto em

Inglaterra, explicando-se o rodeio por desnortear suspeitas ou por facilidade de transporte. Elle mesmo nos falla desta viagem á Italia, facto que é confirmado por Andry e Vicq d'Azyr:

«Desde a edade de 20 annos até os 26 soffri dores d'estomago, colicas, dores de cabeça, tornei-me hypochondriaco; tendo feito uma viagem por mar de Lisboa a Genova, vomitando continuamente e perdendo os sentidos por varias vezes, chegando a terra achei-me curado dos meus males.» [1]

Em carta dirigida ao seu mestre o P.e Manuel Baptista, a viagem á Italia é referida a 1727, quando Sanches contava não 26 annos mas 28: «Determinei viajar pela Italia, o que fiz no anno de 1727 e depois por França, Inglaterra e Hollanda».

Como se não bastassem estas incertezas de datas, na terceira carta a Sampaio Valladares não se faz menção desta digressão á Italia, parecendo que o illustre medico seguiu directamente de Portugal para Londres. Depois de narrar ao seu amigo que partiu de Lisboa sem se despedir de ninguem a não ser de Diogo Nunes Ribeiro, como narramos, continua: «Cheguei a Londres e por peccados meus e por miseria minha me circumcidei.»

A confirmar o testemunho de Sanches de que em 1727 residia em Londres, temos um documento valioso na apresentação ao Santo Officio de seu primo Diogo Nunes, em 7 de setembro de 1729.

Disse elle que haveria dois annos pouco mais ou menos estivera em Londres e ahi em casa de Diogo Nunes Ribeiro, o tio e desvelado protector do nosso biographado. Para alli se tinha transferido com a sua familia, composta de mulher e cinco filhos, três varões e duas femeas, sendo uma destas casada com um mercador, Rodrigo Soares. Professavam publicamente a lei de Moysés e frequentavam a synagoga, onde o denunciante os acompanhou durante dois annos.

---

[1] *Journal* de Sanches — Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. IV, pag. 195 v.

Por conselho de Diogo Nunes Ribeiro, o primo submetteu-se á circumcisão, que se realizou com a solemnidade que os judeus punham nesta ceremonia.

De Antonio Ribeiro Sanches disse que elle professava igualmente o judaismo e residia em Londres.

Naquella cidade se encontrava, além de Diogo Nunes Ribeiro, sua irmã Clara Henriques, agora viuva com dois filhos cujos nomes não são indicados. Tambem se encontrava lá um primo delle, irmão de Diogo Nunes, Sebastião Nunes, que fôra negociante no Brasil.

As declarações de Diogo Nunes foram confirmadas por Simão Lopes, que se apresentou voluntariamente na Inquisição de Lisboa em 10 de março de 1730. Em 1729 estivera em Londres em casa de Diogo Nunes Ribeiro, com a mulher e cinco filhos que se chamavam André Nunes Ribeiro, José Nunes Ribeiro, Rodrigo Lopes, Isabel da Veiga Caetana e Maria Caetana, todos solteiros, á excepção de Isabel, casada com Rodrigo Soares. Todos praticavam o judaismo, frequentavam a synagoga, e procuravam persuadil-o a que se circumcidasse, ao que elle não assentiu. ([1])

Vê-se portanto que Diogo Nunes Ribeiro em breve se tinha ido reunir ao sobrinho.

Remettendo a Sampaio Valladares em 1735 uma summula do seu manuscripto sobre os christãos novos, dizia-lhe Ribeiro Sanches que quem lhe tinha dado os materiaes para o seu trabalho tinha sido seu tio em Londres e depois uns sessenta judeus com quem alli fallara que todos tinham passado pela Inquisição.

E porque não tornaremos a encontrar no nosso caminho o tio de Sanches, diz-nos este na carta a que fazemos referencia que ao tempo (1735) estava na Virginia. Perdemos-lhe depois a pista.

A' sombra do tio e dos seus novos correligionarios que lhe communicavam os elementos para o seu trabalho

([1]) Processo n.º 7299 da Inquisição de Lisboa. V. Documento n.º 16.

sobre os christãos novos, passaria uma existencia de privações e miseria. ([1])

Não é crivel que alcançasse clinica remuneradora, não só porque a colonia portugueza era pequena mas ainda porque, além d'isso, tinha pelo menos dois medicos, o tio e Castro Sarmento. Escassos recursos lhe viriam da leccionação de historia e latim a um rapaz, pertencente á familia de Simão Peres Solis, que fôra queimado em Lisboa cem annos antes, como auctor do roubo do sacrario da Egreja de Santa Engracia. ([2])

O objecto das conversações com os seus correligionarios não podia deixar de ser a organização do famoso tribunal que tanto os opprimia e vexava. E' de notar que os judeus, verberando o processo d'instrucção e condemnando a lei iniqua e barbara que o creara, se mostravam gratos aos inquisidores cuja humanidade louvavam. Sem essa benignidade, nenhum dos christãos novos escaparia á fogueira. Bemdiziam outros a Inquisição porque lhes prestava um serviço valioso. A não ser a reacção que as suas perseguições determinavam diziam elles que não haveria judeus em Portugal e Castella e assim se perderiam muitas almas.

Uns aos outros contavam os transes porque haviam passado, os perigos que tinham corrido, os infortunios que os havia affligido. Um ao outro, de animo mais jovial, esmaltava a conversa de anecdotas que mais ou menos moviam a riso. Sanches recolheu uma que merece exhumar-se:

([1]) 3.ª carta a Sampaio Valladares, de 15 de julho de 1735, mss. da Bibliotheca de Evora.

([2]) Idem. Simão Peres Solis foi queimado vivo em 3 de fevereiro de 1631, depois de lhe terem sido cortadas as mãos, como auctor do roubo sacrilego do sacrario da Egreja de Santa Engracia. Solis era christão novo e julga-se que estava innocente do crime que lhe era imputado, sendo victima dos zelos do juiz que o condemnou, o auctor da *Ulysseia*, Gabriel Pereira de Castro. De três irmãs que eram freiras de Santa Clara, duas endoideceram no proprio dia do supplicio. Um irmão padre renegou e fugiu para a Hollanda, onde viveu e casou. (V. *O desacato da Egreja de Santa Engracia e as insignias dos Escravos do Santissimo Sacramento, no Archeologo Portuguez*, X, pag. 224).

Reproducção de uma lithographia
pertencente á Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

RIBEIRO SANCHES — pag. 74.

«Agora lhe quero contar outra historia bem graciosa que me contou um judeu em Londres.

Este sahiu confesso no Auto de fé de Lisboa e como é costume que entretanto que estão nas escolas que vão todos os domingos a S. Christovão a aprender a doutrina christã, este judeu foi tambem: tinha-se acabado a missa conventual, mas o povo não queria sahir da Igreja por ver os judeus e judias com os sambenitos. Estes que estavam rabiando de fome não podiam sahir, pela multidão que impedia a passagem pela Egreja. Entonces este judeu tira o seu sambenito e o traça no braço direito, e avançando-se para o cruzeiro com o braço adonde tinha o sambenito estendido começa a meneal-o dizendo de voz entoada: apartem, senhores, apartem, senhores, e deste modo continuava: tanto que o povo via que o sambenito lhe vinha perto arredava-se de tal modo, que a tombos uns cahiam sobre os outros; deste modo se faziam bem largo o caminho por donde passaram os mais judeus com o seu capitão bem desaforado; elle me contava esta historia com tanta graça, que ainda agora rio do atrevimento e do medo que tem todos ainda da sombra de um sambenito.» ([1])

Para quem tinha tanta curiosidade de saber, offerecia Londres recursos que Sanches nunca tivera á sua disposição. Diz-nos elle que frequentou as suas escolas e hospitaes ([2]), accrescentando Andry que durante dois annos se entregou ao estudo, pensando em estabelecer residencia na capital da Gran-Bretanha, mas abandonando o projecto por causa de uma doença grave que attribuiu ao clima daquella cidade. Vicq d'Azyr diz que elle seguiu as licções de anatomia de Douglas, que Sanches apresentava como um dos raros medicos que exercia a cirurgia. ([3])

Finalmente, Barbosa Machado affirma que elle estudou mathematicas com Jacob Stirling. ([4])

([1]) Carta ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares, de S. Petersburgo, 15 de julho de 1735 — Mss. da Bibliotheca de Evora.

([2]) Carta ao Dr. Joaquim Pedro d'Abreu, já citada.

([3]) *Apontamentos para estabelecer-se um tribunal e collegio de medicina*, mss. da Escola de medicina de Paris.

([4]) James Stirling, nascido pelo fim do seculo XVII e fallecido por 1766, é conhecido principalmente pelo seu *Methodus differentialis* seu *De sommatione et interpolatione seriarum* (1730). Antes publicara com o titulo de *Lineæ tertii ordinis Neutonianæ* sive *Illustratio tractatus D. Neutoni de enumeratione linearum tertii ordinis* um notavel commentario sobre o resumo que Newton deixara dos seus estudos sobre a geometria mixta.

Que pelo menos Ribeiro Sanches conhecia os methodos de ensino das mathematicas na Inglaterra, prova-o a seguinte passagem:

«Varios são os tratados de Arithmetica, Geometria e Algebra que se tem escripto nos nossos tempos, e em varias linguas. Os inglezes preferem o original de Euclides traduzido em latim por se achar neste auctor o mais excellente modo de demonstrar.» ([1])

Estava ao par dos progressos que a physica, a chimica e as sciencias naturaes haviam feito naquelle paiz.

Da physica dizia:

«Assim que o lente de medicina que ensinar e explicar estes aphorismos supprirá estes defeitos como Boerhaave os sabia compensar: sabendo a lingua ingleza, lingua hoje tão necessaria para saber a Physica e a Medicina, poderá dos livros que estão escriptos nella destas sciencias tirar estes soccorros muito melhor que dos commentarios de Van Swieten defeituosos nestas particularidades: sem conhecer as *transacções philosophicas*, os *Actos de medicina* de Edimburgo, as obras de Huxham, Pringle e Lewis, e outros muitos, ou discipulos de Boerhaave ou que illustraram a sua doutrina, não será possivel satisfazer a obrigação de Lente de Medicina dos Aphorismos de Boerhaave.» ([2])

Admirava sobretudo Sanches o ensino pratico que em Inglaterra se fazia da physica. Nunca por descripções e estampas pudera fazer ideia exacta da machina pneumatica:

«Sahi fóra de Portugal e com uma vista de olhos pela primeira vez que vi a *Pompa* de Boyle em Londres me capacitei o que não pude alcançar por todas as descripções, nem figuras nem explicações.» ([3])

Pelo que respeitava á chimica entendia que em nenhuma parte se podia aprender a não ser na Inglaterra, para onde desejava que fossem mandados alumnos portuguezes a estudal-a. ([4])

([1]) *Methodo para aprender a medicina*, pag. 18.

([2]) Op. cit., pag. 96 e 97.

([3]) Carta ao Dr. Joaquim Pedro de Abreu, já citada.

([4]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 59 e 62. — *Peculio de varias receitas*, mss. da Bibliotheca nacional, fol. 44.

O mesmo pensava a respeito da pharmacia chimica. Quanto ao exercicio simultaneo da medicina e da pharmacia que vira em Inglaterra, tantas vantagens lhe encontrava que desejaria transportar analoga organização para Portugal:

«Em Londres é cousa tão commum e tão ordinaria que os boticarios são os maiores praticantes de medicina que nenhum estrangeiro que assistiu naquella cidade alguns mezes duvida desta inveterada pratica: Elles são os que curam as enfermidades, os que consultam os medicos famosos pelas queixas dos seus doentes e elles mesmos são que lhes vendem os remedios das suas boticas. Se pensarmos que temos menos consciencia e humanidade do que os inglezes, não quero, nem quererei jamais insistir neste ponto.» ([1])

A respeito da historia natural, Ribeiro Sanches conhecia a valiosa collecção de Hans Sloane, o successor de Newton na presidencia da Sociedade real, collecção que legada á nação ingleza concorreu para a formação do Museu britanico:

«Em Londres, por ordem do Estado, se vê estabelecido o gabinete que foi de Sir Hans Sloane.» ([2])

Pouco mais se encontra em materia de notas pessoaes a respeito da Inglaterra na obra de Sanches. Teve ensejo de vêr um estabelecimento publico de banhos turcos. ([3])
Assignala a frequencia do spleen nos inglezes:

«E' certo que na Inglaterra esta doença (a hypochondria) é muito commum e que até hoje se não encontrou remedio para ella.» ([4])

Sanches conservou sempre em grande veneração a sciencia ingleza. No seu *Tratado da conservação da saude dos povos*, a cada passo está lembrando os seus grandes

([1]) *Apontamentos para estabelecer-se um tribunal e collegio de medicina*, mss. da Escola de Medicina de Paris, VIII vol.

([2]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 97.

([3]) *Memoires de la Société royale de médecine*, 1782, pag. 240.

([4]) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 270.

hygienistas; na parte cirurgica de um dos seus manuscriptos está constantemente fazendo referencias a Hunter e Sharp, e confessa que a leitura dos livros inglezes lhe era muito familiar.

Muito concorria para este apreço o facto de que as doutrinas de Boerhaave em parte alguma eram ensinadas com tanta pericia como em Edimburgo, que por esse motivo eleva á situação de um dos primeiros centros de instrucção medica da Europa:

> «A doutrina de Boerhaave... só se conserva hoje na Universidade de Leyde e de Edimburgo»,

escreve Sanches, e em outra passagem:

> «Ahi verão de que modo este grande homem (Boerhaave) ensinava a pratica no hospital de Leyde deante dos enfermos, e como este ensino não foi imitado pela maior parte das Universidades, exceptuando a de Edimburgo e de algum modo a de Bolonia.» ([1])

Nos dois annos que o nosso medico passou em Londres deve elle ter-se relacionado com Jacob de Castro Sarmento que, desde 1721, se tinha fixado na capital da Gran-Bretanha. ([1]) Bastava a circumstancia de serem ambos de origem judaica para os aproximar, se não houvesse a irmanal-os o mesmo zelo no estudo e o mesmo culto scientifico. Sarmento estava longe de adquirir uma situação, não diremos brilhante, mas pelo menos desafogada. Já publicara a sua *Dissertation on the methods of inoculation* no mesmo anno da sua chegada e desde 1725 era membro do Collegio real dos medicos, mas a sua actividade era ao tempo mais religiosa do que scientifica, estando publicadas quando

---

([1]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 43.

([2]) Outros dizem em 1720. Nós baseamo'-nos nas palavras do proprio Castro Sarmento no *Appendice ao que se acha escripto na Materia medica sobre a natureza das aguas das Caldas da Rainha:* Eu posso assegurar a v. m. que em trinta e dois annos de pratica em Londres... Isto era escripto em 1753.

Reducção de uma gravura
pertencente á Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

Sanches o conheceu duas das suas orações na synagoga que nunca pudemos vêr. ([1])

Acaso seria Castro Sarmento o letrado cujo conhecimento da Inquisição Sanches lembrava como egualando o de seu tio Nunes Ribeiro? ([2])

Todavia, as relações dos dois medicos só se estreitaram muitos annos depois. O mesmo motivo que concorreu para os aproximar devia determinar o seu afastamento. Embora Sarmento houvesse sido mais tarde accusado pelos judeus de agente dos christãos novos de Beja, tudo nos leva a crêr que foi sinceramente devotado ao judaismo. Com Sanches não se deu o mesmo. Ao enthusiasmo com que o abraçara, succedeu a breve trecho a duvida e a vergonha de ter tomado uma resolução mais de impulso que de reflexão. Elle o diz a Sampaio Valladares na carta que tantas vezes temos citado.

Depois de ter narrado a sua circumcisão, accrescenta:

«Passado quasi um anno com muita miseria, porque tinha vergonha, comecei a conhecer alguns defeitos da lei que professava, já não podia soffrer os judeus, com aquelle humor e costumes barbaros misturados com os do Norte; quanto mais vivia, mais aprendia a conhecer as faltas que commettiam os judeus: umas vezes me arrependia, outras me imaginava que seguindo o que dizia a Biblia e rejeitando o Talmud que me podia salvar, outras enfurecido fallava e imaginava como deista. Emfim, doido dos pensamentos da salvação e condemnação, sahi de Londres.» ([3])

Em 1728, segundo nos informa Andry, o nosso illustre medico visitou a Universidade de Montpellier, que menciona como uma daquellas onde estudou. ([4]) Accres-

---

([1]) Kayserling — *Bibliotheca española portugueza judaica* — Strasbourg, 1890, pag. 37.

([2]) Meu tio primeiro me começou a dizer o que era a Inquisição e sabia esta materia de tal modo que só conheci um letrado em Londres que o egualasse. (Carta ao Dr. Manuel Pacheco Valladares, de S. Petersburgo a 15 de julho de 1735. Mss. da Bibliotheca de Evora).

([3]) Carta ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares, de S. Petersburgo, 15 de julho de 1735 — Mss. da Bibliotheca de Evora.

([4]) Carta ao Dr. Joaquim Pedro d'Abreu, de 26 de março de 1760 — Mss. da Bibliotheca da Escola de medicina de Paris.

centa Vicq d'Azyr que tambem por essa epocha esteve em Paris. Demorou-se, porém, em Marselha, onde travou relações com o famoso Bertrand, que gosava da consideração e estima a que lhe dava direito o heroismo e dedicação com que tratara da peste em 1720 e 1721.

João Baptista Bertrand nasceu em Martigues a 12 de julho de 1670 e falleceu em 10 de setembro de 1752. Estudou em Montpellier e exerceu clinica na sua terra natal, fixando-se pouco depois em Marselha. Já se assignalara em 1709 por occasião de uma febre contagiosa que alli se desenvolveu e em que supportou todo o peso do tratamento dos doentes do Hotel-Dieu, visto que os outros collegas haviam fugido. Quando em 1720 a peste se desenvolveu naquella cidade, em meio de uma população allucinada pelo terror e pela falta de recursos de toda a ordem, o seu zelo contrastou com a covardia de muitos. Quasi toda a sua familia morreu, mas elle escapou ao flagello. [1]

Deste encontro com Bertrand, que teve uma influencia decisiva na vida de Sanches, temos lembrança nas suas obras:

«Em 1728, diz elle, frequentei por varias vezes Bertrand que tinha sido medico da cidade de Marselha para tratar os doentes da peste em 1720 a 1721. Delle soube algumas particularidades que se não lèem nos auctores que escreveram a respeito desta doença. Perguntei-lhe a causa e a origem da peste que elle tinha visto e pela qual tinha sido atacado por três vezes, terminando a ultima por um bubão tão feliz que lhe conservava uma velhice alegre e vigorosa. Disse-me que tinha havido, por occasião do seu apparecimento, differentes relatorios e impressos, em que se affirmava que ella tinha sido transportada de Alexandria e que ao abrirem-se uns fardos de algodão alguns guardas da alfandega tinham caído mortos; mas que estes boatos depois de terem sido examinados se tinham achado falsos; que esta peste tivera a sua origem em Marselha e se tinha communicado a algumas povoações visinhas; e que pela historia da mesma cidade soubera que tinha sido assolada por ella

---

[1] *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales* de A. Dechambre — 2.a serie, t. IX, pag. 183. — *La Grande encyclopedie*, vol. VI.

perto de vinte a vinte e três vezes differentes; ([1]) que não encontrava o menor fundamento á opinião vulgar de que ella tinha vindo de Alexandria.

«Disse-me ainda que em 1724 lhe tinham escripto de Lisboa, por ordem da côrte, que havia nesta cidade uma doença epidemica que era segundo a relação a verdadeira peste... e perguntavam-lhe se ella havia sido transportada de Marselha e se os symptomas eram os mesmos que os que se mostravam na de Lisboa. Respondeu que a causa desta não era o contagio da de Marselha, principalmente porque os symptomas mais graves eram totalmente differentes da doença de Lisboa. Como este respeitavel medico, homem muito instruido, foi o primeiro que me excitou a ir ouvir o grande Boerhaave, mostrando-me um dia os seus aphorismos e aconselhando-me insistentemente que fosse aprender esta doutrina, respeito a sua memoria com o mais vivo reconhecimento.» ([2])

Outra referencia encontramos a Bertrand que merece desenterrar-se:

«Contou-me Mr. Bertrand, medico da peste emquanto durou em Marselha no anno de 1720 e 1721, no anno de 1728, que o signal mais horrendo e mortal que observara nos empestados que viu por anno e meio que tanto durou era este estillicidio de sangue que acabava com a vida.» ([3])

Esta residencia em Marselha que Vicq d'Azyr dá a entender que não foi curta, visto que permittiu a Sanches percorrer os logares onde o flagello tinha causado estragos, onde se haviam amontoado os cadaveres, os hospicios, os lazaretos, e que se não póde pôr em duvida, visto que Sanches por duas vezes a affirma, é singular que o medico portuguez a não mencione na carta a Sampaio Valladares em que pelo contrario nos falla da sua estada em Bordeus, com abundancia de pormenores totalmente desconhecidos de Andry que aliás deve ter colhido os ele-

([1]) A *Relation historique de la peste de Marseille em 1720*, par M. Bertrand, Nouvelle edition, Amsterdam et Marseille chez Jean Mossy 1779, affirma que a peste por 20 vezes invadiu aquella cidade.

([2]) *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* — Leyde, 1778, pag. 151.

([3]) *Peculio de varias recitas*, fl. 92.

mentos para a sua biographia em conversas com Ribeiro Sanches e esteve de posse de todos os seus manuscriptos.

Seja como fôr, affirma o illustre medico que chegou a Bordeus levando comsigo o irmão e encontrou algum auxilio na familia do seu antigo discipulo de latim e historia, nesses descendentes de Simão Peres Solis, a respeito dos quaes nada conseguimos saber. Ahi se demorou algum tempo e resolveu-se a transferir-se a Leorne «para vêr se tinha alguma conveniencia pela medicina». Consideravam-n'o judeu d'origem ingleza. Por essa occasião visitou a Universidade de Pisa, a respeito da qual poucas informações deixou. ([1]) Já a pag. 32 citamos um trecho em que falla no regimen das matriculas ahi adoptado; ([2]) e quando lembra as cinco universidades que frequentou ([3]) é com certeza Pisa uma das que recorda.

Ahi conheceu o P.^e João Alberto de Soria, lente de philosophia, que depois voltou a encontrar em Leorne. Grande papel teve este homem na reconversão de Sanches, embora as suas crenças judaicas estivessem já muito abaladas. Dos homens que conheceu, reputava-o elle o mais illustre de todos. A elle deveu «com o auxilio divino o claro entendimento de que goso de minhas opiniões.» ([4])

Ouçamos agora Ribeiro Sanches a respeito das relações que manteve com o professor de Pisa:

«Como amava as mathematicas e eu sabia dellas alguma cousa começamos a ter amizade; elle era agradavel por extremo e egualmente douto fallou-me de religião e pelo que eu lhe respondia me disse que eu ou era nascido christão ou que aprendera com christão. Tudo eu lhe negava. Dizia-me que os judeus que não se sabiam defender assim e que eu sabia cousas que elles não podiam saber.

([1]) Na carta ao Dr. Joaquim Pedro de Abreu, de 26 de março de 1760, depois de ter feito referencia ás universidades de Coimbra e Salamanca, escreve: «o que aprendi. . . nas universidades de Pisa, Montpellier e Leyde». (Mss. da Escola de medicina de Paris, VIII vol.).

([2]) *Methodo para aprender a estudar a medicina*, pag. 160.

([3]) *Plano de reforma do ensino medico portuguez no seculo* XVIII, nos *Archivos de historia da medicina*, VI, pag. 55.

([4]) Carta ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares, de Moscovia 18 de janeiro de 1733 — Mss. da Bibliotheca de Evora.

Emfim, depois de muitas disputas sem odio nem gritos, depois de ver e ler muitos textos comecei a titubear e por fim a Deus graças a deixar a antiga crença.» (¹)

Em Leorne teve egualmente commercio com um diplomata, João de Almeida que, vendo-o sem auxilio, generosamente o quiz proteger para que passasse a Roma. Ouçamos ainda o nosso medico:

«Neste tempo se achava em Leorne o snr. João de Almeida, cavalleiro do habito de Christo e secretario de embaixada que tinha sido em Roma. Este estava enfermo de uma fistula na barriga ou no ventre. Mandou chamar por um judeu: tanto que fallou commigo me começou a querer bem, e logo me conheceu por portuguez; por fim me descobri com elle e me prometteu que elle não era homem que me delatasse á Inquisição. Era um bello homem agradavel e capaz, por muitas conversações que teve commigo me conheceu que eu não era judeu, mais que por exterior, e me promette favor, assistencia, dinheiro, recommendação de passar a Roma. Bem queria eu, mas lembrava-me meu Irmão que estava em Bordeus em uma casa judaica como filho, o qual não mandariam jámais e por um caminho de mais de 250 leguas, eu sabia que eu tinha sido a causa da sua perdição, emfim me resolvi logo de passar a Bordeus, não dizendo cousa alguma a pessoa, nem me despedir do snr. João de Almeida e a ninguem declarei o meu intento.» (²)

Chegou Sanches a Bordeus «com muitas penas, trabalhos e fadigas» no inverno de 1729. Se ainda por conveniencia não voltara ostensivamente á fé christã, em sua consciencia abraçara-a. Ao embarcar em Genova, com o receio que lhe inspirava a viagem, confessara-se a um frade dominico, homem douto, a quem narrara as suas tribulações, mas não se atrevera a commungar.

Encontrou-se em Bordeus com o irmão, a quem patenteou o estado do seu espirito. Não foi preciso muito para que elle egualmente abjurasse o judaismo. Se, porém, o novo culto lhes dava tranquillidade de consciencia, não lhes dava recursos de que estavam absolutamente careci-

(¹) Carta ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares, de S. Petersburgo, 15 de julho de 1735.
(²) Idem, idem.

dos. A situação devia ser realmente afflictiva, para que Sanches se dispuzesse a regressar á patria, onde a sorte que o esperava não podia deixar de inspirar-lhe justificados receios.

Elle via bem a situação quando escrevia ao seu amigo Valladares:

«Esta é a minha confissão que faz parte da minha vida sem mais artificio que aquelle que me dá a memoria. Comtudo se eu fosse a Portugal esta confissão não bastava deante dos inquisidores, era necessario que declarasse todas as testemunhas que tivessem fallado em mim e póde ser que terão fallado mais de 50 depois que sahi de Portugal; de outro modo sahiria a morrer queimado por negativo: e posso aqui jurar que exceptuando com meu tio. e uma sua cunhada e um medico (mas mui poucas palavras e de pouca consciencia, porque só fallamos se se devia guardar o sabbado ou não ou o domingo, etc.), que não fallei mais de judaismo: tudo isto detesto: e nem quero que aquelles argumentos me passem pela memoria.» ([1])

Mas nem a este perigo de morrer queimado se podia aventurar! Não tinha dinheiro nem para partir a pé; ninguem lh'o queria dar para se fazer christão entre os judeus e «os francezes não são amigos de fazer estas caridades».

Em noite de tal sorte escura surgiu de subito um clarão de bonança. Veiu-lhe auxilio da familia do seu antigo discipulo de Londres. Resolveu ella que o rapaz fôsse estudar medicina a Leyde e que Sanches o acompanhasse. Era não só assegurar-lhe a existencia por algum tempo, mas satisfazer-lhe o desejo de ouvir o grande mestre que enchia toda a Europa com o seu nome. O irmão voltaria para Londres ondé ficaria amparado pelos parentes. Partiram ambos para Inglaterra, onde esta combinação encontrou difficuldades. Por fim, Sanches conseguiu que o irmão fôsse para Paris estudar cirurgia «por favor e outras razões mais» e elle seguiu com o discipulo para Leyde. ([2])

([1]) Idem, idem.
([2]) Idem, idem.

O original pertence á Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

CAPITULO V

Sanches em Leyde — Os seus professores: Burmann, Albinus, Gaubius, Van Swieten e Boerhaave — Apreciação de Boerhaave atravez das obras de Sanches — Partida para a Russia.

A chegada de Sanches a Leyde teve logar nos principios de 1730. Elle mesmo nos fixa os seus estudos com Boerhaave nos annos de 1730 e 1731. [1] Andry diz que o medico portuguez se demorou alli três annos, o que não é exacto e briga com as suas affirmações. Em Leyde vivia elle, não como judeu, mas tambem sem ir publicamente á missa, receioso de que os judeus que o sustentavam a elle e ao seu antigo discipulo lhe negassem recursos. Mas ao nosso ministro na Haya, D. Luiz da Cunha, que ía visitar com frequencia, confidenciara a sua abjuração do judaismo. Alli mesmo, não entrava na capella do ministro, por temer que um medico hebreu que estava ao seu serviço o denunciasse aos seus correligionarios que o protegiam. [2]

Sanches conservou sempre de Leyde a impressão de que era a mais proficua de todas as universidades:

«Eu de cinco que vi e frequentei não achei outra mais solitaria, nem mais apropriada para empregar o tempo com fructo do que

(1) Carta a J. de Castro Sarmento, de 11 de novembro de 1752, já citada.

(2) Carta a Sampaio Valladares, de S. Petersburgo, 15 de julho de 1735.

a de Leyde em Hollanda. Alli não ha divertimento publico, nenhuma dissipação; suspiram os Estudantes pelos dias lectivos, porque aquelles das ferias são insupportaveis pela solidão dos condiscipulos. empregados nos seus estudos; e resulta do governo e constituição desta Universidade que mais aproveita nella um estudante em três annos, do que em outras mais populosas em seis.» ([1])

A Universidade hollandeza offerecia então aos sabios da Europa, como muito bem diz o amigo de Sanches, um espectaculo semelhante ao que outr'ora Athenas e as cidades mais celebres da Grecia deram ás nações.

Haviam-se alli reunido os homens mais illustres nas sciencias que chamavam áquella cidade um concurso numeroso de discipulos, capazes de irem espalhar pelo mundo inteiro os conhecimentos que haviam adquirido.

Burmann ensinava humanidades, Albinus a anatomia, Gaubius a chimica, Van Swieten a pharmacia e Boerhaave a medicina.

Nas obras de Sanches encontram-se muitas referencias a Burmann, mas em parte alguma a affirmação de que fôsse discipulo d'elle. Andry narra todavia que nos ultimos tempos de vida, o medico portuguez relia as obras daquelle humanista, *seu mestre.* ([2])

Sanches refere-se a Albinus varias vezes, mas apenas encontramos uma passagem em que affirma que o teve por mestre.

E' em uma das cartas ao Dr. Sampaio Valladares, em que escreve: «e eu em dois annos que estive em Leyde,

---

([1]) *Plano de reforma do ensino medico portuguez no seculo XVIII* — nos *Archivos de historia da medicina*, VI — pag. 55.

([2]) Pedro Burmann Senior, para o distinguir de seu sobrinho do mesmo nome, nasceu em Utrecht em 6 de julho de 1668 e falleceu em Leyde a 31 de março de 1741. Foi professor de historia em Utrecht e depois titular da cadeira d'eloquencia em Leyde. Publicou grande numero de edições de classicos latinos, assim como dissertações relativas a elles. Discipulo de Grævius, exerceu durante muito tempo uma grande influencia como chefe de uma escola de latinistas que os criticos modernos julgam com alguma severidade.

Reproducção do retrato que acompanha
a *Explicatio tabularum anatomicarum Bartholomaei Eustachii*, Leidae
apud Joannem & Hermannum Verbeck 1761.

RIBEIRO SANCHES — pag. 86.

aprendi mais com dois professores Boerhaave e Albinus do que aprendi depois de 20 annos.» ([1])

Gaubius, em uma carta de Leyde a 25 de novembro de 1777, chama-lhe um dos seus melhores amigos e accrescenta: «J'ai été etonné de vous voir la même vivacité que dans la jeunesse, lorsque nous etions ensemble.» ([2])

Sanches escreve-lhe: «depuis quarante et un ans je vous ai veneré avec le respect que j'ai conservé pour mes maîtres». ([3])

A respeito de Van Swieten diz Sanches:

«Gerardo Van Swieten hoje Physico-Mór de Suas Magestades imperiaes se deve glorificar que elle foi o que neste seculo resuscitou a pharmacia e que mostrou a necessidade que tinham todos os medicos serem boticarios perfeitos. No mesmo tempo que ouvia as licções de Boerhaave assistia em uma botica em Leyde; alli aprendeu esta arte com superioridade, porque ao mesmo tempo ía ouvir as licções da chimica e da medicina. Formou-se e com permissão que Boerhaave lhe alcançou do senado academico ensinava em sua casa (não como lente) a materia medica e a pharmacia, *a quem ouvi algumas licções nos annos 1730 e 1731.*» ([4])

([1]) Nada menos de quatro Albinus regista a historia da medicina. O professor de Sanches foi o mais distincto de todos: Bernardo Siegfried, nascido em Francfort sobre o Oder em 24 de fevereiro de 1697 e fallecido em 9 de setembro de 1770. Foi um dos maiores anatomicos do mundo. Começou a ensinar em Leyde em 1720. A sua obra *Tabulæ sceleti et musculorum corporis humani* (Leyde 1747) passa por ser uma das obras primas da anatomia. Mas não foi a unica que deixou.

([2]) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. VIII.

([3]) Mss. de Ribeiro Sanches na Bibliotheca da Escola de medicina de Paris — *Mon Journal.* Isto era escripto em 11 de março de 1772.

Gaubius ou melhor Jeronymo David Gaub foi uma das illustrações medicas do seculo XVIII. Nasceu em Heidelberg, a 24 de fevereiro de 1705 e falleceu a 27 de setembro de 1780. Começou a estudar medicina na sua terra natal, depois em Harderwick e por ultimo em Leyde. Foi o successor de Boerhaave na cadeira de chimica e por morte deste foi durante 40 annos o digno continuador do seu mestre. Três obras sobretudo estabeleceram a sua reputação: o *Libellus de methodo concinnandi formulas medicamentorum* em que simplificava as formulas usadas ao tempo; as *Institutiones pathologiæ medicinalis*, tratado de pathologia geral que marcou epocha e os *Adversaria*, collecção de observações.

([4]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 100.

Van Swieten, nos seus *Commentarii in Hermanni Boerhaave Aphorismos de cognoscendis et curandis morbis,* escreve a respeito do medico portuguez: "*Literas accepi ab eruditissimo viro, quem magni semper feci et facio, Ribeiro Sanches, Russorum Imperatricis tunc Archiatro.*„ (1)

Em relação a Boerhaave, raro a gratidão de um discipulo se pôde traduzir de maneira mais commovente. Nunca deixa de o nomear *o grande* Boerhaave, não cessa de celebrar as excellencias do seu ensino, não omitte particularidade alguma que possa dar relevo á sua physionomia de medico e professor.

O que vae lêr-se é uma reconstituição do illustre medico atravez das obras de Sanches.

Seria facilima tarefa confrontar o que o medico portuguez escreveu com as biographias mais auctorizadas do professor de Leyde. De proposito o não fazemos para conservar todo o sabor ás recordações do seu gratissimo discipulo.

O nosso trabalho limita-se a serzir passagens dos seus livros todos impressas de respeito e admiração.

Ribeiro Sanches julgava-se mais competente do que qualquer outro para apreciar os meritos do eminente medico. Os seus discipulos, como Van Swieten, Haller, Schreiber e tantos outros, que não tinham ouvido outros professores, difficilmente podiam avalial-o. Mas quem estivera

---

(1) Venetiis MDCCLXXII, Typis Jo: Baptistæ Pasquali — v, pag. 436 e 437.

Van Swieten é com certeza o mais conhecido dos mestres de Sanches, depois de Boerhaave, de quem foi um dos discipulos mais celebres. Nasceu em Leyde em 7 de maio de 1700 e falleceu em Schoenbrunn, em 18 de junho de 1772. Estudou humanidades na sua terra natal, philosophia em Lovania, e a medicina em Leyde onde se formou em 1725. Ainda estudou por muito tempo antes de se consagrar á pratica. Maria Theresa convidou-o a ir para Vienna na qualidade de primeiro medico, e elle acceitou o cargo em 1745, accumulando-o com o de presidente perpetuo da Faculdade de medicina daquella cidade, o de director do serviço medico dos exercitos e o de inspector da bibliotheca imperial. A imperatriz nomeou-o barão e commendador da ordem de S.to Estevão, e chorou a sua morte. As suas obras mais importantes são os *Commentarios sobre os Aphorismos de Boerhaave* e a *Descripção das doenças dos exercitos.*

O original pertence ao meu presado collega Pires de Lima.

RIBEIRO SANCHES — pag. 88.

em outras universidades, quem já praticara a medicina, quem lêra com applicação os medicos mais notaveis, quem apesar d'isso se via sempre tenteando ás escuras para conhecer ou curar uma doença, esse é que bem podia admirar a doutrina de Boerhaave. ([1])

Ouçamol-o agora:

«Logo que os Curadores, ou Governadores da Universidade de Leyde o elegeram por leitor no anno 1701 ou 1702, começou no auditorio publico a ensinar no anno 1703, a 26 do mez de outubro a Historia de medicina com este titulo *De sectis medicorum*. E porque nenhum auctor da sua vida fez menção destas leituras me é forçoso dizer aqui que as possuo e que as mandei copiar do original que seu sobrinho Jacob Kaau Boerhaave me emprestou em S. Petersburgo.

No prefacio destas licções diz Boerhaave que este ensino não estava introduzido nas universidades, mas que ponderando a sua utilidade e necessidade, ponderando que era necessario a cada estudante ter escolha nos livros que havia de ler para não perder o tempo em leituras ou superfluas ou erradas, que se determinava ensinar a Historia das seitas dos medicos para advertir os seus discipulos que evitassem os erros que indicaria, como tambem os auctores que deviam ler. Não é este o logar de dar aqui um resumo destas licções que compõem materia de um mediocre volume; bastará que indique as materias . . .

Tratou Boerhaave da seita daquelles medicos que fundaram a medicina na Astronomia e na Astrologia, que refutou como errada; como tambem as razões em que se fundaram Claudius Ptolomeus, Julius Firmicus, Hieronimus Cardanus, Tycho Brahe, Paracelsus, Helmontius, Lucius Gauricus de Genetaliciis.

Tratou da seita dos medicos physiognomistas: egualmente refutou a sua doutrina que é a de João Baptista Porta, Paracelsus, Crollius, Helvetius. Approvou e defendeu a verdadeira dos signaes ou diagnostica de Hippocrates, Aurelianus, Galenus e de Prosper Alpinus.

A terceira seita é dos medicos que reduziram a causa das enfermidades e da virtude dos remedios ás signaturas ou semelhanças que tem na sua conformação com as partes do nosso corpo. Refutou as suas razões e os auctores que as approvaram e seguiram que são Paracelsus, Helmontius, Crollius, Isaac Hollandus, Athanasius Kircher.

A quarta dos medicos magicos e que tiravam daquella phantastica sciencia o que lhes parecia para fundar a medicina; o que refutou egualmente e os auctores que della trataram que são Sere-

([1]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 63 (aliás 91).

nus Samonicus, Marcellus Empiricus, Marcus Cato, Alexander Trallianus, Paracelsus e Helmontius.

A quinta os que fundaram a medicina nos principios aristotelicos, como foram Galeno e todos os medicos arabes.

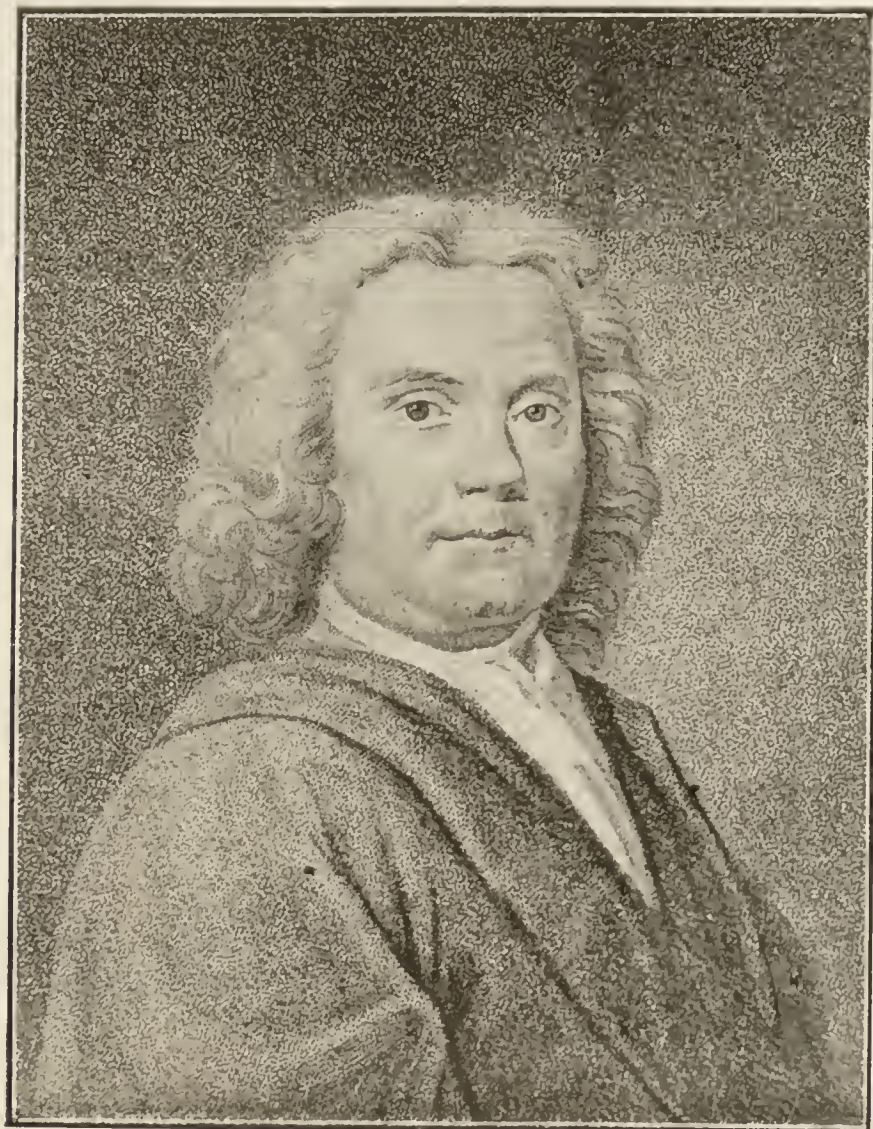
A sexta os que fundaram esta sciencia na chimica, e que infestou mais esta sciencia do que a barbaridade no tempo da extincção da verdadeira philosophia. Infinitos são os auctores que escreveram desta medicina. Os principaes são Paracelso, Helmontius, Sylvius de le Boe, Etmullerus, Turquet Mayerne.» ([1])

Aos primeiros tempos do ensino medico de Boerhaave e até certo ponto em divergencia com algumas noticias da passagem acima transcripta, encontramos uma outra referencia, com alguns traços biographicos:

«Quando Boerhaave contava trinta e dois annos de edade, foi eleito leitor de medicina na Universidade de Leyde e abriu as suas licções por aquella celebre oração *de commendando studio hippocratico* no anno 1702. Estava então a arte medica em toda a Europa na maior confusão: porque cada medico seguia umas vezes a doutrina dos galenicos, outras dos arabes, dos chimicos e dos mechanicos: já a chimica tinha entrado em algumas universidades e servia de philosophia e de materia medica á medicina: em nenhuma dellas se ensinava já a doutrina hippocratica que Fernelio, Hollerio, Dureto e Ballonio tinham resuscitado e introduzido em França. Poucos eram os medicos que seguiram a Sydenham; e Baglivio ainda não era conhecido por auctor. Em toda Allemanha, Hollanda e França com desprezo se nomeavam as obras dos medicos gregos, depois que Paracelso tinha queimado publicamente as obras de Galeno e de Avicena; a mais parte estudava Helmontio, Sylvio de le Boe e Etmulero; e ainda muitos daquelles que não conheciam outros livros que Mercatus, Maroja e Riverio.

Nesta confusão os medicos de toda a Europa no principio deste seculo ou eram simplesmente empiricos ou pyrrhonicos. Como a medicina não estava fundada na verdadeira physica; como não havia livro que contivesse os seus fundamentos fundados nella; como todos constavam de observações espalhadas, explicadas pela philosophia umas vezes escolastica, aristotelica, cartesiana, chimica e mechanica, daqui é que a medicina perdeu a dignidade de sciencia e aquelles que a professaram o nome e o officio de medico.

Começou neste tempo Boerhaave a ensinar a Medicina hippocratica; e ao mesmo tempo destruindo as seitas medicas que a tinham desterrado, como vimos acima; como bom agricultor que arranca primeiro as ervas venenosas e os troncos podres, para semear a boa

([1]) Op. cit., pag. 63 e 64.

HERMANN BOERHAAVE

Grav. de F. W. Bellinger

O original foi adquirido no Ludwig Rosenthal's Antiquariat, de Munich.

e vegetal semente. Não foi sem contradicção: porque a ignorancia arraigada sempre teve fautores: estes acreditados, não pela sciencia, mas pela edade, foram os mais crueis emulos com quem combateu a mocidade de Boerhaave, triumphando daquellas reliquias da velhice com a sciencia e com o methodo, desterrando para as regiões do esquecimento aquella imperiosa ignorancia que exercitavam quasi todos os medicos daquelle tempo.

E para que fiquem persuadidos aquelles que desejam saber com que soccorros principiou a ensinar a medicina, não será fóra deste logar, dizer aqui summariamente o que Boerhaave tinha estudado e de que modo estudou e com que artificio compoz as obras que temos delle.

Destinava-se Boerhaave a ser ministro da egreja calvinista e foi educado por seu pai, homem douto, ministro da mesma seita: elle foi o seu mestre nas linguas doutas e o lente Jacob Gronovius nas humanidades: aprendeu as mathematicas e foi nellas tão superior que na edade de dezasete annos as ensinava particularmente para sustentar-se, tendo ficado orphão. Com um irmão que tinha, doutissimo na chimica, aprendeu com desvelo noite e dia esta sciencia, como complemento da philosophia antiga e moderna que tinha estudado: na edade de 21 annos tinha lido os Santos Padres nas linguas originaes seguindo a chronologia. Neste tempo por um incidente determinou seguir a medicina e deixar de todo a theologia que tinha estudado.

Assim que Boerhaave quando começou a estudar a Medicina sabia as linguas doutas: escrevia na latina com pureza e elegancia, como vemos na sua Chimica: era versadissimo na historia sagrada e profana, nas antiguidades gregas, romanas, hebraicas e egypciacas; foi dotado de tão feliz memoria que *na edade de sessenta e dois annos em que o ouvi*, repetia os versos dos auctores classicos, com tal affluencia e facilidade como se falasse na lingua materna: na historia philosophica e da medicina são bons monumentos as suas obras; *porque lhe ouvi dizer que lera os auctores da medicina começando por Hippocrates*, seguindo a chronologia até o seu tempo: como o grande Newton tinha publicado o seu livro *Elementa Philosophiæ Mathematica* no anno 1687, em 4.º, e sabia as mathematicas, comprehendeu esta philosophia e o methodo em que estava escripto e nesse mesmo, tanto quanto a medicina o permittia, escreveu as suas obras. Os mestres que ouviu na medicina foram Antonio Nuck e Carlos Drelincurtius, dos quaes teve mui poucas licções. Fez collecções da sua leitura na Chimica, na Anatomia, Materia medica e dos auctores de medicina pratica e theorica. Logo que começou a praticar empregou todo o seu tempo em visitar enfermos e estudar: eu conheci ainda pessoas em Leyde que o conheceram naquelle tempo; e esta verdade é para responder áquelles que o acusaram não haver praticado a medicina, nem exercitado a anatomia; quando é certissimo, como elle dizia, que dissecara infinidade de animaes e muitos cadaveres.

Tendo ajuntado as observações da natureza humana enferma

e doente, determinou escrever um compendio de medicina para explical-o dentro de um anno aos seus discipulos, fundado em principios demonstraveis pela Physica e pela Chimica medica. A' imitação de um architecto tendo ajuntado os materiaes pelas regras da geometria, da mechanica e da perspectiva, compõe de muitas partes separadas e differentes em natureza, um todo que é um palacio com *symetria, distribuição e elegancia:* assim Boerhaave das observações espalhadas nos auctores gregos, arabes e latinos que julgou verdadeiras pela critica medica compoz os seus aphorismos, usando do methodo synthetico deduzindo dos principios estabelecidos os effeitos.» ([1])

Desta passagem approximamos outra que traduzimos:

«Emfim, para honra da medicina e felicidade da humanidade, appareceu Herman Boerhaave. Instruido desde a mais tenra mocidade nas linguas sabias e orientaes, na litteratura, na critica e na historia, ensinou mathematicas na edade de dezasete annos; depois, tendo abraçado a medicina, leu durante dez annos todas as obras que tratam desta sciencia, da chimica, da botanica que cultivou ao mesmo tempo e de tudo o que diz respeito ao corpo são e doente: publicou ao cabo deste tempo as suas instituições de medicina; emfim, tendo reunido e digerido todos os seus conhecimentos por vinte annos de estudo e de pratica, como discipulo e mestre, publicou os seus Aphorismos.

E' sabido que antes de Boerhaave a medicina era um montão informe de observações feitas durante dois mil annos sobre o corpo são e doente, mas tão mescladas da physica de Democrito, de Aristoteles, das subtilezas dos arabes, das extravagancias dos chimicos, que appareceram desde o seculo XV, que além da destruição que causava ás nações policiadas, não tinha o menor principio de sciencia; foi então que Boerhaave, segundo o methodo dos geometras, *à minimis ad maxima, à cognitis ad incognita,* creou os seus Aphorismos que serão considerados pela posteridade, como a obra mais util que alguma vez tenha apparecido. Effectivamente, encontra-se nelles tudo quanto ha de certo nas seitas dos medicos, tudo o que se descobriu em chimica, em anatomia, em physiologia, desde Bacon de Verulam. Boerhaave foi o primeiro que lançou os verdadeiros fundamentos da cura das doenças, tanto internas como externas; provou que as leis que a natureza segue para se libertar das doenças da pelle são as mesmas que emprega para curar as doenças internas. Este grande homem dizia muitas vezes aos seus discipulos, nas suas licções particulares, que o seu systema de medicina não estava completo, mas que tudo o que a posteridade encontrasse de novo, verdadeiro e util, se poderia acrescentar aos seus princi-

([1]) Op. cit., pag. 71, 72, 73 e 74.

pios e que, com estes additamentos, se poderia chegar á conclusão da sua obra, onde julgava ter reunido todos os fundamentos da arte de curar.» ([1])

Ao ensino chimico de Boerhaave tambem Sanches se refere com o maior elogio:

«Antes que Boerhaave começasse a ensinar a chimica nenhum auctor tinha escripto della mais do que experiencias e varios modos de tratar os corpos dos reinos vegetal, animal e mineral. Boerhaave fez o mesmo com a chimica que tinha feito com a medicina. De todos aquelles materiaes formou como um architecto um perfeito edificio que é o livro que recommendamos para aprender esta sciencia: bem sei que muitos chimicos principalmente os allemães e os francezes accusam Boerhaave que não tratou da mineralogia e metallurgia com aquella sciencia necessaria. Mas este não foi jámais o seu intento: todo elle se reduziu a tratar da mineralogia que pertence sómente á medicina. Se os mesmos allemães e francezes tratam tão superficialmente da fermentação e da podridão é porque não pensaram jámais ensinar a chimica medica: Boerhaave tratou estas duas operações da natureza e da arte com toda a perfeição, porque dellas necessita summamente a medicina.» ([2])

Sobre as excellencias do seu ensino de physiologia e pathologia encontramos notas muito valiosas. Achava Sanches conveniente que um mesmo professor ensinasse os *Aphorismos* e as *Instituições medicas* do mesmo auctor.

E a esse respeito diz:

«Boerhaave ensinou sempre estas duas obras em duas horas por dia, além de ensinar ao mesmo tempo a botanica, a chimica e as licções publicas que dictava em certos dias no auditorio da Universidade. Mas este grande homem em tudo foi assombro, em forças, em sciencia e no amor do trabalho que é o mesmo da virtude. Mas estes genios são raros e poucos poderão pretender a tanta celebridade.» ([3])

E' tambem interessante o que nos diz a respeito do modo como o illustre professor conseguia despertar e conservar a attenção dos ouvintes:

([1]) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 34 a 36.
([2]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 61.
([3]) Op. cit., pag. 69.

«Não era seca nem desabrida a sua explicação. Sabia suster a attenção dos ouvintes uma vez com um caso pratico de medicina; outras com o dito de um philosopho, com versos de algum poeta; era inimitavel na variedade do tom da voz, que os antigos chamavam *Phonasmus* e que tanto caso faziam delle. Excitava a attenção tudo de repente, *Mirabimini Auditores, Advertite quæso*, etc. Detenho-me nestas particularidades porque doutissimos lentes, por não usarem deste artificio, sahiam os seus ouvintes pouco instruidos e desanimados por continuarem os estudos que frequentavam.» (1)

«Digno de immortal memoria, diz Sanches noutra passagem, será sempre o grande Boerhaave por haver fundado a medicina em principios demonstraveis. Mas ao que me parece superior a todos os lentes, foi neste ensino que desejamos e que inculcamos ver praticado na Universidade Real; explicava este grande homem as suas *Instituições* de medicina e os seus *Aphorismos* de viva voz, sempre na lingua latina: não se continha a sua explicação sómente a ensinar a sciencia que professava, mostrava o methodo que seguira para compôr tal e tal capitulo; em que estado estava tal materia ou ponto scientifico, quando entrou a indagal-o e a escrevel-o; e de que modo veiu achar o que ensinava. Narrando este modo de compor mostrava a sciencia do methodo e a mais excellente logica; não perdia momento para notar a propriedade da palavra; rejeitando as barbaras, e indicando as legitimas, nas linguas latina, grega e hebraica. Nunca deixou de citar os excellentes pensamentos dos poetas, oradores e philosophos: o que fazia nascer um ardente desejo de saber a antiguidade e de aproveitar daquella doutrina: de tal modo que ouvir uma licção daquellas era sahir o juizo capaz não só de comprehender a doutrina que se ouvia, mas muitas mais sciencias. Foi felizmente dotado de bella e varonil presença, de canora voz e mui agradavel, de gesto a quem se não podia negar o respeito, e que se acrescentava ao passo que se ia ouvindo.

Se os discipulos tiverem taes mestres, feliz será o estado onde nasceram. Sejam então os portuguezes!» (2)

O que mais enthusiasmava Ribeiro Sanches parece que era o proprio ensino clinico. Os lentes de pratica da Medicina e Cirurgia na Universidade de Coimbra, na sua opinião,

«deviam explicar os signaes, causas e indicações das enfermidades na lingua latina, depois de se informarem na materna dos enfermos, da causa da sua doença. Na intenção que os estrangeiros que vierem aprender entendam a sua doutrina, poderão seguir e

(1) Op. cit., pag. 79.
(2) Op. cit., pag. 27.

queira Deus que imitem neste modo de ensino a Boerhaave. Pode-se ver e estudar no segundo volume da *Praxis Medica seu Commentarium in Aphorismos Boerhavè de cognoscendis et curandis morbis. Trajecti ad Rhenum* (Utrecht) *apud Petrum Mantendam et socium* 1743 vol. v forma octava pag. 321. Alli verão de que modo este grande homem ensinava a pratica ao hospital de Leyde deante dos enfermos e como este ensino não foi imitado pela maior parte das universidades, exceptuando a de Edimburgo e de algum modo a de Bolonia.» ([1])

Com religioso respeito escutava as licções do illustre mestre. Em parte alguma o encontramos tão precisamente affirmado como em uma carta a Gaubius de 16 de fevereiro de 1777:

«Ouvi durante o inverno de 1730 e 31 o principio destas leituras e conservo alguns pensamentos destas admiraveis licções que lançava ao papel ao regressar a casa; porque nunca pude ouvir Boerhaave senão de pé, e não podia escrever uma linha do que lhe ouvia tão absorvido me sentia pela sua eloquencia.» ([2])

Com não menor devoção colleccionava as obras do seu estimado professor. Já atraz o vimos quando mandava copiar o manuscripto *De sectis medicorum* de que estava de posse Jacob Kaau Boerhaave, sobrinho do grande professor de Leyde. Mas o facto não é isolado. Quando á Russia chegou Abrahão Kaau Boerhaave, tambem sobrinho do eminente professor, Sanches pediu-lhe alguns manuscriptos que delle conservara e copiou um que tinha por titulo *De corde*. Alguns annos antes da morte de Van Swieten, sabendo que este projectava publicar este manuscripto, mandara-lh'o offerecer por um amigo de Vienna, que o via algumas vezes, mas nunca recebeu resposta. ([3]) Depois, tentou até publical-o e com esse fim se dirigiu a Kreuts, primeiro medico da imperatriz da Russia, e genro

---

([1]) Op. cit., pag. 43.
([2]) Carta a Gaubius, de 2 de fevereiro de 1777, nos mss. da Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris, IV vol., pag. 224.
([3]) Mesma carta a Gaubius.

de Boerhaave. ([1]) Quando, em 1773, projectou vender a sua bibliotheca, salientava que entre os seus livros tinha alguns manuscriptos do seu chorado mestre. ([2])

Outros manuscriptos possuia não incluidos nas suas obras impressas:

«Boerhaave para supprir esta falta cada anno ensinava em certos dias no auditorio publico da Universidade materias da pratica da medicina totalmente separadas dos seus Aphorismos. Assim que depois do anno de 1715 começou a ler publicamente *de morbis sensuum*. Publicou-se desta obra uma pequena parte que é *de Morbis oculorum*, mas com infinitos erros. Eu possuo uma copia do original. Ensinou tambem do modo referido de *Lue Venerea*, do qual ouvi algumas licções no anno de 1730; alguns dos seus discipulos publicaram este tratado, mas com infinitos erros e faltas. No anno de 1731 começou a ser *De morbis nervorum*, doutrina excellente e desconhecida da medicina; e com summa utilidade publicou esta obra em Leyde Mr. Ems, medico hollandez em 2 vol. em 8, 1761.

No anno de 1736, começou a ser de *Morbis cordis*, que nunca se publicou: eu possuo uma copia do original. E as ultimas licções que ensinou publicamente foram de *sanguine* que ficaram incompletas pela sua prematura morte.» ([3])

Na carta que mais duma vez mencionamos dirigida a Castro Sarmento, mandava-lhe uma passagem do livro *De morbis nervorum*, accrescentando que possuia um extracto feito por Van Swieten.

Tambem Sanches recolheu a maneira como o mestre compunha as suas obras que reunia com tanto empenho:

«Quando Boerhaave explicava este capitulo (relativo ás doenças venereas) dizia para o compôr escrevera um volume *in-folio*, no qual reunira todos os signaes das doenças chronicas, que depois rejeitara delle todos os signaes semelhantes, como nas operações algebricas e que então, pondo em ordem os signaes distinctivos, tinha-lhe sido facil chegar ao conhecimento das suas causas.» ([4])

([1]) Carta a Kreuts, de 15 de fevereiro de 1762, nos mss. da Bibliotheca da Faculdade de medicina de Paris, VI vol., pag. 268 e 269.

([2]) Mss. da mesma procedencia, IV vol.

([3]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, peg. 96.

([4]) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 122 — nota.

Registava as menores particularidades da sua vida, se ellas punham em relevo os seus meritos de clinico ou professor.

Referia-se á maneira como elle procedera para combater uma epidemia de convulsões observada no hospital de Haarlem:

«O meu amigo Kaau Boerhaave refere... um facto historico notavel de convulsões que se communicavam a quasi todas as creanças de um e outro sexo do hospital da cidade de Haarlem e como o grande Boerhaave, seu tio, procedeu para curar esta especie de epidemia.» (1)

Mencionava uma consulta que elle mandou para Vienna a respeito da influencia das aguas corruptas sobre as doenças do exercito.

A desinfecção das pipas pelo anhydrido sulfuroso fôra aconselhada ainda pelo «grão Boerhaave, quando foi consultado de Vienna, no anno 1737, adonde accusavam as aguas corruptas que causaram tanto destrago no exercito daquella monarchia.» (2)

A cada passo citava as opiniões do mestre con o maior respeito.

Se a miudo defendia o conceito de que se devem alliar na pratica e no ensino a medicina e a cirurgia, não fazia mais do que vulgarizar uma ideia recebida do eximio professor:

«O grande Boerhaave foi o primeiro que demonstrou nos seus aphorismos a necessidade que tem o medico de aprender e praticar a cirurgia, pondo-a por base de toda a medicina.» (3)

Lembrava algumas das suas observações anatomo-pathologicas sobre doenças ou estados morbidos dependentes do espasmo das arterias:

---

(1) Art. *Affections de l'âme* da *Encyclopedie methodique*, publicada pelo livreiro Panckoucke, pag. 252.

(2) *Tratado da conservação da saude dos povos*, pag. 219.

(3) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 52.

«O grande Boerhaave cita uma passagem de Harvey, na qual este auctor diz ter encontrado o pulmão cheio de sangue em cadaveres de pessoas mortas depois de terem manifestado estes symptomas.» ([1])

Os mais divulgados remedios de que o clinico podia dispôr tinham a abonal-os a auctoridade do mestre:

«O grande Boerhaave ensinou-nos que a agua, o fogo, o mercurio e o opio são os remedios mais universalmente conhecidos até hoje.» ([2])

Encontramos ainda uma nota relativa á menor violencia que tinham as febres, desde que se divulgara o uso do chá e do café. A affirmação não tem grande importancia, mas chamamos a attenção para as poucas palavras em que Sanches timidamente expõe a sua divergencia. O mestre ha muito que descança no somno eterno; o discipulo não tardará que se lhe reuna, e ainda não póde libertar-se da veneração que sempre lhe teve: *com perdão de ser de parecer contrario.*

«Lembro-me que ouvi dizer a Boerhaave que no principio da sua pratica vira e observara febres inflammatorias vehementissimas (começou a praticar pelos annos pouco mais ou menos 1690), mas que presentemente (1730-1731, quando eu o ouvia) já se não observavam aquellas violentas febres inflammatorias: dava por causa as communs bebidas de muito chá, café, introduzidas; mas eu não sou desse parecer (com perdão de ser de parecer contrario); neste seculo o veneno gallico se tem espalhado mais; a maior parte dos gerados, nascidos nas cidades e logares de commercio... sáem gallicados.» ([3])

Ainda quando as suas ideias eram extranhas a assumptos medicos, acceitava-as como indiscutiveis verdades:

«O legislador faz tanto bem á sociedade civil com os castigos, como faz com os premios. Estes são necessarios para animar a gloria das almas generosas: aquelles para amedrontar os animos pre-

---

([1]) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 47.
([2]) Op. cit., pag. 83.
([3]) *Peculio de varias receitas*, pag. 97 v.

versos e destemidos; produzem os effeitos de acanhar um animo preverso e obstinado; e se não fica por elles emendado, pelo menos fica apagado aquelle fogo de obrar mal: e por isso os castigos de exilio, de infamia e de morte são os melhores mestres da vida nas almas grosseiras e crueis; pelo que dizia o grande Boerhaave que um algoz impedia mais crimes do que cem missionarios.» ([1])

Nem até se esquece de algumas anecdotas com que o decantado professor amenizava as suas prelecções.

Vinha primeiro a de um marinheiro que reputava a aguardente o antidoto por excellencia contra as febres:

«Ouvi dizer ao grão Boerhaave que um almirante hollandez lhe dissera que se achava defronte de Cadiz com a sua frota e que nella reinava uma epidemia de febres e de camaras, mortal na maior parte da equipagem, os calores então eram excessivos, e como os cirurgiões tratavam estas febres de malignas, aos sãos por precaução e aos enfermos por remedio, davam a todos triaga e outras confecções cardiacas; recusou sempre de tomal-as um velho piloto, e dizia ao Almirante mostrando-lhe uma botelha de agua ardente, que alli tinha o mais soberano remedio contra todas as queixas nascidas no mar; que elle tomando uma onça cada dia por muitas vezes se tinha assim preservado em casos semelhantes, e que assim esperava preservar-se: o que com effeito succedeu porque jámais sentiu a minima molestia.» ([2])

Como exemplo da influencia das emoções violentas para combater as doenças nervosas, narrava o seguinte:

«Ouvi dizer a Boerhaave que um medico arabe sendo mandado para curar a mulher de um califa detida da parlesia de um braço pedira perdão ao marido para commetter á enferma um desacato, impetrou a licença, chega perto da enferma e quando ella jámais cuidava levanta-lhe a saia de repente. Enfureceu-se e ficou curada.» ([3])

Ou então este outro facto que suppômos ter-se passado com Baerle:

([1]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 157.
([2]) *Tratado da conservação da saude*, pag. 236.
([3]) *Dissertação sobre as paixoens da alma*, mss. da Bibliotheca da Escola de medicina de Paris — vol. III, pag. 171. Cf. Art. *Affections de l'âme* da *Encyclopedie methodique* do livreiro Panckoucke, pag. 269.

«Ouvi contar a Boerhaave, que um doutissimo homem melancholico cahira em delirio que tinha as pernas de vidro pelo que sempre estava assentado por temer que caminhando se quebrassem. Um dia, por acaso, a criada varrendo deu tal pancada na perna do pobre melancholico que o feriu, com a força da dor mudou-se aquella ideia que tinha e ficou curado della estando já persuadido de que as suas pernas eram de carne e osso.» ([1])

Ainda conta, a respeito do papel da imitação no desenvolvimento das creanças, este facto:

«Ouvi dizer ao Gran Boerhaave que houvera perto de Leyde uma escola publica de ler e escrever da qual era mestre um homem vesgo, todos os meninos em poucos dias observaram os Pais que seus filhos tinham o mesmo defeito.» ([2])

Com o tempo, se a sua veneração pelo mestre se conservou immutavel, a sua affeição ao seu systema deminuiu, o que nos não póde surprehender, por parte de um espirito tão progressivo como o de Ribeiro Sanches. Haja vista esta passagem:

«O mesmo Boerhaave com ser um homem de um genio systematico, candido e eclectico não deixou de ter mil erros e imperfeições nas suas doutrinas. Se nós refletirmos sobre o estado e condição dos fluidos animaes, sobre a acrimonia, o lentor dos fluidos bem cedo nos convenceremos que o seu systema não só é deficiente e incompleto, mas tambem mui apto a enganar um pratico. Eu nunca neguei que os fluidos do nosso corpo soffram alguma mudança, porém digo que hei-de mostrar com factos, observações e com a mesma pratica em como esta mudança é um effeito da condição dos solidos; além disto que a natureza desta mudança que padecem os fluidos nós não a entendemos e menos sabemos quando principia; as experiencias de Kirwan nos convencem desta verdade. Eu poucas são as paginas que leio nos aphorismos de Boerhaave em que não descubra imperfeições a este respeito. Eu não quero attribuir este defeito á falta de Boerhaave; mas sim a isto que depois do seu tempo se fizeram novas experiencias e novas observações que levaram a nossa attenção para o estudo do systema animal de cujo estado constante dependem os phenomenos das enfermidades. E muito me admiro que chegassem os medicos a este

([1]) Op. cit., fol. 176. — Cf. Art. *Affections de l'âme*, pag. 275.
([2]) Op. cit., fol. 159. — Cf. Art. *Affections de l'âme*, pag. 251.

tempo sem investigar propriamente as leis do systema nervoso e se conservassem mui satisfeitos com explicações hypotheticas e theorias erroneas e inuteis.» ([1])

Seria ainda possivel juntar algumas notas ás que reunimos, mas as mais importantes ahi ficam. São de sobra para demonstrar a veneração que sempre o discipulo votou ao mestre eximio. O medico portuguez devia-lhe essa homenagem não só pelos talentos que exornavam Boerhaave, mas tambem pela gratidão a que elle tinha direito. Antes, porém, de nos referirmos ás circumstancias da sua vida, em que o grande professor de Leyde influiu poderosamente no seu destino, queremos registar uma nota sympathica.

Ribeiro Sanches foi sempre um patriota. Como muitos correligionarios, dispersos pelos mais remotos paizes mercê da intolerancia da sua patria, elle nunca se esquecia de Portugal. Sentia bem a verdade do pensamento que ouvira a D. Luiz da Cunha na Haya:

«Nós outros, emquanto estamos e vivemos . . . em Portugal, jámais consideramos na patria, mas tanto que sahimos della não consideramos em outra coisa mais que na patria.» ([2])

Esse amor ás coisas nacionaes o levava a compulsar na embaixada o vocabulario de Bluteau, não pondo em duvida que o seu auctor fosse um grande homem, mas considerando que o seu livro não era mais do que uma adaptação do *Dictionnaire de Trévoux,* embora a parte relativa á lingua portugueza representasse muito trabalho. ([3])

Ao escutar em respeitoso silencio a palavra eloquente de Boerhaave, ao presenciar o maravilhoso desenvolvimento do ensino medico em Leyde, pensava em que delle tirasse proveito o paiz em que nascera.

Em um officio dirigido a Pedro da Costa de Almeida Salema, datado de Paris a 3 de julho de 1758, diz elle que

---

([1]) Mss. n.º 511 da Bibliotheca nacional, fl. 94 v. e 95.
([2]) Carta citada ao Dr. Sampaio Valladares, de 15 de julho de 1735.
([3]) Carta citada.

o desejo de ser util á sua patria o tinha levado a apresentar na Haya a D. Luiz da Cunha, então embaixador de Portugal nos Paizes Baixos, o methodo para se introduzir e ensinar publicamente a medicina em Portugal. ([1])

Na carta tantas vezes citada a Sampaio Valladares, encontra-se tambem referencia a esse projecto de reforma:

«Para lhe fazer o gosto de v. m.cê trasladei o projecto que me mandou escrever o snr. Dom Luiz da Cunha, portuguez velho e por consequencia amante da sua patria... como é um papel que foi á côrte não quero que digam que revelo o segredo.» ([2])

Em 1731, a imperatriz da Russia, Anna Ivanowna, pediu a Boerhaave que lhe enviasse três medicos da sua confiança para os empregar no seu serviço. O primeiro sobre quem recaíu a escolha foi Ribeiro Sanches. Este projectava seguir para Paris quando o illustre medico o convidou:

«Estando para partir para Paris, escreve elle, o snr. Boerhaave me fallou que de Moscovia lhe pediam três medicos e que eu podia acceitar este cargo com 600:000 rs. de salario, o que acceitei.» ([3])

Emquanto os outros escolhidos se submettiam aos exames para tomarem os graus academicos, o medico portuguez viu-se obrigado a confessar ao mestre que já era graduado em Salamanca desde 1724. Uma confissão tão lisonjeira para Boerhaave era aos seus olhos o louvor mais delicado que recebera, mesmo quando toda a Europa o enchia de louvores e quando acabara de receber da soberana

---

([1]) Este officio acha-se publicado, com o titulo de *Plano de reforma do ensino medico portuguez*, nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, vol. VI — 1896.

([2]) E' provavel que na correspondencia de D. Luiz da Cunha se achem referencias a este projecto. Infelizmente nas copias que se encontram na Torre do Tombo, na Bibliotheca Nacional de Lisboa e na Municipal do Porto, faltam os annos de 1730 e 1731, aquelles em que taes referencias se devem encontrar.

([3]) Carta a Sampaio Valladares, de 15 de julho de 1735. O seu amigo Alvares communicou a Vicq d'Azyr que preferiu a collocação na Russia á que lhe offereciam em Guadalupe e na Martinica.

de um grande imperio um testemunho de tanta consideração. O grande professor abraçou o discipulo, quiz restituir-lhe os honorarios que tinha recebido dos seus cursos e não mais o abandonou até á partida para a Russia. ([1])

Isto que os seus biographos escrevem deve ser exacto. Todavia, sabemos pelo testemunho de Sanches que elle chegou a publicar a sua dissertação inaugural, embora seja certo que a não defendeu. Escreve o illustre medico: «Como eu na minha dissertação inaugural que publiquei na Universidade de Leyde tivesse feito uma these: *Venæ rubræ nunquam absorvent,* e vendo ser esta criticada por pessoas que nunca ouviram as minhas razões... me determinei em tendo tempo dar uma pequena conta das minhas observações e modernas experiencias.» ([2])

Todas as diligencias que fizemos para obter noticia desta dissertação fôram infructuosas. Nem mesmo se encontra na Universidade de Leyde, onde a nosso pedido a procurou o illustre professor E. Leersum, a quem apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

O prof. Jacob Tchistovitch deu conta de um contracto feito em Amsterdam, perante o notario Schabaalie, e datado de 5 de junho de 1731, em que o medico portuguez se obrigava a ir para a Russia mediante a remuneração annual de 500 rublos. ([3]) A sua partida deve ter-se realizado logo depois.

([1]) Em 1772, dos prelos da Regia officina typographica, saíu uma traducção das *Breves instrucções sobre os partos*, de Raulin. O traductor M. R. D. A. offereceu-a a Ribeiro Sanches. Na dedicatoria, ha esta menção do facto narrado no texto: «Se eu quizesse enobrecer o frontispicio desta obra feita por um grande medico, com o nome de outro, que pela extensão dos seus vastos conhecimentos tivesse a fortuna de ser discipulo e amigo do grande Boerhaave; e a incomparavel honra de ser escolhido por elle mesmo para medico da camara e dos exercitos das imperatrizes de todas as Russias...»

([2]) Mss. n.º 511 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, fl. 72.

([3]) *Istoria pervyk meditsinskikf chkol v Rossii*. S. Petersburgo, Imp. Treia, 1883. Cit. por L. Thomas, *Lectures sur l'histoire de la médecine*, Paris, 1885, pag. 193.

CAPITULO VI

Chegada á Russia — Collocação em Moscou — Chamada a S. Petersburgo — A Academia Real de historia portugueza — A guerra com a Turquia: o cêrco de Azoff — Regresso á côrte — A sua vida de sabio e de clinico — A nomeação de medico da imperatriz — As revoluções da Russia — A sua exoneração e partida para Paris.

Em outubro de 1731 chegou Sanches á Russia, como elle proprio affirma. (1) Levava cartas de Boerhaave a recommendal-o, e D. Luiz da Cunha tambem solicitava para elle a protecção do principe Kourakin, provavelmente filho de Boris Ivanovitch, que foi embaixador na Haya e tomou parte nos congressos de Utrecht e de Brunswick. (2)

Era o nosso medico o segundo portuguez que na Russia ia estabelecer residencia, tendo sido o primeiro um Antonio Manuel Luiz Vieira, primeiro generalissimo do mar e depois regedor das justiças, que casou com uma

(1) Na carta a Sampaio Valladares, de 15 de julho de 1735, diz que vivia na Russia havia quasi quatro annos. Anteriormente, a 18 de janeiro de 1733, dava-lhe parte de que residia em Moscou havia quinze mezes.

(2) Carta de Sanches a um seu contemporaneo de Coimbra, collegial de S. Paulo. Mss. da Bibliotheca da Escola de medicina de Paris — VII vol., pag. 148.

princeza allemã e veiu a ser desterrado para a Siberia em 1729. (1)

Ao passar na Lorena, notava o grande desenvolvimento que alli tomara a agricultura, ficando-lhe uma impressão profunda que deixou registada em um dos seus manuscriptos. (2)

Nicolau Bidloo (3) que fôra medico de Pedro, o Grande, collocou-o em Moscou. Foi nomeado medico do senado e cidade, com o ordenado de 500$000 réis annuaes e pulso livre. Em 18 de janeiro de 1733 participava Sanches ao seu amigo Sampaio Valladares que ganharia por anno proximamente três mil cruzados, mas que tudo gastava por se vêr obrigado a grandes despezas de representação. Tinha carruagem, cinco cavallos e quatro creados. (4)

Effectivamente Sanches começou, logo que chegou á Russia, a adquirir consideração como sabio e a conquistar a confiança de grande numero de doentes como clinico. Encontrava na Russia, diz Andry, não só os meios de desenvolver os seus talentos, mas occasiões ainda mais frequentes d'exercer as suas virtudes. Nunca vira, nem no seu paiz nem nas suas frequentes viagens, povo mais miseravel, nem mais espantado da sua humanidade e liberalidades quando deixava á cabeceira do pobre os honorarios que recebia das mãos dos ricos.

Encontram-se nas obras do medico portuguez grande

---

(1) Carta ao Dr. Sampaio Valladares, de Moscou, 18 de janeiro de 1733 — Mss. da Bibliotheca de Evora.

(2) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P*** — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

(3) Nicolau Bidloo era um medico hollandez, filho de Govert Bidloo, o adversario de Ruysch. Nasceu em Amsterdam e falleceu em Moscou a 23 de março de 1735. Depois de se ter doutorado em Leyde em 1697, foi para a Russia desempenhar as funcções de primeiro medico do tsar Pedro, o Grande; chegou a Moscou em 1703, renunciou pouco depois ao cargo de medico da côrte, mas obteve auctorização para crear em Moscou um hospital e uma escola de medicina para cincoenta alumnos, d'onde saíram muitos cirurgiões militares. Bidloo exercia nesta escola as funcções de inspector e de professor d'anatomia e cirurgia. *(La Grande Encyclopedie)*.

(4) Carta de 18 de janeiro de 1733, já citada.

numero de notas relativas á Russia. Ahi experimentou frio desusado de 25º abaixo de 0 no thermometro Fahrenheit ([1]); se se tocavam os metaes, ferro e prata, sentia-se uma dôr violenta, seguida de um começo de gangrena. ([2])

Notava que a estatura dos nobres russos ía em decrescimento. Conhecera em Moscou, em 1731, fidalgos de saude robusta e elevada altura; conheceu-lhes depois os filhos que os não egualavam de modo algum. ([3])

A's condições de vida dos camponezes russos se refere Sanches como quem as conhecia *de visu*. As casas que habitavam eram terreas ou muito baixas e feitas de madeira. Como o terreno era plano e grande a humidade, defendiam-se dormindo de verão e de inverno sobre chaminés, feitas como os nossos fornos. Assim conseguiam manter a saude e vigor. ([4])

A alimentação consistia na *cacha,* especie de papas de farinha de aveia ou de trigo mourisco, com uns grãos de sal, a que se juntava carne ou peixe. ([5]) Como bebida usavam o *quaz,* composto de farinha de centeio ou cevada fermentada, com hortelã. ([6])

Mais todavia que a miseria em que viviam, affligia-o a condição dos escravos russos, e um impeto de humanidade revoltada fazia-o levantar a voz em favor desses desventurados:

«Eu vivi muitos annos em terras adonde a escravidão dos subditos é geral e vi e observei que nellas não se concebe ideia da humanidade e coração mavioso, capaz de obrar acções de justiça, de ordem, com aquelle amor para a especie humana. Por esta razão não creio que se poderá estabelecer jàmais educação boa nem perfeita naquelle Estado, adonde a escravidão estiver introduzida, ou a tempo ou sem termo.» ([7])

([1]) *Tratado da conservação da saude dos povos*, nota a pag. 7.
([2]) Op. cit., pag. 8.
([3]) *Mémoires de la Société Royale de Médecine*, 1782, pag. 267.
([4]) *Tratado da conservação da saude dos povos*, pag. 41 e 53.
([5]) *Mémoires de la Société Royale de Médecine*, 1782, pag. 262.
([6]) Op. cit.
([7]) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 57.

Desde que estabeleceu residencia na Russia, o medico portuguez ficou agradavelmente surprehendido com a pratica dos banhos russos, a respeito dos quaes publicou mais tarde uma memoria especial. Considerava-os um mixto do banho romano e do banho turco, e encarecia-lhes as vantagens, ou com fins apenas hygienicos ou para combater differentes enfermidades. (1)

As notas mais curiosas a seu respeito eram relativas ao regimen das puerperas e á prophylaxia da variola.

Logo depois do parto, a mulher russa transportava-se a um banho com o filho nos braços e durante uma hora ou mais ficava exposta á acção do vapor, suando copiosamente. Lavava-se com sabão e depois em agua fria, transportava-se para casa, auxiliada por outra mulher, e durante três dias sustentava-se com o *quaz*, especie de cerveja a que nos referimos anteriormente. Esta bebida quente excitava-lhe a sudação.

Se se sentia fraca, tomava uma sopa. Ao quarto ou quinto dia, o mais tardar, levantava-se, tratava dos arranjos domesticos e podia ír trabalhar para os campos.

As camponezas amamentavam os filhos, o que não succedia ás mulheres nobres; mas umas e outras excitavam o suor por meio do vapor, depois do parto. (2)

A variola era uma doença relativamente benigna na Russia. Dos doentes a quem Sanches prestou soccorro apenas viu morrer por esta causa dois individuos de nação calmuca. De um nobre que tinha terras em Cazan, soubera o medico portuguez que os camponezes cheiravam um pó feito das crostas seccas da variola, tomavam banhos russos durante três dias e desta fórma se preservavam da infecção. Este processo era empregado com bom exito por differentes familias de tartaros e ainda na China, embora sem o complemento do banho. (3)

---

(1) *Mémoires de la Société Royale de médecine*, 1782, pag. 284 e 264.
(2) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 64, 65 e 66.
(3) *Mémoires de la Société Royale de médecine*, 1782, pag. 271.

Outras notas havemos de extractar dos seus livros; por agora sigamos as peripecias da sua vida.

Em 1733, o primeiro medico da Imperatriz, Rieger, presidente da chancellaria de medicina, que tivera noticia dos meritos do nosso compatriota, chamou-o para S. Petersburgo, fazendo-o nomear, em 1734, membro da mesma chancellaria e no anno seguinte medico dos exercitos. Dizia mais tarde Sanches que, ainda que não praticara a cirurgia, a vira praticar por muitos annos, aconselhando, dirigindo e examinando a muitos medicos e cirurgiões. ([1]) Referia-se evidentemente ao primeiro dos dois cargos.

De S. Petersburgo e deste anno de 1735 são datadas duas cartas a Sampaio Valladares, uma das quaes tantos subsidios nos tem fornecido.

O medico portuguez abandonara de todo o judaismo. Dois annos antes, outra carta ao mesmo Valladares abria por estas palavras:

«Declaro e affirmo do modo mais expressivo e valioso que sou christão catholico romano e que creio tudo aquillo que crê e ensina a Santa Egreja catholica romana em cuja fé e religião verdadeira prometto de viver e morrer.»

Em 20 de março participava ao seu amigo que os academicos e secretario da Academia imperial de S. Petersburgo lhe tinham promettido enviar á nossa Academia de historia um presente de livros «para entrelaçarem correspondencia».

Mezes depois, a 15 de julho, escrevia:

«Emfim determinou o snr. de Korf, ([2]) director desta academia, e ella mesmo de enviar todos os livros que nella se tem im-

---

([1]) *Peculio de varias receitas*, mss. da Bibliotheca nacional de Lisboa, fol. 49.

([2]) João Alberto Korf, barão de Korf, nasceu em 1696 ou no anno seguinte e falleceu em Copenhague em 1766. Durante vinte e quatro annos representou a Russia junto da côrte da Dinamarca e colleccionou livros raros e incunablos. Protegeu o celebre philologo Lomonosof e provocou a segunda expedição scientifica ao Kamschatka. Foi presidente da Academia das Sciencias em 1732 e vendeu a sua bibliotheca a Catharina II, que lh'a deixou gosar emquanto vivo.

primido escriptos pelos seus academicos. São de mathematicas, de botanica, antiguidades da lingua chinense, ou da China, etc. e são 10 ou 12 volumes magnificamente encadernados que tambem isto val para quem os não entender. A carta que escreve esta Academia invitando a nossa me fez favor o secretario della o snr. Goldbach ([1]) em segredo de mostrar-me, é excellentemente escripta e em breves palavras; não maginei que o corpo desta Academia quizesse dar-me jámais uma honra inaudita nella e é que na mesma carta me nomeiam com tanto louvor que tenho vergonha de escrever pesa-me não me ficar na memoria quando a li, ainda que foi por duas vezes.»

Como adeante a transcrevemos, dispensamo'-nos de continuar a carta de Sanches, que dá uma noticia incompleta do officio da Academia de S. Petersburgo.

Commove este testemunho de affeição pelo nosso paiz, a quem tão pouco devia. Effectivamente a Academia Petropolitana de S. Petersburgo enviou á Academia Real da Historia portugueza os nove volumes das suas memorias.

Na carta da remessa assignada pelo presidente ou reitor daquella Academia, é devidamente assignalado que essa valiosa offerta fôra devida a diligencias de Sanches:

«... Cum vero nuper vir clarissimus Antonius Ribeiro Sanches, vestras, qui hic Artem Medicam feliciter et cum magna laude exercet, operam suam in curandis ad vos litteris et libris, quos mitteremus, liberaliter pollicitus esset, hanc occasionem sine mora arripiendam duximus.»

Foi encarregado de responder á Academia de S. Petersburgo o famoso latinista, P.[e] Antonio dos Reis, da congregação do Oratorio. Não se esqueceu elle de protestar o

---

([1]) Christiano Goldbach era um mathematico que nasceu em Königsberg a 18 de março de 1690 (novo estylo) e fallecido em Moscou em 20 de novembro de 1764 (velho estylo). Fez em 1720 uma longa viagem de estudos na Europa central e na Italia e foi mandado para S. Petersburgo em 1725 como conselheiro da embaixada prussiana. Dentro em breve foi membro e depois secretario da Academia das Sciencias desta cidade. Em 1742, entrou para o conselho dos negocios estrangeiros da Russia. Os seus trabalhos, publicados nas *Memorias da Academia de S. Petersburgo* (1720-38), versam sobre as series, as curvas, a integração das equações differenciaes, etc.

reconhecimento daquella prestante corporação ao nosso compatriota:

«Quopropter clarissimo viro Antonio Ribeiro Sanches, nostrati, non agere gratias non possumus, qui sedulitate sua tam magni, tamque prolixi itineris spatium, quo Ulyssipo nostra ab ista Petropoli sejungitur, haud formidans, non Epistolam tantum vestram, sed et libros ad nos perferendos suscepit.» ([1])

Andava então empenhado o medico portuguez em terminar a sua obra sobre a *Origem da denominação de christão velho e christão novo no reino de Portugal,* que tinha começado logo no primeiro anno de residencia na Russia. ([2])

«Já tenho traslado do projecto para nesse se estudar medicina, accrescentado com notas que puz pelas margens; fico escrevendo o outro ácerca dos christãos novos», escreve elle a 20 de março. A 15 de julho tinha o trabalho prompto e enviava a Sampaio Valladares um desenvolvido extracto, tendo a principio projectado mandar-lhe o trabalho completo. ([3])

Apesar das perseguições de que a sua familia havia sido victima e que o levavam a escrever que pensar nella era chorar ou se enfurecer, lembrando-se dos males de Portugal, ([4]) não se imagine que neste manuscripto, que bem digno é de ser publicado, Sanches se manifeste um livre pensador combatendo as infamias do hediondo tribunal. Pelo contrario, mostra-se sincero christão, empenhado

([1]) *Extractos academicos dos livros que a Academia de S. Petersburgo mandou á de Lisboa, feitos por ordem da mesma Academia pelo conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, um dos seus directores e censores.* Lisboa, 1738; citado por J. Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos litterarios e scientificos*, III. Lisboa, 1873, pag. 248.

([2]) Sanches diz na carta a Sampaio Valladares, de 15 de julho de 1735: «Mas eu não pude considerar ha quatro annos outro melhor expediente para acabar o nome de christão novo e o judaismo em Portugal.»

([3]) Carta ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares, datada de S. Petersburgo, 15 de julho de 1735.

([4]) Carta ao Dr. Sampaio Valladares, de S. Petersburgo, 15 de julho de 1735.

em chamar á egreja catholica individuos que a perseguição della afastava.

Na sua opinião, em Portugal não havia judeus, mas apenas *cegueira judaica*, derivada da reacção contra as violencias exercidas sobre alguns individuos que o nascimento e circumstancias diversas obrigavam a viver em commum, isolados dos seus concidadãos. Chamal-os a concorrer para a vida social, evitar que transpuzessem as fronteiras, levando comsigo riquezas que empobreciam a patria, era o fim que tinha ao escrever este opusculo, que certamente concorreu para a medida de Pombal que nos conciliou a sympathia da Europa.

Sanches mostrava-se tão receoso de que as opiniões sustentadas neste opusculo causassem indignação nos judeus que desejava que o auctor não fôsse conhecido com medo que a vida lhe perigasse:

«Mas seja com a condição que V. M.cê não declare o meu nome, ainda que póde mostrar o mesmo original, porque se os que forem judeus o souberem, advirta V. M.cê que não tenho a vida segura porque poderei morrer com o cheiro de uma carta envenenada.» ([1])

Trabalhava tambem numa pharmacopéa que não sabemos se chegou a publicar:

«Vivo mui occupado escrevendo uma Pharmacopéa que faço por ordem para que por ella se façam todos os remedios que se consomem neste imperio: é um grande trabalho.» ([2])

Alguns mezes depois escrevia:

«Veja v. m.e como os russos têm mais entendimento que nós outros; fallei aqui ao nosso Physico-mór uma vez em alguns pontos do projecto que mando a v. m.e para estudar a medicina eu lhe disse em conversação sem mais intimar do que permitte a narração; passados alguns dias me manda chamar e me dá ordem que

([1]) Mesma carta.

([2]) Mesma carta a Sampaio Valladares. Barbosa Machado menciona entre os seus manuscriptos: *Pharmacopéa ad usum Imperii Rutheni.*

comece a escrever uma Pharmacopéa, para que por ella se façam os remedios neste imperio, a qual já trabalho haverá três ou quatro mezes. Já começa a dar ordens para fazer um jardim de botanica e outras mais coisas que eu proponho no meu projecto, pelo que fico satisfeito que o que propuz á patria que não era coisa de vento porque já achou o meu Archiater ou Physico-mór que se podia; por outra parte choro a parvoice portugueza, mas é tarde e sem remedio.»

Apesar da situação de que gosava, parece que Sanches preferia voltar para a patria. Ao seu amigo Valladares dizia que não tinha intenção alguma de regressar, principalmente com medo da Inquisição, mas ainda porque as desordens que via pelo paiz as não podia presenciar, sem as commentar desfavoravelmente. Mas se fosse possivel mandarem-lhe um salvo-conducto «estou prompto para partir, no caso que possa fazer bem á patria, que doutro modo não o desejo.» (1)

Sanches acceitou com satisfacção o cargo de medico dos exercitos, porque lhe permittia estudar as doenças dos acampamentos e fazer algumas observações sobre os hospitaes militares que de ha muito projectava. Ía expôr-se a perigos e trabalhos, porque a Russia estava a braços com a guerra a que deu logar a succesão da Polonia e dentro em pouco teria que se haver com a Turquia.

Avesso a privilegios, folgava de vêr que a primeira nobreza se submettia em tempo de guerra e até na paz ao regimen geral do exercito:

«Eu vi a Nobreza aparentada com a familia dos czares de uma geração, fazer sentinella com a espingarda aos hombros, á chuva, á neve e ao frio da Russia (de noite tem capotes) nos navios de guerra a mesma lei.» (2)

Logo no anno da nomeação, procurou tirar proveito da especial situação em que se encontrava para emprehender estudos sobre o tratamento da syphilis:

---

(1) Carta de 15 de julho de 1735 a Sampaio Valladares.
(2) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P***, pag. 10.

«Durante o inverno de 1735, diz elle, tratei quarenta soldados pelo methodo da salivação; estavam em duas grandes salas cada uma das quaes tinha o seu forno construido á maneira da Russia: aquecia-se este forno uma vez em cada vinte e quatro horas, e o calor das salas conservava-se no grau 75 a 90 do thermometro de Fahrenheit.» ([1])

Travada a guerra com a Turquia, Sanches acompanhou o exercito na campanha que terminou pela tomada de Azoff. Nas cartas que escreveu a Buffon e que o illustre naturalista extractou na sua *Historia natural,* o medico portuguez deu algumas noticias sobre os paizes que atravessou.

Percorreu a Ukrania, ([2]) as margens do Don e os confins do Kuban até Azoff; atravessou as regiões que ficam entre a Criméa e Backmut; viu os tartaros da Criméa e de Nogai que vagueiam nos desertos que se estendem entre aquella peninsula e a Ukrania; conheceu os kirghiz e os tcheremissi que se encontram ao norte de Astrakan e fez algumas observações ethnologicas, aliás de mediocre importancia. ([3])

Observou que os tartaros da Criméa e da provincia de Kuban até Astrakan são de estatura mediana e têm os hombros largos, o flanco estreito, os membros nervosos, os olhos negros e a côr abaçanada; os tartaros kirghiz e tcheremissi são mais pequenos e refeitos, mas têm menos agilidade e são mais grosseiros; têm tambem os olhos negros, a côr abaçanada e o rosto é mais largo que o dos primeiros. Notou que entre estes tartaros se encontram alguns homens e mulheres que nada se parecem com elles ou muito pouco, e que alguns delles são tão brancos como os polacos. Como nestas nações havia muitos escravos, homens e mulheres, raptados na Polonia e na Russia, e a

---

([1]) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 96.

([2]) Na Ukrania colheu algumas informações sobre a cultura do tabaco, mais lucrativa que a do trigo ou da cevada. (Carta de Sanches da collecção Barca-Oliveira, sem data, mas escripta emquanto ainda morava em Belleville e depois de 1758).

([3]) *Histoire naturelle*, III. Paris, 1769; pag. 382, 383 e 384.

sua religião lhes permittia a polygamia e a multiplicidade das concubinas e os seus sultões ou muzzas, que são os nobres destas nações, buscavam as mulheres na Circassia e na Georgia, os filhos que nasciam destas allianças eram menos feios e mais brancos que os outros. Havia até entre estes tartaros um povo inteiro cujos homens e mulheres eram de uma belleza singular, os kobardinski. Sanches diz ter encontrado tresentos a cavallo que vinham ao serviço da Russia e affirma que nunca viu homens mais bellos e de figura mais nobre e decidida: tinham o rosto regular, fresco e rosado, os olhos grandes, vivos e pretos, alta estatura, bem proporcionada. O tenente-general Serapikin, que vivera muito tempo na Kabarda, affirmara-lhe que as mulheres eram tão bellas como os homens, mas esta nação, tão differente dos tartaros que a cercam, veiu originariamente de Ukrania, tendo sido transportada para a região cento e cincoenta annos antes. ([1])

Approxime-se desta passagem a seguinte observação relativa aos tartaros de Baxkir:

> «Eu cuidei ha muitos annos que a maior parte da virtude de Socrates que dependia da sua excellente constituição. Eu vi e tratei com os tartaros de Baxkir. São da religião mahometana, vivem sempre no campo; comem leite e carne e jámais pão. São pacatos e falam pouco, sempre e sem mostrarem nem odio nem amor, com juizo claro e huma sagacidade admiravel para o que lhes convem. ([2])

O facto mais notavel da campanha foi o cêrco de Azoff, tomada por Lascy em 1736. Andry diz até que neste feito memoravel foi Sanches atacado de uma febre maligna e que, abandonado na sua tenda de campanha durante alguns dias, foi roubado. Vendo-se privado das malas, do dinheiro, apenas lamentou a perda dos seus papeis em que notara as observações que diariamente fazia.

([1]) *Histoire naturelle générale et particulière avec la description du cabinet du roi.* III. Paris, 1769 — pag. 382, 383 et 384.

([2]) *Dissertação sobre as paixões da alma*, fol. 175. Cf. Art. *Affections de l'âme* da *Encyclopedie methodique.*

Encontramos confirmação do que acima fica escripto em algumas passagens das obras de Sanches:

«Eu vi e senti os effeitos de 500 barris de polvora que pegaram fogo de uma vez, por uma bomba que arrebentou dentro do almazem da praça de Azoff, quando os russos no anno 1736 a sitiavam: estava distante meia legua, senti tremer a terra, immediatamente um estrondo, que não poderei jámais explicar; uma nuvem negra e espessissima se levantou em pyramide a esses ares, espectaculo o mais admiravel e assombroso que vi em minha vida. Quasi todas as casas da dita praça cahiram por terra; e foi esta uma das principaes causas de render-se tão depressa.» ([1])

Outras vezes notava as doenças que então faziam estragos no exercito. A's dysenterias e febres remittentes pagou elle consideravel tributo:

«Eu vi no anno de 1736 no sitio de Azoff cahir em dysenterias e febres remittentes mortaes a terça parte do exercito russo sem haver comido naquelle deserto o minimo fructo do outomno. Sei que nas duas campanhas pelas bordas dos rios Niepper e Neister até quasi as bordas do mar Negro, que fizeram os Russos, mais da terça parte dos soldados ou morreram ou adoeceram de dysenterias mortaes, sem haverem tocado fructo algum do outomno.» ([2])

Ainda ás doenças que observou nos hospitaes militares e á que o acommetteu a elle proprio se refere Sanches no trecho que transcrevemos:

«Mas estes não são os maiores damnos dos hospitaes geraes: os maiores e os mais mortaes é a febre pestilente e o escorbuto ou mal de Loanda que se gera nelles pela corrupção do ar respirado pelos enfermos e cheio das suas exhalações: poucos medicos conhecerão estas duas doenças e a sua causa: e por isso poucos procurarão o remedio conveniente: quero aqui tratar desta materia porque tenho della toda a experiencia, como enfermo e como medico. . . . .

Como vi e tratei esta febre nos hospitaes muitas vezes, como eu mesmo a tive e que escapei por uma ictericia chronica, fui mais diffuso na sua descripção. Lamentei muitas vezes que os enfermos que entravam feridos nos hospitaes, sem outra queixa alguma, ou-

---

([1]) *Tratado da conservação da saude*, pag. 275 e 276.
([2]) Op. cit., pag. 161.

tros sómente com febres simples, cahiam nesta febre (que chamam maligna) depois de cinco ou sete dias: ignorei por muito tempo a causa se o acaso não m'o ensinasse: havia no campo de Azoff tantos feridos que no Hospital não havia já logar para admittil-os: propuz mandar oitenta delles com um bom cirurgião para um logar duas leguas distante do campo principal: cada dia tinha a relação destes enfermos, algumas vezes os visitava, e em três semanas de tempo todos se curaram á excepção de dois que morreram pela grandeza das feridas que eram de bala. Considerei logo que era força que no Hospital nascesse aquella febre podre, e que se gerava pela corrupção do ar, independentemente das doenças com que entravam os enfermos no hospital.» [1]

Poderiamos citar ainda outras passagens relativas ao cêrco de Azoff. Destacamos apenas uma referente aos banhos russos com a installação summaria a que o aperto das circumstancias obrigava:

«Logo que o exercito está campado por dois ou três dias cada seis ou sete soldados fazem um banho do modo seguinte: buscam as barranceiras altas do rio ou ribeira perto da qual estão campados e cavam naquella que lhes parece mais a proposito uma cova de altura de um homem e tão espaciosa que poderão estar dentro della sete ou oito bem commodamente. Nesta cova põem cinco ou seis grandes pedras por terra e em cima dellas põem tanta lenha que quasi entupem a cova. Põem fogo a esta lenha, e quando toda está reduzida em brasas as pedras ficam ardentes e vermelhas como o ferro na fornalha. Sobre estas pedras assim deitam muita quantidade de agua por duas ou três vezes: toda aquella agua se converte em vapor, e dentro da cova tudo está cheio de uma nuvem espessissima, mas quasi ardente: tanto que pódem supportar o calor da cova entram todos nús dentro, cerram a porta um pouco ou com ramos ou com os vestidos; alli suam furiosamente por um quarto de hora e ás vezes mais; tanto que têm suado o que lhes parece bastante, sáem e se deitam no rio, uns para lavar-se, outros para nadar: sáem por ultimo e limpam-se e no mesmo instante se vestem: o que é particular a esta nação e que eu não aconselhara a outra, se não fosse creada do mesmo modo desde a mais tenra edade é que quando sáem daquella estufa ardente quer seja no tempo do estio ou no inverno mais rigoroso sempre se deitam no rio vizinho, ou que elle esteja gelado, ou como estão as aguas no tempo quente.

Quando não acham barranceiras ou bordos de rios altos para fazer aquellas covas, de outro modo fazem o banho de vapor; e é o seguinte: no meio de qualquer campo perto de algum rio, põem

[1] Op. cit., pag. 114, 116 e 117.

juntas muitas pedras, sobre ellas põem muita lenha, a qual fazem arder até que as pedras venham tão vermelhas como o ferro na fornalha; tiram então todas as brasas e alimpam todo o terreno á roda e as cobrem com uma barraca ou com os seus proprios vestidos amarrados em páus de tal modo que fazem uma choupana; então deitam agua em cima daquellas pedras, toda se converte em vapor, que fica detido dentro da barraca: entram nús nella e alli suam pelo tempo que lhes parece: sáem e se lavam no rio, tanque ou agua viva, que buscaram para este effeito.» (1)

Apesar de Sanches nos dizer que por dois annos se demorou em campanha (2), em outro logar affirma que partiu de Azoff no outomno de 1736:

«Parti de Azoff, diz elle em outra communicação a Buffon, no outomno de 1736; achando-me doente e receando, além disto, ser aprisionado pelos tartaros cubans, resolvi marchar costeando o Don, para dormir todas as noites nas aldeias dos cossacos, sujeitos ao dominio da Russia.»

Teve então ensejo de observar costumes curiosos dos gansos que emigravam em março e abril em demanda dos lagos do norte para regressarem no começo do inverno. Durante três semanas, Sanches constantemente teve deante dos olhos estes bandos de aves que só deixou de vêr ao chegar a Nova Pauluska, onde o inverno já era rigoroso. (3) Nesta povoação encontrou um official doente de pleuriz, doença pouco vulgar na Russia. O paciente voltava de Baku na Persia. (4)

Regressando da campanha, a Imperatriz nomeou-o medico do nobre corpo dos cadetes e deu-lhe grande numero de demonstrações de estima. (5) Chamou-o para

(1) *Tratado da conservação da saude*, pag. 207, 208 e 209.

(2) A minha experiencia nas feridas não foi mais que por dois annos nos quaes fiz duas campanhas contra os turcos e os tartaros (*Peculio de varias receitas*, fol. 142).

(3) Buffon, op. cit., t. IX, pag. 53 e 54.

(4) *Mémoires de la Société Royale de médecine*, 1782, pag. 272.

(5) Richter encontrou um relatorio sobre o diagnostico da doença do cadete von Fock, assignado por Sanches e pelo cirurgião Pappelbaum. Este relatorio é datado de 1737. — Tchistovitch affirma que pelo serviço do corpo dos cadetes Sanches recebia uma gratificação de 50 rublos por anno.

tratar os nobres que mais de perto estimava e muitas vezes a sua presença junto das pessoas de distincção era um testemunho de favor real.

Sanches refere-se ao exercicio do seu logar de medico do Hospital do Collegio dos nobres militares de S. Petersburgo. Entendia elle que os lentes de clinica da Universidade de Coimbra deveriam guardar um diario de cada doença no qual se conservaria o nome do enfermo, o numero do leito, o nome da doença, os seus principaes symptomas, a therapeutica que lhe era instituida e a terminação da doença. E acrescenta:

«Cada qual o poderá guardar a seu modo, e que sirvá para o augmento da sciencia e utilidade dos estudantes. Eu direi de que modo o guardei como medico pratico (não como Lente) no hospital do Collegio dos Nobres militares de Petersburg no Imperio da Russia por três annos.

Tomava um livro branco com as paginas numeradas com Index alphabetico, á imitação daquelles dos mercadores e que levava na mão com o tinteiro um cirurgião aprendiz, quando entrava a visitar os meus doentes.

Entrava na enfermaria, notava um novo enfermo, perguntava-lhe o nome. O Aprendiz ouvindo que se chamava por exemplo Anselmo assentava na lettra A do index aquelle nome, e de fronte o numero da pagina do livro que estava branca. Na parte esquerda desta pagina descrevia assim, e na direita os remedios.

Exemplo Anselmo pag. 50:

Maio 3 1736 cama n.º 4
Juvenis 20 ann.
Febris assidua sine horrore: lingua alba sordida; capitis dolor; lassitudines; urina rufa sine nebula neque sedimento. Interruptus somnus, sitis.

Mayi 3 mane
Mittatur sanguis ex brachio ad ℥ x
♃ Decoct. hordei lib ij sirup. citr. ℥ vi, nitri ʒ j m. Victus ex jure carnium cum vegetabilibus parato; potus thé ad libitum.

Ordinariamente se o Aprendiz sabia latim eu dictava só o que se havia de escrever no livro; e deste modo escrevia para cada enfermo e o exito da doença. E se morria, e abria o cadaver, o que era ordinario, no mesmo livro assentava o que achara nelle.

Este livro servia para regrar o cirurgião o que devia fazer: regrava o boticario, a quem se mandava a copia da receita com o numero da cama e dia do mez: regrava-se a cozinha, a quem se mandava tambem o numero da cama e o nome da sala ou quarto. Este hospital foi a melhor escola que tivé de pratica e os cirurgiões

aproveitavam de modo que eu me admirei muitas vezes do conhecimento que tinham adquirido em tão pouco tempo. Em minha ausencia tinham obrigação de assentar no jornal os symptomas que observavam de dia ou de noite.» [1]

Apesar das occupações que todos os dias augmentavam com novos cargos que novos deveres lhe impunham, Sanches cuja actividade era infatigavel no interesse da sua profissão e da sciencia, não limitava, na Russia, como mais tarde em Paris, á pratica da medicina os seus trabalhos.

Do fim de 1736 datava o inicio d'alguns dos seus manuscriptos, em que registava o fructo das suas leituras ou as observações que ía fazendo dia a dia. Começava em 13 de dezembro desse anno a sua *Materia medica,* em que lançava o que encontrava de valioso nas obras de Boerhaave, Van Swieten, João Boecler, John Quincy, Friedrich Hoffmann, não esquecendo o velho Plinio. Todas as vezes que lhe chegava noticia de qualquer substancia nova, lançava qualquer nota no seu livro que assim chegou a inserir informações com data de 1780. A obra, escripta para uso do auctor, ficou incompleta, com paginas e paginas em branco, mas encontram-se nella noticias colhidas nos velhos auctores portuguezes como Garcia de Orta e Zacuto, mais as que lhe mandavam correspondentes de varios paizes. [2]

Provavelmente da mesma epocha é a sua *Praxis medica interna* em que se encontram notas clinicas diversas colhidas egualmente nas suas leituras, mas alguma coisa ha de pessoal. Reflexo das ideias do seu mestre Boerhaave, encontram-se nella algumas informações sobre as peçonhas de serpentes brasileiras. Tambem com o tempo lhe foi accrescentando algumas noticias que ao seu conhecimento chegaram, por vezes alheias ao objecto do livro, como a singular noticia de uns homens que viviam nos mares que banham as costas brasileiras, sobretudo nas proximidades do Rio de Janeiro, e que apenas vinham a terra para mor-

---

[1] *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 44 e 45.

[2] *Materia medica in qua nomina, vires, preparationes remediorum continentur*. Mss. da Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris.

rer. Esta noticia tinha a abonal-a o nome de Jacob de Castro Sarmento. ([1])

A 20 de dezembro de 1736 começa outra collecção semelhante ás duas mencionadas, com o titulo de *Versuræ physicæ (morbosæ), chemicæ, physiologicæ et historiæ naturalis, anatomiæ,* em que sobretudo avultam observações anatomo-pathologicas colhidas em Ruysch. Ao lado destas ha algumas suas proprias, como quando se refere a um caso de ruptura do esophago que tinha observado em S. Petersburgo. Tambem, com o progresso dos tempos, foi juntando as noticias que dedicados correspondentes lhe enviavam. Sanches dá neste manuscripto demonstração de verdadeiro espirito scientifico, como quando ao registar um caso notavel de kysto incluso, escreve: *Je ne veux croire ce fait, mois je n'ose pas le nier.* ([2])

A 14 de fevereiro de 1737 começa tambem um tratado de semeiotica, confuso e com numerosas repetições em que depois da enumeração dos differentes symptomas inscreve as doenças a que correspondem, e o valor que têm para o prognostico. A isto chama *Adversaria de prognosticis et diagnosticis in Hippocrat.* A parte segunda começa com algumas observações medicas sobretudo sobre doenças do apparelho respiratorio. Depois Sanches aproveita o papel para uma especie de memorial em que transcreve cartas que recebe ou escreve e toma os apontamentos mais diversos. ([3])

A 10 de março de 1738 inicia o seu *Manuale practicum in usos domesticos concinnatum et per symptomate*

([1]) A *Praxis medica interna* fórma o segundo volume dos mss. de Sanches que existem na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris.

([2]) E' este o terceiro volume dos manuscriptos de Sanches existentes na Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris. Apesar da data, este manuscripto como o seguinte já estava começado em 1735. Na carta a Sampaio Valladares, Sanches escreve: «Cada homem deve fazer um peculio da sciencia a que se applica: em Latim se chama *Adversaria* ou *Versuræ* porque se hão de quotear muitas vezes: eu fiz em medicina e ainda uso deste methodo, o qual em cada sciencia é differente.» Este methodo tinha-o trazido de Leyde.

([3]) 6.º volume dos manuscriptos da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris.

et causas morborum et therapeiam digestum tam acutorum quam diuturnorum morborum, um novo tratado de semeiotica sem grande valor, e baseado mais no producto das suas leituras do que em observação pessoal. Como outros manuscriptos, depois de cheias algumas paginas, encerra trabalhos diversos, notas dispersas. Destes pequenos trabalhos, o mais importante é o começo da sua *Dissertação sobre as paixões d'alma,* á qual no capitulo seguinte nos referiremos com algum desenvolvimento. ([1])

A 10 d'agosto de 1739 enceta outro manuscripto contendo algumas observações medicas suas ou alheias. A maior parte das primeiras refere-se aos annos decorridos entre 1739 e 1741, mas encontram-se outras posteriores. As observações comprehendem 46 paginas; a seguir vêm, como em outros manuscriptos, algumas notas auto-biographicas de que lançámos e havemos de lançar mão. ([2])

Nada lhe era indifferente quando podia ser util e não havia conhecimentos a que fosse estranho. Travara relações com muitos sabios da Europa e mantinha com elles aturado commercio que abrangia todas as sciencias: a medicina, a physica, a historia natural e nomeadamente a botanica. Entre elles cita Andry os nomes de Günz, Schreiber, Amman, Haller, Condoidi, Weitbrecht, Verlhof, Goldbach, Cruzius, Sinopeus, o barão d'Asche, etc.

Destas relações de Sanches algum vestigio ficou nas suas obras.

De Günz ([3]) encontramos na correspondencia de Sanches duas cartas datadas de 17 e 26 de fevereiro de 1748. ([4]) O medico portuguez, escrevendo ao Dr. Joaquim

---

([1]) Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. V.

([2]) Mss. da Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris — vol. VII.

([3]) Anatomico allemão, nascido em Königstein em 1714 e fallecido em Dresde em 1754. Foi professor extraordinario d'anatomia e cirurgia em Leipzig. Entre outras obras publicou um catalogo da sua collecção de 2000 peças anatomicas que reuniu com um zelo extraordinario.

([4]) Mss. de Sanches na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, VIII vol.

O original foi adquirido no Ludwig Rosenthal's Antiquariat, de Munich.

Pedro de Abreu, vangloriava-se das relações que mantinha com o illustre anatomico. ([1])

Tambem nessa carta se envaidece das suas relações com Schreiber, que foi seu companheiro na Russia. ([2]) A proposito do tratamento da syphilis pelo sublimado corrosivo e pelos banhos de vapor, a que dentro em breve nos havemos de referir, escreve:

«Convenci-me depois da segurança deste methodo pelas minhas proprias experiencias e pelas que o *meu amigo*, o sabio doutor Schreiber, professor de anatomia e de cirurgia, e então medico do hospital do exercito de terra em S. Petersburgo, fez por minha solicitação, em varios doentes. ([3])

Estas relações amigaveis haviam tido um momento d'interrupção, a que encontramos a seguinte referencia:

«Lembro-me quando o Dr. Schreiber se agastou contra mim e tão sem causa, e o conheceram entonces todos que me fazia um torto consideravel, porque por bem me rendia mal, quando foi aquillo das Instrucções para ensinar a cirurgia; a causa foi porque eu lhe disse que elle me nomeava no seu tratado da Peste que imprimira com pouca reputação, malgré que me dera o titulo de grande medico.» ([4])

A J. Conrado Amman, auctor de um tratado de plantas da Russia, ([5]) chama *seu amigo*. Delle colhera uma

---

([1]) Carta de 26 de março de 1760. Idem, idem.

([2]) Medico allemão, nascido em Königsberg em 1705 e fallecido em S. Petersburgo em 1760. Foi discipulo de Boerhaave e exerceu a medicina na Hollanda, indo em 1731 para a Russia, onde serviu no exercito, foi nomeado professor de anatomia e cirurgia em S. Petersburgo e por ultimo medico conselheiro da imperatriz.

([3]) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 4 e 5.

([4]) Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. VI, pag. 68.

([5]) Nasceu em Schaffhouse em 1707 e falleceu em S. Petersburgo em 1741. Foi discipulo de Boerhaave e recommendado por elle foi a Londres onde auxiliou Hans Sloane em alguns trabalhos. Em 1733 partiu para S. Petersburgo onde occupou até á morte uma cadeira de botanica e historia natural. A sua obra mais importante é aquella a que se faz referencia no texto.

anecdota interessante sobre a resistencia das creanças á dôr:

«Assistia elle no hospital de Londres á operação da talha que foi feita em nove creanças. As duas primeiras soltaram gritos quando se fez a operação. O cirurgião induziu as outras a não mostrarem que eram creanças e a provarem que já tinham firmeza de homens, e um delles disse em tom de voz seguro e resoluto: *não gritarei*, e effectivamente os assistentes ficaram dominados por um sentimento de horror e prazer, vendo-o supportar esta terrivel operação sem lhe ouvirem o mais insignificante gemido; não tinha mais de nove a onze annos.» ([1])

Na carta que dirigiu ao Dr. Joaquim Pedro d'Abreu, Sanches orgulha-se de manter correspondencia com Haller, cujo nome seria offensa ao leitor acompanhar de qualquer commentario. Nos manuscriptos do medico portuguez encontramos uma carta sua ao seu grande collega datada de 20 de junho de 1747 em que lhe agradecia uma remessa de livros. ([2])

A Condoidi, em carta a Krents, de 15 de fevereiro de 1762, denomina-o Sanches «mon condisciple et ancien ami». ([3]) Entre os seus papeis conservava o relatorio da autopsia do principe Constantino Cantemir, assignado entre outros por P. Condoidi.

De Verlhof formava o juizo de que era um judicioso medico. ([4]) A Goldbach já nos referimos anteriormente.

Dos outros illustres nomeados por Andry não encontramos vestigios, mas á lista apresentada pelo dedicado amigo de Sanches outros nomes ha que accrescentar.

Por 1740 Gaubius pediu-lhe que mandasse vir da Persia o manná e o borax nativo. O medico portuguez pôde satisfazer o desejo do seu antigo mestre. O manná, differente do que corria no commercio, mandou-o tambem a Collinson,

---

([1]) Art. *Affections de l'âme* da *Encyclopedie methodique*, pag. 262.

([2]) Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris — VII vol.

([3]) Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris — VI vol., pag. 268 e 269.

([4]) *Peculio de varias receitas*, fl. 112.

ALBERTO HALLER

Copia de um medalhão publicado nos seus *Opuscula pathologica*, Venetiis, sumpt. hæredum Baglioni — 1755.

RIBEIRO SANCHES — pag. 124.

que o communicou a Fothergill e este publicou a seu respeito uma excellente descripção nas *Philosophical Transactions*. ([1])

Entre os papeis do medico portuguez encontramos uma carta de Abrahão Kaau com data de 7 de julho de 1742. ([2]) Em outra dirigida por este a seu tio chamava ao nosso compatriota *magnus et subtilissimus*. ([3])

Sobre o borax pediu informações a Cook, cirurgião inglez, que durante algum tempo esteve á frente do exercito russo e este mandou-lh'as em 1744, em carta datada de Astrakan, a 21 d'abril. ([4])

Como tivesse ensejo de se encontrar com Krachenninikov, companheiro de Steller na exploração do Kamtchatka, ouviu-o sobre as producções daquella peninsula. ([5])

Um dos correspondentes mais assiduos de Sanches foi Mairan, ([6]) que por varias vezes lhe pediu a opinião

---

([1]) *Materia medica*, mss. da bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. I.

([2]) Op. cit., pag. 67 v.

([3]) Mss. da mesma Bibliotheca, vol. V. — Abrahão Kaau Boerhaave, filho de Jacob Kaau, medico da Haya, nasceu nesta cidade em 5 de janeiro de 1715 e falleceu em 14 de julho de 1758. Sobrinho de Hermann Boerhaave, fez os seus estudos na Universidade de Leyde. Durante algum tempo clinicou na Haya, apesar da surdez que o affligia. A Academia das Sciencias de S. Petersburgo nomeou-o seu associado em 1744 e dois annos mais tarde foi chamado á capital da Russia por seu irmão Hermann, primeiro medico do imperador. Depois de ter sido empregado no hospital do Almirantado, substituiu Weitbrecht na cathedra de anatomia e physiologia. Apesar da surdez, teve uma grande clinica. Entre as suas obras deixou uma sobre a força vital e as sympathias, que teve grande celebridade.

([4]) Op. cit. — vol. VII, fl. 78 v. — O que fica escripto differe do que Andry e Vicq d'Azyr narram a este respeito. Preferimos, porém, basear-nos nas proprias affirmações de Sanches.

([5]) Op. cit. — vol. VII, fl. 77 v. — Estevão Petrovitch Kracheninnikov nasceu em Moscou em 1713 e falleceu em S. Petersburgo em 1755. Foi addido em 1733 á expedição scientifica de Gmelin á Siberia. Penetrou depois até ao Kamtchatka, onde esteve alguns annos, publicando no regresso a primeira descripção completa deste paiz. O livro foi traduzido em francez, allemão, inglez e hollandez.

([6]) Jean Jacques Dortous de Mairan nasceu em Béziers em 26 de novembro de 1678 e falleceu em Paris em 20 de fevereiro de 1791. Orphão aos 16 annos e com uma certa fortuna, deu-se ao estudo profundo das sciencias exactas, sendo-lhe coroadas pela Academia de Bordeus três

e observações sobre assumptos importantes. As respostas de Sanches valeram-lhe o logar de correspondente da Academia Real das Sciencias de Paris. ([1])

Na sua curiosidade pela historia natural, o medico portuguez travou com os jesuitas portuguezes da China um interessante commercio scientifico. Tendo encontrado em S. Petersburgo um professor de allemão chamado Bayer que alguma coisa percebia da lingua sinica, este disse-lhe que se correspondia com aquelles missionarios. Sanches escreveu-lhes immediatamente, aproveitando as caravanas que de três em três annos iam de S. Petersburgo a Pequim. ([2]) Os padres a quem se dirigia eram André Pereira, já fallecido em 1747, e o bispo Polycarpo de Sousa, que tinha sido seu contemporaneo em Coimbra. Mandava-lhes livros de philosophia e mathematicas, recebendo em troca curiosidades naturaes e productos interessantes que examinava gostosamente com os amigos e distribuia pelos seus correspondentes afastados.

Deste commercio scientifico é documento a carta do P.e André Pereira, mandarim do tribunal das mathematicas

---

memorias: *Sobre as variações do barometro; Sobre a causa da luz dos phosphoros e dos noctilucos; Sobre o gêlo.* Em 1718 entrou para a Academia das Sciencias de Paris, da qual veiu a ser secretario perpetuo em 1740. Physico e astronomo de valor real, foi um dos homens mais considerados do seu tempo. Devem-se-lhe grande numero de memorias na collecção da Academia das Sciencias de Paris e no *Journal des savants*; um *Traité physique et historique de l'aurore boréale* (Paris, 1731); *Eloges academiques* (Paris, 1747); *Conjectures sur l'origine de la fable de l'Olympe* (Paris, 1761); *Lettres d'un missionaire à Peking* (Paris, 1770).

([1]) Um amigo de Sanches, J. Jacintho de Magalhães, a quem adeante nos havemos de referir ainda, e que deixou algumas notas manuscriptas á biographia de Sanches escripta por Andry, diz a este respeito o seguinte: «Je ne trouve point le nom du Dr Sanches dans la liste des correspondants de l'Academie Royale des Sciences de Paris. Apparément il s'est demis de cette correspondance à cause de ses occupations; peut-être aussi qu'il ait voulu vaquer cette place pour que l'on pusse y elire quelqu'un de ses amis ce qui ne paraîtra point improbable à ceux qui, comme moi, ont connu la vigueur et la chaleur de son attachement pour ses amis.»

([2]) Já em 1735 fallava a Sampaio Valladares nestas relações. Em 1747 em carta ao P.e Manuel Baptista affirmava que já tinham ido quatro caravanas com correspondencia.

de Pequim, dirigida ao bispo Polycarpo de Sousa em 30 de junho de 1743, e relativa a um tufão que observou em Macau. ([1])

Com o nosso paiz poucas relações mantinha Ribeiro Sanches. Na Russia, onde ia esquecendo a nossa lingua por ter de fallar quasi todos os dias cinco idiomas, nenhum dos quaes era o seu; onde na Bibliotheca Imperial encontrava um unico livro portuguez, a *Miscellanea* de Leitão d'Andrade, as cartas levavam muito tempo a chegar e pagavam um porte muito elevado. ([2]) Todavia, já nos referimos a três cartas suas dirigidas ao Dr. Sampaio Valladares, que hoje se encontram na Bibliotheca de Evora. Ahi lhe chegava em 1738 uma carta do Principal da egreja patriarcal de Lisboa, D. Francisco d'Almeida, com uma lista de substancias medicinaes originarias do Brasil. ([3])

Compatriotas que visse apenas sabemos do irmão. Tinhamol-o deixado em Paris a estudar cirurgia, quando Sanches foi em companhia de um seu discipulo para Leyde. Na carta do medico portuguez a Sampaio Valladares, de 15 de julho de 1735, diz elle que Manuel Sanches estava em Paris ao serviço de um cirurgião, primeiro com o auxilio do seu discipulo da familia Solis e depois com o delle proprio. «Começou a viver como christão e vive a Deus graças e o sustento até agora e o farei emquanto puder.» A carta, porém, levou quasi um mez a escrever, e proximo do termo vê-se que o moço cirurgião não se sentia bem e desejava regressar á patria. «Hoje tive carta de meu irmão de Paris, o qual me parece que aproveita o seu tempo, porque sabe hoje anatomia, botanica e cirurgia praticas e especulativas, conforme vejo nas cartas que me escreve, mas elle me ruina e o dou por bem empregado, me diz que se quer para Portugal, se eu lh'o con-

---

([1]) *Tratado da conservação da saude dos povos*, pag. 6.

([2]) Na carta a Sampaio Valladares de 15 de julho de 1735, d'onde colhemos estes pormenores, diz Sanches que uma carta pequena pagava de porte 2$000 réis.

([3]) Mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. VI, pag. 233.

sentir; mas elle não sabe ao que estará lá sujeito e eu tremo de dar-lhe permissão; não sei o que hei-de fazer porque este rapaz não sabe nada da Inquisição inteiramente e cuida que Portugal é como a França, que com se confessar e cumprir a penitencia que lhe impõe o seu confessor que fica satisfazendo ao mundo e que do coração se arrependa e peça perdão a Deus. Emfim ainda estará algum tempo em Paris e no entretanto Deus nos mostrará algum caminho.»

Dois annos depois, em 1737, Manuel Sanches vinha para junto do irmão. [1] Nunca mais se tornariam a avistar. No anno seguinte, Manuel defendia em Leyde a sua dissertação *De gangrena*, a 21 de julho de 1738. [2]

Em 1739 já Manuel Sanches estava em Napoles, [3] onde passou toda a vida.

A situação de Ribeiro Sanches como medico do exercito devia pôl-o em contacto com alguns officiaes illustres de terra e mar. O almirante Gallovin dava-lhe algumas informações sobre a conservação das carnes para consumo da marinha. [4] O governador da fortaleza de S. Petersburgo, Isaiof, lamentava em conversa com Sanches a de-

---

[1] Uma parte das *Versuræ physicæ, etc.*, com o titulo de *Vegetantia* tem a seguinte nota: Hæc a Fratre Man. Marcel Sanches collecta fuere, dum Petropoli fuit anno 1737.

[2] O titulo completo da these é *Specimen medico-chirurgicus de Gangraina*, quod Annuente Deo ter opt. max. Ex auctoritate Magnifici Rectoris D. Bernardi Siegfried Albini, Medicinae Doctoris, anatomes et chirurgiae in Academiae Lugduno-Batava Professoris ordinarii, nec non Amplissimi Senatus Academici Consensu & Nobilissimae Facultatis Medicae Decreto, Pro Gradu Doctoratus, Summisque in Medicina Honoribus & Privilegiis ritè ac legitimi consequendis, Eruditorum examini submittit Emmanuel Marcel Sanches Transcudanus. Ad diem 21 Julii MDCCXXXVIII horâ loco que solitus.

[3] Entre os manuscriptos de Antonio Ribeiro Sanches encontra-se um trabalho de Manuel Sanches com o titulo de *Fautes à relever tant en anatomie qu'en physiologie*, faites par l'auteur d'une brochure intitulée *Divisamento in torno lo accaducto a Matteo Pizza*, etc., etc. Tem a seguinte data: Fait à Naples ce 28 decembre 1739.

[4] *Tratado da conservação da saude dos povos*, pag. 228.

minuição de estatura e vigor das tropas russas. ([1]) D'entre estes militares o que mais vezes nomeia é o feld-marechal Münnich, sob as ordens do qual serviu na campanha contra os tartaros e os turcos e que foi o commandante do nobre corpo de cadetes de que o nosso compatriota foi medico. Em um dos seus manuscriptos chama-lhe «o mais activo e vigilante general que conheci entre muitos outros» e louva-lhe muito os habitos madrugadores, imitados de Pedro o Grande ([2]) que celebra tambem nas *Cartas sobre a educação da mocidade.* ([3]) Egualmente se refere á sua proposta para a creação do Collegio militar, chamando-lhe por essa occasião «grande general.» ([4])

A sua posição ía, porém, melhorar ainda e os seus meritos obtiveram sancção merecida com a nomeação que recebeu em 3 de março de 1740 de medico da côrte (Hof-medicus). A este cargo, segundo o testemunho de Tchistovitch, correspondia um ordenado de 2:000 rublos, além de moradia, alimentação, carruagem, etc., tudo avaliado em 500 rublos. A sua primeira consulta foi um oraculo, diz Andry. A Imperatriz andava doente havia oito annos, mas a causa da doença era ignorada até então. Sanches diagnosticou um calculo renal para o qual nenhum remedio havia, aconselhando apenas palliativos. Seis mezes depois cumpria-se a prophecia; a Imperatriz morria e procedendo-se á autopsia verificava-se a exactidão do diagnostico do medico portuguez.

A morte da Imperatriz deixava a Russia em uma grande excitação que já em vida della se manifestara intensa. O peso dos impostos, o rigor das perseguições, a frequencia dos recrutamentos desesperavam os camponezes, ao passo que o desfavor em que tinham caído Feofilakte, Tatichtchef, Roumantsof, Makarof, velhos companheiros de Pedro o Grande, ao mesmo tempo que o supplicio

---

([1]) *Mémoires de la Société Royale de Médecine*, 1782, pag. 267.
([2]) *Education d'un seigneur russe*, mss. da collecção Barca-Oliveira.
([3]) Op. cit., pag. 127.
([4]) Op. cit., pag. 112.

de Volynski, Galitsyne e dos Dolgorouki pareciam uma ameaça para toda a nação. A' chancellaria secreta chegavam echos do descontentamento geral, attribuindo o povo todos os seus males ao reinado de uma mulher e repetindo um velho rifão: «Cidades governadas por mulheres não duram, os muros que ellas constróem não sóbem a grande altura». Outros diziam que o trigo não nascia porque reinava uma mulher. Havia saudades do tempo, bem duro todavia, de Pedro o Grande, e uma canção popular chamava-o do tumulo para vir castigar o favorito de Anna, «Biren, o maldito allemão». Os raskolniks ([1]) tinham annunciado que em 1733 haveria um grande terror pela colera de Deus e que Anna seria presa e julgada em Moscou. As prophecias, porém, falharam e já vimos que Anna Ivanowna morreu no throno; morreu confiando a regencia a Biren e ao assignar a nomeação, na vespera da morte, disse-lhe: *Né boïs,* nada temas.

Que luctas, que intrigas não se haviam de desenrolar na menoridade de Ivan, com três mezes apenas! Continuava o reinado impopular dos allemães com Biren, com o principe Antonio de Brunswick Bevern e sua mulher Anna Leopoldowna de Mecklemburgo. Para cumulo de desgraças, — ou para allivio do povo, a quem estas dissenções aproveitavam — não havia homogeneidade no governo. Os paes do imperador a custo supportavam a tutella de Biren e este pensava em desfazer-se delles. Fôram estes que momentaneamente triumpharam. Münnich, a quem a nullidade enfatuada do ministro opprimia, tomou um partido decisivo. Em uma noite de novembro raptou-o, a duqueza de Curlandia, sua mulher, foi lançada quasi núa fóra do seu palacio, e todos os seus amigos fôram presos. Ao poder escandaloso que Biren desfructara no reinado de Anna Ivanowna succedia agora o exilio na Siberia.

Não podia Sanches lamentar a queda de Biren, a cujo

([1]) Adeptos das seitas religiosas conhecidas pelo nome collectivo de *raskol* (schisma) que dividiram a egreja russa orthodoxa, depois da revisão dos livros santos que o patriarcha Nikon fez approvar por um synodo em 1654. Chamam-se tambem *velhos-crentes.*

filho devia aggravos. «Lembra-me todo o mal que me fez o filho do Duque de Curlandia», escreve elle a 29 de julho de 1743. Attribuia-o a que tendo-lhe este mostrado uma espada valiosa, o medico portuguez lhe dissera que ella pertencera a um fidalgo inglez, Mr. Keyth. ([1])

Esta *pequena causa de muitas coisas grandes* não sabemos que resultados teve, mas basta para se inferir que a tyrannia do favorito lhe foi penosa.

Temos os paes do imperador senhores do poder. Como hão de remunerar o valioso serviço que Münnich lhes prestara? Este queria ser generalissimo, mas o logar desejava-o Antonio de Brunswick para si e Münnich teve de contentar-se com o cargo de primeiro ministro. Ostermann, outro auxiliar da conspiração, foi feito grande almirante. Mas dentro em pouco Anna, o marido e Ostermann unem-se contra o seu libertador, e Münnich, cheio de desgostos, vê-se obrigado a pedir a demissão. Ficam em presença o pae e a mãe do pequeno imperador. Mas estes passam a vida em perpetuas desavenças, disputando entre si a auctoridade, lançando em rosto um ao outro as mutuas infidelidades. Ostermann está ao lado do marido contra a mulher. E esta mostra uma incapacidade realmente escandalosa. Entregue ao seu favorito Lynar e á sua favorita Julia Mengden, passa dias inteiros encerrada nos seus aposentos com os seus intimos, sem animo para se vestir, deitada em um canapé, com um lenço atado na cabeça. E a opposição ía crescendo e concentrava-se em torno da filha de Pedro o Grande, a ambiciosa e intelligente, embora ignorante, Isabel Petrowna.

No meio destas intrigas Sanches passava as difficuldades que se adivinham. Anna Leopoldowna nomeara-o physico do pequeno imperador ([2]) e manifestava por elle

---

([1]) Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris — t. VII.

([2]) São muito interessantes as instrucções para os medicos assistentes do menor Ivan, datadas de 5 de novembro de 1740 e que traduzimos de Richter.

Para este cargo são designadas duas pessoas: o archiatra Fischer como primeiro e o dr. Ribeiro Sanches como segundo medico assistente,

uma illimitada confiança, enchendo-o de distincções e manifestando-lhe constantemente o seu apreço. A *Jewish Encyclopedia* chega a dizer que até de Riga o chamava a examinar as prescripções dos physicos da côrte.

Sanches mostrava-se grato aos favores recebidos e

---

sendo concedido a cada um o ordenado annual de 3:000 rublos, moradia, comida e carruagem gratuita.

Os seus deveres e obrigações consistirão principalmente em servir a pessoa de Sua Majestade Imperial e tratar por todos os meios de conservar a sua saúde. Para melhor alcançarem este resultado é indispensavel:

1.º Que em tudo o que importe á saúde de S. M. Imperial, os dois medicos assistentes procedam sempre de accordo, não determinando coisa alguma sem previa resolução e consentimento mutuo.

E para esse fim tambem se torna necessario:

2.º Que visitem e conferenciem tanto quanto possivel juntos sobre a saúde do Imperador, ou quando isso não seja possivel e só um faça a visita que o que encontrar o participe ao seu collega, informando-o do estado de saúde de Sua Majestade, e nunca receite de per si o mais insignificante remedio sem que tenha havido conferencia, nos termos do paragrapho primeiro. Devem redigir conjunctamente um diario sobre o estado de saúde de Sua Majestade Imperial e conserval-o em sitio especial sempre accessivel a todas as pessoas.

3.º No caso em que sua Majestade sinta algum incommodo que demande tratamento especial deve ser ouvida a opinião do Dr. Azzariti e realizar-se conferencia com elle sobre os meios e remedios applicaveis. Neste caso tambem se torna obrigatorio dar-lhe conhecimento do diario. E mais

4.º A redacção do modo de tratamento da pessoa e saúde do Imperador, depois de previa consulta do mesmo Azzariti e outros medicos habeis, a explicação da maneira de proceder e o seguimento rigoroso do prescripto.

5.º Os dois medicos terão de tratar, além da pessoa de Sua Majestade Imperial, dos paes de Sua Majestade em todos os casos para que sejam chamados.

6.º Terão de assistir sempre com toda a dedicação e no melhor entendimento ás damas destinadas ao serviço de Sua Majestade, porque para o bem estar de Sua Majestade indispensavel se torna conservar tanto quanto possivel a sua saúde.

7.º No caso em que satisfeitas estas funcções ainda disponham de tempo para fóra da côrte visitarem particulares isto lhes será como anteriormente permittido, mas sob a condição que disso não advenha desleixo dos seus encargos e que se abstenham de casas onde por ventura haja doenças contagiosas, sobretudo bexigas e semelhantes doenças, e para evitar distracção que só tratem de pessoas que se achem realmente ao serviço de Sua Majestade Imperial.

afeiçoara-se sinceramente ao pequeno imperante. Sentia, porém, que o solo tremia na vespera de uma catastrophe e a 1 de abril de 1741 escrevia: *Prudentia in aula; video et taceo.* (1)

Mas eis que, em fins de 1741, estala a revolução que leva ao throno Isabel Petrowna. E' uma revolta militar que se declara em favor da filha de Pedro o Grande. Como sempre, o partido vencedor faz pagar caro o triumpho. Anna Leopoldowna, o principe Antonio, o pobre imperador, Münnich, Ostermann, Lœwenwold e os Mengden são presos durante a noite. Isabel é proclamada imperatriz autocrata e os grandes do imperio adherem immediatamente ao lance militar. Ivan é internado em Schlusselburgo, e Anna encerrada com o marido e os filhos em Kholmogory.

Em meio de semelhante catastrophe, o proceder de Ribeiro Sanches inspira respeito e admiração. Devotado á regente, que o honrava com a sua confiança, afeiçoado ao infeliz imperante, destinado ao captiveiro e á morte, amigo do marechal Münnich, condemnado ao esquartejamento que aliás foi commutado em exilio por Isabel Petrowna, nunca pensou em os abandonar na ruina. Por isso se julgou tambem condemnado á proscripção. Desde esse momento nunca teve repoiso, nem um instante de somno socegado, vendo sempre suspensa sobre a cabeça uma espada ameaçadora. Timido e concentrado, retrahia-se cada vez mais. Os seus receios augmentavam sobretudo pelo caracter inquieto e cioso de Lestocq, que de cabelleireiro e cirurgião da imperatriz veiu a ser seu primeiro medico e elevado a conde.

Quando outros se preoccupariam apenas com a queda dos seus amigos, com a ruina das suas esperanças e com a falta de segurança pessoal, Sanches occupava-se dos seus estudos, dos seus livros, da sciencia que cultivava. Já atraz citamos factos que o provam. Um outro solicita agora a nossa attenção:

---

(1) Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. VII, fol. 47.

Em 1742, um cirurgião allemão, que durante alguns annos vivera na Siberia, no governo de Tobolsky, disse-lhe que o sublimado corrosivo era ahi muito empregado contra a syphilis desde o anno de 1709 em que Pedro o Grande para lá mandara trinta mil suecos aprisionados na batalha de Pultava, mas aquelle cirurgião nunca lhe quiz communicar a dóse em que o medicamento era empregado, dizendo-lhe apenas que o vehicúlo era a aguardente de cereaes, e que immediatamente depois da sua applicação faria entrar os doentes em um banho russo de vapor em que elles suavam abundantemente, que os mandava recolher ao leito depois desta operação e que por este methodo curara exostoses, caries e ulceras de mau caracter, etc.

Durante algum tempo fez Sanches experiencias para fixar a dóse do medicamento e encontrou que se podia dar aos individuos robustos meio grão de sublimado em uma onça d'aguardente de cereaes, uma ou duas vezes por dia, fazendo entrar immediatamente o doente no banho de vapor, e ás pessoas enfraquecidas pela doença ou naturalmente delicadas, a quarta parte de um grão em vinte e quatro horas até á cura completa de todos os symptomas. As experiencias a que procedeu convenceram-n'o da segurança deste methodo e este convencimento foi reforçado pelo estudo a que procedeu o Dr. Schreiber, professor de anatomia e cirurgia e então medico do hospital do exercito de terra em S. Petersburgo, por solicitação do medico portuguez.

Communicou então os effeitos deste remedio a Van Swieten que muito lh'o agradeceu em cartas que lhe dirigiu e depois publicamente no 5.º volume dos seus Commentarios sobre os aphorismos de Boerhaave; mas Sanches ficou surprehendido de que o seu antigo mestre não fizesse menção da utilidade do banho de vapor durante o uso deste remedio e que em vez do banho prescrevesse um cozimento de althéa e alcaçuz com leite, ou algumas vezes um cozimento de cevada ou d'aveia tambem com leite. Mais surprehendido ainda ficou de que este medico respeitavel affirmasse que elle Sanches lhe communicara que a salivação apparecia ordinariamente nos doentes que tinham

feito uso do sublimado. Verdade era que a tinha visto sobrevir nos individuos que depois de terem saído do banho se não tinham agasalhado com cuidado, mas nunca a vira nos individuos que se sujeitavam rigorosamente ao tratamento prescripto. ([1])

Por mais, todavia, que Sanches se isolasse e se désse exclusivamente aos seus trabalhos, podia ser posto completamente de parte um sabio do seu valor! Um dia, o duque de Holstein, o futuro Pedro III, adoeceu gravemente. Sanches passou trinta noites seguidas á cabeceira do leito do enfermo e salvou-o. Tambem, em 1744, Sanches tratou da princeza Sophia Augusta, ao depois a imperatriz Catharina II, e ella mesmo escreve nas suas *Memorias* que lhe deveu a vida. ([2]) Recompensaram-n'o com um logar de conselheiro d'estado, mas elle desejava outra mercê mais difficil de obter, a sua exoneração, que afinal pôde conseguir, mercê dos protectores poderosos que ainda intercediam em seu favor. Em 4 de setembro de 1747 alcançou a sua demissão em um documento altamente honroso que pela primeira vez apparece em uma publicação portugueza.

Copia do certificado de exoneração do doutor diplomado Antonio Ribeiro Sanches por occasião da sua partida da Russia

Pela graça de Deus, Nós, Isabel,
Imperatriz, etc. etc.

De motu proprio o doutor em medicina Antonio Ribeiro Sanches apresentou e expoz o seu pedido de exoneração em conformidade da nossa decisão de 1731, para a reforma da arte medica praticada por elle com diploma e com a consideração de um homem competente. Decidimos exprimir-lhe a nossa satisfacção em attenção aos seus trabalhos e á sua habilidade profissional e concedemos-lhe o titulo de segundo medico da real camara, com o fôro de fidalgo hereditario; e attento que se desempenhou com cuidado do trata-

([1]) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 3 a 8.
([2]) *The Jewish Encyclopedia.*

mento dos seus doentes, concedo-lhe este certificado de livre exoneração, revestido da minha assignatura autographa.

ISABEL.

S. Petersburgo, 4 de setembro de 1747. [1]

Esta versão, que é a de Andry e Vicq d'Azyr e acceite depois delles por todos os seus biographos, é um pouco modificada pelo auctor do artigo publicado pela *Jewish Encyclopedia* que se baseia em alguns documentos que desconhecemos. Segundo os seus dizeres, as coisas não se passaram exactamente assim. A retirada de Sanches não foi voluntaria, antes uma consequencia das suas antigas convicções religiosas. Isabel odiava os judeus e soubera que o medico da côrte tinha affeição ao judaismo. Voltaremos a este assumpto dentro em breve.

Antes, porém, da sua partida pôde satisfazer uma divida de gratidão. Dois sobrinhos de Boerhaave tinham vindo para a Russia, acolhendo-se á protecção do antigo discipulo de seu tio. Sanches pôde obter-lhes collocações vantajosas. Eram elles Abraham Kaau Boerhaave, a quem chama seu amigo [2] e aquelle Jacob Kaau Boerhaave que lhe emprestava o manuscripto *De sectis medicorum* do grande professor de Leyde, que Sanches mandava copiar.

---

[1] Este documento foi pela primeira vez publicado na *Historia da medicina na Russia*, de Richter — Moscou, 1820 — Typographia da Universidade (em lingua russa). Devemos a sua traducção ao distincto engenheiro Julio Cordewener, a quem exprimimos gostosamente o nosso reconhecimento.

[2] Art. *Affections de l'âme* da *Encyclopedie méthodique* do livreiro Panckoucke, pag. 252.

CAPITULO VII

Viagem da Russia á França — Fixação em Paris — Os seus trabalhos, as suas relações: portuguezes com quem mais ou menos viveu.

Logo depois de assignado o seu decreto de exoneração, Sanches deixou a Russia. Refere-se elle em uma das suas obras á sua passagem em Potsdam, onde o preoccupou a maneira como se procurava desenvolver a industria nacional:

«Eu passando em Potsdam na Prussia, vi e ouvi que el Rey Guilhelmo, pae do rei actual, fundara e estabelecera nesta villa toda a sorte de fabricas de lan...» ([1])

Dizem os seus biographos que, de passagem em Berlim, o nosso compatriota foi recebido pelo grande Frederico que almejava por saber de pessoa tão competente pormenores sobre a ultima revolução da Russia e sobre as diversas questões de administração de que Sanches devia ter profundo conhecimento. Este illudiu a curiosidade do soberano e a entrevista versou apenas sobre physica e historia natural.

([1]) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P***, mss. da collecção Barca-Oliveira, pag. 4.

Atravessou a Lorena, onde admirou outra vez a fertilidade da região e o desenvolvimento da agricultura. ([1])

Chegou a Paris no fim de 1747. Quaesquer que fôssem os motivos por que abandonara a Russia, adivinham-se as incertezas e ameaças que antevia para o futuro. Era começar vida nova em edade madura, e sobretudo quando, não tendo gosado nunca de vigor e saúde, a recente catastrophe lhe devia ter abalado fortemente o espirito.

Não lhe deviam abundar os recursos, via-se abandonado do paiz que tão dedicadamente servira, não podia contar com auxilio da patria que o esquecera, achava-se em um paiz incomparavelmente mais culto do que a Russia, mas onde não tinha relações, nem protectores, nem amigos. O unico que lá encontrava, D. Luiz da Cunha, breve o havia de perder, como veremos.

O amor que sempre manifestara pelas sciencias determinou-o, porém, a ficar. Ahi devia viver ainda trinta e seis annos, cuja historia temos agora a traçar.

E' um periodo largo, em que não encontramos as peripecias dramaticas dos ultimos annos da sua residencia no vasto imperio do norte, mas em que a sua actividade produziu fructos que até então lhe não consentira a agitada existencia que levara. Com o tempo, a Russia lembrar-se-ía dos seus relevantes serviços; Portugal procuraria aproveitar-lhe os talentos e na propria França havia de abrir carreira. Perante as difficuldades que uma simples narração chronologica dos acontecimentos da sua vida apresenta, haverá que reservar capitulos especiaes a estas relações com o paiz d'adopção e o paiz de origem. E todavia sabemos bem que tiramos a estas paginas o maior attractivo que poderiam offerecer, o da variedade.

Para tomar a resolução de se fixar na capital da França, concorreram por muito as affeições que Sanches conseguiu despertar em Paris. Diz Andry que inspirou a Camillo Falconet uma viva sympathia que em pouco se tor-

---

([1]) Op. cit., pag. 7.

O original foi adquirido no Ludwig Rosenthal's Antiquariat, de Munich.

RIBEIRO SANCHES — pag. 138

nou amizade profunda ([1]) e grande numero de sabios e homens de lettras o tinham em estima e consideração. O medico parisiense aponta os nomes de d'Alembert, ([2]) Buffon, ([3]) Diderot, ([4]) Daubenton, ([5]) Valart, ([6]) de

---

([1]) Entre as observações de Sanches que fazem parte dos manuscriptos da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. VII, encontra-se uma carta datada de 25 d'abril de 1749, em que é mencionado Falconet como tendo concorrido junto do doente.

Camillo Falconet nasceu em Lyon em 1671 e falleceu em Paris em 8 de fevereiro de 1762. Filho e neto de medicos distinctos, estudou a medicina e fixou-se em Lyon, onde adquiriu uma solida reputação. Foi para Paris em 1707 e succedeu dois annos depois a Tournefort como medico da Chancellaria. Muito erudito, amigo de Mallebranche e de Fontenelle, foi eleito membro da Academia das inscripções e bellas letras. Além de algumas memorias publicadas entre as desta sociedade, publicou edições dos *Amores pastoris de Daphnis e Chloé*, do *Cymbalum Mundi* de Despériers, do *Elogio da loucura* de Erasmo, da *Theoria dos turbilhões* de Fontenelle.

([2]) Em um *Journal* que faz parte dos mesmos manuscriptos, vol. IV, encontram-se lembranças da maneira como Sanches contava empregar o dia 2 de junho de 1780. Fazia tenção de visitar d'Alembert.

Seria fazer injuria ao leitor suppôr que desconhece o nome do grande mathematico e philosopho.

([3]) Já precedentemente extrahimos da *Histoire naturelle*, cujo primeiro volume appareceu em 1749, alguns trechos de communicações de Sanches ao illustre naturalista francez.

Desacompanhando o nome do illustre naturalista de qualquer commentario, movem-nos os mesmos motivos expressos na nota anterior.

([4]) Sanches collaborou na *Encyclopedie methodique*, como adeante se verá.

Ainda pelas mesmas razões fica desacompanhado de annotação o nome do famoso philosopho, editor da *Encyclopedie methodique*.

([5]) Luiz João Maria Daubenton nasceu em Montbard (Côte d'Or) em 29 de maio de 1716 e falleceu em Paris em 1 de janeiro de 1800. Foi collaborador de Buffon na sua *Historia natural* na parte relativa aos mammiferos. Daubenton tem o merito de haver affirmado a importancia do estudo da anatomia comparada para a determinação dos fosseis, e por este titulo foi um precursor de Cuvier. Além d'isto tornou-se notavel pelos seus trabalhos de physiologia vegetal, de agricultura e economia rural.

([6]) No *Journal* acima citado, menciona-se a 11 de junho de 1769 que o P.e Valart lhe deu noticia de que em Inglaterra se tinha publicado um livro contra Newton.

O P.e José Valart era um humanista nascido em Fardel (Artois) em 1698 e fallecido na mesma povoação em 1788. Fez os seus estudos no collegio de Amiens, abraçou o estudo ecclesiastico e abriu uma escola que

Canaye, [1] Pluquet, [2] Delisle, [3] Messier, [4]

---

teve de fechar por incuria sua. Depois de ter occupado durante algum tempo um logar de preceptor foi para Paris, entrando para a Escola militar como professor e prefeito dos estudos, demittindo-se destes logares para voltar á terra natal. Escreveu grande numero de trabalhos para o estudo da lingua latina e publicou edições de Cicero, Ovidio, Horacio, Vegecio e Celso.

[1] O P.e Estevão de Canaye era um erudito da congregação do Oratorio, membro da Academia das Sciencias e bellas letras, que nasceu em Paris a 7 de setembro de 1694 e falleceu na mesma cidade a 12 de março de 1782. Entrando para o Oratorio em 1716, ensinou philosophia em Juilly. Deixando a congregação em 1728, limitou-se a collaborar nas Memorias da Academia a que pertencia e onde travou amizade com d'Alembert e Foncemagne.

[2] Francisco André Adriano Pluquet era um ecclesiastico francez nascido em Bayeux em 1716 e fallecido em Paris em 1790. Nomeado procurador junto do tribunal da Universidade de Paris, ligou-se com Fontenelle, Montesquieu e Helvetius. Aos quarenta e um annos publicou a sua primeira obra, *Exame do fatalismo* (Paris, 1757), em que revelava um profundo conhecimento da antiguidade. Os encyclopedistas procuraram chamal-o a si, mas elle atacou-os nas suas *Memorias sobre os desvairamentos do espirito humano* (Paris 1762). Outras obras se lhe devem, entre ellas o seu *Tratado sobre a sociabilidade* (1767) contra Hobbes.

[3] José Nicolau Delisle era um astronomo nascido em Paris em 4 de abril de 1688 e fallecido na mesma cidade a 11 de setembro de 1768. Apaixonou-se pela astronomia e obteve em 1710 auctorização para estabelecer um observatorio rudimentar no palacio do Luxemburgo. Entrou em 1714 para a Academia das Sciencias de Paris, fez em 1724 uma viagem á Inglaterra e partiu em 1726 para a Russia, onde fundou uma escola de astronomia e onde ficou até 1747. Voltando a França, estabeleceu um observatorio no palacio de Cluny onde continuaram os seus trabalhos até á morte. Entre os seus discipulos contou Messier e Lalande. Deixou um grande numero de memorias sobre astronomia e mathematicas.

[4] Em carta escripta a Domascheff em 1776, Sanches diz que era amigo de Messier havia 22 annos.

Carlos Messier era um astronomo nascido a 26 de junho de 1730 em Badonviller (Lorena) e fallecido em Paris a 12 de abril de 1817. Discipulo de Delisle que sempre se mostrou cioso do seu merito, foi cognominado por Luiz XV o «furão dos cometas», titulo que mereceu porque descobriu mais de vinte. Deixou differentes memorias sobre as observações astronomicas que effectuou.

Desenho de Derrais e gravura de Le Beau

O original foi adquirido no Ludwig Rosenthal's Antiquariat, de Munich.

Cugnot, [1] Murry, [2] A. Petit, [3] Lavirotte, [4] Mac-Mahon, [5] Lorry, [6] Thierry, [7] etc., etc. A estes ha

---

[1] Nicolau José Cugnot, engenheiro militar e mechanico, nasceu em Void (Mosa) a 25 de setembro de 1725 e falleceu em Paris em 2 de outubro de 1804. Serviu algum tempo na Allemanha como engenheiro militar e voltou a França em 1763. Auxiliado pelo marechal de Saxe, inventou a primeira locomotiva, destinada ao transporte de canhões. Cugnot obteve de Luiz XV, em 1772, uma pensão de 600 libras que a Revolução supprimiu e foi restabelecida por Napoleão. Escreveu: *Elementos da arte militar antiga e moderna* (Paris, 1766, 2 vol.); *Fortificação de campanha* (Paris, 1769) e *Theoria de fortificação* (Idem, 1778).

[2] Nada pudemos saber a respeito deste amigo de Ribeiro Sanches.

[3] Antonio Petit era um dos mais illustres cirurgiões e professores de França no seculo XVIII. Nasceu em Orleans a 23 de julho de 1722 e falleceu em Olivet (Loiret) a 21 de outubro de 1794. Foi nomeado membro da Academia das Sciencias em 1760 e por morte de Ferrein obteve a cadeira de anatomia do jardim do rei. Deve-se-lhe a *Anatomia Cirurgica de Palfyn* (Paris, 1753); *Collecção de documentos relativos aos nascimentos tardios* (Paris, 1766); um *Relatorio em favor da inoculação*, etc.

[4] Luiz Anna Lavirotte era um medico illustre que morreu novo e por isso mallogrou as esperanças que nelle se fundavam. Nasceu em Nolay (Côte d'Or) a 15 de julho de 1725 e falleceu em Paris em 3 de março de 1759. Fez os seus estudos em Paris, obtendo o grau de licenciado em 10 de julho de 1752 e o de doutor a 22 de agosto do mesmo anno. Lavirotte foi um grande trabalhador e além da sua assidua collaboração no *Journal des savants*, deixou muitas observações e traducções de memorias inglezas, sobre hygiene principalmente.

[5] Nada pudemos averiguar a respeito deste amigo de Sanches.

[6] Lorry era um medico francez nascido em Crosne a 10 de outubro de 1726 e fallecido em Bourbonne-les-Bains em 18 de setembro de 1783. Discipulo de Astruc e de Ferrein, doutorou-se em 1748 e não tardou a adquirir uma reputação immensa como pratico e escriptor. Occupou-se de quasi todos os ramos da medicina e publicou: *Ensaio sobre os alimentos* (Paris, 1753); *De Melancholia*, que teve grande celebridade (Paris, 1765); o *Tractatus de morbis cutaneis* (Paris, 1777), etc.

[7] Francisco Thierry era um medico nascido em Tulle no 1.º de dezembro de 1719 e que se formou na Faculdade de medicina de Paris em 26 de outubro de 1750. O amor pela sciencia levou-o a emprehender viagens com o fim de estudar a influencia dos climas sobre a saúde e as doenças e residiu perto de três annos na Espanha, onde estava em fins de 1754. Falleceu pelo fim do seculo XVIII em edade muito adeantada. As suas obras, no dizer de Chéreau, não são destituidas de merito. Foi o primeiro que fez conhecer em França a colica de Madrid (Paris, 1762).

que juntar o do biographo, o mais dedicado de todos os amigos de Sanches. ([1])

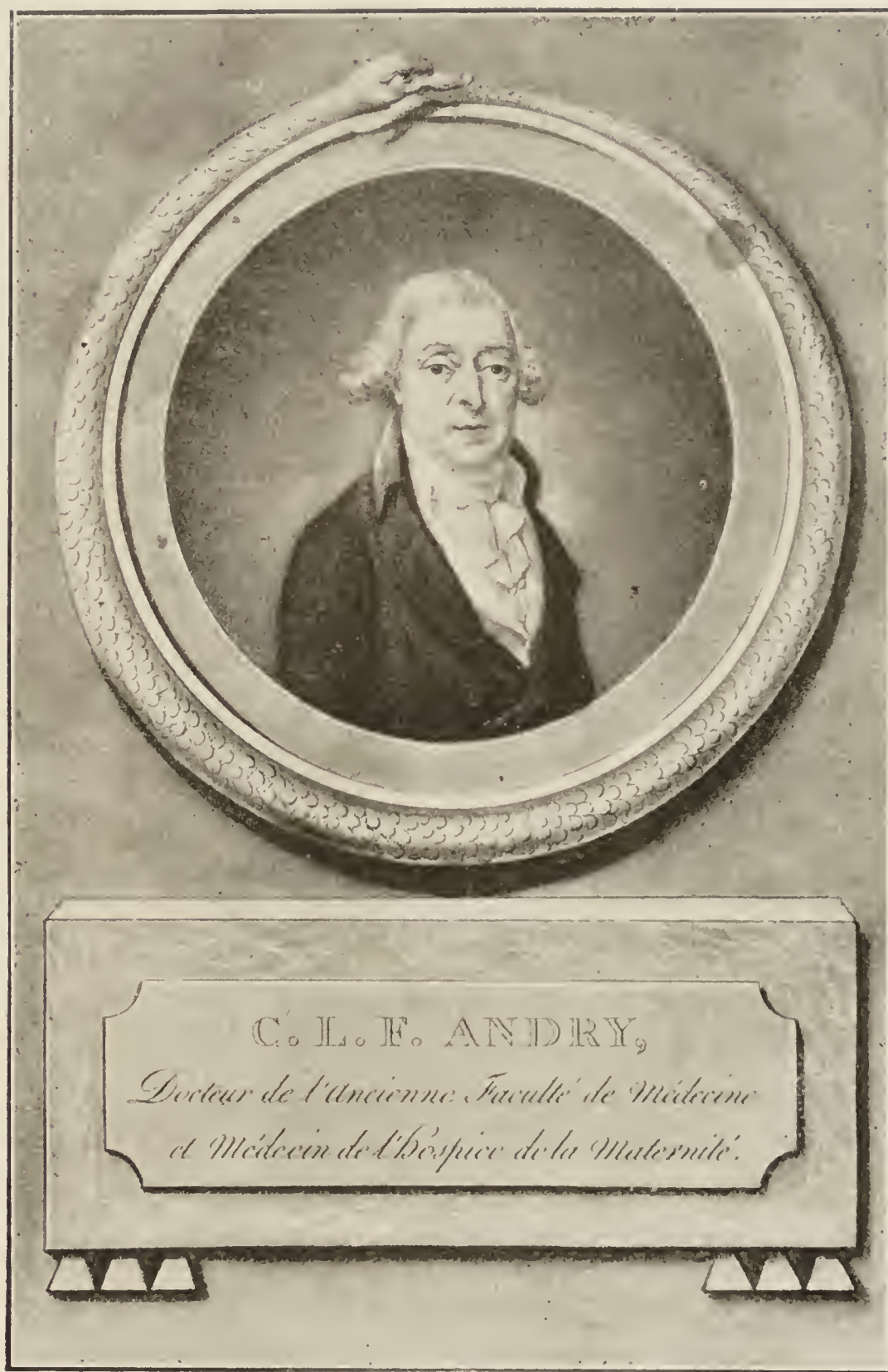
Vivia como um verdadeiro philosopho. Só via os seus amigos, os seus compatriotas, os russos e os pobres. Na assistencia destes manifestava a sua generosidade, quando o pouco que possuia difficilmente bastava á sua sustentação, quanto mais ás suas liberalidades.

A' medida, porém, que o tempo ía decorrendo e com elle se lhe aggravavam os achaques, Sanches afastava-se lentamente da clinica. Aos que o procuravam para vêr doentes respondia enfadado: *Já morri!*

No manuscripto das suas *Paixões d'alma,* Sanches pinta com vivas côres este estado nevrasthenico em que vivia desde quando ainda estava na Russia:

«Tambem pinto esta paixão... porque a soffro ha quatorze annos. Ella tem sido a causa da vida mais afflita. Larguei as companhias mesmo dos homens a quem amava do concurso mesmo delles por não ser capaz de soffrel-o ás vezes mesmo dos mais familiares e domesticos basta-me em certos tempos encarar mesmo com uma creança para cahir neste ingrato symptoma.» ([2])

([1]) Carlos Francisco Andry nasceu em Paris em 1741 e falleceu a 8 de abril de 1829. Medico dos hospitaes, doutor regente na Faculdade de medicina de Paris, membro da Sociedade Real de Medicina, medico consultante de Napoleão, amigo dos pobres a quem dava a decima parte dos seus rendimentos, foi auctor de diversas obras que se não denunciam um grande genio, têm utilidade pratica e bom senso. Redigiu, em nome da Sociedade Real de Medicina, o relatorio sobre o magnetismo animal, assignado por Poissonnier, Caille e Mauduyt, que deu um golpe rude nesta mystificação.

([2]) Pag. 18 e 19 do Mss. existente na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris. Esta passagem, por vezes de difficil le tura, é assim traduzida por Andry, que é provavel tivesse conhecimento de outro manuscripto: «Je peins cette passion (l'hypocondrie) plus fidélement qu'une autre parce que je l'eprouve depuis quatorze ans: elle a été la cause de toutes mes afflictions: j'ai abandonné la société, même celle des hommes avec qui j'aimais a converser, parce que je ne me sentais pas capable de supporter aucun discours, même ceux de mes domestiques; il ne me fallait, en certain temps, que la vue d'un enfant, pour me procurer cette triste situation.» (Art. *Affections de l'âme* da *Encyclopedie methodique* publicada pelo livreiro Panckoucke, pag. 260).

O original foi adquirido no Ludwig Rosenthal's Antiquariat, de Munich.

Então, no silencio do seu quarto, entre os seus livros, passou todo o resto da vida que tinha deante de si. Nunca o muito trabalho que tivera por todo o tempo que se demorara na Russia lhe consentira reunir as notas que tomara do muito que vira e aprendera em uma pratica extensa. Aproveitava agora o descanço forçado para as redigir.

Escrevia continuamente, não para tornar conhecidos os vastos cabedaes scientificos que armazenara, visto que a maior parte das suas obras ficou manuscripta; não para illustrar o seu nome, visto que raras vezes as assignou; mas para distrahir o espirito opprimido por dissabores e doenças. Chega mesmo a parecer impossivel que o seu nome se não sumisse, perante tantos esforços feitos para o esconder.

Dizia elle a este respeito:

«Deve escrever-se, como diz Seneca, para passar o tempo, tendo em vista a propria utilidade e não a gloria: custa bem menos quando apenas se trabalha para o momento presente; nasci mortal e a morte menos triste é a que faz menos ruido.» (1)

Os assumptos dos seus escriptos eram os mais variados: medicina, economia, religião, que tudo o seu vasto espirito abrangia. De certa epocha em deante, os seus trabalhos eram destinados a promover reformas no paiz onde vivera por tanto tempo e na sua terra natal, tão separados pela distancia e tão semelhantes na ignorancia e na superstição. (2)

Depois de ter fornecido a Buffon algumas notas sobre costumes da Russia e sobre as suas excursões militares a que já fizemos referencia e que levaram o illustre naturalista a formar de Sanches o conceito de que era um homem distincto pelo seu merito e pela extensão dos seus conhecimentos, (3) Sanches começou a publicar alguns dos seus trabalhos.

(1) *Observations sur les maladies vénériennes* — Avis de l'editeur.

(2) A respeito destes trabalhos de Sanches vejam-se os dois capitulos seguintes.

(3) *Histoire naturelle*, III. Paris, 1769, pag. 382.

O primeiro que terminou foi uma dissertação historica, cuidadosa e conscienciosamente escripta, em que rebate a opinião corrente e sustentada por Astruc de que a syphilis era de importação americana. A obra appareceu em 1750 e não só teve numerosas edições mas foi vertida para inglez e allemão. ([1])

Da traducção ingleza encarregou-se Jacob de Castro Sarmento, que por então reatara com Sanches as relações que em Londres tinha travado. Entre os papeis do medico beirão encontra-se uma noticia de Sarmento a respeito de uns homens marinhos que viviam nas proximidades do Rio de Janeiro e que só vinham a terra para morrer. As redes dos pescadores retiravam por vezes creanças vivas pertencentes áquella tribu.

Esta narração phantasista era mandada a Sanches em 1753. O medico londrino dizia ter colhido as suas informações de um ministro de justiça. ([2])

Castro Sarmento não se limitou a traduzir a memoria do seu e nosso compatriota, mandou um exemplar a Van Swieten que, apesar daquella demonstração historica, persistiu na opinião tradicional de que a syphilis proviera da America.

Sanches foi eleito por esta epocha membro da Sociedade Real de Londres, provavelmente por diligencias de Sarmento. Depois, nas obras de um e outro dos dois medicos expatriados, encontram-se testemunhos do apreço em que se tinham. Castro Sarmento considerava-o um dos mais doutos e benemeritos discipulos de Boerhaave. ([3]) Sanches recommendava um livro delle em que se referia

---

([1]) *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne, pour prouver que ce mal n'est pàs venu d'Amerique, mais qu'il a commencé en Europe par une epidemie.* Paris chez Durand 1750.

([2]) *Praxis medica interna*, t. II dos mss. de Sanches, existentes na bibliotheca da Escola de Medicina de Paris.

([3]) *Appendix ao que se acha escripto na Materia medica do Dr. J. de Castro Sarmento sobre a natureza, contentos e uso pratico, em fórma de bebida e banhos, das Aguas das Caldas da Rainha*, Londres, 1753.

a banhos de mar: «Alli se verá douta e nervosamente em que males poderá ser util a agua salgada. [1]

Por esta epocha encontramos vestigios das suas relações com seu primo Gaspar Rodrigues de Paiva. Estabelecia correspondencia com o medico alemtejano Sachetti Barbosa, a quem principalmente se deve a parte medica dos Estatutos da Universidade, e já devia cartear-se com Gonçalo Xavier de Alcaçova, secretario perpetuo da Academia Real da Historia. Quando José Joaquim Soares de Barros ía estudar para Paris, acolhia-o com amistosa benevolencia, a que elle nem sempre correspondeu com a gratidão devida. [2]

Conta Andry que em 1752 a Faculdade de Medicina de Strasburgo o consultou a respeito de um curso de cirurgia pathologica que desejava introduzir no seu ensino. Sanches escreveu uma memoria a tal respeito e o seu plano foi adoptado. A Faculdade mandou-lhe escrever por Schoeplin, que encarregara Boecler de se corresponder com elle, e ao mesmo tempo pediu-lhe que acceitasse como testemunho de estima e veneração as estampas de um utero duplo que mandara gravar.

No anno seguinte escreveu Sanches a sua *Dissertação sobre as paixões d'alma*, interessantissimo estudo sobre a influencia das emoções sobre a pathologia, cujo manuscripto existe em Paris. E' todavia já conhecido porque o seu amigo Andry se deu ao trabalho de o traduzir, publicando-o posthumo na *Encyclopedica methodica* do livreiro Panckoucke. [3]

---

(1) *Tratado da conservação da saude dos povos*, pag. 258.

(2) V. Ricardo Jorge — *Ribeiro Sanches* e *Soares de Barros* — Separata da *Medicina Contemporanea* — Lisboa, 1909; e Maximiano Lemos — *Portuguezes illustres em França: Soares de Barros, João Jacintho de Magalhães e Ribeiro Sanches* — Separata do *Boletim da Segunda Classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa* — Lisboa, 1910. Preparamos para breve uma noticia sobre estes e outros amigos do medico portuguez.

(3) A versão de Andry não é rigorosamente conforme com o manuscripto que existe na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris. Algumas passagens foram eliminadas na traducção; outras foram acrescentadas ao manuscripto original. Talvez que Sanches refizesse o manuscripto em algumas partes.

A obra é dirigida a um portuguez que suppômos seja Gonçalo Xavier de Alcaçova. As ultimas palavras do manuscripto são as seguintes:

«Perdoe v. m. tanta omissão porque desejo servil-o com tanto gosto quanto tenho quando récebo cartas de v. m. que Deus guarde 11 de dezembro de 1753.»

Dois annos depois, Sanches concluia a sua obra primacial, que basta para immortalizar o seu nome, o *Tratado da conservação da saude dos povos*. O livro appareceu em 1756, dedicado ao Duque de Lafões pelo editor Pedro Gendron. E' um codigo de hygiene que, apesar dos progressos hodiernos, merece leitura e applausos. Foi traduzido em espanhol, e parte em italiano, sendo a primeira edição portugueza seguida a breve trecho de uma segunda.

Projectava elle escrever outros livros de hygiene que não realizou por motivos que se adivinham por esta transcripção:

«E' tudo o que pude até agora considerar mais a proposito para este tratado, porque não me propuz escrever remedios para curar achaques. Poderá ser que se o publico acceitar com satisfacção este trabalho, e que Deus me quizer conservar a pouca saude que deixam as fatigas e os achaques que empregarei o resto da vida a completar este tratado, escrevendo de medicina para os medicos praticos.» (1)

A publicação do *Tratado da conservação da saude dos povos* foi ruinosa para Sanches. Sem auctorização do auctor, a obra foi reimpressa em Lisboa e elle queixava-se de ter perdido o seu trabalho, ficando empenhado com as despezas que fizera.

Pouco mais ou menos dessa epocha dataram as suas relações com o notavel physico João Jacintho de Magalhães que abandonou o paiz e se lhe foi juntar, emquanto não fixava residencia em Inglaterra. Entre os dois sabios travou-se uma solida amizade que a morte não logrou dissol-

(1) *Tratado da conservação da saude dos povos*, pag. 259.

ver. O ex-conego regrante nunca deixou de ter por Sanches a maior veneração e estima, e depois que este morreu nunca desaproveitou qualquer ensejo de manifestar a saudade que lhe causava o desapparecimento daquelle amigo incomparavel. Quando este fechara os olhos para sempre, Magalhães chamava-lhe *my late worthy and much regretted friend.* (1)

Começou tambem a relacionar-se com outro compatriota que depois veiu a conhecer em Paris quando para alli se transferiu em 1759, o enigmatico medico Alvares que dentro em breve reclamaria para o nosso biographado um direito de prioridade.

Dentro em pouco tambem incluiu entre os seus correspondentes Barbosa Machado, que na *Bibliotheca Lusitana* deu cabimento ao seu nome, sendo provavelmente o proprio Sanches que forneceu ao abbade de Sever os elementos para a biographia que delle publicou. Na Bibliotheca da Ajuda existe um fragmento da carta que o medico portuguez lhe dirigiu a 5 de julho de 1761. O trecho é relativo á *Vida do Infante D. Henrique* de Francisco José Freire, que é julgada desfavoravelmente. Na opinião de Sanches, Candido Lusitano não comprehendeu a importancia da personagem, nem conhecia o estado da navegação, do commercio e da astronomia ao tempo do infante. «Emfim contentou-se de fazel-o bom frade que é me parece o officio do auctor.» (2)

Em 1759 publicou em Paris o editor Pedro Gendron as obras de Luiz de Camões. Esta edição foi offerecida ao nosso ministro em Paris, Pedro da Costa de Almeida Salema. Nella collaborou Sanches. Elle o diz nas suas *Cartas sobre a educação da mocidade*:

---

(1) *An Essay towards a system of mineralogy by Auch Frederic Cronstedt translated from the original swedish, wich annotations... by Gustav von Engestrom, the second edition by John Hyacinth de Magellan.* London, printed for Charles Dilly MDCCLXXXVIII, pag. 611.

(2) *Juizo que fez Antonio Ribeiro Sanches da Vida do Infante D. Henrique escrita por Francisco José Freire em huma carta escrita a Diogo Barbosa Machado de Paris a 5 de junho de 1761.* Mss. da Bibliotheca da Ajuda.

«E por esta razão mostrei eu a necessidade que tinham as Escolas Portuguezas de adoptar o Poema de Camões, para educar a Mocidade, como se poderá vêr no Prefacio da ultima edição feita em Paris.» ([1])

Effectivamente em uma advertencia que se encontra no primeiro volume com o titulo de *Ao leitor sobre esta edição* lêem-se as seguintes palavras:

«Que considerem agora aquelles que têm pela maior felicidade de um estado a boa educação da mocidade, que effeitos não produziria nella, se nas escolas onde se aprende a ler e escrever, ou nas do latim, se explicassem aquelles logares em que o Poeta exprime, com imagens tão vivas e amaveis, a *fidelidade* e a *obediencia* devida aos Paes e ao seu Soberano; a *esperança* e um animo invicto nos perigos; a *inconstancia* das grandezas humanas e o pouco que são o illustre do nascimento, honras e riquezas, ao serem declaradas com a virtude, valor, sciencia, industria e amor do bem publico! Estes e outros muitos preceitos da vida civil, que se lêem neste Poema, formariam em tenra edade um caracter nacional tão louvavel e de tanta importancia no resto da vida, que Portugal veria ainda renascer homens tão excellentes, como o Poeta cantou em todas as suas obras.

Se tivesse tanta fortuna que fizesse presente a Portugal do mais excellente Auctor classico para a instrucção da sua mocidade; se eu visse ainda que havia mestres tão amantes da sua patria e da virtude, que adoptassem este Poeta para instruir e plantar no coração dos seus disciplulos os fundamentos de toda a felicidade humana, ficaria bem recompensado do trabalho que tomei em imprimil-o e da despeza que fiz, imitando as edições do melhor Elzevir para merecer esta obra (ainda por este titulo) o nome de primeiro Auctor classico Portuguez. Então ficarei satisfeito que contribui para augmentar a gloria da nação portugueza: e que dei motivo de lembrar-se das acções heroicas que tem obrado, para perpetual-as por esta instrucção á mais dilatada posteridade.» ([2])

Não cremos que seja possivel determinar qual a parte que Sanches tomou nesta edição do poeta por quem tinha tanta admiração. Limitar-se-hia a escrever esta introducção que tem todo o feitio do estylo de medico portuguez? ou collaboraria no proprio trabalho da publicação? Não o po-

---

([1]) Op. cit., pag. 101.

([2]) *Obras de Luis de Camoens. Nova edição. Tomo primeiro.* Paris. A' custa de Pedro Gendron MDCCLIX, pag. xj e xij.

demos dizer. As circumstancias difficeis que atravessou antes da concessão da pensão que lhe arbitrou o governo portuguez tórnam a segunda hypothese plausivel, mas não seria a primeira vez que a plausibilidade se distanciasse da verdade historica.

Pouco tempo antes, Sanches havia sido consultado pelo nosso governo sobre a reforma do ensino medico que se projectava. Dahi resultou a concessão de uma tença que o medico portuguez começou a receber em 1759. Interrompida desde julho de 1761 até agosto de 1769, esta pensão havia de lhe ser conservada depois até á morte. ([1])

Em fins de 1762, tambem a imperatriz da Russia lhe concedeu uma mensalidade que foi mantida egualmente até ao fallecimento do medico illustre. ([2])

Neste anno, achou-se Sanches envolvido na questão de prioridade do emprego do sublimado corrosivo, a que deu logar uma carta do seu compatriota e amigo Alvares. Merece ella que nos detenhamos um pouco. Nesse anno, Lafaye dirigiu-se a esse enigmatico portuguez perguntando-lhe se em Lisboa o sublimado era empregado para combater a syphilis, segundo os preceitos de Van Swieten. Respondeu-lhe Alvares que a primeira noticia que teve do emprego desta substancia foi em um livro: *Novas memorias sobre o estado presente da grande Russia,* publicado em 1725. Julgou-o um medicamento violento para que se resolvesse a experimental-o, mas seis ou sete mezes depois o Dr. Laughier, medico da rainha, escreveu ao Dr. Wade, medico irlandez, residente em Lisboa, dizendo-lhe que Van Swieten havia descoberto as maravilhosas propriedades do sublimado e pedindo-lhe que communicasse este facto aos medicos e cirurgiões portuguezes. Experimentou-se o medicamento em Lisboa, mas Alvares continuou a arrecear-se do

---

([1]) Veja-se o capitulo que consagramos ás relações de Sanches com o governo portuguez. Ahi daremos noticia dos livros que escreveu por indicação delle.

([2]) Veja-se o capitulo que consagramos ás suas relações com a Russia.

seu emprego interno e, antes de se decidir a ensaial-o, consultou Ribeiro Sanches. Respondeu-lhe este a 2 de janeiro de 1758 que Van Swieten não era o inventor do uso interno do medicamento e que fôra elle quem lh'o communicara, escrevendo-lhe em 1742, 1743 e 1744 para Leyde, e por sua instigação o experimentara Schreiber no Hospital de S. Petersburgo. Alvares partiu para Paris em fevereiro seguinte, e encontrando-se com o seu compatriota ouviu delle os inconvenientes da applicação do sublimado sem o uso dos banhos de vapor. Fôra um cirurgião vindo da Siberia para S. Petersburgo que lhe dera a primeira noticia do seu emprego e o que lhe ouvira levara-o a induzir Schreiber a ensaial-o.

Mostrou-lhe Sanches algumas cartas de Van Swieten de uma das quaes copiara uma passagem em que elle lhe agradecia a communicação do que ouvira ao cirurgião siberiano. Essa carta era de Leyde a 28 d'abril de 1747.

Demonstrado que Van Swieten não era o inventor do emprego interno do sublimado, Alvares notícia ao seu correspondente que em um livro inglez *The modern part of an universal History* encontrara a menção de que os japonezes faziam uso daquelle medicamento, constituindo a base de um licor muito estimado.

Esta carta tem a data de 26 de fevereiro de 1762 e saíu publicada na *Gazeta de medicina*, de 23 d'outubro. [1] Ao lêl-a, Sanches mandou a Gobets uma rectificação. Era verdade ter dito a Alvares que nem elle nem Van Swieten eram os inventores do uso interno do mercurio sublimado para curar as doenças venereas, mas que fôra um cirurgião da Siberia que lh'o noticiara. A carta de Van Swieten não era datada de Leyde mas de Vienna. Lamentava o illustre medico que Alvares trouxesse a publico o que em particular lhe disséra e entendia que á grande reputação de que Van Swieten legitimamente gosava não era preciso acrescentar a de inventor de um remedio de que já se occupara o grande Boerhave na sua *Chimica*. Como estava

---

[1] V. Documento n.º 17.

para breve a publicação do 5.º volume dos *Commentarios sobre os aphorismos de Hippocrates,* estava certo de que elle lhe faria inteira justiça. ([1])

Effectivamente, em 1772, no mesmo anno da morte de Van Swieten, saía o ultimo volume dos seus *Commentarios* sobre Boerhaave, onde elle narra que ao começar os seus estudos sobre o sublimado, procurando uma dóse e fórma de administração que nem produzisse ardor nas fauces nem no esophago, nem irritasse o estomago e os intestinos, recebeu cartas *ab eruditissimo viro, quem magni semper feci et facio, Ribeiro Sanches, Russorum Imperatricis tunc Archiatro,* em que era informado de que um velho cirurgião lhe affirmara que curava as doenças venereas com uma solução alcoolica de sublimado, e que esta communicação muito prazer lhe causara. ([2])

Não póde, portanto, haver duvida de que o licôr de Van Swieten foi primeiro conhecido de Sanches do que pelo illustre medico de quem tomou o nome, mas já dissémos que muito antes dos dois elle havia sido empregado contra a syphilis.

Van Swieten nos seus *Commentarios* não mencionava a parte do methodo therapeutico que associava ao deutochloreto de mercurio o emprego dos banhos de vapor. Sanches não levou a bem este esquecimento. Já vimos o que elle escreveu a este respeito, mas ainda outras passagens podiamos apontar em que repete as mesmas asserções, o que não fazemos porque nada acrescentam ás que aproveitamos. ([3])

Apenas abrimos excepção para a seguinte que tem o interesse de mostrar que Sanches estava tão convencido de que o uso do sublimado era nocivo sem o complemento dos banhos de vapor que chegava a pôr em duvida a ve-

---

([1]) V. Documento n.º 18.

([2]) *Gerardi L. B. Van Swieten — Commentarii in Hermanni Boerhaave Aphorismos de congnoscendis et curandis morbis.* Venetiis, typis Jo: Baptistæ Pasquali MDCCLXXII — tomus septimus, pag. 436 e 437.

([3]) *Peculio de varias receitas*, fl. 137 v.; *Mémoires de la Societé Royale de Médecine*, 1782, pag. 269.

racidade das observações que de todas as partes chegavam ás mãos de Van Swieten:

«O snr. Van Swieten aconselhou a tintura de sublimado corrosivo sem as precauções que eu lhe tinha communicado; mas os medicos e cirurgiões a quem ordenara que fizessem ensaios deste remedio, referiram-lhe effeitos maravilhosos que delle tiraram, sem terem tido a precaução de metterem duas vezes por dia os doentes no banho de vapor; e elle publicou, na fé dos seus aduladores, os bons effeitos que diziam ter obtido. Succedeu a mesma coisa na Inglaterra a Pringle, digno discipulo de Boerhaave; perconizou a mesma tintura segundo a relação dos cirurgiões que estavam ás suas ordens e que mais trataram de lhe agradar do que de declarar o que havia de nocivo na administração deste remedio.» [1]

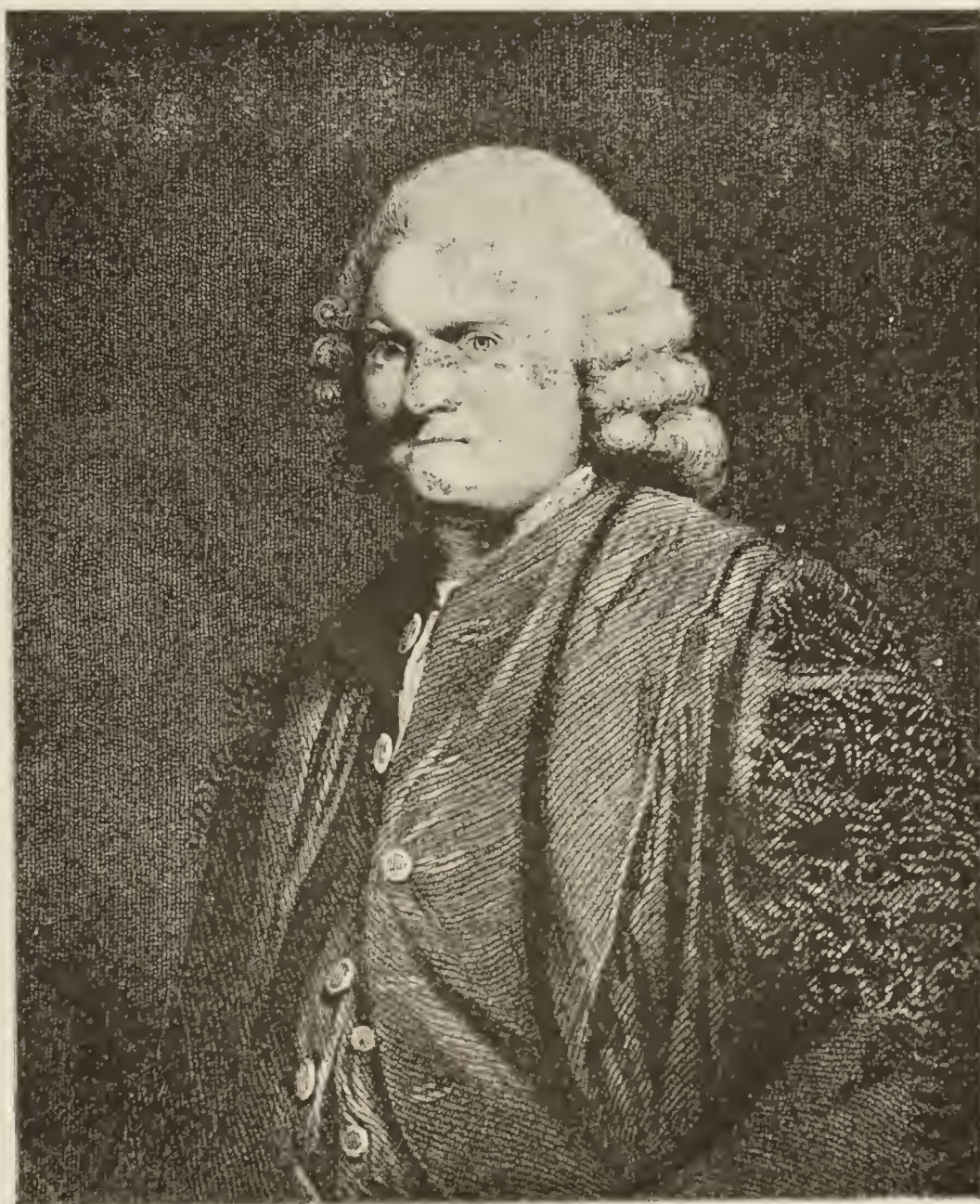
Por esta occasião collaborou na *Encyclopedia* de Diderot e d'Alembert. O artigo *Maladie vénérienne inflammatoire chronique* é delle, como o prova a seguinte nota collocada no termo: *Memoire de Mr. le docteur Sanches, tel qu'il nous l'a communiqué.* O medico portuguez desenvolveu mais tarde as doutrinas sustentadas nesse artigo, attribuindo á syphilis muitas doenças chronicas, e descrevendo algumas das suas manifestações hereditarias. [2]

Se o medico portuguez teve sempre predilecção pelos estudos sobre a syphilis, como teremos ensejo de vêr, a materia medica foi tambem para elle objecto especial de estudo. Gostava de experimentar os medicamentos novos, quando se convencia da sua utilidade. Não era *in anima vili* que estudava os seus effeitos, era em si proprio. Depois recommendava-os aos seus amigos, entre os quaes se contava Payen, de quem Andry affirma com justiça que era um homem de merito raro, bom observador e cujas ideias se acordavam singularmente com as de Sanches no que tocava á pratica. [3]

---

(1) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 144 e 145.

(2) *Encyclopedie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, 2.e edition. XVII — MDCCLXXI.

(3) Payen communicava a Sanches uma observação que recebera de Montpellier a 30 de agosto de 1750 (Mss. da Bibliotheca da Escola de medicina de Paris, vol. III); o medico portuguez ainda lhe escrevia a 28 de março de 1771. (Idem, vol. IV).

JOHN PRINGLE

Extrahido de *Pettigrew-Medical portrait gallery* — vol. II

Assim introduziu em França o uso das flôres de zinco, da tintura de cantharidas, da raiz de calumba e da que tinha o nome de João Lopes Pinheiro. ([1])

Com Payen estudou o medico portuguez a terra de Mafra, especie de calcareo pulverulento no qual Soares de Barros julgou descobrir um remedio contra o cancro, convicção que manifestou ao seu amigo de 1763 a 1765. ([2]) Este convenceu-se tambem da sua efficacia, registando nos seus papeis um caso de cura que observou com Payen. Uma experiencia mais prolongada demonstrou illusorias as suas propriedades anti-cancrosas, e Vicq d'Azyr diz simplesmente que esta substancia empregada em Paris não deu resultado algum. ([3])

Em 1765, Sanches publicou a terceira edição da sua *Dissertation sur la maladie vénérienne*. Pouco acrescentava ás anteriores, mas o texto primitivo lucrava muito em exactidão. L. Thomas teve ensejo de vêr na Bibliotheca Nacional de Paris um exemplar da edição de 1750 corrigido pelo proprio auctor e esse exemplar prova bem o cuidado meticuloso que o medico portuguez tinha nas suas ievestigações historicas. ([4])

Pouco tempo depois, vêmos Sanches em correspondencia com um cirurgião lisbonense, João da Matta, ([5]) que

([1]) Entre os manuscriptos de Sanches encontra-se uma carta de Gaubius datada de Leyde 16 de junho de 1769 a respeito da raiz de João Lopes Pinheiro. Depois de exaltar as suas propriedades que excediam as da calumba e da simaruba, lamentava que os portuguezes fossem pouco diligentes na indagação das propriedades das substancias medicinaes provenientes das suas colonias.

([2]) Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris. T. I. Nas guardas do vol. VI destes mss. lê-se: *Depense pour l'experience de la terre de Mafra* 11 de agosto 1764. Por ir a casa de S. E. a Belleville e tornar 6 Lt.

([3]) Uma cliente de Sanches tambem começava a usal-a em 8 de maio de 1770. (Mss. citados — *Mon Journal*, fl. 77).

([4]) L. Thomas — *Lectures sur l'histoire de la médecine*. Paris, 1885, pag. 83.

([5]) Na chancellaria de D. João V, liv. 104, fl. 221 v., encontra-se registada a sua carta de cirurgia de 30 de agosto de 1743. João da Matta era natural de Soalhães, filho de Antonio da Matta, e aprendeu durante três annos no hospital do Porto com Francisco da Fonseca e Figueiredo (Informação do snr. Pedro A. d'Azevedo).

em 26 de janeiro de 1767 lhe communicava a noticia de uma planta de Moçambique, o *antac*. Matta acompanhava a carta da remessa da raiz que tinha propriedades purgativas e lhe fôra dada por um governador daquella colonia, de appellido Saldanha. ([1])

Encontramos ainda mais documentos das suas relações. Crêmos que Matta era cirurgião militar, porque a 9 de agosto de 1769 lhe enviava Sanches a *Chirurgie de l'Armée*, de Ravaton, e a 15 mandava-lhe entregar a Ivan a copia parcial de um manuscripto que hoje existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa. ([2]) Quem era Ivan dil-o-hemos dentro em pouco. As relações com João da Matta conservaram-se até 1777 pelo menos. A 16 de junho desse anno ainda lhe escrevia Sanches remettendo-lhe jornaes de medicina. ([3])

Em dia de S. Martinho de 1768 começou Sanches a escrever o seu *Journal*, manuscripto de inapreciavel valor auto-biographico que existe na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris. O medico portuguez lançava nelle tudo quanto lhe interessava. Ao lado das cartas que escrevia e recebia, tomava nota dos acontecimentos que se íam desenrolando, das leituras a que se entregava, do que tencionava fazer, das preoccupações que sentia. As menores particularidades mereciam menção. Não só por elle se póde reconstituir a sua vida desde esse anno de 1768 até á morte, mas a de alguns dos individuos que estiveram em contacto com elle.

Por esse manuscripto sabemos de outras relações que Sanches entabolara com portuguezes. Em 10 de agosto de 1769 dirigia-se elle ao oratoriano João Chevalier, um dos que fôra desterrado por ordem do marquez de Pombal em 1760, de companhia com o P.e Theodoro de Almeida, e

---

([1]) *Materia medica*, no I vol. dos mss. de Sanches da Escola de Medicina de Paris.

([2]) Mss. de Sanches na Escola de Medicina de Paris — IV vol. — *Mon Journal*.

([3]) Op. cit., fl. 233 v.

Copia do retrato que acompanha as suas *Memorias de Historia natural.*

que pouco depois passou em Paris, parece que em direcção a Roma. ([1])

O medico consolava-o por lhe serem recusadas as cartas habilitatorias indispensaveis para o exercicio do seu ministerio. Onde? Na propria França? Não o sabemos dizer. O padre Chevalier havia de morrer muitos annos depois em Vienna.

Pela mesma occasião encontramos noticia das relações epistolares com seu sobrinho Manuel Joaquim Henriques de Paiva, um dos mais operosos medicos nacionaes da epocha. A primeira referencia é a 30 de julho de 1769. Sanches mandava-lhe a traducção franceza da Cirurgia de Monro. Era isto no mesmo anno em que o medico de Castello Branco se transferia com seu pae para o Brasil, onde este exerceu a pharmacia e aquelle a praticou. Depois, continuam quando Paiva estava matriculado em medicina na Universidade, exercendo ao mesmo tempo o logar de demonstrador de chimica e historia natural. Do sobrinho recebeu Sanches alguns livros de Vandelli e outros, a 9 de novembro de 1776. No anno seguinte, a 18 de janeiro, como Turgot quizesse algumas maçãs de cypreste do Bussaco, o medico da côrte da Russia mandava-as pedir a Henriques de Paiva. E' isto o que consta dos manuscriptos de Sanches, mas das obras do sobrinho vê-se que as relações foram prolongadas e intensas.

Em 1771, o medico portuguez completou um trabalho valioso que no apographo da Bibliotheca Nacional tem o modesto titulo de *Peculio de varias receitas para diversas queixas*. São variados os assumptos nelle tratados, memo-

---

([1]) Consta isto de um officio de Monsenhor Salema a D. Luiz da Cunha de 29 de junho de 1761. A referencia ao oratoriano é a seguinte: «O padre João Chevalier, da Congregação do Oratorio, chegou a esta capital ha poucos dias. Consta-me que diz vae brevemente para Roma e que fala nas nossas coisas com detrimento da verdade.» (Archivo do ministerio dos negocios estrangeiros). A 11 de janeiro de 1762 dizia Salema ao nosso ministro: «O P.e Chevalier veiu aqui buscar-me hum dia da semana passada para protestar-me que elle nunca falava no nosso Respeitavel Ministerio se não com a maior attenção; eu lhe respondi que nesta materia fazia elle o que devia.»

rias sobre a syphilis, conselhos para o exercicio da cirurgia, um tratado de pathologia externa, etc. Nos conselhos que dá não se esquece elle da sua aversão a frades:

«Nunca mande V. M.cê receita a despachar a botica de frades nem estrangeiros. Dê de comer a um boticario portuguez casado... Os frades não são portuguezes; são filhos da sua ordem e a ordem é filha do seu geral que vive em Roma.»

Uma carta a José Joaquim Soares de Barros, de Cezimbra, a 26 de novembro, concorre para esclarecer a quem este manuscripto era destinado. Nessa carta accusava-se a recepção de um livro sobre fracturas de Mr. Percil, dois cadernos de gallico e dois dos *Prognosticos de Hippocrates*. Destinava-se á instrucção de um estudante de cirurgia ou medicina, que Barros designa por «meu Ivan», e residia em Cós e cuja familia ficou em Paris. Ricardo Jorge, que publicou a carta, não esclareceu o mysterio (1) que talvez merecesse ser esclarecido. Nós podemos levantar uma ponta do veu. Ivan era João Pernelet, e este appelido era o da governante de Sanches, Maria Joanna Pernelet. Quando Soares de Barros se retirou precipitadamente para Portugal em 1761, trouxe comsigo um moço francez que é provavel fôsse o nosso João Pernelet. (2) No seu *Journal*, a 22 de outubro de 1768, notou Sanches que remettera uma carta a Soares de Barros, com outra para Ivan. A 15 de agosto de 1769 mandava entregar-lhe a *Médecine de l'Armée*, de Ravaton, que offerecera a João da Matta e que este já possuia. A 1 de setembro de 1769 enviava-lhe *6 folhas de papel* das observações de la Motte, que fazem parte do manuscripto que dá motivo a estas annotações. A 20 de janeiro de 1770 enviava a Pernelet uma carta sem que indique o seu objecto. A 18 d'abril de 1782 ainda

---

(1) *Ribeiro Sanches* e *Soares de Barros*, na «Medicina Contemporanea», de 1909 — pag. 373.

(2) Officio de Monsenhor Salema a D. Luiz da Cunha, de 6 de julho de 1761 no Ministerio dos negocios estrangeiros.

Sanches se preoccupava com o moço cirurgião, projectando escrever a seu respeito a Alvares. ([1])

Em 1772 publicava-se a traducção das *Breves instrucções sobre os partos*, de Raulin. O traductor apenas se dava a conhecer pelas iniciaes do nome M. R. D. A. e nós não as pudémos decifrar. Seja quem fôr que se désse a esse trabalho, merece lembrar-se que a traducção era offerecida a Ribeiro Sanches. A dedicatoria, que é muito elogiosa, é publicada mais adeante. Mas ha um trecho que não devemos passar em claro porque é um elemento de valia a juntar a outros para caracterizar a physionomia moral do medico portuguez:

«Os grandes favores e beneficios que V. M. movido unicamente de um verdadeiro patriotismo reparte com os portuguezes, que têm a ventura de o conhecerem, entre os quaes tenho eu o primeiro logar, como quem mais e de mais perto participou das innumeraveis graças que a sua incomparavel generosidade foi servida liberalizar-me, provam claramente o acerto e justiça da minha eleição.»

A magra bolsa do expatriado medico estava sempre prompta a acudir a todos os compatriotas que de auxilio careciam. Aos que se lhe dirigiam, qualquer que fôsse o assumpto em que lhes pudésse ser util, não era baldado o trabalho de lhe escreverem uma carta.

Quando passou em Paris aquelle musico portuense, conhecido por Abbade Costa, algum convivio teve com Sanches. A 5 de abril de 1772 este assenta no seu *Diario: J'ai rendu à Mr. le Dr. Alvares la lettre de Mr. l'abbé Costa pour Mr. le Duc de Bragance à Vienne.* São conhecidas as ligações do musico com o Duque de Lafões, a quem se refere esta carta.

Ao P.e Theodoro de Almeida que em 16 de setembro de 1774 lhe escrevia, consultando-o sobre os incommodos de que soffria, promptamente lhe enviava formulas pres-

([1]) Mss. de Sanches na Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris, vol. IV.

tantes. ([1]) E como o oratoriano lhe communicava que andava empenhado em construir thermometros, barometros e uma carta geographica em madeira para ensino dos cegos, Sanches manifestava interesse por esses trabalhos, sobretudo pela carta geographica que reputava ideia nova e curiosa. ([2])

Desde que Sanches publicou em 1765 a terceira edição da sua *Dissertation sur la maladie vénérienne,* que salvo algumas correcções pouco differe da primeira, pôde conseguir novos documentos para sustentar a doutrina, hoje incontroversa, de que a syphilis não foi importada da America. Sobretudo seu irmão Manuel forneceu-lhe alguns trechos de livros que elle nunca tinha podido consultar. Com estes novos materiaes organizou o seu *Examen historique sur la maladie vénérienne,* ([3]) que depois foi reunido á *Dissertation* na edição publicada, em 1777, pelos cuidados de Gaubius. O que sobretudo o levou a escrever esta nova memoria foi não ter conseguido convencer Van Swieten de que a doença apparecera antes da segunda viagem de Colombo. Aproveitava os testemunhos de Pedro Pintor e Pedro Delphini para sustentar que os espanhoes tinham levado a syphilis para a America e que os francezes quando passaram á Italia já íam infectados pela doença que aliás alli encontraram tambem.

Continuando os seus estudos sobre as doenças venereas, tinha terminadas por 1776 as suas *Observations sur les maladies vénériennes,* a sua obra mais importante de

---

([1]) O nome do oratoriano apparece pela primeira vez no *Journal* de Sanches em 18 de abril de 1770, em que o medico portuguez accusa a recepção de uma carta sua escripta de Bayonna. A 30 de julho de 1774 registava outra. Ricardo Jorge publicou outra de 18 de janeiro de 1777. A 9 de julho de 1781 projectava escrever-lhe, como adeante se verá.

([2]) Esta carta, publicada pela primeira vez por Rodrigues de Gusmão no *Archivo Pittoresco,* foi republicada por Ricardo Jorge na *Medicina Contemporanea,* acompanhada de um interessantissimo commentario.

([3]) Lisbonne, 1774, in 8.º (Gaubius, Pauly). Nunca nos foi possivel encontrar esta edição. E' certo que em Paris nos esquecemos de a procurar; nas bibliothecas portuguezas não existe.

syphiligraphia. [1] Apesar da obra estar terminada no anno citado, só appareceu á luz depois da morte do auctor, pelos cuidados do seu amigo Andry. O que Sanches intentou provar foi que grande numero de doenças chronicas e lesões que a autopsia revela estão dependentes da infecção syphilitica, mas a parte mais importante do seu livro é relativa á heredo-syphilis, descrevendo algumas das suas manifestações. Algumas das affirmações de Sanches acham-se hoje confirmadas pelas investigações de Edouard Fournier.

Dobaram-se mais annos, os achaques de Sanches íam-se aggravando e fazendo presentir um termo proximo, mas a sua actividade scientifica estava em desharmonia com a extincção gradual do corpo. A Sociedade Real de Medicina nomeara-o seu socio estrangeiro em julho de 1778. [1] O medico portuguez quiz concorrer para a vida da Sociedade e escreveu a sua *Memoire sur les bains de vapeur de Russie,* que foi lida em 5 d'outubro de 1779. [2] Descrevia nesta memoria os banhos russos e comparava-os com os dos gregos e romanos. Encarecia-lhes as vantagens, não só com fins hygienicos, mas para combater algumas doenças, dizendo tambem algumas palavras das suas contra-indicações.

Foi esta a ultima obra que terminou.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa nomeou-o seu socio correspondente, logo que foi creada. Bem desejava Sanches concorrer com algum trabalho seu para as Memorias da illustre agremiação, mas contava 80 annos,

---

[1] Para affirmarmos que o livro estava concluido em 1776, baseamo'-nos na data que poz na terminação: A Paris le $17\frac{20}{12}76$ A. R. Sanches.

A obra já ia adeantada em 1773, visto que a pag. 138 dizia: *puisque aujourd'hui (en 1773) il y a plusieurs souverains dans l'Europe qui n'ont plus de premier médecin.*

[1] *Histoire de la Société Royale de Médecine — Année MDCCLXXVI* — Paris. Imprimerie de Philippe Denys Pierres, 1779, pag. 33.

[2] Op. cit. — *Année MDCCLXXIX* — Paris. Imprimerie de Monsieur, 1782 pag. 233.

sempre cortados de doenças e desgostos, e as forças íam minguando. Em uns apontamentos, correspondentes a 9 de julho de 1781, para uma carta ao P.e Theodoro d'Almeida, annotava que se sentia doente e não podia escrever memorias para a nossa Academia. (1) Apesar d'esta affirmação, conta Andry que elle ainda tencionava escrever uma memoria sobre as virtudes da agua fria applicada *intus et extra* no tratamento de varias doenças, com esse destino, mas já não teve tempo de executar este projecto.

Comtudo, até ao fim da vida continuou a escrever. Na Bibliotheca Nacional ha um manuscripto de Sanches cujo final se nos afigura, por algumas das suas referencias e até pelo caracter da letra, da ultima phase da sua vida. Este manuscripto é muito variado e com certeza de redacção d'epochas diversas. A parte principal, em latim, são observações de diversos doentes. Depois vem um trecho sobre a inoculação variolica que não ficou acabado. Encontram-se em seguida copias de trechos de differentes auctores e sobre assumptos diversos. Ao lado da estructura e funcções do systema nervoso de Monro, vem algumas experiencias de chimica, etc. Depois encontram-se umas notas sobre a acção do ar sobre o sangue, um juizo sobre o systema de Boerhaave. Por ultimo vem uns trechos que parecem copiados de qualquer publicação ingleza sobre o ar e a atmosphera. Esta ultima parte parece ser de pouco antes da morte de Sanches. (2)

Nos ultimos annos de vida do illustre sabio refugiou-se em Paris, Francisco Manuel do Nascimento, escapo por um lance de audacia e pela protecção de dedicados amigos ás furias da Inquisição. Esta circumstancia bastaria por os approximar, se não houvesse outros motivos na cultura de espirito de ambos, e até nas suas predilecções litterarias, visto que um e outro eram muito lidos nos classicos latinos e admiradores de Camões que aliás Filinto teve a sin-

---

(1) Mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. IV — *Mon Journal.*

(2) Mss. n.o 511 da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Reducção de uma lithographia
pertencente á Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

gular petulancia de deturpar, com o proposito de angariar recursos de que necessitava.

Todavia, é de notar que nas obras de Sanches, impressas ou manuscriptas, se não encontra o menor vestigio de qualquer especie de relações pessoaes. Espanta-nos tanto mais o facto que ambos os dois exilados gostavam de conviver com os compatriotas e que o medico lhes era em extremo valedor. A augmentar o nosso espanto, acresce que Sanches, no seu *Journal,* registava os acontecimentos mais insignificantes. E' certo que Filinto ainda não tinha grande notoriedade, mas quantos nomes obscuros não encontramos já registados entre os papeis do sabio portuguez! Como é sabido, com Filinto emigrou Brotero; como explicar que Sanches tambem lhe não consagrasse uma ligeira nota?

A explicação que nos occorre é que as relações consistissem em alguns beneficios prestados e Sanches não o quizesse confiar ao papel. Na biographia de Brotero, escripta por Filippe Ferreira de Araujo e Castro, sobre apontamentos fornecidos por um sobrinho do grande botanico, diz-se que concorreram para lhe adoçar o infortunio em França alguns compatriotas e entre elles o Dr. Ribeiro Sanches. ([1]) Nas obras de Francisco Manuel do Nascimento encontram-se referencias ao velho medico, mas, a não se acceitar a hypothese que acima apresentamos, as relações entre os dois foram superficiaes.

Em três composições do poeta se allude a Sanches. Só uma póde ter sido escripta em vida deste, e essa mesma só foi divulgada depois da sua morte.

No quarto volume da edição das suas obras feita em Paris, Filinto insere uma *Ode ao Doutor Antonio Ribeiro Sanches.* Seja-nos consentido trasladar algumas estrophes:

Quando já transpuzemos as balisas
Do estio das paixões, e a alma cansada
Do vórtice azougado, pede ao sangue
Consentido repouso:

([1]) V. *Diario do Governo*, n.º 82, de 8 de abril de 1841.

Então desce dos Ceus em branca nuvem
A Divina Amizade, e traz comsigo
Os sãos Prazeres, sazonado fructo
Das virtudes amenas.

. . . .

Hoje, que em negras nuvens ruim Fado
Graniza sobre mim penas, desditas;
Hoje que a Ausencia aponta ao peito as flechas
De enfadonha saudade;

No manto da Amizade me recolho,
Com suas brandas mãos os olhos cubro,
Por não vêr desfréchar de irados arcos
Desmerecidos golpes.

Como faz a Donzella pavorosa,
Quando o Polo se accende com relampagos,
Da Mãe no seio esconde a face, a vista,
E, com a vista, o susto.

Tu viste, oh Sanches, cruentar as Parcas
As tezouras nos fios dos Amigos;
Mas um sacrario ainda te reservas
A Lachesis vedado.

Tu com Socrates podes, com Aurelio
Adoçar as mordazes amarguras,
Que os Deuses (quasi digo que invejosos)
Te enviam pelo Tempo.

Nada a Molestia, nada as cruas Perdas
Podem curvar uma alma, que se arrima
Ao pedestal robusto da agradavel
Leitura, que varía. ([1])

Não era o medico portuguez creatura insensivel aos sentimentos de sympathia que esta ode revela. Mas a composição é de 1781 e aos 82 annos já não se contráem e é difficil inspirar grandes amizades. De mais a mais, os ultimos annos da vida de Sanches foram assignalados por doenças graves, que tornavam incommoda qualquer convivencia.

([1]) T. IV — pag. 327 a 329.

FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO

Reducção de uma lithographia pertencente á Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

Outra ode ao Dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches está datada de 1789. Nella o sentimento que predomina é a admiração, e, com a modestia dos poetas, Filinto protestava immortalizar o seu nome:

Mas não morrerás todo. A melhor parte
De ti, nos versos meus, será eterna;
Tens de ser celebrado, emquanto as letras
    Tiverem amadores. (1)

Nada se póde affirmar baseado nesta composição a respeito das suas relações. Singular é a ode datada de 4 de julho de 1806 que começa:

Num dia qual o de hoje (ha vinte e oito annos)

Filinto costumava celebrar com um jantar o anniversario da sua fuga aos esbirros do Santo Officio que o iam prender. Por isso nas suas obras se encontram muitas composições relativas a este dia celebre, umas datadas, outras não. Nesta, de 4 de julho de 1806, o poeta phantasia uma reunião com Brotero e Sanches em que

O Sanches, discorridas longes terras,
Foragido da Patria, que o persegue,
Que lhe aflige os Parentes e os Amigos,
    Com fogos, com torturas;

Sentado á mesa, com mais dois proscriptos (2)
Do iniquo Tribunal, labéu da Europa,
Tomado de celeste enthusiasmo,
    Assim rompia a brados (3):

«Inda vive, inda vive, para injuria
«Dos Reis, que o não confundem, para escarneo
«Dos povos allumiados, e despeito
    «Dos Sabios, e Homens probos,

---

(1) T. IX, pag. 4.
(2) F. J. d'Av. Brotero e Filinto (Nota de Filinto).
(3) Tal, pouco mais ou menos, foi a conversação que comnosco teve nesse dia (Idem).

«Esse antro de assassinos tonsurados,
«Que, novos Polyphemos, ([1]) despedaçam
«As carnes innocentes das Donzellas? ([2])
«Que ao saber põem mordaças? ([3])

«Quando virá um Hercules, que alimpe
«Cavalharices de brutaes Augías,
«E as lave co'as correntes crystallinas
«Das proficuas Sciencias?

«Quando virá um Hercules, que affoito
«Os Queimadores queime? Que as serpentes
«De mais podrída Lerna, em duros braços
«Suffoque vingativo?

«Vingue o Anastacio ([4]), vingue o bom Lourenço,
«E Sanches, e Filinto, e Varões tantos, ([5])
«Que a Patria illustrariam, se essa patria
«Não salariasse os crimes?

«Os crimes dos que a privam de taes astros;
«Dos que adrêde ennoitecem taes engenhos,
«Para encruar melhor o seu imperio
«Na boçal ignorancia. ([6])

«Venha, venha, em meus dias, um Rei justo
«Que á valente Razão dê fausto ouvido:
«Que adite o Reino, assoberbando os Monstros
«Que o gastam, que o aviltam. ([7])

([1]) Leiam Virg. no Livr. 3.º (Nota de Filinto).

([2]) Donzellas, casadas, viuvas, velhos, moços, creanças, todos eram pasto desses Polyphemos, Minotauros, Cerberos e peior ainda (Idem).

([3]) Digam-no quantos estudam por bons livros (Idem).

([4]) João Anastacio, honra da Universidade, a quem é curto todo o elogio (Idem).

([5]) Bartholomeu Lourenço, por alcunha da Inquisição, o *Voador* (Idem).

([6]) A lingua portugueza é mal conhecida na Europa, porque os Sabios portuguezes, que podiam escrever obras, que a fizessem conhecida, como ella merece, são atalhados em seus arrojos pelas censuras dos frades, a quem nada assusta mais, que o clarão das Sciencias (Idem).

([7]) Podem replicar-me os devotos do Despotismo, e da Ignorancia, que a Inquisição tem hoje pouco poder e faz pouco mal. — Como são mentecaptos! (lhes respondo) Considerai bem que a Inquisição é uma serpente, que está por ora como amadorrada, mas que apenas, por desgraça de Portugal, subir ao throno um Rei, a quem os frades fanatizem, subito a ama-

«Contente morrerei, se antes da morte
«Me raia a nova, que atupiram todos
«A Caverna de Cáco os Portuguezes,
«E lhe dansam em roda.»

Se não houvesse noticia segura da data em que morreu Sanches, havia de acreditar-se que em 1806 ainda elle assistia a um jantar em que verberava o tribunal hediondo. Era uma liberdade poetica, e aquella affirmação de que *tal, pouco mais ou menos, foi a conversação que comnosco teve nesse dia,* era outra liberdade poetica... em prosa. Em 1806, Sanches estava enterrado havia vinte e três annos!

---

dorrada serpente acorda, espreguiça-se e tomando novas forças remoçada devorará o reino, que a não matou. Considerai que sopita um tanto no Reinado de D. João IV, apenas elle morreu, com que devastadora crueldade não se ensopou ella no sangue das infelizes victimas do seu ciume e da sua cubiça, até que o Marquez de Pombal a açaimou, bem que por descuido politico a não acabou de todo (Idem).

CAPITULO VIII

Continuação da vida de Sanches em Paris — Relações com o governo portuguez ou com os seus representantes na capital da França.

Quando Sanches se fixou em Paris encontrava-se alli o velho embaixador D. Luiz da Cunha, que já sabemos tinha frequentado na Haya. O diplomata que tantos serviços prestara ao nosso paiz estava com mais de oitenta annos, mas ainda vigoroso, apesar do muito que sacrificara a Venus. Aos cuidados do medico attribuia elle a longevidade e saúde de que gosava. (1) Cedo, porém, havia de perder Sanches o seu devotado cliente. A 9 de outubro de 1749 D. Luiz da Cunha fallecia subitamente. Quando, a chamado seu, o medico acudiu, nada mais pôde fazer que verificar o obito. (2)

Ficava-nos representando alli Gonçalo Manuel Galvão de Lacerda, com quem Sanches viveu em relações affectuosas e que por elle manifestava a maior consideração. Teve este de se occupar de uma exigencia do governo

(1) Manuel de Figueiredo — *Theatro*, XIV, pag. 460.

(2) Minuta do officio de Gonçalo Manuel Galvão de Lacerda, de 10 de outubro de 1749, existente no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros — Documento n.º 19.

francez que queria sujeitar os portuguezes a capitação. Havia então em França apenas três compatriotas nossos, todos pobres, que podiam ser submettidos a esse tributo. O medico portuguez possuia alguns recursos, mas segundo a informação do nosso enviado havia-se naturalizado francez, desejoso de legar a seu irmão Manuel o que possuia, o que de outro modo seria impossivel, visto que os haveres dos estrangeiros residentes em França revertiam para o rei pelo direito de advena *(droit d'aubaine)*. [1] Adeante veremos o que se deve pensar desta informação.

Quando, em 1755, Sanches concluiu o seu *Tratado da conservação da saude dos povos,* parece que solicitou qualquer auxilio de Diogo de Mendonça Côrte Real. Galvão de Lacerda enviava para Lisboa a carta do medico portuguez, recommendando-a nos termos seguintes:

«Não ouso interpôr o meu parecer na materia que contém a dita carta, informando sómente a V. Ex.ª a fim de que seja presente a S. M. que o Dr. Antonio Ribeiro Sanches é profundamente sabio e pelos muitos paizes que tem visto se instruiu exactamente, adquirindo muitas noticias uteis e de que póde servir-se no tratado que tem escripto como refere na sua carta.» [2]

Por esta epocha, e com certeza anteriormente a 1760, Sanches escrevia um dos seus manuscriptos, subordinado ao titulo de *Pensamentos sobre o commercio de Portugal.* Alguns alvitres sobre a creação de fabricas de lanificios, sedas e coiros, sobre o augmento da população e reducção dos membros inuteis do paiz, entre os quaes se encontravam os clerigos, tanto regulares como seculares, formavam o fundo deste pequeno trabalho. [3]

Em 1758, o governo portuguez, preoccupado com a renovação do ensino, mandou-o consultar sobre uma reforma dos estudos medicos. Por um officio de 19 de junho deste

---

[1] Officio de 27 de dezembro de 1751 de Gonçalo Manuel Galvão de Lacerda, existente no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

[2] Officio de Galvão de Lacerda, de 27 de fevereiro de 1755, dirigido a Diogo de Mendonça, no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros — Documento n.º 20.

[3] Existe entre os mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. VIII.

anno de Monsenhor Salema, ao tempo nosso enviado em Paris, sabe-se que já então Sanches estava trabalhando no desempenho desta commissão. ([1]) Podia o ministro acrescentar que a obra estava quasi concluida, se o soubesse. Effectivamente, uma semana depois, o medico portuguez enviava-lhe o seu trabalho que saíra um pouco mais extenso do que a principio cuidava. Dizia elle que, se fôsse bem acceite a sua proposta de irem aos centros mais cultos aperfeiçoar-se ou estudar alguns alumnos, e de se estabelecer uma Escola geral e real de medicina, escreveria como esta sciencia deveria ser ensinada e aprendida e como se estabeleceriam os exames e graus academicos. Tencionava tambem escrever sobre os estudos e pratica da cirurgia. Os seus projectos abrangiam egualmente uma reforma do ensino da pharmacia e um regulamento de boticarios e droguistas. Ahi se occuparia dos damnos que resultavam das pharmacias das communidades religiosas. Em todo o seu trabalho Sanches se preoccupava com a questão economica, não querendo que a despeza fôsse superior ao proveito que della resultava. ([2])

O Monsenhor remetteu o plano de Sanches para o reino em 3 de julho, o que torna inacceitavel a asserção de Theophilo Braga de que este plano manuscripto foi empalmado por elle. ([3])

O officio de remessa diz o seguinte:

«Remetto a V. Ex.ª as considerações do Dr. Sanches sobre a materia que El-Rey Nosso Senhor foi servido determinar-lhe que escrevesse, com cuja real approvação continúa o dito Doutor a trabalhar no restabelecimento e regulamento da medicina em toda a sua extensão.» ([4])

([1]) Salema dizia para o secretario d'estado: «O Dr. Sanches fica trabalhando no Methodo com que a Medicina deve ser ensinada nesse reino como S. Majestade que Deus Guarde lhe ordenou.» (Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros).

([2]) Officio de Sanches de 26 de junho de 1758, existente no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros, de que se encontra um rascunho na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris — Vol. IX. Foi publicado nos *Archivos de historia da medicina*, VI, pag. 21. V. doc. n.º 22.

([3]) Theophilo Braga — *Historia da Universidade*, III, pag. 371.

([4]) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

Comquanto este escripto exponha doutrina algum tanto differente da que depois apresentou no seu *Methodo de aprender e estudar a medicina,* em que explanou o seu modo de vêr sobre o ensino medico, as ideias directoras estavam alli esboçadas.

Como remuneração deste serviço ou na esperança de outros, o governo concedeu-lhe uma tença annual de réis 360$000, que começou a ser paga em 1759. ([1]) Em um officio de 10 de setembro deste anno, Salema dizia para o nosso governo:

«Não participei logo a noticia da mercê que Sua Majestade foi servido fazer ao Dr. Sanches porque este se acha fóra de Paris, para onde vem esta semana.» ([2])

Poucos dias depois, em um *post-scriptum* do officio de 17 de setembro, o nosso enviado mandava uma carta de Sanches, provavelmente a agradecer a mercê que lhe fôra concedida. ([3])

O nosso medico continuava a trabalhar na reforma, mas a obra tinha de ser fatalmente morosa porque se lhe dava por collaborador um medico de Lisboa, o Dr. Joaquim Pedro d'Abreu. Era este facultativo da casa real desde 1756, cargo a que fôra chamado em substituição do Dr. João Pedro Pereira, que tomara o habito de religioso. ([4]) Entre

---

([1]) Consta isto de um memorial dirigido a D. Luiz da Cunha, o ministro de D. José, em 2 de julho de 1770, e publicado pela primeira vez por Sousa Viterbo. Encontramos no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros a conta de 31 d'abril de 1760 em que se inclue o pagamento do 1.º quartel da pensão de Sanches na importancia de 562 libras e 10 soldos e a de 30 de junho em que está lançada a mesma importancia.

([2]) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

([3]) Idem. Não encontramos a carta de Sanches.

([4]) Segundo informações do snr. Pedro A. d'Azevedo, esta nomeação que se encontra no registro das mercês de D. José, liv. XI, fl. 183, tem a data de 6 de setembro de 1756. Tinha 2$000 réis de moradia por mez, 1 alqueire de cevada por dia e 4$240 de vestiaria cada anno. A 26 de janeiro de 1771 foi nomeado medico da casa real com 100$000 réis de ordenado annual. No registo de mercês de D. Maria I, liv. XII, fl. 247, em data de 3 de janeiro de 1782, recebeu a mercê de um fôro de escudeiro fidalgo com 450 réis por mez, e logo acrescentado a cavalleiro fidalgo com 3$000 réis de moradia e 1 alqueire de cevada por dia.

Sanches e o seu collaborador trocou-se correspondencia que hoje está provavelmente perdida. ([1]) Resta apenas uma carta de Sanches que não chegou a ser expedida e por ella se vê que entre os dois collaboradores havia funda divergencia de opiniões.

Abreu não acceitava satisfeito os alvitres reformadores de Sanches. Não via com bons olhos que se mandassem estudantes aos paizes mais adeantados; entendia que Portugal já tinha cultores idoneos de anatomia, de botanica e de pharmacia; achava que era inutil sobrecarregar o professor medico com o conhecimento do francez e inglez. O emigrado sustentava com vigor as suas ideias, mas desistia de as fazer acceitar do seu collaborador e antagonista. ([2]) Este era evidentemente um espirito retrogrado: um correspondente de Sanches chama-lhe desdenhosamente «um tal medicastro de Lisboa». ([3])

Emquanto preparava o seu *Methodo de aprender e estudar a medicina,* trabalhava em outro livro, embora de assumpto connexo, as *Cartas sobre a educação da mocidade*, que saíram com a designação de Colonia, 1760, mas que foram impressas em Paris. A quem eram dirigidas? Diz Theophilo Braga que ao principal D. Thomaz de Almei-

---

([1]) Monsenhor Salema, em officio de 26 de novembro de 1759, dizia para o nosso governo o seguinte: «Tenho a honra de enviar a V. Ex.ª a carta inclusa do doutor Sanches que contém outra para o Dr. Joaquim Pedro de Abreu, o qual me avisa ter ordem de V. Ex.ª para continuar correspondencia com o dito Dr. Sanches, dirigindo-me as cartas.» Em officio de 10 de março de 1760 escreve o nosso enviado: «O Dr. Sanches me trouxe aqui a carta inclusa para o Dr. Joaquim Pedro.» (Um e outro existem no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros).

([2]) Mss. de Sanches na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. VIII. A carta tem a data de 26 de março de 1760 e respondia a outra de Abreu de 26 de janeiro.

([3]) O correspondente assignava-se J. P. M. e dava-lhe, em carta datada de Lisboa a 7 de maio de 1760, parabens por motivo do estabelecimento da pensão por parte do nosso governo, informando-o do que na côrte corria a respeito da reforma: «O mesmo succederá a uma projectada reforma dos estudos de que me dizem se commette a V. M. a direcção, mas quando soube que se lhe dava por correspondente um tal medicastro de Lisboa chamado José Pedro me confirmei ainda mais no meu pensamento.» (A carta pertence á Collecção Barca-Oliveira).

da, que fôra nomeado director geral dos estudos. ([1]) No *Atheneu,* periodico de Coimbra, Camillo publicou alguns trechos de um manuscripto que possuia e era o autographo do livro a que nos referimos. Ora esse manuscripto era dirigido a Monsenhor Salema. Os novos documentos que adeante publicamos esclarecem a questão: não só as *Cartas* eram dirigidas a Salema, mas este queria para si a gloria de terem sido escriptas por sua instigação, e «a materia de varias conversações que tive com este douto e honrado patriota.» ([2])

Evidentemente as *Cartas sobre a educação,* que são datadas de Paris a 19 de dezembro de 1759, eram destinadas a contribuir para a reforma pedagogica que se projectava.

Abrem por estas palavras:

«Quando V. Illustrissima foi servido communicar-me o alvará sobre a reforma dos Estudos que S. Majestade Fidelissima foi servido decretar no mez de julho passado, e juntamente as instrucções para os professores da grammatica latina, etc. logo determinei manifestar a V. Illustrissima o grande alvoroço que me causou a real disposição sobre a educação da mocidade portugueza...»

Não é ainda ensejo de analysarmos estas cartas, em que Sanches sustenta a doutrina da secularização do ensino, pela qual pugnou constantemente, e que tiveram como principal resultado a creação do *Collegio dos nobres,* por carta de lei de 7 de março de 1761.

Embora o medico portuguez se entregasse ao trabalho da reforma do ensino, ainda encontrava tempo para consagrar a outros estudos. Em conversa com Monsenhor Salema, sustentou doutrinas com que elle se não conformou. Lembrara-se logo de passar ao papel as suas ideias, persuadido de que se estabeleceria accôrdo entre ambos. Essa é a origem da carta que escreveu ao nosso representante em Pa-

([1]) Theophilo Braga — *Historia da Universidade,* III, pag. 368.

([2]) Officio de Monsenhor Salema, de 7 de janeiro de 1760, e carta de Sanches para Salema da mesma data no Ministerio dos Negocios estrangeiros. V. doc. n.º 23 e n.º 24.

ris a 28 de maio de 1760, com o titulo *Missionarios aos paizes alheios,* em que sustentava que mandar a qualquer paiz missionarios a converter infieis era contra o direito das gentes, e que tanto direito havia para lhes impôr quaesquer crenças como assistia a estes de as impôrem aos catholicos. (1)

Não se descuidou, porém, da tarefa em que estava empenhado e breve ultimou a primeira parte do seu *Methodo para aprender e estudar a medicina,* que datou de Paris, 26 de março de 1761, mas que só se imprimiu em 1763 com os *Apontamentos para fundar-se uma Universidade Real* que têm a data de maio desse anno. Este livro, precioso a muitos titulos, concorreu muito para a reforma dos estudos medicos da Universidade em 1772, mas é inexacto que ella seja obra sua. Este ponto será adeante tratado com algum desenvolvimento.

Ao concluir em 1761 o seu *Methodo,* Sanches manifestava pouca esperança de que as suas ideias fossem acceites:

«Se contra os mais fieis intentos que me animaram neste trabalho se acharem faltas, e que me accusem de chimerico, deve-se lamentar a minha sorte que por trinta e nove annos empregados a estudar a medicina em cinco universidades, e a pratical-a como vice-presidente de um tribunal medico, como medico da escola militar da nobreza de Russia, e ultimamente de tres monarchas do mesmo imperio não aprendi nem alcancei o que podia satisfazer as ordens de sua Majestade que tanto do intimo da minha alma quizera e quero executar.» (2)

Quando concluia os *Apontamentos para fundar-se uma Universidade Real,* dois annos depois, preparava um novo trabalho sobre a organização de um tribunal que tivesse a seu cargo o exercicio da medicina:

«Considerei que não satisfaria cabalmente a Real Ordem de S. Majestade Fidelissima se escrevesse do *melhor methodo de aprender e de estudar a medicina,* se não tratasse de que modo deviam

---

(1) Esta carta encontra-se no mss. n.º 235 da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

(2) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 103.

ser governados os medicos e todos aquelles que exercitam algumas partes da sciencia medica, por um Collegio Medico com jurisdicção, espalhado por todas as cidades e villas dos dominios de S. Majestade e que velasse na perfeita execução da sciencia que aprenderam na Universidade e mais escolas do reino; é certo que pouca seria a utilidade que receberia o publico desta instrucção academica se a pratica geral da medicina não fosse regrada e governada por um Tribunal Medico, como estão introduzidos na maior parte dos estados da Europa. Não poupei, nem trabalho, nem despezas para informar-me nesta materia, na intenção que o meu trabalho seria util á minha Patria. Não faltarei a publical-o, tanto que presentir, que será agradavel a quem o deve approvar.» (¹)

Estava portanto já concluido o trabalho que tem o titulo de *Apontamentos para estabelecer-se um tribunal e collegio de medicina na intenção que esta sciencia se conservasse de tal modo que sempre fosse util ao Reino de Portugal e aos seus dilatados dominios.* (²) Sanches desejava que se creasse em Lisboa um tribunal que tivesse a seu cargo a inspecção e direcção do exercicio da medicina e a collocação dos facultativos nos differentes partidos. Competia-lhe egualmente examinar os cirurgiões, as parteiras, os pharmaceuticos, os droguistas. Da sua alçada era a auctorização para a exploração de aguas mineraes e para a venda dos medicamentos. Incumbia-lhe a organização de uma *Pharmacopeia* e um *Regimento dos medicamentos.* As providencias a adoptar por occasião das epidemias e o regulamento dos serviços medico-legaes eram tambem da sua competencia.

O tribunal compunha-se de um presidente, dois conselheiros, medicos, um fiscal ou delegado do procurador da corôa, doutor em leis, e um secretario. O cirurgião-mór do reino e physico-mór faziam parte desta corporação, mas as suas funcções eram mais honorarias do que effectivas.

Em todas as cabeças de comarca do reino e ultramar teria delegados o tribunal.

Os medicos de partido, além das suas funcções pro-

(¹) Op. cit., pag. 203.

(²) Este manuscripto existe na Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris, no VIII vol. dos mss. de Sanches.

priamente clinicas, tinham a seu cargo serviços sanitarios e medico-legaes. Competia-lhes escrever uma topographia medica das localidades em que vivessem e a relação das epidemias que observassem. Todos teriam um registo dos casos da sua pratica.

Sobre esta organização assentava a instituição de um Collegio Real de Medicina, segundo o modelo da Sociedade Real de Londres, especie de vasta aggremiação scientifica, onde se iriam buscar os vogaes dos jurys de exame de medicos, cirurgiões, etc.

Não desfructou o illustre medico por muito tempo da pensão que lhe fôra arbitrada. Conforme Sanches diz no memorial a D. Luiz da Cunha já citado, só a recebeu até ao fim de junho de 1761.

Uma carta de D. Vicente de Sousa Coutinho de 13 de fevereiro de 1769, publicada pelo nosso amigo e devotado investigador Sousa Viterbo, deixa perceber o motivo. Diz o nosso representante que Monsenhor Salema lhe suspendera a tença *por piques particulares.* Estas dissenções devem ter surgido repentinamente, porque a 16 de março ainda o ministro chamava ao nosso biographado «douto e honrado portuguez» ([1]) e a 18 de junho dizia que nos dias de festa o convidava a jantar de companhia com Alvares na legação portugueza. ([2])

Sabemos hoje em que consistiram os piques particulares. Soares de Barros, depois de ter estudado em Paris de 1750 a 1760 mathematicas e astronomia, regressou ao reino, mas voltou neste mesmo anno á capital da França como secretario de uma embaixada que provavelmente nunca se pensou em mandar. Entre Barros e Salema estalou uma ciosa rivalidade que por parte do Monsenhor degenerou em odio feroz. Aliciou uns rufiões para espancarem o seu competidor e este, prevenido a tempo, fugiu para Lisboa, onde o Marquez de Pombal nem sequer o recebeu.

Sanches era amigo de Barros e amigo dedicado como elle sabia ser, e a suspensão do subsidio deveu-se apenas

---

([1]) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.
([2]) Idem.

a esta circumstancia. Em carta de 19 de abril de 1777 a Gonçalo Xavier de Alcaçova, dizia elle:

«Sei que este ministro (Salema) me tinha má vontade, porque via e tratava com José de Barros que elle vexava; mandei-lhe pedir o quartel vencido da minha pensão com o meu recibo; recusou pagar-m'a, mandando-me dizer que a fosse eu buscar, o que não quiz fazer por temer alguma afronta de que elle era bem capaz conhecendo ser governado pelo seu secretario meu inimigo; escrevi logo ao Secretario de Estado snr. D. Luiz da Cunha, escrevi mais duas vezes, nunca tive resposta...» (1)

Se o trabalho de reformador dos estudos medicos da Universidade de Coimbra ficou interrompido em 1761, em virtude das dissenções com Salema, neste anno collocam Andry e Vicq d'Azyr a noticia de que tambem escreveu qualquer projecto de reorganização da Universidade de Salamanca. Sem pôrmos em duvida a asserção, é certo que nada até hoje encontramos a confirmal-a.

A collocação em Paris de D. Vicente de Sousa Coutinho como nosso ministro teve uma feliz influencia sobre a vida do nosso illustre compatriota.

Pouco tempo depois da sua chegada, Sanches dirigiu-lhe um manuscripto *sobre as colonias*, que Innocencio conseguiu vêr, mas cujo paradeiro não pudémos averiguar. A seu respeito encontramos esta nota entre os papeis do medico portuguez:

«Disto escrevi 25 folhas de papel para o snr. Dom Vicente de Sousa Coutinho no anno de 1763: queira Deus que valha alguma coisa para o serviço da humanidade e de Portugal.» (2)

Talvez que para o mesmo diplomata fôsse escripto outro pequeno trabalho, com o titulo de *Sobre a inhibição de se tomarem graus na faculdade de canones.* Abre por estas palavras:

---

(1) Mss. de Sanches na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. IV — *Mon Journal.*

(2) Mss. de Sanches na Escola de Medicina de Paris — Vol. VI, pag. 208.

«Posto que tenha feito proposito não pensar jamais em Portugal, como amo ainda os portuguezes, quero deitar neste papel o que me occorre nas circumstancias que se acha aquelle reino.» ([1])

Mas a irritação, a que apesar do seu caracter brando e benevolente era sujeito, invade-o ao terminar:

«Ora basta de amor portuguez e se outra vez tomar a penna para continuar, será por amor francez que não é tão besta; o amor francez sustenta-se comendo e bebendo: e quem não come nem bebe, nem tem com quê, não póde amar nem mostrar o seu amor.» ([2])

Este manuscripto tem a data de 18 de dezembro de 1766 e por três annos não temos noticia de que se occupasse de assumptos relativos ao nosso paiz.

Ribeiro Sanches escrevera a 16 de dezembro de 1768 uma carta a D. Luiz da Cunha em que lhe remettia um exemplar do seu *Methodo para aprender e estudar a medicina* e lhe expunha a sua situação: «Sinto-me velho, dizia elle, e tão achacado, que me vejo no fim da carreira.» ([3])

Pouco tempo depois, a 13 de fevereiro de 1769, Sousa Coutinho pedia ao nosso governo o seu patrocinio para Sanches. Este documento, altamente honroso para a memoria do nosso diplomata, bem merecia ser transcripto. Foi, porém, publicado duas vezes por Sousa Viterbo e nós não podemos alongar a nossa narrativa. Contentar-nos-hemos com um extracto. O medico portuguez procurara Sousa Coutinho e lêra-lhe uma carta de Gonçalo Xavier de Alcaçova em que lhe dizia que, tendo fallado com D. Luiz da Cunha, lhe ouvira que encarregara Sanches de escrever o *Methodo para aprender e estudar a medicina* e não mais tivera noticia desta obra. Dissera-lhe mais que Salema lhe tinha suspendido a pensão que recebia e que este

([1]) Collecção Barca-Oliveira. O trecho foi publicado pelo snr. Arthur Araujo.

([2]) Idem, idem.

([3]) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros — V. doc. n.º 25.

facto já era conhecido em Lisboa. Aproveitava o ministro o ensejo para advogar a causa de «um portuguez de tanto prestimo que nós abandonamos e que estimam tanto os estrangeiros.» Logo que elle, Coutinho, chegara a Paris, sabendo que Sanches escrevera o *Methodo*, lêra-o e convencera-se de que elle era apropriado a promover uma reforma dos estudos medicos. Soubera que Martinho de Mello lhe insinuara que mandasse imprimir alguns exemplares e os levara comsigo para Lisboa, de modo que a obra já era conhecida. Reprovava que Salema por questões pessoaes houvesse tido um procedimento tão violento e sustentava que taes dissidencias nada tinham que vêr com o amor do principe e da patria.

Justificava-se de não ter escripto havia mais tempo sobre este assumpto, fazendo notar que se tinha dirigido quatro annos antes ao Conde de Oeiras sem obter resposta, «vendo-me obrigado a ser o triste expectador da miseria de um compatriota tão benemerito, se não fôra soccorrido de uma potencia extranha». O *Methodo* acarretara-lhe despezas com que não podia, não só pelos livros que comprara mas pelos presentes que tivera de enviar a professores das mais celebres universidades. Sousa Coutinho advogava o restabelecimento da pensão de Sanches, não podendo dissimular que ninguem o excedia no amor do seu paiz, não vindo portuguez a França que não achasse nelle generoso amparo. ([1])

Desta vez alguem zelava em Lisboa os interesses de Sanches. Em officio de 9 d'abril, o secretario de Estado parecia não ter recebido ainda a communicação de Sousa Coutinho mas substancialmente respondia-lhe. Mandava receber os exemplares do *Methodo* que estavam em poder de Sanches, pedindo informações da sua importancia para a mandar pagar, e annunciava que logo que chegasse a Lisboa passaria ordem para se lhe restabelecer a mezada. ([2])

([1]) Publicado pela primeira vez por Sousa Viterbo no periodico *A Arte*. V. doc. n.º 26.

([2]) Officio de D. Luiz da Cunha a Sousa Coutinho, de 9 d'abril de 1769, no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros. V. doc. n.º 27.

A 24 d'abril do mesmo anno escrevia novamente D. Vicente para o reino. Accusava a recepção de uma carta do Conde de Oeiras e agradecia a noticia que lhe mandava «da boa disposição dos nossos Augustissimos soberanos e da graça que Sua Majestade foi servido fazer ao doutor Sanches, cujo reconhecimento não poderei explicar a V. Ex.ª nem elle tambem, excedendo muito as minhas e suas palavras. Espero que este gosto lhe dilate a vida, que elle empregará com muita satisfacção no serviço de El-Rei Nosso Senhor. Em meu poder ficam quarenta exemplares da sua obra, que remetterei a V. Ex.ª pelo primeiro navio; ainda não sei o custo.» ([1])

Junto com este officio enviava uma carta de Sanches agradecendo a mercê que lhe era concedida. ([2])

Novo officio a 28 de julho de 1769 de D. Luiz da Cunha instava pela remessa dos livros que não lhe haviam chegado ás mãos, e ordenava que se continuasse a dar a Sanches a mensalidade que em tempo recebera e que Salema tinha cortado sem ordem de S. Majestade.

Não esperara Sousa Coutinho por ordem especial para a continuação da pensão, visto como sabia em quanto ella importava e quanto custara a impressão do *Methodo*. ([3]) Assim o participava a 7 de agosto, em um documento em que mostra a sympathia pelo velho sabio:

([1]) Publicado por Sousa Viterbo. — No *Journal* de Sanches, escrevia este em data de 20 d'abril de 1769: Neste dia veiu a ordem de S. E. o snr. D. Luiz da Cunha para que eu recebesse a pensão que tinha e que deixou de pagar Mgr. Salema. O snr. D. Vicente terá essa incumbencia; cada seis mezes (como lhe pedirei) os cahidos.

Methodo para estudar a medicina. Mando hoje a S. E. o snr. D. Vicente de Sousa os exemplares n.º 40 para Portugal: que não posso mandar o custo da impressão sem fallar ao livreiro.

A 9 d'abril acrescentava: Vidi a copia da ordem de S. M. F. para que receba a pensão . . .

([2]) Tem a data de 1 de maio de 1769. Foi publicada pela primeira vez por Sousa Viterbo no periodico *A Arte*. V. doc. n.º 28.

([3]) V. doc. n.º 29. No *Journal* de Sanches lê-se com data de agosto de 1769: «Carta do snr. Dom Vicente de Sousa Coutinho para que receba a pensão de setembro para deante com o resto da impressão do Methodo». Esta nota é anterior a 9 desse mez.

«Como eu sei em que consiste a pensão, começarei a pagar-lh'a no fim deste mez, *pois tem necessidade*, assim como o custo da impressão, que é uma pequena quantia. Está prompto a escrever na materia que fôr do agrado de Sua Majestade, e neste caso V. Ex.ª terá a bondade de insinuar qual ella deva ser. Creio que esta graça prolongará os seus dias.»

Dois mezes depois, a 9 de outubro, o nosso ministro remettia os recibos das mezadas. ([1]) De Sanches dizia:

«Nem os seus annos, nem os seus achaques permittem dilação, a querer-se-lhe fazer uma esmola util e agradavel.»

Com este officio ía uma nova carta do medico portuguez ao conde de Oeiras. Manifestava ainda o seu reconhecimento pela pensão e pelo pagamento da impressão do *Methodo* e dizia que, escrevendo em 1762 e 1763 os *Apontamentos para fundar-se uma Universidade real,* desde então a esta parte se haviam extinguido muitos abusos e se haviam reformado muitos costumes, motivo pelo qual muito do que nelles se continha seria considerado superfluo ou mal fundado. Com prazer se encarregaria de os melhorar se nesse sentido lhe fossem dadas ordens. ([2])

Animado por este primeiro resultado, Sanches representou a D. Luiz da Cunha para receber as tenças que desde julho de 1761 até 1769 lhe não haviam sido pagas. Esta ideia acudira a Sanches logo que a pensão lhe fôra restabelecida, mas só agora julgava opportuno o ensejo para lhe dar seguimento. Provavelmente para preparar o terreno, vêmos no seu *Journal* que em 17 de fevereiro de 1770 escreveu a D. Luiz da Cunha propondo-lhe escrever uma continuação do *Tratado da conservação da saude dos povos,* em que se occuparia dos meios de evitar as doenças dos marinheiros, «um livro que sirva para curar nos hospitaes como navegando». Dois dias depois escrevia a

---

([1]) Sanches a 5 de outubro de 1769 lançava esta nota no seu *Journal*: «Hoje recebi 1:080 lt. por 6 mezes que começaram a 9 de abril, valor da pensão de S. M. F.»

([2]) Tem a data de 9 de outubro de 1769. Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros. V. doc. n.º 30.

D. Vicente de Sousa Coutinho a proposito dos mezes de pensão que deixara de receber e propondo a venda da sua bibliotheca. Rascunhos de cartas analogas dirigidas a D. Luiz da Cunha e Martinho de Mello existem no seu *Journal,* mas estes borrões estão traçados e incompletos.

Afinal, Sousa Coutinho, em 2 de julho de 1770, remettia a reclamação, com estas palavras: «O Doutor Sanches me pediu que remettesse a V. Ex.ª o memorial incluso, e eu o faço com a satisfacção que me inspira o seu merecimento.» ([1])

O memorial de Sanches da mesma data dizia que os *cahidos* da sua tença importavam em 2.790$000 réis que propunha lhe fossem entregues sob a fórma de uma renda vitalicia a 12 por cento, o que correspondia a 334$800 réis annuaes. Com a pensão de 360$000 réis que recebia, a annuidade seria de 694$800 réis. ([1])

Conjectura Sousa Viterbo muito fundadamente que este memorial não teve deferimento. Baseia-se em que os recibos que encontrou de 1772 correspondem á pensão de 360$000 réis. Reforçando o que nos parece já demonstração sufficiente, encontraremos no seguimento desta narrativa algumas notas de descontentamento pelas coisas de Portugal que podem traduzir o desgosto que lhe causavam as desattenções de que era victima.

Por esta epocha, a 3 de maio de 1770, Sanches mandou o catalogo da sua bibliotheca para Portugal com o proposito de a vender. Estavam encarregados de promovel-a o cirurgião João da Matta e sobretudo Gonçalo Xavier de Alcaçova.

Em carta de 2 de novembro de 1772, dirigida a este ultimo, pedia uma resposta decisiva. Collige-se della que Martinho de Mello era um dos que pretendiam os livros. As condições eram as seguintes: 1.º Gosaria em vida dos seus livros e manuscriptos; 2.º Ou se lhe dariam 20.000 libras tornezas em três pagamentos, ou se lhe instituiria uma

([1]) Este memorial, existente no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros e publicado por Sousa Viterbo, acha-se tambem collado no seu *Journal* a pag. 82. V. doc. n.º 31.

renda vitalicia de 3.000; 3.º Ficaria Sanches obrigado a continuar a assignatura das publicações periodicas contidas no catalogo que tinha enviado; 4.º A não ter resposta até janeiro de 1773 ficaria com liberdade para buscar outra solução. (1)

Não sendo bem succedido na sua pretenção, voltava a occupar-se do assumpto dois annos depois.

A 28 de junho de 1774 escrevia as *Ultimas condiçoens que o Dr. Sanches propõe para o final ajuste da venda da sua Bibliotheca.* Apesar de ter adquirido as obras de mais 236 auctores, a cifra da venda em globo augmentara apenas 3.000 libras tornezas, e para o caso de se preferir a instituição de uma renda vitalicia esta seria como primitivamente de 3.000 libras.

Não variavam tambem as outras condições. Registamos, porém, as ultimas palavras, porque demonstram mais uma vez a amizade que sempre teve a seu irmão: «Considerando a grande piedade que S. Majestade usou com os herdeiros do defunto Barbosa, ousa imploral-a a favor de um irmão seu, que tem em Napoles, medico formado em Leyde, de idade de sessenta annos; para que morrendo elle se lhe conserve a dita renda vitalicia, como generosamente deixou aos ditos herdeiros do mesmo Barbosa, com outra compra semelhante da sua bibliotheca. Pois é certo não ter nada, que possa deixar ao seu mesmo irmão, não se tendo naturalizado em França, onde não póde testar de nenhum dos seus bens pelas leis daquelle reino.» (2)

Esta venda dos livros nunca se veiu a realizar.

Depois que lhe foi renovada a pensão que Monsenhor Salema tinha suspendido, encontram-se muitos manuscriptos relativos a assumptos do nosso paiz. E' para nós muito duvidoso que, se fossem remettidos para Lisboa, aqui fossem bem acolhidos. De 1769 é o manuscripto *Meios que Pedro Primeiro imperador da Russia tomou para regrar os ecclesiasticos do seu imperio e estabelecer a sua subsistencia.* A narração das providencias que o imperador

(1) Esta carta acha-se lançada no *Journal* de Sanches.
(2) Mss. da Bibliotheca de Evora — V. doc. n.º 32.

adoptou contra os abusos da Ordem de S. Basilio, a menção de que havia conventos que tinham 10.000 escravos casados, quando apenas albergavam seis ou oito frades, servem apenas de pretexto para aconselhar que em Portugal se adoptem medidas restrictivas dos privilegios de que gosavam os ecclesiasticos. Quer que os reis lhes façam sentir e experimentar que os bens de que gosam são e pertencem ao estado civil. Assenta que os dizimos não são de direito divino. Quer que os rendimentos dos canonicatos vagos sejam applicados em desenvolver as escolas das provincias, em fazer pontes e caminhos e em edificar egrejas parochiaes; e dos frades pensa que elles prefeririam uma pensão de 300 réis diarios a viverem na disciplina monastica. (1)

No manuscripto *Sobre o nuncio em Portugal* (que suppômos de 1770) escreve: «E' coisa facilima decidir que é absurdo e inintelligivel que um estado seja governado por dois monarchas, apesar da ridicula distincção *fôro interno* e *fôro externo.*» Embora opine que o nuncio deve ser restabelecido, todo o seu desejo é que a sua jurisdicção seja restringida. «Aquelle poder que o costume lhe deu em Portugal se reduzirá a tão pouca auctoridade que nenhum subdito de S. Majestade, secular nem regular, se atreverá recorrer a elle.» O ensino do direito canonico seria formalmente prohibido por ordem regia. Ninguem poderia ensinar em escola publica sem auctoridade real. Uma passagem sobretudo queremos frisar: «Depende hoje a Universidade de Coimbra da Mesa da Consciencia, composta de doutores canonistas, isto é dos executores das leis da curia romana» e isso considera-o Sanches um erro grave. (2)

Abrimos aqui um parenthesis para narrar uma anecdota relativa a um nosso compatriota. O Conde da Atalaia, não encontrando em Lisboa remedio a males de que soffria, resolveu-se a ir a Paris com o proposito de se fazer operar. Sousa Coutinho receava-se do arrojo dos cirurgiões fran-

---

(1) O manuscripto pertence á collecção Barca-Oliveira.
(2) Pertence egualmente á collecção Barca-Oliveira.

cezes e em officio de 24 de junho de 1771 dizia para Portugal: «mas eu tremeria na cura deste fidalgo, se não se achassem aqui dois medicos portuguezes que os dirigissem no methodo, sendo-lhe necessarios alguns remedios internos.» Chegou o Conde ao Havre a 5 de julho e pouco depois a Paris, tendo melhorado na viagem. Sanches não podia recusar o seu auxilio a um compatriota e examinou-o. Sousa Coutinho, dizia, a 15 de julho: «o Dr. Sanches entende que todos os remedios que ahi lhe fizeram fôram nocivos e intempestivos.» Confiado aos seus cuidados, o moço doente em breve recuperou a saude, livrando-se da operação. A 26 d'agosto Coutinho escrevia que estava completamente restabelecido: «Além dos remedios, o que lhe fez grande beneficio foi manteiga de cacau.» Então, o moço fidalgo lançou-se em uma vida de dissipação e a muito custo se livrou de ser preso por dividas. Afinal, Coutinho sempre o pôde empurrar para o reino onde veiu a fallecer de bexigas em 1774. [1]

Esta simples anecdota em que vêmos um doente a quem era aconselhada uma operação grave curar-se com simples applicações de emollientes, recorda-nos o que Andry nos conta de que Sanches nunca aconselhava uma intervenção cirurgica sem que ella estivesse formalmente indicada. Não era isto, porém, obstinação ou fraqueza e mais d'uma vez votou pela pratica de operações dolorosas. Assim, tendo diagnosticado em d'Alembert um calculo vesical, instou com elle para que se submettesse á talha e talvez que ella evitasse uma morte prematura, a ser praticada.

Sanches acompanhava com interesse a reforma pedagogica que em Portugal se estava realizando. Quando, em 1771, se publicava o *Compendio historico,* notava o facto com satisfacção e no seu *Journal* apreciava o relatorio da Junta de providencia litteraria com elogio. [2] Ao vêr, porém,

---

[1] Os documentos em que se baseia a anecdota encontram-se no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros. No *Journal* de Sanches lê-se a 14 de julho de 1773: «Depart de Mr. le Comte de Atalaya pour le Havre.»

[2] Mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, liv. IV, fl. 113.

que as suas ideias não eram aproveitadas com o apreço a que tinham direito, antes por uma pequena parte eram postas em pratica, irritava-se e commentava os Estatutos da Universidade, no que dizia respeito á medicina, com azedume immerecido. Sabendo que eram obra de Sachetti Barbosa, era contra o seu amigo que se voltava, e as disposições nelles contidas pareciam-lhe parvoices e iniquidades. ([1]) Desde então, as suas relações com o medico extremocense fôram cortadas e o seu nome nunca mais apparece nos manuscriptos de Sanches.

De Paris, a 10 de junho de 1772, encontra-se um manuscripto incompleto do nosso medico, subordinado ao titulo de *Origine des hôpitaux*. Depois de uma curta introducção em que affirma que elles se crearam depois de Constantino, occupa-se das vantagens e desvantagens dos hospitaes para a cura das doenças. A utilidade é manifesta; mas depois que Pringle publicou as suas observações sobre o ar infecto, pensou-se em que os inconvenientes excedessem as vantagens. A conclusão a que chega Sanches é que taes estabelecimentos são uteis, comtanto que sejam dotados de boas condições hygienicas. Entre ellas reclama que não sejam edificados em logares baixos e humidos; deve-se procurar que o ar seja tão puro e renovado como no exterior; é indispensavel abundancia d'agua; em cada cama não deve recolher-se mais do que um doente, não se tolerando o que se via no Hôtel-Dieu, onde 4 e 8 doentes occupavam o mesmo leito.

Não lhe podia ser indifferente o que em Portugal se passava e muito menos o que dizia respeito aos seus antigos correligionarios. Quando foi extincta a odiosa distincção entre christãos novos e christãos velhos, Sanches em um pequeno manuscripto, subordinado ao titulo de *Reflexões sobre a lei decretada por S. Majestade fidelissima José Primeiro em maio 1773*, louvava-a enthusiasticamente dizendo que ella era fundada nas maximas e na pratica constante da Egreja catholica romana. A Inquisição fôra «inventada pela furia mais infernal que se mos-

([1]) Op. cit., pag. 148.

trou neste mundo» e deveriam ser queimados os directorios do Santo officio de Portugal contrarios aos de Roma. (1)

Os annos que vão de 1773 a 1777 foram silenciosos na vida de Sanches. Não sabemos de vestigios da sua actividade, mas nem todos os seus manuscriptos estão datados, nem temos a pretenção de conhecer todos os trabalhos que escreveu. Não é provavel que, a despeito da edade e dos achaques, se mantivesse inactivo. Deste ultimo anno, nada menos de quatro manuscriptos nos foram conservados.

No que se intitula *Algumas causas da perda da agricultura em Portugal,* que está incompleto, attribue a decadencia da agricultura á guerra da aclamação, á importação de cereaes sem as devidas precauções, e á falta de communicações. Os meios que lembrava para atalhar o mal eram promover o augmento da população e favorecer o trabalho e a industria. Não deixa de registar que o numero dos ecclesiasticos seculares e regulares estava em manifesta desproporção com as necessidades do culto. (2)

Em outro, subordinado á epigraphe de *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P* * **, e que está datado de 12 de agosto, encontramos traduzida a mesma ideia de protecção á agricultura e á industria. Um dos melhores meios de a realizar é o estabelecimento do credito agricola e industrial; e para a obtenção dos capitaes necessarios para a sua creação não duvída aconselhar que se vão buscar á nobreza e ao clero, visto que ninguem «deve ser isento de contribuir a resgatar o estado, submergido na necessidade, caminhando á sua ruina». A nobreza devia ser obrigada ao serviço das armas, e os conventos reduzidos. Dos 626 pouco mais ou menos que eram antes do terramoto, 100 ou 200 seriam empregados para casernas, para fabricas, para prisões. O proprio metal dos sinos mandava-o para o arsenal. (3)

---

(1) Manuscripto de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, Vol. IV — *Mon Journal.*

(2) Collecção Barca-Oliveira.

(3) Mesma collecção.

No que se inscreve *Difficuldades de um reino velho para emendar-se,* apontamentos escriptos rapidamente, o reino *cadaveroso* a que se refere é Portugal, nação instituida com as leis do fanatismo. Toda a sua historia é a sustentação de uma guerra mental com uma certa potencia, e essa potencia é a Egreja. Entre os seus principaes conselhos, importa notar que desejava uma organização completamente nova dos serviços. E não se esquecia da Inquisição, que reputava um tribunal tyrannico. ([1])

Tambem do Brasil se occupou Sanches. Ahi temos nós a memoria intitulada *Considerações sobre o governo do Brasil desde o seu estabelecimento até o presente tempo* (1777). Deplora que Portugal e Espanha não buscassem nas colonias mais do que os metaes preciosos e não se preoccupassem com estabelecer nellas a agricultura e a industria. O resultado foi que o oiro e a prata foram alimentar as industrias de outros paizes. Exercitos de missionarios e frades foram estabelecer-se nessas colonias por fórma que cada uma dellas veiu a constituir um reino papal novo. Deseja que se estabeleça egualdade politica entre todos os habitantes do Brasil, que se favoreça a agricultura e as artes mechanicas, e que se criem portos francos no Grão-Pará e no Rio de Janeiro. O ultimo paragrapho é sobretudo importante para frisar a divergencia entre as suas e as ideias economicas que dominavam no nosso governo. O seu desejo era que o Brasil se tornasse uma potencia commerciante, «onde se não conhecem, nem devem conhecer monopolios, privilegios, contractos de tabaco, companhias, estanques, dizimos ecclesiasticos, bens de raiz ecclesiasticos.»

Dissemos que Galvão de Lacerda informara o nosso governo de que Sanches se tinha naturalizado francez, para poder legar ao irmão os poucos haveres que possuia. E' de crêr, todavia, que algum obstaculo surgisse a embaraçal-o, ou que desistisse dessa ideia. Bem o prova o final das suas *Ultimas condicções para a venda da sua bibliotheca.*

([1]) Collecção Barca-Oliveira.

Em 1778 achava-se concertado um tratado com a França pelo qual o direito de advena, que já não vigorava para os naturaes de outros paizes, deixava de ser applicavel aos portuguezes residentes em França. D. Vicente de Sousa Coutinho dizia, a 2 de março de 1778, a Ayres de Sá e Mello que nada faltava aos plenos poderes de que fôra investido para poder assignar o tratado. E acrescentava:

«O Dr. Sanches começará a gosar deste beneficio, sendo-lhe licito deixar a seu irmão que assiste em Napoles os seus moveis e os seus livros.»

Em 10 de maio do anno seguinte, quando já estava assignada a convenção entre os dois paizes, o nosso ministro dizia em *post-scriptum* de um seu officio:

«O Dr. Sánches me escreveu a carta inclusa que tenho a honra de enviar a V. Ex.ª para que veja quanto prazer lhe causou a proclamação do sobredito tratado. Outros mais como elle são interessados no mesmo gosto.» (¹)

Com este officio vinha uma carta de Sanches em que agradecia ao diplomata como um serviço pessoal a sua intervenção no tratado, sobretudo porque lhe era agora possivel legar os livros ao irmão. (²) Evidentemente, a ter-se naturalizado, nenhuma vantagem lhe adviria da nova convenção.

Apesar da sua avançada edade, não deixava de prestar serviços clinicos a qualquer compatriota, e por maioria de razão áquelles a quem devia finezas. D. Vicente de Sousa Coutinho adoeceu gravemente em abril de 1780. Na afflictiva conjunctura, reuniu-se uma conferencia medica a que assistiu Sanches.

(¹) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

(²) Carta de Paris, de 8 de maio de 1779, no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros — V. doc. n.º 33.

«Neste aperto se convocou uma junta em que os Drs. Sanches, Andry, Ténon, Petit e Michel resolveram se lhe applicassem causticos nas pernas e no lado sobre a dôr»

informava Joseph Antonio dos Santos Branco, secretario da legação. (1)

Mezes depois era Sanches que, a seu turno, cahia perigosamente enfermo.

Em 25 de outubro de 1780, Sousa Coutinho participava a Ayres de Sá que o medico portuguez não dava esperanças de vida, «o que não deixa de me affligir muito, conhecendo a perda que faz nelle a Republica litteraria e o commercio das pessoas virtuosas.» (2) Os cuidados triumpharam da doença. A 6 de novembro o nosso ministro communicava para o reino a feliz noticia de que elle triumphara do mal:

«O Dr. Sanches escapou da perigosa doença que soffreu, o que não é pouco nos seus annos e na debilidade do seu temperamento.» (3)

Não era para muito tempo este contentamento.

---

(1) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.
(2) Idem.
(3) Idem.

CAPITULO IX

Relações de Sanches com o governo russo e seus representantes — A sua morte.

O capitulo que vae lêr-se só poderia ser escripto com alguma sufficiencia por um russo; só quem tivesse conhecimento profundo da historia litteraria e scientifica do imperio moscovita aproveitaria devidamente os elementos, aliás muito insufficientes, que pudemos reunir. Sirva-nos esta consideração de salvaguarda e possa ella conseguir do leitor alguma benevolencia.

Quando o medico portuguez chegou a Paris, não descançou emquanto não esclareceu as razões porque, apesar dos testemunhos exteriores de consideração e respeito que recebia da imperatriz Isabel, era violentado a deixar o paiz que tão dedicadamente servira. Escreveu ao presidente da Academia Imperial das Sciencias, conde C. G. Razumowski, instando por uma explicação. [1] Este a seu turno diri-

[1] Cyrillo Razumowski foi hetman dos cossacos em 1750 e nomeado aos 22 annos presidente da Academia das Sciencias de S. Petersburgo. Publicou um relance geognostico sobre o norte da Europa em geral e particularmente da Russia, que foi traduzido em allemão e mereceu apreciações honrosas da parte de sabios de todos os paizes. Era irmão de Aleixo Gregorevitch que de chantre da capella da côrte foi feito conde e marechal de campo por Isabel Petrovna, que veiu a casar secretamente com elle.

giu-se ao chanceller Bestyuzhev, ([1]) e de ambas as cartas deprehende-se, diz Max Rosenthal, que o unico motivo da sua exoneração foi o facto de que a imperatriz, que odiava os judeus, tinha tido noticia de que Sanches pertencia a essa raça amaldiçoada. ([2])

Singular situação a sua! Já vimos que elle na Russia se arreceava de que os judeus o envenenassem por meio de uma carta, e via-se vexado e perseguido porque era judeu! Sanches resignou-se e procurou esquecer-se da sua passada grandeza que o expunha a violencias e desgostos.

De lá, porém, lhe vinha ainda uma lembrança amiga. Por occasião da sua partida, a 12 de setembro de 1747, a Academia Imperial das Sciencias de S. Petersburgo nomeava-o seu associado externo, o que traduzia não só o apreço em que o tinha, mas até certo ponto um protesto contra a violencia de que era alvo. ([3])

Durante os primeiros annos da sua residencia em Paris, pouco sabemos das relações que manteve com o imperio em que vivera tantos annos e onde deixara amigos

([1]) Aleixo Petrovitch Bestyuzhev-Rioumine, nascido em Moscou em 1 de junho de 1693, falleceu em S. Petersburgo em 21 de abril de 1766. Entrou cedo na carreira diplomatica e foi enviado á Inglaterra, e depois a Copenhague e a Hamburgo, onde a imperatriz Anna o encarregou de negociações relativas á successão do Holstein. Voltou a S. Petersburgo em 1740, foi ministro do gabinete e tomou o partido de Biren. Depois da queda deste foi preso, mas pouco depois restituido á liberdade, e a imperatriz Isabel confiou-lhe a direcção dos negocios estrangeiros com os titulos de vice-chanceller e de chanceller. Partidario da alliança austriaca, mandou um corpo de exercito russo á Allemanha para sustentar Maria Theresa (1746). Mais tarde, no começo da guerra dos Sete Annos, 80.000 russos commandados por Apraxine entraram na Prussia e alcançaram a victoria de Jægerndorf. Como a imperatriz adoecesse gravemente, Bestyuzhev, para fazer a côrte ao gran-duque Pedro, partidario caloroso de Frederico II, mandou recolher as tropas russas. Mas a imperatriz restabeleceu-se e mandou prender Bestyuzhev e Apraxine como réus d'alta traição. Catharina II, ao subir ao throno, restabeleceu-lhe os titulos e dignidades, juntando-lhe o de feld-marechal. Morreu pouco tempo depois. No seu exilio escreveu em russo uma obra intitulada: *Consolações de um christão.*

([2]) *The Jewish encyclopedia.*

([3]) *Nova acta academiæ scientiarum petropolitanæ* — tomus I. Petropoli, typis academiæ scientiarum, 1787, pag. 214.

O original foi adquirido no Ludwig Rosenthal's Antiquariat, de Munich.

RIBEIRO SANCHES — pag. 193.

dedicados. Todavia Andry affirma que nenhum russo vinha á capital da França que o não procurasse vêr e consultar, se porventura carecia de soccorros medicos. E' natural que travasse com os seus amigos correspondencia que possivelmente ainda possa encontrar-se. Nós é que não tivemos essa fortuna.

Não póde restar duvida, porém, de que os seus meritos não haviam esquecido na Russia. Por 1757 veiu a Paris o principe Dmitri Galitzin, gentilhomem da camara imperial. Este fidalgo, que foi embaixador na Haya, em Paris e mais tarde em Vienna, era muito dado ao estudo das sciencias e sobretudo da physica. Além de grande numero de memorias publicadas na collecção da Academia Imperial de S. Petersburgo, escreveu mais tarde algumas obras, como uma *Descripção da Taurida* (1788) e o *Espirito dos economistas* (1796). Amigo de Voltaire, protegeu os philosophos e os homens de sciencia. ([1]) Um dos que lhe deveram auxilio foi Sanches, affirmando Andry que lhe concedeu um subsidio que nunca soffreu interrupção.

O medico portuguez dizia, em officio de 26 de janeiro de 1757, que o principe chegara á capital da França havia pouco, acompanhado pela mulher que vinha tratar-se. Sanches, que já prestara serviços clinicos na Russia a esta senhora, juntamente com o conselho dos medicos da côrte e de Gaubius, que tambem fôra consultado, era solicitado para que fôsse seu medico assistente «com interesses maiores do que posso esperar». A acceitar o convite, vêr-se-hia obrigado a passar todo o verão em sua companhia ou em quaesquer aguas mineraes ou nas provincias meridionaes da França. ([2])

O principe Galitzin ainda ha-de reapparecer nestas pa-

([1]) Gerebtzoff — *Essai sur l'histoire de la civilisation en Russie.* Paris, 1858 — II — pag. 312, 313 e 337.

([2]) O officio é evidentemente dirigido ao nosso ministro em Paris ou directamente a um dos secretarios de Estado. Existe na Torre do Tombo, para onde foi remettido pelo Ministerio do Reino em 3 de dezembro de 1870. Devemos a sua communicação ao snr. Pedro A. d'Azevedo. V. doc. n.º 21.

ginas. Por agora acrescentaremos que três annos depois, apesar de não ter acceitado o partido que lhe era offerecido, Ribeiro Sanches continuava a prestar serviços aos seus familiares. Assim o prova o facto de ter tratado de uma das aias da princeza que fôra mordida por um cão damnado. O tratamento consistiu principalmente em fricções mercuriaes. Com Sanches assistiu á doente Mertens. ([1]) Começariam então as suas relações com elle ou já existiam? Não o sabemos. No principio de 1769 projectava Sanches escrever-lhe e a 29 de junho do anno seguinte lançava no seu *Journal* uma carta que recebera do seu amigo, com data de 16 de maio, em que este lhe dava noticia de uma epidemia de febre putrida que se desenvolveu em Moscou. ([2]) Mertens era mais um admirador de Sanches. Nas suas *Observationes medicae*, referindo-se ao caso clinico acima citado, escreve: *Aegram mecum invisit Perillustris ac Ceberr. Sanches, in Aula Petropolitana olim Archiater, vir summa doctrina praeditus, amicus maxime colendus, cui multum me debere gratus profiteor.*

A admiração que Sanches votou sempre a Boerhaave levou-o a entabolar correspondencia com Kreuts, genro do grande medico, a quem o nosso compatriota conhecera em Paris, e devia provas de consideração e estima.

Felicitava-o pela sua recente nomeação de primeiro medico da Imperatriz da Russia e manifestava-lhe o desejo de publicar o manuscripto de Boerhaave, *De corde,* que o fallecido Kaau Boerhaave lhe permittira copiar quando viera da Hollanda para a Russia. Faltava, porém, á sua copia a

---

([1]) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 114 e 115 (nota). — Existe de Carlos de Mertens um livro com o titulo *Observationes medicae de febribus putridis, de peste, nonnullisque aliis morbis.* Vindobonae Apud Rudolphum Graeffer 1778. Por esse livro sabemos que residiu seis annos ao serviço da Russia no Orphanotrophio de Moscou (1767-1772) creado por Catharina II. Antes, porém, estivera em Paris, visto que a doente que ambos trataram foi mordida em 1760. Mertens em 1776 já residia em Vienna.

([2]) Mss. de Ribeiro Sanches da Escola de Medicina de Paris, vol. IV — *Mon Journal.*

introducção que Kreuts devia possuir. Pedia-lhe o favor de lh'a remetter, a menos que a desejasse publicar. ([1])

Já dissémos que o governo portuguez concedera ao nosso compatriota uma pensão que foi suspensa por Monsenhor Salema por arbitrio proprio. Sanches luctava com difficuldades. Deviam sabel-o os numerosos e influentes amigos que ainda tinha na Russia. Por occasião da subida ao throno de Catharina II, á qual o medico portuguez salvara a vida na sua mocidade e que o deixou registado nas suas *Memorias*, o general Betzkoy lembrou-o á munificencia régia. ([2]) A imperatriz concedeu-lhe uma pensão de mil rublos que não soffreu interrupção até á morte de Sanches, embora uma ou outra vez lhe chegasse ás mãos irregularmente. D'ahi reclamações do nosso compatriota a Betzkoy, ou ao conselheiro Chotinsky, que foram sempre attendidas, o que mostra que as irregularidades eram devidas a difficuldades na remessa dos fundos necessarios para a satisfazer.

Encontram-se no *Journal* de Sanches notas da sua correspondencia com Betzkoy, que sempre se mostrou carinhoso para com elle. Em carta ao principe Galitzin, de 9 de dezembro de 1774, o nosso compatriota dizia que devia a vida áquelle general. Não era á pensão que se referia, como se poderia julgar. Betzkoy era o seu fornecedor de ruibarbo, e a este medicamento attribuia Sanches a saúde escassa de que gosava. ([3])

([1]) Carta de 15 de fevereiro de 1762 entre os mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris — Vol. VI, pag. 268 e 269.

([2]) Ivan Ivanovitch nasceu em Stockholmo em 3 de fevereiro de 1704 e falleceu em S. Petersburgo em 31 d'agosto de 1795. Mandado a Paris em 1728 como addido d'embaixada, foi um dos promotores da cultura franceza na Russia. Catharina II mostrou sempre por elle uma grande deferencia e elle serviu-a com dedicação inexcedivel. A imperatriz collocou-o á frente dos estabelecimentos philanthropicos que fundou e foi elle o creador do celebre hospicio de expostos, a que nos referimos na nota relativa a Mertens. Pouco antes da subida ao throno de Catharina, visitou novamente Paris onde foi muito apreciado. Quando Diderot visitou a Russia enthusiasmou-se pelas fundações do general Betzkoy. O senado mandou cunhar uma medalha em sua honra.

([3]) Notas do seu *Journal*, relativas aos dias 3 de julho e 9 de dezembro de 1769, 9 de dezembro de 1774 e 26 de agosto de 1780.

A concessão deste subsidio foi annunciada ao nosso biographado por carta de Taubert, bibliothecario e conselheiro d'Estado de Sua Magestade Imperial, a 22 de novembro de 1762. Sanches agradeceu-lhe a 10 de janeiro de 1763 a communicação da copia e traducção do officio do Presidente da Academia Imperial de S. Petersburgo, que o restabelecia no logar de academico honorario e pensionista daquella corporação. A' propria imperatriz se confessava grato pela mercê, a 25 de maio de 1763.

Mais tarde, a acreditar-se D. Vicente de Sousa Coutinho, a soberana mandou escrever ao medico portuguez que avaliasse a sua bibliotheca, projectando adquiril-a, mas deixando o seu goso ao vendedor emquanto vivo. [1] Este projecto não teve, porém, realização.

A começar em janeiro, começou Sanches a remetter com mais ou menos regularidade áquella Academia informações sobre os livros novos que se publicavam e uma ou outra observação de casos clinicos que offereciam interesse.

Logo no inicio dessa correspondencia encontra-se o seguinte memorandum:

«Aquella observação da suppuração dos intestinos em fórma de ginjas no cadete de Petersburgo para mandar á Academia.»

Uma das primeiras obras de que o medico portuguez se occupou foi do *Emilio*, de Rousseau: «C'est un livre impraticable, plein de paradoxes, contraire à la constitution de l'Etat civile et qui sape toutes les lois fondamentales», escreve em fevereiro de 1763. [2]

Por uma nota de 30 de janeiro de 1765 vê-se que já tinha remettido á Academia a sua memoria *De cura variolarum* que foi impressa, mas de que só conhecemos dois

---

[1] Officio de D. Vicente de Sousa Coutinho a D. Luiz da Cunha, de 28 de setembro de 1764, existente no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

[2] Sanches não tinha em grande admiração o philosopho de Genebra. A pag. 59 v. do seu *Journal*, pelos fins de 1769, escreve: *aquelle doudo Rousseau de Genebra.*

manuscriptos que se encontram em Paris. [1] Esta memoria occupa-se do tratamento da variola por meio dos banhos russos, que em sua opinião tinha notaveis vantagens sobre os outros methodos therapeuticos. Sanches recommendava-os tanto nas bexigas que espontaneamente se desenvolviam como nas que se provocavam por meio da inoculação. [2]

Na correspondencia citada deparamos com mais dois homens illustres a juntar ás relações de Sanches: Euler e Stehlin. Ao primeiro mandava em 4 de dezembro de 1766 uma receita para os seus padecimentos.

As relações com um e outro continuaram até á morte. Ao primeiro ainda Sanches escrevia em 1780. O ultimo foi quem participou á Academia Imperial o fallecimento do nosso illustre medico.

Nos annos que vão de 1764 a 1767 escreveu Sanches uma série de memorias todas relativas á Russia e concernentes a educação e instrucção, politica e economia. [3]

---

[1] Estas informações são colhidas em umas notas que com o titulo de *Correspondance avec l'Académie Imperiale de Petersbourg le janvier de 1763 et avec la cour de Russie depuis la pension de mille roubles*, se encontram no vol. IV dos mss. de Sanches da Escola de Medicina de Paris.

[2] *De cura variolarum vaporarii ope apud Ruthenos* — nos vol. VIII e IX dos mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris.

[3] Os titulos destas memorias, segundo a recensão de Andry, que foi o herdeiro dos manuscriptos de Sanches, são os seguintes:

1.º — *Plan sur la manière de nourrir et d'elever les enfants trouvés dans l'hôpital de Moscou* (1764);

2.º — *Dissertation sur les beaux-arts, leur utilité, leurs inconvenients, leurs avantages* (1765);

3.º — *Traité sur le rapport que les sciences doivent avoir avec l'etat civil et politique appliqué à l'etat present de l'empire de Russie* (1765);

4.º — *Moyens pour commencer le commerce dejá etabli en Russie et pour le faire fleurir à perpetuité* (1766);

5.º — *Moyens pour lier et attacher de plus en plus les provinces conquises à l'empire de Russie de la même manière que fit Auguste par rapport aux provinces de son empire* (1766);

6.º — *Plan pour l'education d'un jeune seigneur* (1766);

7.º — *Reflexions sur l'economie politique des Etats appliquées particuliérement à l'empire de Russie* (1767);

8.º — *Reflexions sur l'etat desavantageux des laboureurs de Russie*,

Destas memorias apenas pudémos encontrar a segunda, com o titulo levemente modificado: *De la culture des sciences et des beaux-arts dans l'empire de Russie,* e a sexta, que o snr. Arthur Araujo designou por *Education d'un seigneur russe.* Nesta ultima, refere-se o nosso medico a outros trabalhos analogos e era esta a sexta memoria que dirigira a uma alta personagem, cujo nome não indica.

Esta personagem, a quem mandava alvitres para a reforma da instrucção na Russia ou aconselhava na educação dos seus filhos, suppômos que fôsse o general Betzkoy, a quem já nos referimos. O que não póde admittir duvida é que se tratava de pessoa de distincção, assignando-se o medico no fecho: *Monseigneur, de V. Excellence, très humble, très obeissant et très obligé serviteur.* Na ultima das memorias encontra-se uma passagem que póde esclarecer o problema: é a seguinte: *Heureusement que vous avez trouvé le digne Mr. Schoeplin pour diriger les études de messieurs, vos cheres enfants.*

Na primeira destas memorias, Sanches propõe a creação de uma repartição especial de instrucção. Na Russia, o que de preferencia convinha estudar e desenvolver eram as que elle chama sciencias civis ou sciencias do governo, e estas seriam unicamente cultivadas pela nobreza. Por dois modos se póde governar um Estado: por simples decretos e por meio de leis fixas que assegurem a liberdade e a propriedade; mas na altura da civilização a que se havia chegado não se podia recuar. Devia promulgar-se uma lei que determinasse que todos os nobres aos 13 annos entrariam para o corpo de cadetes, onde permaneceriam durante 7 annos, periodo durante o qual se entregariam ao estudo das sciencias elementares ou instrumentaes e das linguas vivas. Ao cabo de cinco annos, os

---

des esclaves des domaines et des seigneurs, lesquels souffrent les plus grandes charges de l'etat, de manière qu'ils diminuent tous les jours en nombre et font languir l'agriculture et les arts de première necessité, avec des moyens propres à pouvoir recruter les armées de terre et de mer, sans y employer les laboureurs, et à recompenser les soldats et les officiers qui ont servi pendant vingt ans.

cadetes seriam submettidos a um exame que versaria sobre as linguas, as sciencias elementares, a arte da guerra e a nautica. Os que satisfizessem a este exame seriam transferidos para outro estabelecimento, onde receberiam uma educação especial em seis classes por onde todos passariam e que comprehenderiam o estudo das sciencias applicadas á administração, á distribuição da justiça, á marinha, á guerra, á diplomacia, ás finanças e ao commercio. Assim se crearia um pessoal idoneo que seria empregado no serviço do Estado conforme as necessidades. A memoria de Sanches comporta desenvolvimentos de caracter muito especial para que lhe possamos dar cabimento.

O *Plano para a educação de um fidalgo russo* é subordinado ao seguinte principio: deve ser dirigida para obedecer e mandar durante a paz e durante a guerra. Com este objectivo precisava elle de conhecer a fundo a constituição do imperio, o seu estado politico, o seu estado civil, o seu estado economico, isto é, as suas leis, os seus costumes e os seus usos. Como todos os cargos publicos eram exercidos na Russia pela nobreza educada á militar, o juvenil fidalgo, além dos conhecimentos apropriados ao serviço do exercito e da côrte, devia conhecer a jurisprudencia e a economia dos differentes Estados, além das relativas á sua patria. Nos desenvolvimentos destas bases aconselha, de preferencia ás viagens em paizes estrangeiros com fim educativo, as excursões no proprio paiz, colhendo informações sobre os differentes ramos da actividade. No fim da sua memoria occupa-se de questões de religião. Entende que um Estado não póde subsistir sem religião nem sem a santidade do juramento, mas a religião natural e a religião revelada não devem dirigir-se a prejudicar a nossa conservação. Dahi a proscripção de jejuns prolongados e orações durante muitas horas, porque estorvam o desenvolvimento do corpo. Evidentemente condemna por egual as superstições e os excessos fanaticos.

Para se apreciarem bem estas memorias seria necessario possuir conhecimentos profundos da historia economica e social da Russia no seculo XVIII. Mas a ninguem passa desapercebido que o medico portuguez preconizava

principios liberaes muito avançados para o seu tempo, sobretudo em relação ao paiz a que os applicava.

Entre os papeis do medico portuguez encontra-se o trecho de uma carta do principe Dmitri Galitzin, que demonstra quanto aquelle se interessava pelos seus estudos e quanto até Catharina II os acompanhava.

Lembra-se o leitor da terra de Mafra em que Soares de Barros viu um especifico contra o cancro, e conhece os ensaios feitos em Paris por Sanches e Payen. Ora o principe Galitzin èscrevia ao medico portuguez em 3 de agosto de 1769:

«Vous n'ignorez pas, mon cher Sanches, que Sa Majesté Notre Incomparable Imperatrice, n'est sans cesse occupée que du bien être du genre humain. Hier j'ai parlé devant Elle de la *terre de Mafra* et de ses effets, que je lui ai vu faire sur les *cancers*. Sa bonté naturelle a eté frappée de la negligence, où on parait être a l'égard d'un reméde aussi efficace dans une maladie, regardée jusqu'à present comme incurable: Elle n'a pas balancé un instant de me cherger de m'informer de vous de tout ce qui regarde cette terre: Je vous prie en grâce, mon cher Ami, de m'en donner des details les plus circonstantiés: 1. Oú est cette terre? 2. Quels sont ses effets? 3. Quels seraient les moyens pour la rendre commune? 4. Ce qu'on pourrait faire pour porter le Ministre de Portugal a en faire des Essais et la repandre en Europe?» ([1])

Que informações daria Sanches á imperatriz da Russia não o sabemos. Ainda conservaria illusões a respeito dessa terra calcarea, á qual tantas virtudes attribuia Soares de Barros? E' de crêr que sim, visto que ainda no anno seguinte a aconselhava a uma sua doente.

Andry diz a respeito do caso o seguinte: Um fidalgo portuguez Barros tinha mandado a Sanches 20 libras de uma terra que encontrara em Mafra, villa de Portugal, a 9 leguas de Lisboa para o lado do Norte numa serra a duas leguas do mar, onde ha grande quantidade de marmore anegrado *(marmor coeruleum foetidum)*. Nos intersticios destas massas de marmore, corroídas pela acção do tempo,

([1]) Este trecho, copiado pela mão de Sanches, encontra-se entre os papeis da collecção Barca-Oliveira.

encontrava-se esta especie de terra calcarea que parece não ser mais do que um marmore decomposto, segundo a analyse que fizeram, ha alguns annos, dois chimicos sabedores, Borie e Baxen, membros do Collegio de Pharmacia. Um delles pensa ter encontrado nella em proporção bastante consideravel, além de terra calcarea, a especie chamada terra pesada. Esta substancia, de um branco cinzento, sem sabor e absorvente, tinha curado um cancro consideravel de que uma mulher soffria havia muito tempo e havia sido considerado incuravel. O proprio Barros dirigira o tratamento e a tal respeito escrevera ao seu compatriota. Segundo a sua relação era empregada externamente e interiormente desde um *demi-gros* a um *gros*. Payen não tardou a encontrar uma mulher em quem foi feita a experiencia com bom exito: um cancro horrivel que tinha na perna curou-se dentro de três mezes. Fizeram-se outros ensaios, mas não se continuaram por causa da inconstancia dos doentes. Gaubius pedira terra desta a Sanches e projectava fazer-lhe a analyse, com a esperança de encontrar algures uma semelhante ou de imitar por alguma composição a obra da natureza. Sanches mandou-lh'a, mas significou-lhe ao mesmo tempo que a côrte de Portugal prohibira a exportação desta terra e até a sua exploração. Esta defensa suspendeu as experiencias que se deviam continuar em França, mas poderiam tentar-se de novo, conhecendo os sabios chimicos a quem nomeamos diversos logares onde se encontra uma terra semelhante.

Vicq d'Azyr é mais exacto e decisivo quando affirma que a sua applicação não surtiu resultado algum.

Entre os manuscriptos que Andry possuiu, encontramos ainda notado um outro relativo á Russia e cuja redacção é de 1770: o *Traité sur le commerce de l'empire de Russie*. Não conseguimos vêl-o e não sabemos até onde se possa encontrar. Era o seu ultimo trabalho relativamente áquelle imperio.

Não se creia, porém, nem que elle se esquecesse do paiz em que desempenhou funcções tão elevadas nem que de lá o esquecessem.

No seu *Journal* encontramos apontado, a 22 d'outubro

de 1768, um novo projecto para a venda da sua bibliotheca para a Russia, que não teve seguimento como o anterior.

Depois vêmos indicados nomes de individuos que de lá o consultavam, como o general de Mouraviev (18 d'agosto de 1769); ([1]) de outros que em Paris recorriam aos seus talentos de clinico como Heraskoff (2 de fevereiro de 1769), etc. Para a Russia carteava-se com Betskoy, com Razumowsky, com Stehlin e sobretudo com Euler. Em 1772 escrevia ao general Munnich, ao seu antigo commandante da Escola dos cadetes, recommendando-lhe um negociante francez (19 de maio). Como Galitzin estava então em Vienna e depois na Haya, uma ou outra vez se lhe dirigia; em 1773 a mãe achava-se nesta ultima cidade e para ella mandava receitas que lhe eram pedidas. Quando Domachneff era nomeado director geral da Academia Imperial de S. Petersburgo, felicitava-o pela distincção que lhe era concedida (24 de novembro de 1775). ([2]) Outros nomes menos conhecidos se encontram que, por esse motivo, não vale a pena registar.

A' medida que a morte se approximava, começou a rarear a sua correspondencia para a Russia.

Por carta escripta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, a 13 de abril de 1777, sabemos que Sanches desistira de vender para lá a sua bibliotheca: agora andava em negociações para que ella viesse para Portugal; o marquez de Angeja patrocinava a pretenção.

Se para a Russia Sanches não escrevera mais livro algum desde 1770, a sua ultima obra impressa é a respeito daquelle paiz. Já sabemos que a 5 d'outubro de 1779 foi lida na Sociedade Real de Medicina de Paris a sua *Mémoire*

([1]) Devia ser Nicolau Ierofeievich que em uma viagem falleceu em Montpellier no anno seguinte. Tenente-general de engenharia e governador da Livonia, publicou em 1752 a primeira obra de algebra, escripta em russo.

([2]) Mss. de Sanches na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris — t. IV. *Mon Journal.* Este Domachneff que foi, como se lê no texto, director da Academia Imperial de S. Petersburgo, sustentou uma correspondencia seguida com todos os sabios da Europa.

sur les bains de vapeur de Russie. Não volveremos a occupar-nos della.

Em maio de 1782, chegavam a Paris o gran-duque Paulo e a mulher, sob os nomes de Conde e Condessa do Norte, e foram recebidos com grandes festas. (1) O moço principe que tinha ouvido fallar muito do merito do medico portuguez testemunhou o desejo de vêl-o, dizendo que se elle o não pudésse visitar iria a sua casa. Sanches — é Andry que o conta — reanimou as forças, foi ter com o Conde do Norte que estava á mesa, levantando-se o principe para ir ao seu encontro e sentando-o ao seu lado: «O velho, á vista de um principe que tão proximo estava do throno sobre o qnal vira erguerem-se tantas tempestades e cuja presença lhe reavivava, ao cabo de trinta annos, as recordações mais ternas e mais amargas, recordou-se dessa longa epocha da sua vida em que num reino estrangeiro, que se tornara quasi a sua patria, recolhera tantas honras e deixara tantas saudades; o velho não pôde exprimir todos os sentimentos que o agitavam e respondeu ás demonstrações de affecto que lhe deram o Conde e a Condessa do Norte, com uma torrente de lagrimas.»

Andry acrescenta: «Sanches, depois desta visita interessante, voltou a casa para nunca mais saír e foi a Russia que recebeu, na pessoa do Conde do Norte, os seus ultimos adeuses.»

Não foi assim. Quem recebeu as suas ultimas despedidas foi o seu amigo D. Vicente de Sousa Coutinho, o unico portuguez que lhe lembrava a sua patria. O nosso embaixador adoeceu novamente em novembro de 1782, mostrando-se os medicos que o trataram muito desanimados. Por essa occasião o velho sabio não se esqueceu delle. Quando Sanches estava no seu leito da morte, o nosso ministro escrevia: «Não posso esquecer-me das lagrimas que lhe vi verter nas minhas duas enfermidades.» (2)

---

(1) No *Journal* de Sanches reuniu elle alguns versos que a respeito do Conde do Norte publicaram os jornaes do tempo.

(2) Officio de 22 de outubro de 1783, no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

A narração dos ultimos tempos da vida de Sanches foi feita pelo seu dedicado amigo Andry, de quem o nosso compatriota dizia que era a sua unica consolação nas enfermidades e na velhice. (1)

«Occupava-se ainda da leitura de alguns livros favoritos, taes como Horacio, Camões, Quintiliano, Celso, Areteu de Cappadocia, algumas obras do seu antigo mestre Burmann e livros inglezes que de Londres lhe mandava Magalhães, seu compatriota e amigo. Mas no fim de setembro passado escreveu-lhe, assim como ao seu livreiro de Leipzig, que lhe não mandasse mais livros: assim Ribeiro Sanches annunciava o seu fim proximo e disse aos amigos que não veria começar o inverno. Cessou desde então todos os remedios de que fizera uso durante trinta annos e seguiu apenas um regimen para acalmar as dôres que lhe causavam as pedrinhas que expellia pelas urinas, deixando á natureza o cuidado de tudo o mais. Em 15 do mesmo mez foi atacado de uma febre continua com exacerbações, soffreu com constancia durante três semanas, viu approximar-se o ultimo momento com tranquillidade e morreu em 14 de outubro de 1783.» (2)

Sousa Coutinho considerava obrigação sua informar o nosso governo dos progressos da doença do sabio portuguez:

«O pobre Dr. Sanches, escreve a 22 de setembro, está ás portas da morte. Não posso esquecer-me das lagrimas que lhe vi verter nas minhas duas enfermidades, nem de ser este um dos grandes homens que honram a republica das letras.» (3)

A 13 de outubro, desculpava-se de não mandar o recibo da pensão que o medico portuguez recebia «por se achar muito enfermo e privado do uso dos sentidos». (4) Depois communicou a noticia do enterro e do testamento:

---

(1) *Observations sur les maladies vénériennes*, pag. 198.

(2) Andry escreveu 1782, mas evidentemente foi um lapso, ou um erro de imprensa. Todas as duvidas desapparecem perante a certidão que adeante publicamos (doc. n.º 34).

(3) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

(4) Idem.

«Em 15 do corrente foi sepultado o Dr. Sanches. Testou a favor de seu irmão algumas rendas de que gosava e a livraria, que é preciosa; dos moveis e dinheiro dispoz em beneficio de uma sobrinha e dos seus domesticos.» ([1])

Por ultimo, a 17 de novembro de 1783, Sousa Coutinho remata as suas referencias ao seu velho amigo:

«Falleceram os dois mathematicos mais celebres deste seculo, d'Alembert e Euler; e tinha-me esquecido dizer a V Ex.ª que tambem é morto o Dr Antonio Ribeiro Sanches.» ([2])

A associação destes três nomes faz impressão.

Das numerosas sociedades scientificas a que Sanches pertencia duas memoraram os trabalhos que lhe deviam: a Sociedade Real de Cirurgia de Paris e a Academia Imperial de S. Petersburgo. Na primeira Vicq d'Azyr pronunciou o seu *Elogio* que foi divulgado pela traducção de Filinto Elisio; a segunda registou nas suas *Memorias* a perda que fazia e que lhe fôra participada pelo conselheiro Stehlin. Sanches sustentara com ella uma correspondencia seguida, communicando-lhe tudo quanto podia interessar ás sciencias. Ao noticiar a sua morte, o secretario dizia «que poucos sabios tinham gosado de estima mais distincta do que elle.» ([3])

Ribeiro Sanches era de estatura mediocre, mas tinha uma physionomia espirituosa, animada por uns olhos pequenos mas vivos. Illuminava-a por vezes um sorriso fino que na conversa parecia ser o fiador da sua intelligencia ou o interprete do seu pensamento. ([4])

Vivia com a maior simplicidade; vestuario e mobilia

([1]) Officio de 20 de outubro de 1783, no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros. A sobrinha a quem Sanches legou algumas rendas perpetuas chamava-se Esther da Silva, era filha de sua irmã Maria Nunes, já fallecida, viuva de João da Silva. Esther era solteira e vivia em Bordeus.

([2]) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

([3]) *Nova acta academiæ scientiarum imperialis petropolitanæ* — tomus I. Petropoli, Typis academiæ scientiarum 1787.

([4]) Andry — op. cit.

eram modestissimos e tinha tal desapego aos confortos da vida que criticava, por vezes com injustiça, os medicos que procuravam o fausto e o luxo. ([1]) Apesar da propaganda que fazia do casamento, conservou-se sempre solteiro, não por indifferença para com as mulheres mas para guardar a sua liberdade. ([2]) A contrastar com a modestia do seu viver, Sanches possuia uma escolhida bibliotheca que deixou em testamento a seu irmão Manuel, o Marcello Sanches dos biographos. Esta bibliotheca foi vendida em leilão e compunha-se de 2:020 volumes que versavam sobre todos os ramos dos conhecimentos humanos. Della faziam parte alguns livros de Boerhaave, a que juntara algumas notas, e algumas obras portuguezas como a *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, as obras de Garcia de Rezende, as *Decadas* de Barros, etc. Os manuscriptos tinha-os entregue em vida ao seu amigo Andry. ([3])

Sanches foi sempre doente. Já dissemos que aos doze annos uma pedrada que recebera na cabeça o deixara em um estado valetudinario que durou até aos 26 annos. A sua viagem á Italia por essa epocha curou-o, mas ficou sempre fraco para poder supportar as fadigas das viagens e o excesso do estudo. Na Russia soffreu toda a casta de doenças. Como dormisse em um quarto aquecido por um forno, correu risco de morrer asphyxiado pelo oxydo de

([1]) Por morte de Sanches houve que fazer inventario dos bens que deixara. A mobilia foi avaliada em 1:029 libras tornezas; o bragal em 215 libras tornezas; o vestuario em 250; o relogio d'oiro e uma medalha da imperatriz Anna Ivanowna em 490 libras tornezas; as pratas em 850 libras tornezas.

([2]) No testamento que Sanches fez em 17 de janeiro de 1781 instituiu sua unica herdeira a sua governante Maria Joanna Pernelet, que falleceu em 21 de fevereiro do anno seguinte. O medico portuguez dizia que lhe fazia este legado em remuneração dos serviços que ella lhe prestara durante trinta e dois annos, contentando-se apenas com o sustento e o vestuario. Nesse dia escrevia no seu *Journal:* «21 fevrier 1782. 8 heures du matin. Dieu a près l'âme de Marie Jeanne Pernelet agée de 63 ou 64 ans pour soi; sa maladie depuis longues années provenir d'une obstruction du foie, acompagnée d'autres symptomes.»

([3]) A bibliotheca foi avaliada, no inventario a que acima nos referimos, em 1:400 libras tornezas.

carbono. Na guerra com os russos e os tartaros foi deixado por morto e roubado. Os desgostos tambem concorreram para o deprimir. Pelos cincoenta annos tinha todos os incommodos de um velho. Póde conjecturar-se, pela therapeutica a que se submettia, que era um constipado e um hemorrhoidario; tomava constantemente ruibarbo da China que trazia nos bolsos e ía mascando, e fazia uso frequente da manteiga de cacau. Andry, de quem colhemos estes pormenores, diz que a arte com que soube prolongar a existencia póde entrar no elogio da sua vida.

Na pratica medica seguia os principios de seu mestre Boerhaave. Com os progressos do tempo, não pòde deixar de reconhecer os erros do seu systema, mas confessando-os não os condemnava. Já vimos de que modo se referia ao *restaurador da medicina,* como elle lhe chamava; com amor e veneração conservou sempre o seu retrato.

Por toda a Europa, nas sociedades scientificas e fóra dellas, contava amigos com quem sustentava correspondencia. Em Paris, vimos que todos os homens illustres do seu tempo o apreciavam e estimavam. Elle pagava-lhes com egual affecto e sympathia, e a sua amizade levava-o a dar-lhes epithetos lisonjeiros. Antonio Petit, que apesar do pouco que escreveu gosou no seu tempo de grande renome como professor e como pratico, foi para elle sempre o *divino* Petit. O seu retrato emparelhava com o de Boerhaave.

A conversa de Sanches era interessante, ás vezes até animada. Avesso a disputas, gostava todavia de discutir, citando sempre a proposito factos interessantes para apoiar um solido raciocinio. O seu caracter fazia-o pender mais para a indulgencia do que para a severidade. De uma cortezia espontanea que mais inspirava do que procurava agrado, o seu commercio era facil, benevolo, amoravel. Raras vezes se apartava desta tranquilla bonhomia, mas adquiria a vivacidade dos trinta annos, se a conversa versava sobre certos assumptos. Um particularmente o irritava: era a Inquisição. Lembrava-se do muito que a familia soffrera do hediondo tribunal e manifestava-lhe uma aversão que nunca se dissipou. No viver domestico, era

sujeito a impaciencias e irritações, mas corrigia logo a amargura de uma censura immerecida ou pouco merecida, com um acolhimento mais brando em que transparecia o arrependimento. Só depois da sua morte se teve conhecimento das acções generosas que praticou. Segundo narra o seu amigo João Jacintho de Magalhães, o medico illustre collocara nas rendas vitalicias da Camara de Paris uma parte das suas economias. ([1]) Bastaria este rendimento á sua sustentação, sem contar com as pensões que recebia das côrtes de Portugal e da Russia.

Todavia, Sanches viveu sempre com difficuldades, por causa do seu empenho em valer ás desgraças alheias. Não podia vêl-as, nem mesmo adivinhal-as, sem que lhes acudisse com auxilio; uma parte dos seus rendimentos ía-se em donativos aos pobres e aos amigos que julgava em más circumstancias, onde quer que residissem, «e isto com uma generosidade tão firme e por assim dizer tão obstinada que não era possivel resistir-lhe sem lhe augmentar a afflicção.» ([2]) O physico portuguez narrava o que se tinha passado com elle: Sanches, grato a serviços que delle recebera, não só o acolhera em Paris de braços abertos, mas enviava de Paris para Londres com a maior regularidade uma pensão annual que só foi suspensa um ou dois annos antes da morte e isto perante as reclamações de Magalhães e quando as doenças do medico exigiam assistencia mais dispendiosa. Contava tambem que valera efficazmente a Soares de Barros, durante vinte annos que durara o seu desfavor. O illustre mathematico era, porém, fundamentalmente ingrato. Quando obteve do governo de D. Maria I a pensão de réis 600$000, de que viveu nos ultimos annos, escreveu ao seu protector a participar-lhe o que conseguira sem uma palavra para agradecer-lhe os favores recebidos. A divida elevava-se a 2:373 libras. Em 1781, Magalhães esteve em

---

([1]) Fazendo um calculo approximado do valor das rendas vitalicias de que Sanches gosava e mencionadas no inventario acima, não devia ser o seu rendimento annual inferior a 5:000 libras tornezas.

([2]) Notas manuscriptas á biographia de Andry no exemplar pertencente á Bibliotheca Municipal do Porto.

Paris com Sanches, e este mostrou-lhe o seu livro de assentos onde estava a ordem aos seus herdeiros de não exigirem esta quantia e acrescentou: «Ahi tem, meu amigo, o mal que lhe desejo pela sua ingratidão!»

Um facto analogo se passou com o P.e João Chevalier, o oratoriano a quem nos referimos já. Em segunda-feira, 1 de abril de 1782, Sanches lançou no seu diario alguns apontamentos para o codicillo que intentava fazer ao seu testamento. Devia-lhe o P.e Chevalier um dinheiro, tendo-lhe passado o competente titulo de divida. O medico escrevia:

> «O escripto da divida de Mr. l'abbé Chevalier que guardo deixalo a Maria (Dieudonné) com condição que douto e honrado amigo esteja em estado pagar esta divida e no caso que por sua declaração affirmar que não está em estado de pagalla peço ao meu executor testamenteiro de rasgar a sua obrigação escripta de sua mão.»

No testamento de Sanches e no inventario a que elle deu logar, não apparece referencia a este dinheiro. Ou o oratoriano o pagou, ou o não pôde fazer e o testamenteiro cumpriu a recommendação do bondoso medico rasgando o documento.

Andry relata ainda um facto de mais rematada bondade. Oito annos antes da morte de Sanches foi consultal-o uma mulher levando comsigo uma creança de três annos. Como Sanches a amimasse muito, esta não o queria deixar e desatou a chorar quando a mãe empregou a violencia para a separar do medico. Sanches offereceu-se para a guardar, adoptou-a, olhou por ella e mandou-a educar em um convento, contemplando-a no seu testamento. ([1])

Vicq d'Azyr publicou uma carta dirigida por Marcello Sanches a Andry em 20 de novembro de 1783. Lêem-se nessa carta as seguintes palavras:

([1]) Devia ser Maria Dieudonné, filha do sapateiro Pedro Dieudonné e de Antoinette Pernelet que veiu ser a governante de Sanches depois do fallecimento de Maria Joanna Pernelet.

«Durante muito tempo estive infelizmente separado de meu irmão. Nas suas cartas fallava-me sempre da sua inquietação a meu respeito e forneceu-me constantemente os meios mais abundantes. A sua generosidade perseguiu-me até ao fundo da Sicilia, e encontrou muitas vezes meio de me fazer chegar os seus beneficios a logares donde eu mesmo não sabia por que meio lhe poderia offerecer os testemunhos do meu reconhecimento.» [1]

Estes factos mostram bem a verdade com que Andry affirma que não passou um dia em que o medico portuguez se não occupasse da felicidade dos homens em geral e sem praticar, em relação a algum delles em particular, uma acção generosa. Já assim procedia na Russia, a ajuizar da legenda que tinha sido collocada nas suas armas e que representam um sol radiante: *Nec sibi, sed toti genitum se credere mundo*, que pedimos licença para traduzir da fórma seguinte:

Não para si, mas para o mundo inteiro
Creado se julgou. [2]

Sanches foi enterrado em uma cova particular no cemiterio da Egreja de S. João em Grève, no dia immediato ao da morte. Como este cemiterio foi extincto, as ossadas foram trasladadas para as catacumbas de Paris.

---

(1) Vicq d'Azyr — op. cit., pag. 257.
(2) Rodrigues de Gusmão traduziu:

Não creu que para si viera ao mundo
Mas sim para util ser ao mundo todo.

CAPITULO X

Plano d'exposição das suas obras. — A obra do syphiliographo: A *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne;* — *Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne;* o artigo *Maladie vénérienne* da *Encyclopedie* de Diderot et d'Alembert; o *Peculio de varias receitas* e as *Observations sur les maladies vénériennes.*

Vastissima é a obra scientifica de Sanches. Já dissémos que ella abrange uma grande variedade de conhecimentos, além da medicina, não havendo ninguem a quem se possa applicar com tanta justiça a designação de encyclopedico: a religião, a economia, a politica, tudo versou. Para se poder estudar devidamente, seria preciso possuir tão larga cultura como a delle, e por isso o que estaria mais em nosso desejo seria apreciar exclusivamente a obra do medico, mas isso reduzil-o-hia a proporções inferiores ao seu valor. Não ha remedio senão fazermos da fraqueza força e expôr todo o conjuncto dos seus trabalhos.

Destinamos três capitulos ao exame das obras medicas que deixou. Outro capitulo será consagrado ao de todas as outras.

Sob o ponto de vista medico, Sanches deve ser encarado sob três aspectos. Apreciaremos o syphiliographo, o hygienista e o educador e reformador dos estudos. Diremos tambem duas palavras sobre o clinico.

Do syphiliographo temos que estudar a sua *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne,* seguida do

Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne; o artigo *Maladie vénérienne* da *Encyclopédie methodique* de Diderot e d'Alembert; um manuscripto, o *Peculio de varias receitas,* e finalmente as *Observations sur les maladies vénériennes.*

Sobre a historia da syphilis, objecto das duas primeiras memorias, Sanches demonstra, em opposição ao que no seu tempo se admittia e ainda hoje corre, por falta de maduro exame, que a syphilis já era conhecida na Europa alguns annos antes do regresso de Colombo da sua segunda viagem. Depois do livro de Astruc, em que era defendida com grande abundancia de provas, nem sempre de valor, a importação americana, era o primeiro trabalho sério em que esta opinião era combatida.

A demonstração é conduzida na *Dissertation sur l'origine de la maladie vénériennne* pela fórma seguinte:

a) Apresenta primeiro textos de alguns auctores que provam que a syphilis foi conhecida na maior parte da Europa desde o anno de 1493 e o mais tardar no mez de junho de 1495.

b) Determina em que tempo Christovão Colombo descobriu a Ilha espanhola e em que epocha voltou da sua primeira e segunda viagens. Baseando-se na vida do grande navegante, escripta por seu filho Fernando, affirma que o descobridor da America effectuou quatro viagens. Na primeira saíu de Porto de Palos em 3 ou 4 d'agosto de 1492 e regressou a 13 de março de 1493. Partiu novamente em 25 de setembro deste anno e voltou a 8 de junho de 1496. Na terceira viagem, Colombo deixou a Europa em 30 de maio de 1498 e abordou a ella em 10 de novembro de 1500. Emfim, novamente se fazia ao mar em 9 de maio de 1502 e estava de volta em 1505.

Na primeira viagem, Colombo saíu da Ilha espanhola em 16 de fevereiro de 1493, aportou aos Açôres e depois a Lisboa, onde chegou a 4 de março, demorando-se ahi nove dias, passados os quaes se fez de véla a 13 do mesmo mez para fundear em Sevilha a 15. De Sevilha foi a Barcelona, onde estavam os reis catholicos, e ahi chegou no meado de abril de 1493.

Se na tripulação de Colombo viesse a syphilis, Fernando Colombo não deixaria de mencionar o facto. Se em Lisboa se observasse, não o omittiria Rezende, como o não fariam, em relação a Barcelona, Hernando del Pulgar e Gonçalo Hernandez d'Oviedo, que estavam nesta cidade quando Colombo lá chegou.

c) E' á segunda viagem de Colombo que se refere á apparição da syphilis. Elle saíu de Cadiz em 25 de setembro de 1493, chegou á Ilha espanhola e como os indios atacassem o forte que lá construiu, restabeleceu vigorosamente a ordem. Fez-se ao mar para procurar novas terras, descobriu Cuba e a Jamaica, adoeceu, e voltou á Ilha espanhola em 23 de setembro de 1494. Ahi soffreu grandes privações e até fome. Nesta situação a deixou a 10 de março de 1496 para regressar á Espanha com 2 navios e 225 marinheiros doentes na maior parte, acompanhando-os constantemente as privações.. Chegou a Espanha em 8 de junho de 1496 e foi a Burgos, onde por então se encontravam os reis catholicos.

Fernando Colombo não diz que na armada se desenvolvesse qualquer doença epidemica. Oviedo, pelo contrario, affirma que a syphilis veiu com o descobridor da America nesta segunda viagem. Seria, porém, facil provar que elle se enganou e tomou como syphilis doenças causadas pela fome e pela má alimentação.

Dando, porém, de barato que esta doença fôsse trazida pela gente de Colombo nesta segunda viagem, sabe-se que elle chegou em maio de 1496, e a syphilis já era conhecida na Italia em 1495 e em França em junho do mesmo anno.

Um facto se poderia, porém, invocar para provar que o mal venereo pudésse ser trazido da America ao tempo que a doença começou a ser conhecida na Europa. Quando Colombo voltou da sua primeira viagem á Ilha espanhola, deixou lá Pedro Margarit com 374 homens. Margarit abusou da sua auctoridade e receando ser punido fugiu antes do regresso de Colombo á America. Os soldados que ficaram debandaram e commetteram toda a especie de insultos aos indios. Mal o navegante desembarcou, mandou os criminosos para Espanha em 4 navios, dando o commando

a Antonio Torres. Estes navios fizeram-se de véla em 24 de fevereiro de 1495, poucos dias depois da partida de Margarit.

Na relação de Fernando Colombo nada se diz sobre doenças que estes marinheiros tivessem que não fôssem resultado de fome. Oviedo affirma terminantemente que Colombo trouxe a syphilis na sua tripulação no regresso pela segunda vez. E' certo que diz que viu Pedro Margarit doente, e comquanto não apresentasse manifestação cutanea alguma, suppõe que soffria de dôres dependentes da infecção. Sobre taes fundamentos, nada se póde assentar senão que a doença grassou com intensidade em Espanha em 1496.

d) Sobre a possibilidade de ter o exercito capitaneado por Gonçalo de Cordova communicado o mal venereo ao exercito francez, diz Sanches que Fernando, rei de Espanha, mandou em soccorro do seu homonymo, rei de Napoles, um exercito que chegou a Messina em 24 de maio de 1495. Engana-se Oviedo grosseiramente quando affirma que no exercito espanhol íam alguns soldados affectados de syphilis, e que esses individuos tinham vindo com Colombo na segunda viagem. Sabendo-se pelo testemunho do proprio Oviedo que o illustre marinheiro chegou a Espanha em 1496, o facto era materialmente impossivel.

e, f, g) Procura Sanches rebater algumas objecções que se podem apresentar contra a sua doutrina, expõe os motivos que levaram os escriptores que se occuparam da syphilis posteriormente a 1516 a affirmar que esta doença teve a sua origem na America, e assenta que o mal venereo é uma doença epidemica que começou na Italia e se espalhou quasi ao mesmo tempo na França e no resto da Europa.

As conclusões do medico portuguez são as seguintes:

1.º — A doença venerea foi conhecida em França e mais ainda em Italia antes da chegada de Colombo á Espanha da sua segunda viagem da America.

2.º — O exercito espanhol commandado por Gonçalo de Cordova não communicou esta doença ao exercito francez, porquanto os dois exercitos nunca se acharam em presença; além d'isto, o mal venereo era conhecido na

Italia antes do exercito espanhol ter chegado a Messina. Se, portanto, os soldados espanhoes a haviam communicado na Italia, não tinham sido os primeiros auctores do contagio.

3.º — Vê-se pela historia desta doença que ella começou por uma epidemia que foi precedida e acompanhada por todos os phenomenos que annunciam e produzem este genero de doenças.

4.º — Fizemos vêr que a descoberta do gaiaco na Ilha espanhola induziu em erro sobre a origem da doença venerea, porque se julgou que ella devia ser oriunda do mesmo paiz onde crescia naturalmente um remedio que lhe é proprio.

5.º — Emfim, julgamos ter respondido ás principaes objecções que se poderiam apresentar contra os factos que estabelecemos. Animava-o a convicção de que, lendo-se com attenção as provas que tinha reunido, se renunciaria ao erro que tinha desvendado e seria reconhecida a verdade dos factos que tinha enunciado.

Essas provas não pareceram sufficientes a Van Swieten. Um medico de Londres, Castro, que suppômos ser Jacob de Castro Sarmento, tinha traduzido a primeira edição da memoria de Sanches e mandou um exemplar da sua traducção ao grande medico. Van Swieten escrevia então o ultimo volume dos seus *Commentarios sobre os aphorismos de Boerhaave*, e não se deixou convencer das doutrinas que Sanches sustentava. Considerou insufficientes as provas apresentadas, pretendendo que a maior parte eram negativas e portanto de menor valor para a resolução de uma questão: *Omnes agnoscunt argumenta negativa semper minoris roboris esse in lite quedam dirimenda.* ([1])

Sanches deu-se ao trabalho de reunir novos materiaes para reforçar as suas affirmações. Com elles escreveu o seu *Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe.* No seu estudo chegou ás conclusões seguintes:

A doença venerea foi conhecida e observada na Italia

([1]) *Commentaria in Boerhavii Aphorismi* — Lugduni Batavorum V, 1772, pag. 375.

por Pedro Pintor e Pedro Delphini, no mez de março do anno de 1494, com o caracter e nome de uma febre pestilencial, segundo a descripção do mesmo Pintor, de Elias de Capreoli e de Fracastor. Esta doença não começava em todos os doentes pelas partes da geração; mas era tão pestilencial no seu principio que se tornava mortal em muito pouco tempo; manifestava-se em todos os individuos por pustulas no rosto, com ulceras e crostas por todo o corpo.

Desde que o exercito de Carlos VIII entrou na Italia, durante o inverno de 1494, esta doença foi chamada, pelos historiadores do tempo, *morbus gallicus.*

Desde a mais remota antiguidade se lêem em todos os livros de medicina varios symptomas da doença venerea que conhecemos desde os annos de 1493 e 1494.

A julgar pelas asserções de Pedro Pintor e Pedro Delphini, póde affirmar-se que os espanhoes communicaram aos habitantes das Antilhas na America o mal venereo e que os francezes já estavam infectados por elle quando atravessaram a Italia até Napoles, onde encontraram a mesma doença, tão mortifera como a que levavam.

Os primeiros navegantes na America não disseram nos seus diarios e nas suas relações, que são em grande numero, que tinham observado esta doença nos povos que haviam descoberto.

A America, a Africa e as Indias orientaes, cujos portos e continentes são constantemente frequentados pelos europeus, não communicaram, até hoje, as suas doenças epidemicas e endemicas a esta parte do mundo que habitamos (!). Donde se deve concluir, se algum credito é devido á historia, que a doença venerea não saíu da America pelo contagio ou infecção dos espanhoes, que esta opinião é tão chimerica e tão destituida de fundamento, que se póde caracterizar de fraqueza de espirito. Os que seguiram sem reflexão a torrente dos auctores que se tinham fortemente preoccupado com estas ideias, poderão talvez, depois de ter lido este exame, dizer comnosco sem hesitar: *Nec pueros omnes credere posse reor.*

As ideias correntes sobre a historia da syphilis modificaram-se consideravelmente desde Sanches. Crê-se hoje

que a doença é muito mais antiga do que elle a considerou. As doutrinas de pathologia geral em que se baseou são hoje consideradas erroneas. Mas a doutrina que constitue a sua these, a demonstração de que a syphilis não veiu com Colombo á Europa, conserva todo o seu valor. Dois escriptores relativamente modernos o affirmaram terminantemente: Rollet e Manuel Bento de Sousa, que a cada passo se soccorreram das provas accumuladas por Sanches. O escrupulo com que o medico portuguez trabalhava é posto bem em relevo por L. Thomas. Quando preparava o *Exame critico,* escreveu-lhe Alvares uma carta datada de 14 de outubro de 1770, em que lhe mandava a epistola de Pedro Martyr que hoje todos os historiographos da syphilis reproduzem. Sanches não a aproveitou. O exame da carta, se lhe fez reconhecer a sua authenticidade, levou-o á convicção de que era antedatada. «Se me quizesse prevalecer della, diz Sanches, nem Astruc, nem o Barão Van Swieten poderiam sustentar que a doença foi transportada da ilha de S. Domingos. Mas eu advogo a causa da verdade da historia e não quero mendigar provas que não são demonstrativas e menos ainda sujeitas a contradicção. Sei que a data desta carta não é verdadeira, assim como a de varias outras de Pedro Martyr, tanto na edição de Alcalá como na de Amsterdam.» ([1]) Não é portanto de admirar que um juiz tão competente como Iwan Bloch repute os seus trabalhos historicos como do maior valor. ([2])

No artigo *Maladie vénérienne et inflammatoire chronique* da *Encyclopedie ou Dictionnaire raisonné* de Diderot e d'Alembert, Sanches occupa-se das manifestações chronicas da syphilis. Como taes considera algumas doenças do systema nervoso — a epilepsia, a mania, a sciatica; doenças dos orgãos dos sentidos, como a cataracta, a surdez e alguns tumores, como os polypos. Dependem deste vicio

---

([1]) L. Thomas — *Lectures sur l'histoire de la médecine. A travers les papiers du Docteur Ribeiro Sanches* — Paris, Adrien Delahaye et Emile Lecrosnier, 1885, pag. 85.

([2]) Th. Puschmann, Max Neuburger und Julius Pagel — *Handbuch der geschichte der medizin* — III. Jena 1905, pag. 451.

constitucional algumas doenças pulmonares, como certas fórmas de asthma convulsiva e de tysica; doenças do figado e os calculos renaes e vesicaes. A parte mais interessante do artigo é relativa ás doenças dos recemnascidos. Considera o rachitismo, a espina ventosa, a escrofula e as exostoses como dependendo da syphilis, mas assignala algumas fórmas de syphilis hereditaria caracterizadas pela apparição de escoriações, erosões e crostas em creanças bem constituidas, mas a quem na puberdade surgem catarrhos e mais tarde a tysica que as victíma antes dos vinte e oito annos.

Passamos rapidamente por este artigo, porque as ideias de Sanches foram expostas sob a fórma definitiva nas suas *Observations sur les maladies vénériennes.*

Existe na Bibliotheca nacional, tendo sido adquirido por compra na livraria do Conde de Linhares, um manuscripto de Sanches com o titulo de *Peculio de varias receitas para diversas queixas pelo Doutor Antonio Ribeiro Sanches, Mandadas de Paris a algũas pessoas desta cõrte de Lisboa.* A pag. 91 o livro tem outro titulo: *Receitas e conselhos pertencentes á cirurgia e medicina que da côrte de Paris para esta de Lisboa communicou o Dr. Antonio Sanches Ribeiro, anno de 1771.*

O manuscripto foi escripto para uso de um cirurgião a quem dava preceitos sobre o exercicio profissional, a quem aconselhava os livros que devia lêr e para quem mesmo os comprava, e sabemos que esse cirurgião era João Pernelet. O livro foi conhecido de Manuel Joaquim Henriques de Paiva que em algumas das suas numerosas publicações, como as *Observações praticas sobre a tysica pulmonar,* traduzidas de Samuel Foart Simmons, e na traducção da *Memoria em que se prova que as feridas de pelouro são por si innocentes e simples a sua cura* de P. Paulo Antonio Ibarrola, se aproveitou de muitas passagens desse trabalho. [1]

---

[1] V. a noticia que publicamos sob o titulo de *Um manuscripto de Ribeiro Sanches* in *Gazeta dos Hospitaes do Porto*, III anno, 1909, pag. 393.

Ora muitos dos tratados que se contêm neste livro são relativos á syphilis, embora pouco apresentem de original.

Relativamente á historia, diz-nos summariamente que a doença appareceu pela primeira vez em 1494, reinando em França Carlos VIII e em Portugal D. Manuel. Contráe-se pela amamentação, pelo contacto, pelo suor e pelo coito. A natureza do veneno que a produz tem semelhança com a peçonha dos animaes.

Sanches é identista: blennorrhagia, bubões, orchites, cancros, tudo são manifestações de uma mesma doença. Mas o seu identismo é mais theorico que pratico. Ao passo que para o cancro (molle ou duro) aconselha o mercurio, a gonorrhéa trata-se como uma simples inflammação. Os apertos de urethra que della derivam são meras cicatrizes que devem procurar desfazer-se, promovendo a suppuração. Isto não impede que se empreguem velinhas para dilatar o canal.

A parte mais interessante é talvez a que se refere ás manifestações syphilicas internas, ao que chama pittorescamente *o gallico cavalheiro encoberto*. Todavia, não estabelece claramente quaes são as applicações que engloba sob esta designação. Na sua opinião, a syphilis achava-se tão espalhada que fazia sentir a sua influencia em muitas doenças agudas. Attribuia Boerhaave a menor intensidade das febres inflammatorias ao uso do chá e do café; Sanches não concordava com esta opinião do seu respeitado mestre. O facto era verdadeiro, mas a causa era a syphilis congenita de que soffriam a maior parte dos habitantes das cidades. Vira em autopsias repetidas a frequencia de calculos renaes e vesicaes e considerava-os gerados pela syphilis. Julgava tambem dependentes deste mal muitas doenças pulmonares.

Se na syphilis o remedio universal é o mercurio, circumstancias diversas modificam o tratamento. Ha gallico que deve ser curado com mercurio doce; ha syphilis que só se póde debellar com unturas d'azougue; ha casos em que se não deve provocar a salivação; outros ha finalmente que se devem curar com suores de estufa.

Tambem se encontra esta doutrina nas *Observations*

sur les maladies vénériennes que, publicadas depois da morte do auctor por Andry, haviam sido terminadas em 1776. ([1])

O livro é offerecido por Andry a D. Vicente de Sousa Coutinho, do conselho de Sua Majestade Fidelissima, seu embaixador junto de Sua Majestade Christianissima, commendador das ordens de Christo e de S. Bento de Aviz, Senhor de Alva, etc.

Nessa dedicatoria diz Andry:

«Tenho a honra de apresentar a V. Excellencia a obra posthuma de um auctor que foi honrado pelas suas bondades e pela sua estima.»

Segue-se o juizo dos sabios sobre esta obra:

1.° — O extracto de uma carta de Gaubius a Sanches, datada de Leyde em 25 de novembro de 1777. Nella diz o professor de Leyde que o manuscripto só lhe tinha sido entregue pelo snr. de Sormonoff, poucos dias antes da sua partida para Spa, mas que tendo Castrioto promettido avisal-o pelo primeiro correio julgou melhor não o incommodar com uma carta particular, tanto mais que ainda não tinha tido tempo de o examinar. Leu-o depois com prazer, não só como a producção de um dos seus melhores amigos, mas como um testemunho da attenção hippocratica com que Sanches praticou a sua arte:

«Fiquei espantado de vos ver a mesma vivacidade que tinheis na mocidade, quando estavamos juntos.»

Comquanto não esteja inteiramente d'accordo com elle sobre a universalidade da syphilis, aprecia muito o que Sanches diz do mal venereo positivo que se manifesta pelos seus symptomas proprios e essenciaes, em opposição com o mesmo mal disfarçado sob a mascara de outras doenças. Considerando, por outro lado, as occasiões innumeras de infecção por este virus, e a falta de cuidado com que é

([1]) A pag. 172 deste livro diz Sanches: *J'ecris en 1776*. A pag. 198 encarrega Andry da publicação do manuscripto, se o julgar de alguma utilidade, e data-o de 20 de dezembro do mesmo anno.

tratado no tempo presente, deve succeder que o virus supprimido por algum tempo ou apenas dominado em parte, ataque as partes interiores, donde resulta que corrompe os humores, multiplicando-se pouco a pouco e produz, depois da pretendida cura, doenças internas que se attribuem a outra causa.

A' vista das observações de Sanches, Gaubius recordou-se d'alguns doentes aos quaes, depois do uso interno de grande numero de remedios, administrou os mercuriaes, como *ultima salutis anchora*, sem nenhuma suspeita de mal venereo, e colheu resultados surprehendentes:

«Emfim, para concluir sobre este assumpto, confesso-vos que estou sinceramente persuadido de que as vossas ideias deduzidas das vossas observações são justas, muito interessantes para os medicos e para toda a humanidade e que assim seria de toda a utilidade que fossem publicadas.»

2.º — Approvação de Maigret, Lepreux e Guenet, doutores regentes da Faculdade de Medicina de Paris.

Julgam que o publico deve ser grato a Andry por ter feito apparecer este trabalho: «A obra, honrando a memoria do Doutor Sanches, lembrará a ideia de dois medicos que, tendo-se amado e estimado toda a vida, encontraram em todos os que os conheciam, os mesmos sentimentos que tinham um pelo outro.»

3.º — Extracto dos registos da Sociedade Real de Medicina. Esta Sociedade encarregou Poissonier, Geoffroy, Desperrieres, Vicq d'Azyr, Thouret e Defourcroy, que foi o relator, de examinar a obra de Sanches publicada por Andry:

«O Doutor Sanches, cujos grandes trabalhos e zelo pelo adeantamento da arte de curar são conhecidos de todos os sabios, passou a maior parte da sua aposentação a recolher os materiaes que uma longa pratica lhe tinha fornecido e a esboçar algumas obras importantes cujo fundo era constituido pelas suas numerosas observações. Mas a sua saude delicadissima, o seu grande amor pela leitura e sobretudo a sua pouca familiaridade com a lingua franceza, impediram-n'o de dar a ultima demão ás suas obras. Estas seriam perdidas para a medicina se não tivesse deixado os seus manuscriptos a um collega que lhe conhecia o valor e que se encarregou de lhe dar a fórma que lhe faltava.»

Segue uma analyse da obra que conclue pela fórma seguinte:

«Taes são os principaes objectos tratados na obra que fomos encarregados de examinar. Reconhece-se em toda ella um observador exacto, um pratico esclarecido. O que deve dar a maior confiança nas asserções do auctor são os quarenta annos d'observações de que é fructo este ensaio e o tom de verdade que reina neste tratado. Pensamos portanto que os medicos deverão muita obrigação a Andry, que redigiu e pôz em ordem estas observações, seguindo as intenções do Dr. Sanches, seu amigo, e que a Sociedade deve conceder a sua approvação e privilegio a esta obra.»

Estas conclusões foram adoptadas por unanimidade.

Vem depois um aviso do editor. Diz nelle Andry que, entre as obras manuscriptas que Sanches lhe entregou em vida, encontrou algumas que lhe pareceram dignas de ser dadas á luz, taes como tinham sido redigidas pelo auctor:

«Começo por publicar esta; nada lhe acrescentei, nada lhe tirei, permitti-me apenas mudar algumas palavras, algumas construcções de phrases que poderiam impressionar o leitor, pouco afeito ao estilo dum estrangeiro que tinha vindo estabelecer-se em Paris em edade avançada.»

Abre o livro por uma introducção, destinada á exposição do plano geral da obra. Tendo Ribeiro Sanches examinado grande numero de affecções chronicas, cujo caracter era muito difficil de determinar, e tendo visto em grande numero de autopsias lesões que até então não haviam sido descriptas, suspeitou de que dependiam da syphilis. Esta suspeita foi confirmada por interrogatorios minuciosos e investigações escrupulosas. Affirma, portanto, que a syphilis, além das manifestações externas, tem determinações visceraes. Distingue duas especies de doenças venereas; uma que é aguda e a unica que foi bem tratada e outra que é chronica e a que se não tem prestado attenção: é desta que se occupa Ribeiro Sanches.

Conta que soube de um cirurgião allemão durante muitos annos residente na Siberia o tratamento pelo sublimado que depois communicou a Van Swieten como já narramos.

Termina a introducção por estudar os effeitos, natu-

reza e remedios do espasmo que ataca as differentes partes do corpo humano, ao qual, em harmonia com as doutrinas de Boerhaave, attribue a syphilis. Os meios que combatem o espasmo são os que provocam o suor, e o frio tem uma acção opposta, attribuindo-lhe o medico portuguez a salivação que os preparados mercuraiaes determinam.

Entremos agora no corpo da obra. No primeiro capitulo expõe o nosso compatriota o que antes delle se tinha escripto sobre a doença venerea chronica. Poucos medicos se occuparam della. Baglivi alguma coisa escreveu a seu respeito. João de Vigo conheceu-a; fallaram della Mercuriali e Zacuto Lusitano. Três auctores, porém, trataram della com mais algum desenvolvimento: Levino Lemnio, O. Connel e Carlos Bisset.

No segundo capitulo, descreve Ribeiro Sanches o methodo que seguiu durante 40 annos no tratamento da doença venerea, inflammatoria ou chronica. Consistiu em usar dos antiphlogisticos, emquanto existem symptomas inflammatorios, em empregar internamente os mercuriaes unidos aos purgantes depois da desapparição destes symptomas e em evitar com todo o cuidado todas as applicações topicas nos primeiros symptomas locaes, receando que estes topicos, curando as manifestações externas, repercutam a doença para o interior, creando syphilis visceral. Manifesta grande confiança nos purgantes associados aos calomelanos, administrados por muito tempo.

No terceiro capitulo faz conhecer os perigosos effeitos das preparações mercuriaes, administradas durante o periodo inflammatorio e affirma ter visto gonorrhéas, cancros e bubões tratados pelos mercuriaes desde o principio, degenerarem em scirros e cancros. Aconselha nestas doenças, e sobretudo na blennorrhagia, o uso dos mercuriaes unidos aos drasticos sob a fórma de pilulas, e julga que esta doença não está curada quando o ardor na micção, as dôres e o corrimento cessaram e que se devem empregar então os medicamentos combinados, como ficou dito. Pensa que ao abuso das preparações mercuriaes dadas muito cedo se devem grande numero de doenças chro-

nicas, produzidas pelo virus concentrado. Emfim, affirma que a destruição da syphilis só póde ter logar pela cessação do espasmo das arterias e pelo suor que deve acompanhar o uso dos remedios; por isso, insiste em que os sudorificos e banhos de vapor, unidos aos mercuriaes e aos antispasmodicos, são os unicos medicamentos verdadeiramente curativos.

O quarto capitulo trata dos effeitos produzidos pelo virus venereo nos solidos e fluidos do corpo humano. Ribeiro Sanches attribue-os todos ao espasmo das arterias, á irritação dos nervos, ás evacuações deminuidas e á alteração dos humores que dahi resulta, e cita exemplos de doenças venereas que atacaram os nervos e o cerebro, até ao ponto de produzirem convulsões, epilepsia e demencia, sem manifestações externas.

O quinto capitulo occupa-se das doenças chronicas que são consequencia do vicio venereo. Os filhos de syphiliticos teem por vezes vicios de conformação, como hypospadias e imperfuração do anus; a dentição só começa aos quatorze mezes e os dentes ennegrecem e corróem-se em pouco tempo. São sujeitos a diarrhéas, a colicas, vomitos, pequenez do pulso, epilepsia, etc. O signal menos equivoco é, na sua opinião, uma pustula collocada no meio do labio superior, sobre o freio da lingua. As doenças d'olhos, as glandulas engorgitadas, o amollecimento e a incurtação dos ossos, as pustulas no rosto, a actividade e vivacidade de espirito são ainda signaes certos desta affecção, sobretudo quando estes incidentes são rebeldes aos remedios. Os purgantes energicos como calomelanos, os banhos de vapor, as fricções com tintura de cantharidas nas pernas, são os remedios que dão melhor resultado nestes casos.

No sexto capitulo, o mais importante de todos, Sanches passa a occupar-se das doenças produzidas pelo virus venereo hereditario que se manifesta na edade da puberdade. Nos individuos robustos, apparece a syphilis sob a fórma de rheumatismo, de sciatica, de dartros, de ophtalmia; nos corpos vivos, delicados e sensiveis ataca o estomago, os intestinos, os rins, o diaphragma, os pulmões. Em edade adeantada, estas doenças, tratadas pelas san-

grias, banhos e purgantes ordinarios, degeneram em hydropisias do peito. Nestes estados colheu excellentes resultados de umas pilulas de calomelanos, ás quaes juntava fricções nos membros inferiores com tintura de cantharidas, citando em abono deste tratamento dois casos gravissimos terminados pela cura. Termina condemnando as operações cirurgicas que se costumam praticar nas doenças antigas que atacam os ossos, as partes genitaes e as articulações e que são quasi sempre seguidas de gangrena.

O setimo e ultimo capitulo é destinado ao exame de varias questões relativas ao tratamento das doenças venereas em geral. E' dividido em quatro paragraphos. No primeiro recorda o auctor os effeitos e utilidade dos sudorificos; faz a historia dos resultados e da fama que adquiriu o gaiaco; prova que a solução de sublimado, reunida aos banhos de vapor, realiza com mais certeza a mesma indicação e demonstra que o verdadeiro methodo curativo da syphilis consiste em provocar a sudação nos individuos robustos, imitando a natureza que chama o virus á pelle quando as forças são sufficientes. No segundo e terceiro paragraphos, trata das fricções que julga uteis quando os symptomas são externos e as pessoas fracas e delicadas. Em geral, aconselha-as em dóse superior á geralmente seguida, censura o uso do leite dado em grande dóse durante a sua administração, e o dos purgantes para sustar a salivação parece-lhe perigoso; prescreve os decoctos sudorificos e sobretudo um ar quente e os banhos de vapor como preparatorios. No quarto paragrapho, Ribeiro Sanches expõe a utilidade dos purgantes durante o tratamento das doenças venereas, ou pelas fricções ou pelos medicamentos internos, e em que tempo convém dal-os. Os drasticos são mais nocivos do que uteis; prefere-lhes os laxantes unidos aos sudorificos e dados em lavagem; recommenda-os nas doenças venereas internas ou cujos symptomas exteriores são pouco violentos e julga-os uteis para arrastar uma parte do virus para os intestinos sem contrariar a sua expulsão pelos suores.

A obra de Sanches, a par de ideias que se não confirmaram, sobretudo no que respeita a interpretações theori-

cas, apresenta muita doutrina que corre como moeda de lei na medicina dos nossos dias. Ainda recentemente, Eduardo Fournier ficava surprehendido de encontrar nelle registados varios casos de dystrophias do apparelho intestinal e genital:

«Détail historique curieux à citer au passage. Dans un vieil auteur du XVIII^e siècle, Ribeiro Sanches, j'ai trouvé indiqués comme relevant de la «maladie vénérienne hereditaire» plusieurs cas de dystrophies de l'appareil intestinal et aussi de l'appareil genital. J'ai observé, dit Sanches, que les enfants nés de pères et de mères infectés du vice vénérien etaient attaqués de diverses maladies... J'en ai vu plusieurs qui naissaient *avec des vices de conformation, par exemple l'ouverture de l'uretre mal placée, avec l'imperforation de l'anus*. Cette partie etait fermée par une pellicule quelquefois superficielle, quelquefois plus profonde et qui s'etendait dans l'intestin. La seule utilité qu'on a retirée de l'opération a été d'evacuer le meconium, mais je n'ai jamais vu que celle opération ait sauvé la vie a ces jeunes victimes.» (1)

Não são estas, porém, as unicas observações valiosas a respeito da syphilis hereditaria. A influencia perturbadora sobre a evolução que se julga pela primeira vez notada por Alfredo Fournier encontra-se já apontada em Sanches.

Os primeiros males que as raparigas resentem são as perturbações das regras, acompanhadas de colicas do estomago e do baixo-ventre; corrimentos brancos; glandulas no pescoço e no seio; affecções hystericas, algumas vezes tão violentas, que cáem em convulsão ou desfallecimento e têm palpitações de coração assustadoras. «Casando-se muitas são estereis; se gravidam, as mais das vezes abortam; se a prenhez chega ao termo, raras vezes o parto é feliz...» (2)

Algumas das perturbações dystrophicas, geraes ou parciaes, que se encontram nos heredo-syphiliticos, achamse tambem registadas pelo medico portuguez. O retardamento na evolução dos dentes é um dos factos que assi-

---

(1) Dr. Edouard Fournier — *Stigmates dystrophiques de l'heredo-syphilis* — Paris, 1898, pag. 205.

(2) Op. cit., pag. 24.

gnala: «Sabe-se que ordinariamente a dentição começa ao septimo mez; observei que nestas creanças só começava ao decimo-quarto...» ([1])

As alterações ungueaes são egualmente apontadas: «Vi algumas vezes doentes destes terem as unhas de tal modo monstruosas, que não podiam fazer uso dos dedos.» ([2])

Algumas das predisposições morbidas que derivam do empobrecimento relativo devido á hereditariedade syphilitica reconheceu-as elle. «E' na mesma edade que apparecem o rachitismo, as doenças de olhos, os engorgitamentos das glandulas, a spina-ventosa, sobretudo nos dedos das mãos e nos ossos dos pés, a tinha, as escrofulas, as doenças de ouvidos, as crostas, as pustulas na cabeça e no rosto, a má côr, a debilidade do corpo junta á vivacidade do espirito, a curvatura da espinha e a deformidade dos ossos compridos.» ([3])

Não se encontra nesta passagem a ideia de que o rachitismo é uma consequencia directa da heredo-syphilis como queria Parrot? ou pelo menos que é sua consequencia indirecta, como affirma Alfredo Fournier?

A forte predisposição que a syphilis hereditaria cria para o desenvolvimento das affecções escrofulo-tuberculosas não está nitidamente affirmada nas suas palavras?

Iwan Bloch considera que a concepção da syphilis tardía, cujo papel é tão consideravel, entrou definitivamente na sciencia depois das obras do medico portuguez. ([4])

Concluindo, se nos trabalhos sobre a historia da syphilis Sanches nos apparece como um investigador consciencioso, tendo em proposito apreciar a verdade sem que o movam ideias preconcebidas, nos seus estudos sobre a syphilis hereditaria apresenta muitas das fórmas por que se manifesta. Se as suas obras fossem mais lidas, as

---

([1]) Op. cit., pag. 163.
([2]) Op. cit., pag. 172.
([3]) Op. cit., pag. 164.
([4]) Puschmann, Neuburger und Julius Pagel, op. cit., III, pag. 451.

relações entre a hereditariedade e a infecção syphilitica não levariam mais de um seculo a serem affirmadas. O medico portuguez tem direito a ser considerado um precursor de Fournier, sem que nunca houvesse tido á sua disposição o grande material que o illustre professor francez pòde aproveitar.

CAPITULO XI

A obra do hygienista: O *Tratado da conservação da saúde dos povos*; a *Dissertação sobre as paixões da alma*; a *Origem dos hospitaes* e a *Memoria sobre os banhos russos*.

O hygienista não é, em Ribeiro Sanches, menos notavel do que o syphiliographo.

Aqui, estudaremos, ao lado do seu *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756), a *Dissertação sobre as paixões da alma* (1753), a incompleta *Origem dos hospitaes* (1772) e a *Memoria sobre os banhos russos* (1779).

O *Tratado da conservação da saúde dos povos* tem em vista, como o auctor exprime no prologo, «mostrar a necessidade que tem cada Estado de leis e de regramentos para preservar-se de muitas doenças, e conservar a saúde dos subditos; se estas faltarem, toda a sciencia da medicina será de pouca utilidade: porque será impossivel aos medicos e aos cirurgiões, ainda doutos e experimentados, curar uma epidemia ou outra qualquer doença, em uma cidade, adonde o ar fôr corrupto e o seu terreno alagado.» De nada valerão os seus conhecimentos e prescripções, sem que se emende a malignidade da atmosphera e se impeçam os seus estragos, e só os magistrados, os capitães generaes nos seus exercitos e os capitães de mar e guerra poderão, pelo vigor das leis decretadas, remediar a destruição daquelles que estiverem a seu cargo.

Nesta consideração foi que se atreveu a escrever desta ordem politica, desta medicina universal, juntando o que o estudo e a experiencia lhe suggeriram, tanto para poupar trabalho aos que se quizessem instruir, como para fornecer bases para as leis que devem decretar aquelles a quem está encarregada a conservação e augmento dos povos. Os preceitos que aconselha poderão tambem ser uteis aos prelados dos conventos, abbadessas, inspectores dos hospitaes e aos paes de familia.

Lamenta que esta sorte de medicina politica não entrasse na consideração dos Tribunaes da Europa, ainda que vejamos nos reinos mais civilizados algumas leis para a conservação da saúde dos povos, mas insufficientes e defeituosas. Fundaram-se escolas de architectura civil e militar, mas não vêmos nessas escolas praticadas as regras que contribuem para a conservação da saúde. Elle procura remediar este defeito geral.

Não se esquece tambem da instrucção. Assentando que a mais solida base de um poderoso Estado consiste na multidão dos subditos e no seu augmento e que desta origem resultam as suas forças, poder, grandeza e majestade, admira-se do excessivo numero de collegios, escolas, academias e universidades que se estabeleceram na Europa no seculo XVI, onde se aprendem não só as letras humanas, mas ainda todas as sciencias e artes que servem para a defeza, commodidades e ornato da vida civil, e de que nenhuma se fundasse de proposito para ensinar a conservar a saúde dos povos.

Entrando no corpo do trabalho, começa Ribeiro Sanches por occupar-se do ar, demorando-se em expôr as suas propriedades e os effeitos do seu calor, frio, humidade e seccura. Ensina que o demasiado calor determina a apparição de doenças melancolicas, lepra, vomitos pretos, dysenterias e febres ardentes, e que as mudanças de temperatura atmospherica tambem desempenham papel importante na producção das doenças.

Segue estudando a podridão dos corpos e seus effeitos, considerando três graus de putrefacção: alteração, podridão e corrupção: estes phenomenos evitam-se, impedindo

a humidade e o accesso do ar. A atmosphera póde inquinar-se ainda por poeiras mineraes, gazosas e organicas.

Occupa-se em seguida dos ventos, cuja acção se traduz principalmente em que limpam e varrem o ar. Nos tropicos a alteração da atmosphera, ligada ao calor, produz as carneiradas do Brasil e as sarnas da Africa. O ar infectado determina ainda o beriberi, as diarrhéas e dysenterias dos paizes quentes, e, quando interveem as inundações fluviaes, as febres intermittentes. Aqui assignala a immensidade de insectos que se levantam dos charcos ou se refugiam nas regiões umbrosas, attribuindo-lhes papel importante na producção da malaria. Essa é a causa das febres intermittentes que se observam nas margens do Tejo, na Gollegã e Santarem e nos logares circumvizinhos como Salvaterra, Coruche e Samora, e possivelmente das febres contínuas e perniciosas que se observaram em Lisboa, antes do anno de 1725.

Conclue do que acabamos de expôr que os logares mais apropriados para a fundação de uma cidade são os voltados ao oriente, lavados de ventos frios, ricos em aguas vivas e correntes. Os sitios humidos, sujeitos a inundações, são pelo contrario improprios para a construcção de povoações, mas se houver necessidade de os aproveitar, faça-se limpeza rigorosa nas ruas, queime-se alecrim e murta em grandes fogueiras e sobretudo pequenas quantidades de polvora, dando-se curso facil ás aguas por meio de canaes. O arvoredo, quando muito cerrado, pela retenção de humidade que acarreta, não é proveitoso e póde ser prejudicial; abrindo-se na sua massa arruamentos que facilitem a circulação do ar, corrigem-se estes inconvenientes. No interior da povoação, entende que as ruas largas e bem calçadas devem dar facil escoante ás aguas dos charcos, possuir esgotos bem feitos e ter accesso a praças espaçosas e ventiladas. Todavia, o ar das grandes povoações é sempre nocivo á conservação da saúde e, segundo estatisticas inglezas, assegura que os nascimentos são mais numerosos nos campos que nas cidades e que a mortalidade infantil é nellas excessiva. Seguem-se algumas providencias relativas á limpeza e asseio das povoações: «Queixamo-nos cada dia

de tantas doenças chronicas, de tantas mortes subitas, como vêmos nas cidades... e jámais pensamos a dar por causa destes estragos o ar infectado e corrupto que respiramos nellas a cada instante.» As medidas que lembra são a remoção das immundicies em recipientes fechados, a rega das ruas, a interdicção das industrias insalubres e dos rebanhos de gado nas cidades; a desinfecção dos logares de venda nos mercados por meio de vinagre ou de cal; a canalização das aguas immundas, etc.

Occupa-se depois Ribeiro Sanches das aguas que devem abastecer uma cidade. A melhor agua é a agua corrente, sem gosto nem cheiro. A canalização deve ser de pedra, madeira ou ferro. Clama contra a contaminação dos rios pelas immundicies e aconselha que se levem estas para os campos para os fertilizar.

Segue-se tratar da pureza do ar que se deve guardar nas egrejas, e a recommendação mais importante que faz é a prohibição absoluta dos enterramentos dentro dellas. A renovação do ar impõe-se egualmente nos conventos e em todas as communidades, mas não basta isto para impedir as doenças dependentes da sua insufficiencia. E' indispensavel desinfectar com gaz sulfuroso os quartos onde tenham fallecido individuos affectados de doenças contagiosas: «Bem sei, diz elle, que por lei publica se queimam as camas e os vestidos dos que morrem de mal contagioso na cidade de Lisboa; mas não chegou a bondade desta lei mandar corrigir a infecção do aposento onde morreu o enfermo, nem a purificar os moveis delle.»

Por maioria de razão é necessario renovar o ar nos hospitaes. Dá a preferencia aos hospitaes pequenos, onde a mortalidade é menor que nos grandes. Para uma grande cidade como Lisboa, desejaria um hospital central para as doenças agudas e accidentaes, outro excentrico para as doenças chronicas, e ainda outro fóra da cidade para os convalescentes. Para manter nelles a pureza do ar, aconselha as mesmas providencias que expuzemos em relação aos conventos, mas deseja que sejam apartados em enfermarias especiaes os doentes contagiosos, que se raspem e caiem as paredes a miudo e se lavem as salas com fre-

quencia. Analogas providencias são aconselhadas para as prisões, e a este respeito conta que o senado de Lisboa consultou João Pringley e Estevão Hales sobre o melhor meio de ventilar as que tinha a seu cargo e que elles vieram visital-as e mandaram construir ventiladores especiaes, com a fórma de moinhos de vento, que surtiram o resultado que se desejava. Julga tambem proveitosa a ventilação por meio de fogões.

Applica os mesmos principios ás habitações e aos quarteis, demorando-se no estudo das doenças dos militares, de que tinha largo conhecimento. Attribue-as ao ar confinado, á alimentação, á falta de exercicio e de asseio, aconselhando muito a pratica dos banhos frios e sobretudo os banhos russos, que tão extensamente vira usar.

Seguidamente, trata da hygiene dos navios, aos quaes applica as mesmas considerações feitas a proposito de conventos, quarteis, etc. Aconselha vivamente as fumigações de enxofre e repete-as emquanto houver ratos e insectos. Para a renovação do ar, dá a preferencia a ventiladores de lona e aos de Estevão Hales, especie de moinhos de vento analogos aos que descreve a proposito das prisões.

Trata das doenças communs nos navios: febres ardentes, camaras de sangue e mal de Loanda, que attribue ao ar corrupto e aconselha para as prevenir a purificação pela cal e pelo vinagre. Na alimentação insiste na vantagem do sal e do vinagre e recommenda, para evitar o escorbuto, o uso dos limões azedos.

O livro conclue por algumas considerações sobre os terramotos, demorando-se na descripção do que destruiu Lisboa em 1755.

A obra de Sanches evidentemente avança sobre a sciencia do seu tempo em muitos pontos. Quando elle proclama a necessidade de regulamentos e leis para preservar de doenças contagiosas, assiste-se ao enunciado da moderna concepção da policia e tutella sanitarias; ao propôr a intervenção da auctoridade civil ou militar para a prophylaxia das mesmas doenças, temos o conceito das doenças evitaveis e da impossibilidade de as combater sem a intervenção repressiva dos poderes do Estado; quando

reclama o ensino dos meios de preservar a saúde dos povos, parece que prevê os magnificos institutos de hygiene dos paizes cultos; quando nos fala da importancia dos insectos na pathogenia da malaria, é um precursor das modernas concepções sobre o impaludismo; como ao querer o exterminio dos ratos nas embarcações, annuncía com um seculo de antecedencia a desratização.

Onde o livro se não avantaja ao tempo, expõe as doutrinas mais recentes sobre a hygiene. Os nomes prestigiosos de Halley, de Hales, de Petit, de Reaumur, de Prospero Alpino, de Bontius, de Pringley, de Laucisi, de Ricardo Mead, de Platner «o Celso allemão», abonam as suas considerações e auctorizam os seus preceitos.

Ricardo Jorge, na sessão de abertura da secção de hygiene do XV Congresso Internacional de Medicina reunido em Lisboa em 1906, teve a patriotica ideia de fazer resurgir o illustre sabio para a admiração dos seus contemporaneos.

«A hygiene chegou a esta *etape* gloriosa, graças a uma larga geração de espiritos nobres e lucidos. Cada paiz contribuiu para este panthéon de gloria; nos annaes da sciencia estão registados os nomes dos iniciadores, dos que adeantando-se á sua epocha foram os primeiros a annunciar a boa nova da redempção sanitaria dos povos.

«Entre estes peoneiros da hygiene publica moderna, lamento que não tenha tido o logar distincto que lhe cabe de direito, este portuguez illustre, o Dr. Ribeiro Sanches, e todavia creio que nenhum dos que marcam data na historia poderão disputar-lhe a primazia.»

E depois de ter feito uma analyse perfeita da obra que nos occupa, capitula-a: «O primeiro livro em que a medicina publica e preventiva se constituiu em arte social e em principio de governo popular, numa concepção tão ampla e tão precisa como a que penetrou difficilmente, um seculo mais tarde, no espirito da medicina, do publico e do Estado.» [1]

---

[1] XV Congrès International de Médecine — *Discours du président Ricardo Jorge à la séance d'ouverture* — Lisbonne — Imprimerie «A Editora» — 1906.

E' muito discutivel a inclusão neste capitulo do trabalho de Sanches sobre as paixões de alma, que é conhecido do publico medico pela traducção de Andry publicada na *Encyclopédie methodique* editada pelo livreiro Panckoucke sob o titulo de *Affections de l'âme*. Todavia este estudo da influencia do physico sobre o moral não ha duvida de que muito interessa o hygienista.

Paixões d'alma são as differentes affecções que ella soffre segundo os differentes objectos que se apresentam aos sentidos. O medico portuguez estuda-as como causa de doenças, o que é do dominio da pathologia, e tambem se occupa da causa destas paixões, o que é tanto do fôro do theologo e do jurisconsulto como do medico pratico.

Depois de mostrar que na antiguidade philosophos e medicos trataram do assumpto, diz-nos que, depois da introducção do christianismo, passou a ser objecto exclusivo do estudo dos theologos, abandonando-lh'o por completo os medicos.

No seu estudo, contentar-se-ha com indicar as relações entre a alma e o corpo, substancias distinctas uma da outra pela sua natureza, mas ligadas de modo que é impossivel ao homem comprehendel-o.

Apresenta alguns factos que demonstram esta intima connexão: «Todos observaram que a fome, uma alimentação immoderada, o uso do vinho e dos licores espirituosos, as variações do ar, produzem mudanças nas operações do espirito, apesar do corpo não estar doente. Todos notaram a variedade e extravagancia dos desejos das mulheres gravidas, e que uma dôr vivissima abate o espirito a ponto que deixa de ter força para pensar com tranquillidade em objectos differentes do que o afflige; que, se esta dôr continuar a augmentar, o espirito deixa de ser capaz de qualquer reflexão, estonteia, delira, como se na realidade nunca tivera existido: que direi dos effeitos da atrabilis, do virus da raiva, do opio, do estramonio, da cicuta aquatica? Quem ignora a quantas perturbações, mudanças, agitações, está sujeita a nossa substancia intelligente?»

Destes factos resulta que ninguem póde negar o poder do espirito sobre o corpo e do corpo sobre o espirito.

Apreciamos os objectos por meio dos sentidos e conservamos as impressões pela memoria. Doenças ha que a deminuem ou aniquilam por completo.

As impressões recebidas são agradaveis, desagradaveis ou indifferentes. As palavras injuriosas em si nenhuma impressão nos causam, mas se nos forem dirigidas excitam em nós uma ideia que nos vexa e atormenta.

Emquanto o corpo e a potencia da alma que se chama vontade estão em perfeita união, ás determinações voluntarias correspondem determinados movimentos. Além destes, ha movimentos involuntarios, inconscientes.

Temos a faculdade de experimentar sensações agradaveis ou desagradaveis que são produzidas não só primitivamente pelos objectos, mas pelas impressões gravadas no *sensorium commune.*

Esta faculdade é de tal modo inherente ao nosso corpo vivo que é a origem de toda a metaphysica e estende os seus ramos a todas as sciencias e sobretudo á medicina. Sanches explana o uso que se póde fazer della para instruir os homens e fazer o bem geral da sociedade a que pertencemos.

Prova que todas as ideias, mesmo as mais abstractas, têm por origem a sensação. O Creador deu a todo o ser vivo o soberano desejo de se conservar e perpetuar. Estes desejos são a origem das paixões de alma. Se um homem apenas concede ás suas paixões o que lhe permittem as suas forças e meios, desempenhará o objecto para que lhe foram dadas; mas se os seus desejos ultrapassam os limites prescriptos pela natureza, tenderão á sua destruição.

A faculdade de imitação serve, mas algumas vezes prejudica a nossa conservação. Entre outros exemplos que apresenta para fundamentar o ultimo asserto, diz que ouviu dizer a Boerhaave que havia perto de Leyde um mestre-escola que era vesgo; os paes das creanças que lhe tinham sido confiadas não tardaram a perceber que os filhos haviam adquirido este defeito.

Todas as paixões de alma são actos repetidos do mesmo objecto agradavel ou desagradavel. Passa em revista as que dependem do *sensorium commune,* para depois es-

tudar as que affectam a propria alma. Nenhum animal irracional, ao perceber uma sensação, a compara com outra impressão semelhante. Só o homem dotado de razão compara as sensações presentes com as passadas, combina as qualidades de uma com as de outra, e deste modo a alma produz pensamentos, ideias; enuncía o que concebe por algumas palavras: é o que chamamos julgar, discutir, examinar. Além disto, o homem intelligente e dotado de razão combina-as com o futuro; estas combinações fazem-se pela reminiscencia e pela memoria; mas para o uso racional desta propriedade, assim como para produzir pensamentos, julgar e discutir, é preciso que o espirito esteja socegado e o corpo são, e obedeça ao imperio da vontade espiritual, esclarecida pelas combinações que são excitadas palas sensações que existem no *sensorium commune.*

Ha quatro especies de paixões de alma, duas contrarias á nossa conservação: a dòr e o receio; a primeira é uma percepção do mal presente e a segunda do mal futuro ou que nos ameaça. As outras são a satisfacção e o desejo: a primeira affecta o espirito no momento presente; e a segunda para o futuro. Mostra a influencia que ellas exercem sobre o corpo, succedendo que, muito violentas, pódem produzir a morte.

Entre as paixões de alma descreve especialmente a paixão hypochondriaca porque lhe soffreu os effeitos: «Pinto esta paixão mais fielmente do que outra qualquer, porque a soffro ha quatorze annos e tem sido a causa de todas as minhas afflicções: abandonei a sociedade, mesmo a dos homens com quem gostava de conversar, porque me não sentia capaz de supportar qualquer discurso, até os dos meus creados; bastava, ás vezes, a vista de uma creança para me causar uma triste situação.»

«Assim, os que estão affectados desta doença evitam a sociedade, as assembleias publicas; têm constante receio, afastam-se da presença dos outros homens e são incapazes de desempenhar os cargos publicos e os deveres de um estado decente.

«Experimentava esta sensação desagradavel todas as

vezes que ouvia attentamente a narração de qualquer historia ou o relato que me faziam de uma doença. Foi por este motivo que abandonei a pratica da medicina; logo que um doente me começava a contar os seus soffrimentos, sentia todos os symptomas que me referia e era-me impossivel formar um juizo sobre o que me dizia.»

Ao fallar das paixões que servem para a nossa conservação e que são para Sanches o contentamento, a alegria, a amizade, a colera e a esperança, aproveita uns versos de Camões em que o grande poeta exprimiu admiravelmente o bem estar que produzem as paixões moderadas:

Canta o preso docemente
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente,
E o trabalhador cantando
O trabalho menos sente.

Todavia, estas mesmas paixões, quando excessivas, produzem effeitos oppostos. Cita exemplos numerosos em abono desta asserção.

Curam-se estas paixões excitando as contrarias ás dominantes. Se se pudésse provocar odio ao objecto amado, conservar esta ideia por mil meios differentes e fortifical-a, extinguir-se-hia o amor, tratando ao mesmo tempo os effeitos que esta paixão tivesse produzido. A mudança de clima e a alimentação pelos fructos do estio, sob a direcção de um medico habil e sabio, operarão a cura das pessoas que não pudérem fazer longas viagens.

Contra a colera o remedio é o terror. Os individuos naturalmente colericos devem usar de uma dieta vegetal, não fazerem exercicios violentos, deminuir a tensão dos solidos pelos banhos de vapor, e dormir por muito tempo em camas fôfas.

Apesar da colera e sêde de vingança serem muito prejudiciaes á saúde, esta paixão, excitada por um medico habil, póde curar differentes paralysias e a imbecilidade.

A ultima parte do artigo refere-se á influencia das disposições organicas, ou hereditarias ou adquiridas, que pódem produzir as paixões de alma. E' longa a enumera-

ção, embora nem sempre convincente. Diversas tendencias moraes, delirios, etc., são attribuidas á transposição de visceras. Partidario da repressão para combater a loucura e as disposições viciosas, julga todavia a coacção por vezes nociva. Instinctivamente acode-nos o nome de Pinel, que ainda não fôra nomeado medico de Bicêtre e só trinta annos mais tarde havia de proclamar a inutilidade dos meios violentos no tratamento da loucura. A passagem do medico portuguez merece transcrever-se:

«E' costume, nos hospitaes de doidos, tratar os maniacos e furiosos como animaes ferozes, açoitando-os com cordas e varas. As dôres que sentem nas partes açoitadas modificam, é verdade, as suas ideias loucas, como lhes chama Van Helmont, e logo que vêem chegar o seu algoz, falam acertadamente.

«Esta maneira de tratar, mudando a ideia louca por uma sensação violenta, excitada na extremidade dos nervos, cura o juizo durante alguns dias; mas continuando a ser os mesmos os humores melancolicos, atrabiliarios, ou de qualquer outra natureza viciosa, os doentes não tardam a cahir nas mesmas loucuras.»

Pela mesma razão não tem muita sympathia pelos castigos corporaes nas escolas, embora os admitta em alguns casos. Depois de os acceitar para creanças estupidas, ou de espirito duro e grosseiro, para as quaes o estimulo ou a censura se mostram inefficazes, acrescenta:

«Mas se os que estão encarregados de educar a mocidade se servirem do mesmo methodo para ensinarem os discipulos que têm um espirito brando, um caracter sensivel que se agita á mais insignificante representação, que se anima e excita ao trabalho pelos louvores, cujo rosto é colorido por um sangue vermelho, cujos olhos annunciam muita vivacidade, então o castigo será nocivo, o receio, o terror embotam o *sensorium commune*, elastico e delicado.»

Termina o artigo, estudando os meios de combater as ideias loucas de que dependem as paixões de alma. Actuando sobre o corpo pelo regimen, por alguns medicamentos, e pelos banhos, pódem curar-se algumas d'estas viciosas tendencias. Convencido das vantagens das fricções mercuriaes na therapeutica da raiva, julga que se deveriam tentar na mania e outras desordens do systema nervoso.

A memoria de Sanches é interessante, embora não fôsse possivel no seu tempo tratar convenientemente do assumpto. Os conhecimentos de physiologia do systema nervoso sobre que assenta eram então muito incompletos e insufficientes. E' todavia certo que os factos que reuniu demonstrem bastantemente a dependencia entre a alma e o corpo, para nos servirmos da sua terminologia. A concepção de que actuando sobre um podemos influir sobre a outra, a therapeutica das paixões por meio d'outras que provocam effeitos oppostos é um prenuncio do tratamento moral da loucura e não é a parte menos original desta memoria.

Já assignalamos as restricções que manifesta ao emprego de meios coercivos para combater a loucura, como não podemos deixar sem nota as opiniões sustentadas a respeito da inefficacia dos castigos corporaes nas escolas.

A *Origine des hôpitaux* é um pequeno manuscripto que existe entre os papeis de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris. Acha-se apenas começado, mas póde comprehender-se qual a ideia fundamental. Depois que Pringle demonstrou que o *ar infecto* tem um papel importante no desenvolvimento das doenças, suscitaram-se duvidas sobre se estes estabelecimentos eram mais prejudiciaes do que estes. Sabia-se já que as operações cirurgicas eram mais graves nos hospitaes do que fóra delles. Todavia, Sanches manifesta-se convicto dos seus beneficios, contanto que se tomem na sua instrucção todas as medidas de hygiene indispensaveis para prevenir as doenças devidas á podridão do ar.

Um hospital não deveria edificar-se em sitio baixo, humido, sujeito a inundações. O ar seria renovado e ventilado de modo a conservar a sua pureza. Assegurar-se-hia abundancia d'agua. Cada leito serviria apenas para um doente, não se permittindo o que, por exemplo, se via no Hôtel Dieu, onde uma mesma cama servia por vezes para 4 e 8 doentes.

Como se vê deste fragmento, não se encontram ideias novas no manuscripto em questão, mas nenhum juizo se póde formar sobre uma obra tão incompleta.

A *Memoria sobre os banhos de vapor da Russia,* ([1]) um dos ultimos trabalhos de Sanches, é uma apologia dos banhos russos dirigida, não a medicos, mas ás pessoas que, retiradas nos campos, não têm á mão os soccorros que se encontram nas cidades. Intenta provar que elles têm vantagens, em utilidade e commodidades, aos de que os gregos e romanos faziam uso e aos que os turcos empregam, tanto para a conservação da saúde como para a cura de varias doenças, e que pódem ser do maior auxilio para os habitantes do campo, para os nobres retirados nas suas propriedades, para os conventos dos dois sexos, para as guarnições de soldados e para as fabricas onde se encontram grande numero de operarios.

Affirma Sanches que é o primeiro a occupar-se das propriedades destes banhos, o que não deixará de causar surpreza, sabendo-se que houve sempre na côrte da Russia e nos seus exercitos medicos habeis, allemães, inglezes, hollandezes, italianos e gregos. O motivo foi provavelmente o mesmo que o tolheu a elle de o fazer. «Quando estava ao serviço do imperio da Russia, no exercito, no nobre corpo dos cadetes e na côrte; empregado continuamente e ás vezes aniquilado pela fadiga, não tinha tempo de redigir as minhas observações sobre a utilidade dos banhos russos, de que fazia uso frequente, tanto para a cura das indisposições causadas por longas viagens, como para a conservação da saúde.» E acrescenta: «Hoje que os meus incommodos habituaes me não deixam outro bem a não ser o de meditar e reflectir, occupei-me seriamente dos bons effeitos que estes banhos pódem produzir e penso que com este auxilio se póde obter a mais preciosa de todas as vantagens, o vigor e a saúde.»

Começa dizendo que o estudo das antiguidades gregas e romanas faz vêr que um dos pontos essenciaes da con-

---

([1]) *Mémoire sur les bains de vapeur de Russie, considerés pour la conservation de la santè et pour la guerison de plusieurs maladies* in *Histoire de la société royale de médecine année MDCCLXXIX.* Paris. De l'imprimerie de Monsieur MDCCLXXXI.

stituição dos seus estados era tornar o corpo humano robusto, são e vigoroso, e é de admirar que os estados da Europa, incomparavelmente mais instruidos na physica geral, na economia civil, politica e na arte da guerra, os não imitem, creando estabelecimentos destinados a educar a mocidade de maneira que possam tornar a sua patria gloriosa e formidavel.

Descreve os gymnasios, edificios creados pelos gregos para o ensino das bellas-letras e das sciencias e para a pratica de todos os exercicios que pódem tornar o corpo vigoroso. Estes estabelecimentos passaram bastante tarde para Roma, onde só se conheceram os gymnasios e banhos com a ordem e magnificencia dos gregos no tempo de Pompeu, mas os romanos de Augusto chegaram a exceder os gregos na construcção dos banhos, não só para conservarem a saúde mas ainda para delicia, para prazer, para luxo.

Este uso conservou-se sem interrupção até ao tempo de Constantino e como este escolheu Byzancio para capital do imperio romano introduziu lá os banhos, installando-os com uma magnificencia egual aos de Roma. Desde, porém, que o imperador abraçou a religião christã, destruiram-se os templos pagãos, e os gymnasios, assim como outros estabelecimentos semelhantes erigidos para a educação da mocidade e para a manutenção da religião pagã. Estes não foram substituidos por nenhuns outros destinados a augmentar a força e vigor das nações européas subjugadas pelos barbaros do Norte.

A dominação arabe na peninsula hispanica restabeleceu-os, mas logo que os christãos expulsaram os moiros, os ecclesiasticos fizeram destruir os seus banhos como contrarios aos costumes e á pureza da religião.

Passa em revista os recursos de balneação offerecidos pelo seu tempo, assenta que os banhos de limpeza se não pódem considerar salutares porque relaxam, enfraquecem e enervam as partes solidas do corpo, pensando o mesmo das estufas da Allemanha e da Italia. Pelo contrario, os banhos turcos que vira em Londres e em Azof não apresentam esses inconvenientes, mas são inferiores aos russos

porque naquelles se não renova o ar e o vapor como nestes.

Os banhos russos são um meio termo entre os banhos romanos e os banhos turcos, porque numa só camara se pratíca tudo o que naquelles reclamava quatro ou cinco aposentos. Descreve minuciosamente quer a installação dos banhos publicos quer a dos banhos particulares naquelle paiz, em que o não acompanhamos porque já em outra parte aproveitamos as suas descripções. Na sua opinião levavam vantagem a todos os medicamentos que inçam as pharmacopeias. «Eu não despreso todos os remedios taes como os purgantes, o opio, o mercurio, a quina, etc.; mas penso que o banho russo póde substituir metade dos remedios contidos na maior parte das pharmacopeias.»

Consagra um paragrapho especial aos abusos mais frequentes que se commettem nos banhos russos. Consistiam em que alguns individuos entravam no banho antes de se lançar agua sobre os tijolos ou pedras ardentes. O calor secco parecia-lhe ter mais inconvenientes que o humido, unicamente porque era mais intenso.

Julgava perigosos os banhos logo depois das refeições, e mais ainda nas mulheres que nos homens. Egualmente era util que o ventre estivesse desembaraçado.

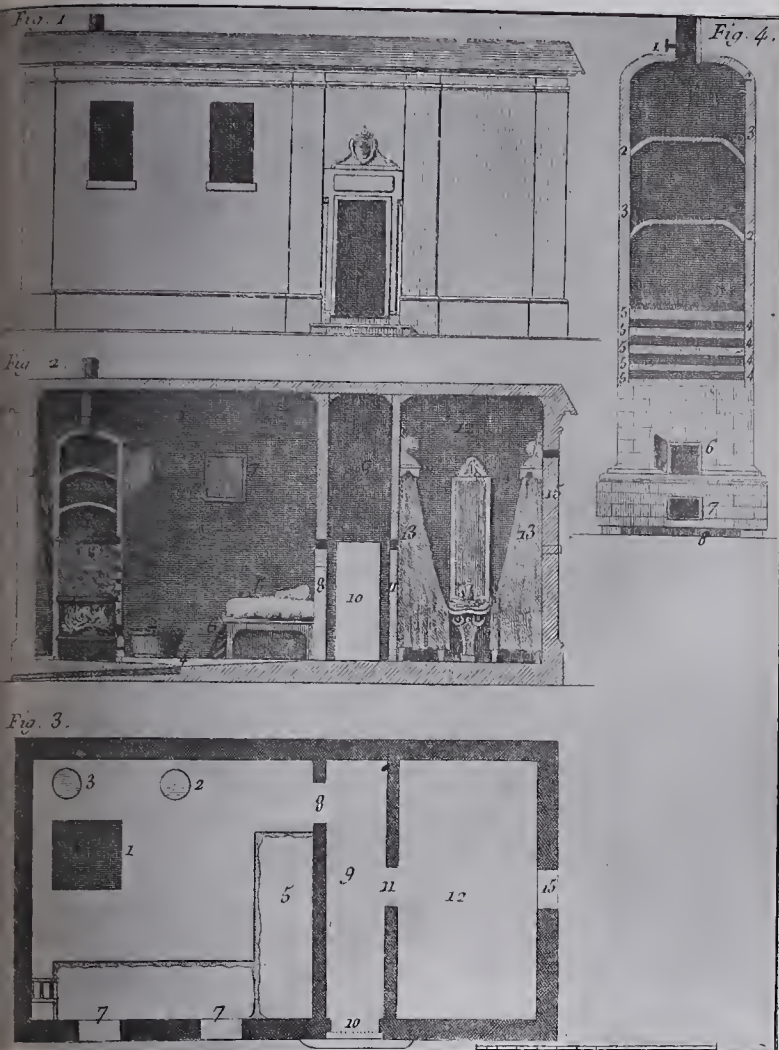
Da Allemanha tinha vindo para a Russia o costume de usar ventosas escarificadas depois do banho. Sanches reprovava-o vehementemente.

Em contraposição recommendava as fricções com sabão. Os homens fortes e vigorosos podiam lavar-se depois da sudação com agua morna ou fria, e até friccionar-se com gelo; não os individuos debeis e delicados.

Doenças ha nas quaes se não deve o banhista friccionar no banho de vapor, nem lavar-se com agua fria e muito menos com gelo. São principalmente as febres acompanhadas de calefrios, sêde, calor ardente. Todavia não devem proscrever-se dos banhos, acompanhando-os do uso de bebidas acidulas. Na variola, no sarampo, o uso dos banhos de vapor é de aconselhar, mas as fricções com ou sem sabão são perniciosas e é perigoso lavarem-se os doentes ou banharem-se em agua fria.

Outras ha em que se deve fazer uso das fricções no banho de vapor. Em todos os estados não acompanhados de febre, em que haja conveniencia em fortificar o corpo e augmentar a perspiração insensivel, são vantajosas as fricções. Assim em muitas doenças de estomago; nas doenças do peito não acompanhadas de febre ou de esputos sanguineos; nas doenças dos rins e dos ureteres. Convém particularmente nas doenças venereas.

Por ultimo Sanches occupa-se da construcção dos banhos de vapor. As figuras que publicamos dão ideia bastante dos principios a que essa construcção deve obedecer.

São contestaveis algumas das indicações dos banhos russos que Sanches estabelece. Todavia deve reconhecer-se que esta apologia dos exercicios physicos não é indigna do auctor do *Tratado da conservação da saúde dos povos,* ainda que nada acrescente á sua justa gloria.

EXPLICATION DES FIGURES qui accompagnent ce Mémoire.

I. Figure. On a fait les croisées plus grandes dans l'extérieur que dans l'intérieur, pour donner plus de proportion à la décoration de la salle.

II. Figure. Elle représente la coupe du bâtiment.

1. La cheminée.
2. 3. Les deux cuves, dont une remplie d'eau chaude et l'autre d'eau froide.
4. Ouverture qui est au milieu de la salle, pour laisser écouler l'eau par un conduit.
5. Lits où se mettent les malades.
6. Marchepied.
7. 7. Les deux croisées, dont on a bouché une partie pour ne donner que peu d'air, selon le besoin.
8. Porte de la salle.
9. Corridor.
10. Porte d'entrée, ayant deux marches.
11. Porte de la chambre où sont les lits pour se reposer après être sorti des bains.
12. La chambre des lits.
13. Les lits.
14. Les tuyaux de cheminée.
15. Croisée de la chambre des lits.
16. Echelle pour fermer le tuyau de la cheminée.

III. Figure. Plan des bains Russes. Les mêmes chiffres sont placés comme à la coupe, excepté les 13, 14 et 16, qui auraient fait de la confusion dans le plan.

IV. Figure. 1. Le tuyau de la cheminée avec sa soupape.

2. 2. 2. Trois voûtes circulaires fabriquées en briques.
3. 3. Tuyaux pour laisser passer la fumée d'une voûte à l'autre.
4. Barres de fer pour soutenir les poudingues.
5. 5. 5. Les poudingues.
6. Le fourneau.
7. Le cendrier.
8. Poêle avec ses bords pour recevoir les cendres.

CAPITULO XII

A obra do educador e reformador: *Plano de reforma do ensino medico portuguez;* o *Methodo para aprender e estudar a medicina* e a reforma da Universidade; as *Cartas sobre a educação da mocidade.* — Duas palavras sobre o clinico.

Como educador e reformador dos estudos, larga é a obra de Ribeiro Sanches. Vendo o estado precario da instrucção em Portugal, o medico beirão, logo que foi testemunha dos progressos que os outros paizes nos levavam, fez os primeiros esforços para melhorar o ensino medico. Elle nos conta que já em 1731 apresentara a D. Luiz da Cunha, então embaixador na Haya, um methodo de se introduzir e ensinar publicamente a medicina em Portugal. [1] Não pudémos descobrir este projecto que em carta de 20 de março de 1735 remettia a Sampaio Valladares, com algumas modificações ou notas. [2] Existe, porém, uma segunda redacção de 3 de julho de 1758, em que estão esboçadas algumas das ideias que sob a fórma definitiva expoz no seu *Methodo para aprender e estudar a medicina.*

Este segundo projecto foi escripto por ordem régia e é precedido de um estudo dos principaes defeitos da educação medica do tempo. Lamentava Sanches que em

---

[1] *Plano de reforma do ensino medico portuguez* in *Archivos de historia da medicina portugueza* — VI, pag. 51.

[2] Bibliotheca de Evora.

Coimbra se não ensinasse a anatomia nos cadaveres humanos, e muito menos a botanica e a chimica. A propria pratica da medicina, que nos ultimos dois annos do curso se estudava, era muito superficial.

Quando mesmo cinco ou seis lentes fossem auctorizados a estudar a *verdadeira medicina,* fundada na *verdadeira physica* que ao tempo se conhecia em toda a Europa, haviam de encontrar difficuldades insuperaveis, não só nas disposições dos estatutos, mas da parte dos mestres antigos em medicina e philosophia escolastica. Era este o maior obstaculo que encontrariam todos aquelles que quizessem indagar as leis da natureza universal. Esta philosophia

«impossibilita o entendimento dos que aprendem a observar as leis desta: fica o animo inficionado com uma soberba louca e extravagante vaidade que sabe e póde suster por argumentos em fórma as chimeras mais phantasticas e despresa todo aquelle saber que não se conforma a aquelle modo de argumentar.»

Da parte dos alumnos, encontraria o lente de anatomia decidida repugnancia, accusando o mau cheiro dos cadaveres e receando a infecção, como succedera em Lisboa com Santucci. Do mesmo modo o professor de chimica encontraria contradicções, remoques e chistes, porquanto as propriedades dos elementos, as operações chimicas se não tratariam nem ensinariam «com argumentos na fórma syllogistica, sem gritos, sem epigrammas, nem panegyricos». Não havendo um jardim de plantas, o lente de botanica vêr-se-hia obrigado a correr os campos em procura de exemplares para ensinar, luctando com difficuldades.

Para se preparar uma reforma util, Ribeiro Sanches desejaria que se mandassem seis até oito dos mais capazes estudantes de philosophia ou medicina estudarem nos centros mais cultos. Desapprovava que se contractassem professores estrangeiros para virem ensinar entre nós; vira na Russia que era preferivel adestrar os nacionaes. As universidades que mais sympathias lhe mereciam para esse effeito eram as de Leyde, Gottinga, Strasburgo ou Edimburgo.

Julgando irremediaveis as difficuldades que se oppu-

nham ao estabelecimento da verdadeira medicina na Universidade, propunha Sanches que se creasse um collegio em Thomar, no convento de Christo, ou em qualquer outra villa onde haveria duas classes de discipulos: quinze a vinte internos sustentados pelo Estado, e alumnos externos em numero indeterminado que o frequentariam á sua custa.

Preoccupa-se o medico portuguez com a installação material do collegio. Bastar-lhe-hia uma sala para gabinete de physica e chimica; outra para gabinete de historia natural medica, perto da qual ficaria um jardim botanico; outra onde se installaria o theatro anatomico; uma enfermaria com duas camaras com capacidade para quinze ou vinte camas, onde o lente de pratica medica ensinaria a diagnosticar e a curar as enfermidades internas e externas. Três ou quatro salas para as aulas theoricas, outra para reunião do conselho do collegio, secretaria, etc., completariam o edificio.

Por ultimo, fala Sanches da parte orçamental da reforma. As rendas viriam dos sobejos da Universidade, da reducção dos partidos medicos camararios e extincção dos cirurgicos, da reducção das escolas de latim e do rendimento das folhinhas ou almanachs. Calcula que 30 ou 40 mil cruzados chegariam para subsidiar no estrangeiro os pensionistas, e, quando elles regressassem, para sustentar o collegio. Não haveria nelle graus emanados da auctoridade pontificia, mas uma licença real para o exercicio da profissão medica ao terminar o curso.

Como já dissémos, pouco depois da remessa deste officio foi ao medico portuguez concedida uma pensão e commettido o trabalho de preparar uma reforma do ensino medico. Era necessariamente um trabalho moroso porquanto se lhe dava por collaborador um medico desconhecido de Lisboa, o Dr. Joaquim Pedro de Abreu. Pelos motivos que já explanamos e a que não voltaremos, a obra só ficou completa em maio de 1763 e foi publicada sob o titulo de *Methodo para aprender e estudar a medicina*, *illustrado com os Apontamentos para estabelecer-se uma Universidade Real na qual deviam aprender-se as Sciencias humanas de que necessita o Estado Civil e Politico. 1763.*

A obra que vamos resumir é mais uma indicação de preceitos a attender em uma reforma do ensino superior e particularmente da medicina do que propriamente um plano de estudos. Nem sempre o assumpto é exposto com sequencia, deixando Ribeiro Sanches de se occupar agora de pontos connexos com outros que desenvolve, para mais tarde os expôr em logar onde já se não esperaria encontral-os. Mas a doutrina é digna de apreço e para o nosso meio verdadeiramente revolucionaria.

Permitta-se-nos que nos afastemos da ordem adoptada pelo reformador e que para conveniencia de exposição adoptemos um plano mais harmonico, desde o momento que conservemos a exactidão necessaria.

A Universidade, tal como Sanches a planeia, é de instituição régia, liberta por completo de qualquer influencia ecclesiastica. O Senado academico deve depender unicamente do poder real; e por que julga inconciliavel esta doutrina com as pretenções da curia de Roma e com as decisões do Concilio de Trento, propõe o nosso biographado que as faculdades de Theologia e Canones se transfiram para Evora ou para Braga onde sejam sustentadas pelos bispos e cabidos, sob a inspecção de dois magistrados fiscaes seculares, para que se não ensinem alli doutrinas ou imprimam livros em que a jurisdicção real seja menosprezada. Aconselha como modelos as Universidades de Turim e Gottinga, subtrahidas ambas ao fóro ecclesiastico.

No seu desejo de manutenção das prerogativas do soberano, nenhum ecclesiastico com habito clerical e ainda de ordens menores se poderia matricular nesta Universidade, nem exercer qualquer cargo de mestre, lente, ou magistrado, excepto os capellães que tivessem a seu cargo o culto na capella da Universidade, no caso em que esta instituição se julgasse necessaria por falta de egreja parochial.

A Universidade compôr-se-hia de três collegios. O primeiro seria destinado á philosophia, mathematicas e humanidades. O segundo ao ensino da jurisprudencia, governo dos estados e leis do reino. O terceiro ao ensino da medi-

cina e cirurgia. Apesar de não o explanar, o medico portuguez pensava tambem, como veremos, no ensino superior das mathematicas.

O primeiro collegio era a porta de entrada para a frequencia da medicina e da jurisprudencia, mas os conhecimentos que ahi se adquiriam constituiam de per si um curso para todos aquelles que quizessem servir no exercito, na marinha, nos cargos de vereadores e escrivães da camara, e ainda em outros empregos.

A admissão no collegio far-se-hia de 3 em 3 annos por meio de um exame, para que seriam convidados por editaes os alumnos maiores de 14 annos que tivessem frequentado com aproveitamento as escolas de latim do reino. Apresentariam três documentos: 1.º certidão de baptismo e de vida e costumes passada pelo parocho; 2.º attestado do mestre de latim em que dissesse da capacidade, talento e saber do discipulo; 3.º certificado do juiz da súa residencia de que não tinha praticado qualquer crime.

Sobre estes documentos deliberaria o senado academico e se reputasse idoneo o candidato admittil-o-hia a um exame que versaria sobre a lingua latina e rhetorica. Com a approvação neste exame se matricularia no collegio philosophico.

As disciplinas estudadas neste instituto seriam a geographia, a chronologia, as mathematicas elementares, a philosophia racional e moral, a physica geral e experimental e as antiguidades grega e romana.

O corpo docente era constituido por três lentes ou professores e três leitores. Estes seriam escolhidos entre nacionaes e estrangeiros notaveis por talento, sciencia e virtudes. Depois de terem exercido o ensino por dois ou três annos, seriam promovidos a lentes, caso tivessem dado provas de competencia. No caso contrario, seriam «despedidos honestamente» para praticarem a medicina e a jurisprudencia, ou ensinarem as linguas doutas e a rhetorica nas Escolas reaes.

Os alumnos do collegio philosophico estudariam por espaço de dois ou três annos. Ao fim de cada um seriam submettidos a exame. Quando as provas satisfizessem, con-

ceder-se-lhes-hia um *passe*, ou para a frequencia dos outros collegios ou que os habitasse para ensinar nas Escolas reaes, ou para o exercicio de cargos que já indicamos. Quando succedesse o contrario, estudariam por mais tempo ou seriam «exterminados da republica litteraria», o que podia succeder já no exame de admissão.

O collegio de jurisprudencia é resumidamente tratado. Sanches não se julgava competente para se occupar do assumpto, porque não tinha tanta pratica do direito como adquirira da medicina.

Eliminava por completo deste instituto o direito canonico, dizendo ironicamente que essa proposta seria considerada como a primeira prova da sua ignorancia. (1) Todavia, abona-se com o exemplo da Universidade de Turim, onde não havia faculdade de direito canonico, embora este fosse estudado juntamente com a jurisprudencia civil.

Julgava indispensavel que os lentes de direito, depois de instruidos no collegio de philosophia e de humanidades acima indicado, tivessem lido ou melhor aprendido nas universidades da Hollanda ou da Allemanha o direito publico e das gentes, pelas obras de Grotius, Puffendorf, Boemer e Heinecius. Egualmente necessitavam conhecer o codigo das leis de Berlim e Turim para explicarem e corrigirem as novas ordenações feitas pela inspiração da côrte de Roma.

O medico portuguez não se atreve a marcar o numero de cadeiras que devia ter o collegio, nem como deveriam ser distribuidas. Limita-se a indicar as materias do collegio de Turim, como subsidio para a projectada reforma. Os titulos dos capitulos eram os seguintes:

1.° Da policia ecclesiastica, á imitação do codigo de Justiniano.

2.° Dos magistrados civis, do consulado e leis do commercio.

3.° Dos litigios e sua fórma.

4.° Dos delitos.

---

(1) Op. cit., pag. 140.

5.º Dos testamentos e varios meios de adquirir.

6.º Dos privilegios, isenções, das minas, caminhos, bosques e aguas.

«Não direi mais, acrescenta Sanches, sobre o methodo que se deve seguir para estudar a jurisprudencia neste collegio: Concedam-me que todos os que entrarem a estudal-a saibam o que devem saber quando saíssem do Collegio de Philosophia, e então estou certo que escolherão o verdadeiro methodo de estudar esta sciencia, se as obras de Grotius, Vitriarius e Heinecius não foram queimadas pelo Santo Officio, e foram presos por elle os Lentes ou os discipulos que os leram e estudaram.» ([1])

Antes de expormos a parte mais importante do projecto de Sanches, necessario se torna dizer duas palavras sobre as suas ideias relativas ao ensino das mathematicas superiores. Como vimos, no collegio philosophico queria elle que se ensinassem as mathematicas elementares. Tovia, isto não o podia satisfazer. De facto pensava em outra qualquer creação, annexa ou não á Universidade. E' o que traduzem as seguintes palavras:

> «E não proponho o curso inteiro dellas, onde se incluem o calculo sublime e as mathematicas mixtas, porque estes estudos deviam ser ensinados por dois ou três lentes, differentes dos do Collegio de Philosophia, para se applicarem a esta sciencia aquelles que quizerem fazer maiores progressos nella.» ([2])

No que Sanches se demora mais é a respeito do *collegio de medicina,* que é tambem o que mais nos interessa. Para a matricula neste collegio era indispensavel como habilitação a frequencia e exame do curso philosophico.

As disciplinas que ahi se ensinariam seriam as seguintes: Anatomia, chimica, botanica, materia medica e pharmacia, Instituições de Boerhaave, Aphorismos de Boerhaave, Historia da medicina, Pratica cirurgica e Pratica medica.

([1]) Op. cit., pag. 142.
([2]) Op. cit., pag. 21.

O corpo docente seria composto de quatro professores com obrigação de lêrem duas horas por dia. Haveria dois cursos: um de inverno, que começaria no mez de outubro, e outro de verão, que começaria em abril.

Eis a maneira como se distribuiria o tempo por estas disciplinas:

CURSO DE INVERNO

(OUTUBRO A MARÇO)

	Horas	Disciplina	Lente
Manhã	Das 7 ás 8	Pratica medica no Hospital	Lente A
	Das 8 ás 9	Pratica cirurgica no Hospital — Anatomia	Lente B
	Das 9 ás 10	Chimica	Lente C
	Das 10 ás 11	Historia da medicina	Lente D.
Tarde	Da 1 ás 2	Aphorismos de Boerhaave	Lente A
	Das 2 ás 3	Anatomia, cirurgia, Pratica	Lente B.
	Das 3 ás 4	Materia medica, chimica	Lente C

CURSO DE VERÃO

(DESDE O PRINCIPIO DE ABRIL)

	Horas	Disciplina	Lente
Manhã	Das 6 ás 7 ou das 7 ás 8	Botanica, Materia medica	Lente C
	Das 7 ás 8 ou das 8 ás 9	Pratica medica no Hospital	Lente A
	Das 8 ás 9 ou das 9 ás 10	Instituições de medicina de Boerhaave	Lente B
	Das 9 ás 10 ou das 10 ás 11	Historia da medicina	Lente D.
Tarde	Das 3 ás 4 ou das 4 ás 5	Aphorismos de Boerhaave	Lente A
	Das 4 ás 5 ou das 5 ás 6	Instituições de medicina de Boerhaave	Lente B
	Das 5 ás 6 ou das 6 ás 7	Materia medica, Pharmacia	Lente C.

O collegio de medicina seria frequentado três até cinco annos. Não tinha o curso duração forçada: pelo contrario, e á semelhança do que já vimos a respeito do curso philosophico, desde que os alumnos satisfizessem nos exames annuaes poderiam vencer em três annos o que outros não obtivessem nos cinco.

Não haveria gráus na Universidade semelhantes aos que existiam e ainda existem no nosso primeiro estabelecimento scientifico. Desde que o Conselho academico estivesse informado pelo attestado dos examinadores que o estudante era capaz, dar-lhe-ía um diploma que lhe seria entregue em publico pelo conservador da Universidade, acompanhado de uma medalha de oiro.

Sem que a parte pratica do ensino tivesse latitude, seria inutil toda a reforma que se fizesse nos estudos medicos. Sanches propõe a installação de um hospital com trinta até cincoenta camas; de um theatro anatomico e de logar para as preparações anatomicas; de um jardim botanico com algumas salas para gabinete de historia natural; de um laboratorio chimico; e finalmente de uma botica.

Estudando-se o livro de Sanches, não é possivel furtar-nos á impressão de que, se em attenção ao estado da Universidade no seu tempo representa um progresso muito notavel, se a sua reforma em alguns pontos parece revolucionaria, noutros é muito acanhada em relação á propria epocha em que foi apresentada.

Entre as medidas que se nos afiguram mais ousadas, apparece em primeiro logar a secularização do ensino. Neste ponto Sanches não admitte transacções. Clerigos e canonistas são individuos extranhos ao paiz, subditos de um paiz estrangeiro, e não comprehende que possam subordinar-se ao poder civil, ou melhor dizendo, real. Por isso, afasta do quadro das faculdades a theologia e os canones, relegados para serem ensinados em Evora ou Braga, sob a fiscalização do Estado. Pelo mesmo motivo não admitte na Universidade como alumno, e muito menos como professor ou empregado, qualquer ecclesiastico:

«Só os seculares casados são os que dependem totalmente do Poder Régio e que sómente vivem vida de cidadãos; e pelo seu exemplo podem influir no animo dos estudantes aquelle habito virtuoso da vida civil e das virtudes moraes.» ([1])

De não menor importancia é a affirmação de que o principio da auctoridade se deve pôr de parte, e que o methodo de pensar se ha-de fundar no conhecimento anterior provado pela experiencia. Sanches, ao introduzir no ensino o methodo experimental, ao aconselhar como directores do espirito Bacon, Locke e Descartes, não se preoccupa com que possam apodados de herejes e «não sem nota de atheismo.» ([2])

Dahi a recommendação de que não só os medicos mas os legistas tivessem conhecimentos de mathematica e de physica geral e experimental. Evidentemente, o que Sanches procura é dar ao raciocinio um methodo philosophico differente da metaphýsica aristotelica por tanto tempo conservada na Universidade.

E' de louvar que o medico portuguez, conhecendo o atrazo em que se achava o paiz, não queira que os estudos se reformem emquanto não voltem do estrangeiro os individuos que tenham ido fazer a sua educação em meios mais cultos. Egualmente merece applauso o conselho de mandar alguns alumnos completar no estrangeiro os seus estudos depois de concluido o curso.

Affirma a orientação pratica que quer dar ao ensino medico, promovendo a creação de um theatro anatomico, um jardim botanico, uma pharmacia, um hospital, etc., e ninguem lhe póde regatear louvores por isso.

Já nos não merece tamanha sympathia a sua obstinada affeição ao systema de Boerhaave que já começava a ser batido em brecha, até por alguns dos seus discipulos, como Haller. Mas demos de barato que as excepcionaes qualidades do mestre ainda exercessem sobre Sanches a impressão fundissima que só no fim da vida começou a desvanecer-se.

([1]) Op. cit., pag. 115.
([2]) Op. cit, pag. 3.

Como conciliar, porém, com a sua rasgada iniciativa o contentar-se com quatro professores para a faculdade de medicina? E que sympathia era a sua pela velha organização universitaria, preceituando que as mesmas cadeiras seriam frequentadas em todos os annos do curso, de modo que ou teria de haver classes separadas para cada anno, ou os alumnos ouviam a mesma doutrina em estadios differentes da sua carreira?

Não nos merece egualmente louvor, nem o merecerá porventura a alguem, a prescripção da frequencia hospitalar desde o primeiro anno do curso. Nenhum proveito se tiraria da observação dos doentes quando nenhuns conhecimentos medicos se possuiam.

O pouco que dizemos a respeito da reforma de Sanches basta para lhe pôr em relevo as vantagens e defeitos. Quando em 1772 foi reformada a Universidade, qual foi a influencia dos projectos do illustre medico?

Quanto mais se estuda a reforma universitaria, mais avulta a nossos olhos, e para que o Marquez de Pombal mereça o nome de grande estadista basta o seu papel de reformador dos estudos. Hão-de os seus actos de politico ser apreciados diversamente conforme as tendencias dos criticos; hão-de as suas ideias economicas ser julgadas com louvor ou censura pelos representantes das differentes escolas; muitos censurarão os seus processos de governo despotico e tyrannico, embora a ignorancia e incultura geral, até certo ponto para outros os auctorizassem; todos de boa fé concordarão em que a instrucção publica lhe deve serviços immorredoiros.

Circumscrevendo-nos aos estudos medicos, a reforma de Pombal é notabilissima em attenção ao tempo em que foi feita e muito mais tendo em attenção o estado vergonhoso do ensino e da pratica medica. Vimos no primeiro capitulo deste livro como Sanches pinta a Universidade no seu tempo; leiam-se em Verney as passagens que consagrou a descrever os seus vicios, que se reflectiam, como não podia deixar de ser, na pratica profissional, e nada mais é preciso para se apreciar devidamente o valor da nova organização.

Considerada, porém, em absoluto, não se podem negar defeitos á reforma, alguns dos quaes foram remediados em pouco tempo. Dois avultam principalmente: a falta de um bom methodo na distribuição das materias e o pequeno numero de cadeiras. Accumulação de disciplinas em algumas aulas e distribuição pouco methodica.

Ordem incomparavelmente mais conveniente fôra proposta pela Junta de Previdencia Litteraria no *Compendio historico.* A anatomia precedia os outros estudos porque o o conhecimento do corpo humano integro devia necessariamente preceder todos os outros. Além d'isso, um bom methodo pedagogico mandava que ao conhecimento do organismo são (anatomia e physiologia) se seguisse o do organismo doente (pathologia) e a este o estudo dos meios que temos á nossa disposição para combater as enfermidades e para as prevenir.

Em vez d'isto, os estatutos mandavam começar pela materia medica. O segundo anno era consagrado á anatomia, mas, como se elle não bastasse para formar o objecto de um curso especial, juntava-se-lhe o estudo das operações cirurgicas. Independentemente da falta de tempo, não se comprehende como o alumno havia de formar juizo sobre as indicações e contra-indicações destas operações, desconhecendo a pathologia. No terceiro anno estudava as Instituições em que se comprehendia o estudo da physiologia, principios de pathologia geral e semeiotica, hygiene e therapeutica. Comquanto nenhuma destas divisões da medicina tivesse ao tempo grande desenvolvimento, a não ser a ultima, não se poderá pôr em duvida que era uma accumulação prejudicial. Mais aggravada era ainda a situação no quarto anno, visto que os *Aphorismos* de Boerhaave se referem á pathologia interna e externa. Embora se prescrevesse que o lente se não perdesse em prelecções prolixas, cheias de erudição e de allegação de auctoridades, era impossivel ensinar materia tão vasta sem sacrificio da profundidade do saber.

Longe nos levaria o estudo da reforma de 1772, mas o nosso proposito é apenas vêr qual a parte que nella teve Ribeiro Sanches. Ora, se compararmos os alvitres apresen-

tados na sua obra e os estatutos, resalta que os defeitos destes tambem existiam no plano do illustre medico, alguns até agravados.

Se julgámos reduzido o numero de cadeiras creadas em 1772, esse numero era menor na reforma de Sanches, embora a divisão do anno em dois semestres permittisse aproveitar melhor o tempo. A distribuição das cadeiras por annos existente na reforma de Pombal era preferivel á norma aconselhada por Sanches em que se frequentavam todos os annos as mesmas cadeiras, de modo que o curso ou começava por materias diversas em cada anno ou havia necessidade de classes differentes dentro da mesma cadeira. Até aqui, portanto, nada se aproveitou do que fôra proposto pelo illustre medico e póde dizer-se que o regimen adoptado foi de maior valia.

Nas materias versadas ha muita analogia entre o projecto de Sanches e a reforma. Em ambos o facto fundamental é o estudo dos Aphorismos e das Instituições medicas de Boerhaave.

Onde, porém, se aproveitou tudo foi no que respeitava á parte pratica do curso. A creação de um jardim botanico, de um theatro anatomico, de uma pharmacia, de um hospital, etc., são alvitres de Sanches, embora nos pareça que fôra difficil que essas creações não acudissem a quem quer que puzesse hombros á empreza de reformar o ensino medico em Portugal.

Para reduzir as propostas do medico portuguez a disposições estatutarias, era necessario evidentemente collaboração estranha. Ausente do nosso paiz, difficilmente poderia harmonizar os seus alvitres com as disposições relativas ás outras faculdades. Ora Fr. Manuel do Cenaculo deixou uns apontamentos sobre as sessões da Junta de Providencia litteraria, com o titulo de *Noticias secretissimas da Junta reformadora da Universidade.*

Referindo-se á sessão de 19 de junho de 1771, diz o futuro arcebispo de Evora:

«E a... o Reitor da Universidade, Francisco de Lemos, se incumbiu coordenar e ajuntar o que pertence a Mathematica, Phi-

losophia, Theologia e Medicina; mandando o marquez ao Dr. Gualter Wade que lhe mandasse alguns apontamentos que lhe mandou; e o mesmo Reitor se tem servido muito do Dr. Sacchetti.» ([1])

. . . .

«O Reitor leu a terceira parte da Medicina, e disse que a Mathematica estava feita...»

Sobre a sessão de 8 de julho de 1772 aponta Cenaculo:

«E nella se começou a ler o que pertence á Philosophia, Medicina e Mathematica...»

Finalmente, a respeito da conferencia de 22 de julho, lê-se:

«E a este tempo já está na imprensa o que pertence á Medicina, Mathematica e Physica; e foi obra do medico Sacchetti, conferida com Ciera, Franzini, Daly, professor de grego, que é bom mathematico, e Monteiro, que foi jesuita, e já o tem preparado no conceito do Marquez para ser despachado.»

O Dr. Antonio José Teixeira, transcrevendo esta ultima passagem de Cenaculo, escreveu adeante do nome de Sachetti em parenthesis aliás Sanches: Antonio Nunes Ribeiro Sanches. ([2]) A origem desta identificação inexacta deve buscar-se em uma carta de José Monteiro da Rocha, que aliás devia servir para a combater. Com effeito, o que o illustre mathematico escreveu foi o seguinte:

«Vendo eu que a Sanches se dera uma tença de 300$000 réis pelos apontamentos que fez para o estatuto medico e *que não serviram para nada*...» ([3])

Arrastado pelo Dr. Teixeira, Theophilo Braga acceitou a violenta identificação, fez de Sachetti um pseudonymo de Sanches e vulgarizou esta inexactidão com a sua aucto-

---

([1]) Apud Theophilo Braga — *Historia da Universidade*, III, pag. 399.

([2]) Antonio José Teixeira — *Apontamentos para a biographia de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho*, no *Instituto*, XXXVII, pag. 4.

([3]) *Carta de José Monteiro da Rocha a D. Francisco de Lemos, de 19 de agosto de 1800*, no *Instituto*, XXXVI, pag. 513.

ridade. ([1]) O illustre professor, convencido de que tinha descoberto uma chave de meia volta, não encontrando o nome de Sanches no *Compendio historico* mas vendo cartas de Castro Sarmento a Sachetti, sempre que a ellas se refere substitue este nome pelo de Sanches.

Ora não ha motivo para tal attribuição. Sachetti Barbosa era um medico illustradissimo, amigo de Sanches e de Castro Sarmento. No seu livro *Considerações medicas,* a cada passo se refere á correspondencia que com elles travara. Nenhum motivo tinha a Junta de Providencia para omittir o nome de Sanches, quando o seu amigo se não arreceava de o proclamar. Se o motivo a que se attribue a omissão do nome do medico beirão é a intolerancia religiosa, lembremo'-nos de que Castro Sarmento, tantas vezes nomeado pela Junta de Providencia, era judeu e judeu praticante e que Sanches era pensionista do Estado em Paris, christão, a proclamar todos os dias a sua submissão á egreja catholica e que estamos em 1772 quando já fôra abolida a distincção entre christãos-velhos e christãos-novos, quando já tinha sido agraciado com o gráu de cavalleiro de Christo um parente de Sanches, que figurara em um auto de fé, Antonio Soares de Mendonça.

Em conclusão, o que nos parece averiguado é que Sanches foi consultado sobre a reforma da Universidade, sendo acceites alguns dos seus alvitres e outros desattendidos. Não tendo a Junta de Providencia Litteraria entre os seus membros um medico, foram chamados a collaborar com ella o Dr. Gualter Wade e principalmente Sachetti Barbosa, a quem pertence em grande parte a redacção dos estatutos relativos á medicina. Assim fica ainda notavel a parte do exilado em Paris, sem que precise attribuir-se-lhe o que de direito pertence ao medico estremocense.

Sabemos de mais a mais que Ribeiro Sanches, desgostoso por se não acceitarem todos os seus alvitres,

---

([1]) *Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra* — Lisboa, 1894, pag. XXVIII; *Historia da Universidade*, III, pag. 381.

apreciava desfavoravelmente a reforma, com mais paixão que justiça.

O desejo de levar seguidamente os trabalhos de Sanches relativos á reforma universitaria fez-nos deixar de parte uma obra sua que chronologicamente precede o *Methodo de aprender e ensinar a medicina* e que por motivos pedagogicos convinha tambem analysar antes deste livro. Queremos referir-nos ás *Cartas sobre a educação da mocidade.*

Estas cartas fôram escriptas logo que Sanches teve conhecimento do alvará de 28 de junho de 1759 que abolia as classes e collegios dos jesuitas e subordinava os novos estudos á auctoridade secular. O illustre medico manifesta o mais vivo applauso por esta medida, e louva o *grande rei* que a promulgou.

Começa por traçar a historia do ensino nas escolas ecclesiasticas até Constantino Magno, que legislou que o estado civil fôsse regido e governado pelas regras e constituições dos conventos e dos cabidos. Proclama que o vinculo do estado civil e politico é o consentimento dos povos em obedecer e servir com as suas pessoas e bens ao soberano e que, acclamado D. Affonso Henriques ou o mestre de Aviz, os portuguezes tacita ou declaradamente lhes deram juramento de fidelidade, invocando Deus como testemunha e caução de que lhes obedeceriam e os serviriam com suas pessoas e bens, comtanto que os reis os governassem e defendessem. Desde este momento, os soberanos portuguezes não conhecem outro superior além da divindade. A sociedade civil assenta sobre estes dois principios: a conservação do Estado é a sua primeira e principal lei; cada subdito é obrigado a proceder com os outros como quizera que procedessem com elle.

Entre todos os subditos deve existir egualdade civil. O soberano delega nos seus vassallos mais capazes uma parte do poder em que foi investido. As leis devem ter por fim a utilidade dos subditos e do proprio Estado. Nenhumas merecem mais attenção do que as attinentes á educação da mocidade.

Os ecclesiasticos fôram os monopolizadores do ensino

e estenderam as suas pretenções até ao ponto de constituirem uma monarchia a seu modo dentro da monarchia civil. Um dos seus meios de dominação foi a creação das universidades, onde ensinaram doutrinas offensivas da auctoridade do soberano, abuso que não deve ser consentido.

A' vista das Ordenações, mostra a somma de privilegios de que gosavam os ecclesiasticos, não distinguindo os compiladores daquelle codigo a differença entre uma monarchia fundada e conservada com a espada e a que deve ser fundada e conservada pelo trabalho e industria. Aos privilegios ecclesiasticos juntaram-se os da nobreza, deixando de existir a egualdade civil, e forcejando todos por entrarem nas classes dominadoras.

Do regimen abusivo da nobreza nasceu a escravidão. Sanches não a reprova absolutamente, mas requer que a mocidade seja educada em sentimentos de humanidade e justiça para com os escravos:

«Eu vivi muitos annos em terras adonde a escravidão dos subditos é geral, e vi e observei que nellas não se concebe ideia da humanidade. e coração mavioso, capaz de obrar acções de justiça. de ordem, com aquelle amor para a especie humana. Por esta razão não creio que se poderá estabelecer jamais educação boa nem perfeita naquelle estado, aonde a escravidão estiver introduzida ou a tempo ou sem termo» (pag. 57).

Das immunidades ecclesiasticas procedeu a intolerancia civil. Comquanto diga que não persuade nem aconselha a *liberdade de consciencia* em Portugal, evidencia que ella não tem inconvenientes nos paizes onde vigora. A experiencia mesmo demonstra: 1.° que nos reinos onde ha liberdade de consciencia, todos os dias se afastam das religiões toleradas individuos que abraçam a religião dominante; 2.° que todos os reinos onde existe a intolerancia civil cada dia perdem subditos que abjuram a religião dominante, para abraçarem outra, ou tolerada no mesmo reino ou dominante em outros.

A escravidão, causando distincções e preeminencia entre os subditos, e a intolerancia civil, estabelecendo um

muro de separação entre o seguidor da religião dominante e o perseguido, são egualmente damnosas á educação.

A educação ecclesiastica teve sua razão de ser emquanto a monarchia conquistou na guerra o solo em que se estabeleceu; mas estas circumstancias acabaram e outras muitas differentes se crearam. A' constituição gothica em que assentavam Portugal e Espanha veiu juntar-se a do trabalho e da industria que não subsiste sem artes e sciencias. Ha necessidade de desenvolver o ensino adaptado ás novas condições da monarchia.

Depois de estudar o objecto que devia ter a educação da monarchia portugueza em tempo de João III, apresenta os fundamentos em que ella tinha de actualmente assentar:

«A educação da mocidade não é mais que aquelle habito adquirido pela cultura e direcção dos mestres para obrar com facilidade e alegria acções uteis a si e ao estado em que nasceu» (pag. 68).

Sanches não se mostra partidario da diffusão da instrucção, considerando que as classes menos abastadas abandonariam os seus officios se soubessem ganhar a vida em outro meio honrado e menos trabalhoso. Por isso propõe que o ministro ou tribunal que tenha a seu cargo a inspecção da educação da mocidade ordene

«que em nenhuma aldeia, logar ou villa onde não houvessem duzentos fogos não fosse permittido a secular nem ecclesiastico ensinar por dinheiro ou de graça a lêr ou a escrever» (pag. 71).

O mestre que ensina a lêr e a escrever exerce «um cargo publico, não de tão pouca consequencia para a Republica como vulgarmente se considera». Sanches quer que o mestre-escola seja casado e passe por um exame que verse sobre a lingua latina e materna; sobre a escripta; sobre rudimentos de arithmetica e de escripturação commercial. Além deste exame de capacidade, o mestre obteria do bispo um certificado de que sabia o catecismo.

Não se esquece de pormenorizar os programmas da instrucção primaria. Quer que os alumnos sejam instrui-

dos, além de lêr e escrever, *sobre os principios da vida civil* e na *arte de ter livros de conta e razão.*

Manifesta-se pouco favoravel ao grande numero de escolas de latim, particularmente gratuitas; quando muito fôssem conservadas nos seminarios, para serem frequentadas exclusivamente por quem se destinasse ao estado ecclesiastico.

O ensino da rhetorica e das humanidades devia ser reservado a mestres casados. De toda a vantagem era a constituição de collegios ou pensões, sobretudo para os alumnos das colonias.

Como preparatorios para a frequencia das faculdades de medicina e direito, unicas que ficariam subsistindo na Universidade, advoga a organização de dois collegios em harmonia com o que já vimos. Um outro collegio seria destinado ás coisas que pertencem á religião e ao seu exercicio, mas independente da Universidade.

As ultimas paginas destinam-se ao estudo da educação da nobreza. Sanches propõe a organização de uma escola militar, onde os alumnos entrariam dos oito aos nove annos, e onde se entregariam a exercicios para fortificar o corpo e tornal-o agil e endurecido ao trabalho e á fadiga que requer a guerra, e estudariam o manejo das armas, as evoluções e a tactica; as linguas castelhana, franceza e ingleza; as mathematicas elementares; a geographia e a historia; a fortificação e architectura militar, naval e civil; a hydrographia e a nautica; a philosophia moral; o direito das gentes; os principios de direito civil, politico e patrio.

Neste instituto não vê Sanches apenas a instrucção recebida. Mais até avultam aos seus olhos as vantagens educativas:

«Esta disciplina militar, esta ordem, e saber repartir o seu tempo, se espalharia por todas as tropas, e por toda a armada, porque já dissemos que todos os subalternos imitam os vicios, ou as virtudes, o trato e o modo de viver dos superiores. Que Escolas temos no Reino onde a Fidalguia na primeira edade possa aprender a *moderar* as suas paixões? a ser constante nas adversidades e nos perigos? Feliz seria a Côrte que constasse dos que foram assim

educados! As Leis teriam vigor, porque os subditos as executariam; e estando autorizados, ou as observariam, conhecendo interiormente terem superior e que são nascidos subditos. Em que Escola se aprende hoje no Reino a amar a sua Patria? não consiste este amor perder a vida por ella, atacando um corsario, ou subindo por uma brecha; a gloria que redunda destas acções, recompensa bem o perigo: este amor consiste em ser-lhe util e em augmentar por todos os meios a sua conservação, e a sua grandeza: ama a sua Patria o Senhor de terras, que as faz ferteis, que multiplica por casamentos as aldeias, contribuindo com o seu e com as suas terras a sustentar estes subditos e os que hão de vir desta união: ama a sua Patria aquelle que podendo comprar um vestido de panno de Inglaterra o mande fazer de Covilhã; estes são os Patriotas e aquelles que conhecem no que consiste a sua conservação, e a sua ruina. Sómente na Escola proposta se poderão adquirir estes conhecimentos, e adquirir estes habitos virtuosos.» (¹)

Sanches agita nestas cartas um certo numero de problemas, alguns dos quaes já foram resolvidos em sentido differente dos seus alvitres, sendo outros ainda objecto de discussão. Por esse lado, o seu livro já tem interesse evidente.

A secularização do ensino é uma das ideias que mais vigorosamente proclama. A affirmação de que o fim da instrucção deve ser a utilidade do Estado é outro principio que no seu tempo devia parecer subversivo. A ideia de um contracto entre os povos e o soberano como base da organização politica, em detrimento do direito divino da auctoridade, devia causar surpreza em uma monarchia absoluta, tão fortemente embebida do espirito religioso. A noção de que as instituições politicas têm de adaptar-se ao gráu de desenvolvimento de um povo não póde deixar de fazer impressão. Esta affirmação explicará algumas contradicções apparentes e a timidez com que resolve algumas das questões propostas. Assim, o que nos diz da liberdade de consciencia, pela qual mostra sympathia, não lhe encontrando inconvenientes nos povos que a adoptaram mas que não aconselha em Portugal, é uma consequencia de que julgava o paiz pouco preparado para recebel-a. As restricções que oppõe ao desenvolvimento da instrucção, quando a utili-

(¹) Op. cit., pag. 128 e 129.

dade publica como seu fim o deveriam levar a conclusões contrarias, não tem outro fundamento.

As *Cartas sobre a educação da mocidade* representam portanto para o tempo em que foram escriptas um valioso serviço. Ao que escreveu sobre a educação da nobreza se deve a creação do Real Collegio dos Nobres. Ahi mesmo se mostrou quanto as suas reformas adeantavam ao tempo; a nova instituição nunca se robusteceu. Arrastou-se até que o governo liberal a supprimiu por ser uma instituição privilegiada.

Se entendemos não dever apreciar os seus trabalhos relativos á instrucção na Russia, não só porque os manuscriptos que nos restam são uma pequena parte dos que escreveu mas principalmente porque não conhecemos sufficientemente a historia e desenvolvimento deste paiz, ficaria incompleta a apreciação dos trabalhos medicos de Sanches se não dissessemos alguma coisa do pratico.

Os manuscriptos de Sanches contêm grande numero de observações clinicas, algumas proprias, mas a maior parte devidas a outros auctores. Meros apontamentos, notas curtas que não foram destinadas á publicidade, nem mesmo a qualquer trabalho regular, a sua apreciação não se póde dizer que assenta sobre base sufficiente. A maior parte pertence ainda aos primeiros tempos da sua carreira de medico, o que ainda agrava a difficuldade.

Todavia, o que avulta ao lêr essas observações é que Sanches, guiando-se na pratica pelos principios theoricos do seu grande mestre, teve sempre em vista afastar-se das rotas commodas e batidas para fazer sciencia nova.

Se a sua semeiotica é ainda muito insufficiente, vêmos que sempre que póde procurou na autopsia as lesões correspondentes aos symptomas observados e assim notou grande numero de alterações não descriptas que foram a base da sua concepção da syphilis chronica, ou melhor das determinações visceraes da syphilis e da heredo-syphilis. Como, porém, todos os innovadores, o medico portuguez deixou-se levar pelo enthusiasmo e attribuiu áquelle vicio constitucional estados que uma observação mais demorada mostrou que lhe não pertenciam. Chegou mesmo a aventar

que as doenças agudas são influenciadas por elle, creando um verdadeiro pan-syphilismo que teve de ser reduzido.

O mesmo enthusiasmo scientifico se nota na sua therapeutica. Estamos longe da epocha em que a sangria era um remedio universal: Sanches emprega a quina, o opio, os purgantes, os diureticos. Mas procura enriquecer o arsenal therapeutico e é a elle que pertence a divulgação do sublimado corrosivo, antes de Van Swieten o generalizar. Outros medicamentos de maior ou menor valor, a calumba, a tintura de cantharidas, etc., foram vulgarizados por elle. Dá uma grande importancia aos meios hygienicos para evitar e combater doenças.

Melhor do que nós poderiamos fazel-o, o apreciou Vicq d'Azyr: «Na pratica... afastava-se constantemente das sendas trilhadas pela rotina. Pertencia ao pequeno numero de homens que só comsigo tomam conselho antes de procederem; por isso não ha obra alguma de sua auctoria que não encerre ideias originaes e novas que tendem ao adeantamento dos nossos conhecimentos, fazendo-nos sahir do circulo dos nossos habitos.»

CAPITULO XIII

Opiniões religiosas, politicas e economicas de Ribeiro Sanches.

Vamos concluir o nosso trabalho, apresentando em rapido escorço as opiniões religiosas, politicas e economicas de Sanches. A exposição será feita de um modo um pouco differente do adoptado até aqui. Não apreciaremos cada um dos seus manuscriptos como fizemos a respeito das suas obras impressas; extrahiremos dos seus livros o que julgarmos mais proprio a dar noção exacta das suas ideias.

Tal como Sanches nos apparece em grande parte das suas obras, era sinceramente christão, apesar da sua origem judaica. Em carta escripta em 18 de janeiro de 1733 de Moscou, dizia elle a Sampaio Valladares:

«Declaro e affirmo do modo mais expressivo e valioso que sou christão catholico romano e que creio tudo aquillo que crê e ensina a Santa Egreja Catholica romana, em cuja fé e religião verdadeira prometto de morrer e viver.» [1]

No seu testamento volta a fazer terminantemente a mesma affirmação:

«Je recommande mon âme à Dieu tout puissant, le suppliant de me faire mourir dans les dispositions de son amour et union avec les dons de sa divine grâce et foi en tout ce que croit l'Eglise Catholique.»

---

[1] A carta existe na Bibliotheca de Evora.

Esta crença religiosa tivera um momento de desfallecimento e abandono. Como diz em outra carta ao mesmo Sampaio Valladares ([1]) datada de 15 de julho de 1735, logo que regressou ao reino em 1724 começou a afeiçoar-se ás crenças judaicas e apossou-se delle um ardente desejo de se submetter á circumcisão, o que realizou em Londres. Cedo, porém, voltava ás suas primeiras convicções religiosas, e se não abandonou logo o judaismo foi para se não vêr privado dos auxilios que recebia dos judeus portuguezes residentes em Inglaterra. Quando estudou em Leyde, se não frequentava os templos catholicos, e nomeadamente a capella de D. Luiz da Cunha, o embaixador portuguez sabia que o medico beirão volvera ao christianismo.

Assim penetrou na Russia, e ao escrever, antes de 1735, a sua memoria sobre a *Origem da denominação de christão velho e christão novo no reino de Portugal,* affirma que o move um sincero zelo pelo augmento da religião catholica e pela utilidade de Portugal. Promovendo que desappareça a odiosa distincção, leva em vista extinguir a *cegueira judaica* e evitar que todos os dias emigrem cidadãos uteis que para o estrangeiro levavam não só riquezas, mas principalmente conhecimentos que faziam falta ao seu paiz. Mostra que o commercio das sedas em Traz-os-Montes e das lãs na Beira e no Alemtejo ficou por tal motivo destruido e que a agricultura não escapou á ruina.

A Inquisição, que tanto perseguira a sua familia e que tanto medo lhe incutira que o levara a emigrar, não se lhe afigurava justificar fundada aversão. Os estylos do tribunal tornavam-n'o improficuo, visto que os judeus, se os conheciam, facilmente escapavam ás suas condemnações ou quando muito soffriam penas leves; ao passo que sinceros christãos, desconhecedores dos processos da instrucção, eram considerados impenitentes, negativos, pertinazes e portanto frequentemente queimados.

([1]) Existe na mesma Bibliotheca.

Não propõe, todavia, a extincção do Santo Officio; pelo contrario entende que se deve conservar «o intuito com que foi fundado este santo tribunal... para conservar a fé na sua pureza sem mistura doutras religiões ou seitas». Sabe que muitos que estiveram presos deveram a vida á misericordia e piedade dos inquisidores, e na carta a Sampaio Valladares diz que os elementos para a sua memoria os deveu a seu tio Diogo Nunes Ribeiro e a uns tantos judeus refugiados em Londres!

O regimen que o medico portuguez propõe é o seguinte: Deveriam abolir-se as inquirições de sangue, substituindo-as por uma informação sobre a vida e costumes. Não seria preso ninguem pelo Santo Officio, sem que antes se procedesse a estas averiguações. Não se consentiriam aos individuos que se apresentassem no tribunal da fé quaesquer denuncias, mas unicamente a confissão dos seus erros. Os penitenciados seriam encarcerados e depois desterrados para as provincias ultramarinas. Os seus bens não seriam confiscados, mas passariam para os seus immediatos successores. Não mais haveria autos de fé nem se divulgariam as listas dos condemnados.

Com o tempo, as suas opiniões religiosas vieram a modificar-se. Duvidamos da sua orthodoxia, mas não da sua affeição ao christianismo. Ao tribunal do Santo Officio foi-se desenvolvendo com o tempo entranhada aversão.

Quando, em 1760, publicava as suas *Cartas sobre a educação da mocidade,* Sanches escrevia as seguintes palavras em que a sua fé se evidenciava:

«O fundamento da religião christã é aquella caridade, aquelle amor do proximo que obriga por preceito divino não só a perdoar as offensas, mas ainda soccorrer e fazer bem a quem offendeu. E' certissimo que a Egreja fundada por Christo e os seus Apostolos tem jurisdicção sobre as consciencias, sobre todas as acções mentaes, do mesmo modo que a jurisdicção civil tem todo o poder sobre as acções exteriores humanas. Esta sagrada jurisdicção deu Christo aos seus Apostolos, dizendo-lhes: Andai e ensinai todas as Nações e tambem as baptizareis em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei. Vê-se claramente que toda a jurisdicção que Christo deu á sua Egreja, se reduz a ensinar os preceitos do seu Evangelho, e a administrar os sacra-

mentos, incluindo-se todos na base delles que é o baptismo. Mas esta jurisdicção toda se reduz nos bens espirituaes, á graça, á santificação das almas e á vida eterna; porque Christo declarou elle mesmo que o seu Imperio não era deste mundo, nem sobre as acções exteriores dos homens. Recusou ser arbitro entre dois Irmãos que queriam repartir a sua herança, dizendo: E quem me auctorizou a mim para vos julgar. Deu tambem auctoridade aos Apostolos de absolver os peccados e de negar a absolvição aos peccadores impenitentes.» (¹)

Todavia, Sanches não admittia que a Egreja quizesse estender o seu dominio ao estado civil e politico, quebrando o pacto social entre ella e o soberano. Para evitar que este abuso continuasse, urgia que a Universidade fôsse reformada e que fôssem relegados para Evora e Braga a theologia e o direito canonico, ao passo que nella se ensinasse *por auctoridade real* a physica, a historia natural, as mathematicas, a astronomia, a philosophia moral, o direito das gentes e o direito patrio.

Esta ideia da supremacia do poder real é manifestada em todas as suas obras, mesmo naquellas que menos se prestavam apparentemente ao seu desenvolvimento. Reapparece no *Methodo de estudar e aprender a medicina,* onde proclama a conveniencia de vedar aos ecclesiasticos a frequencia da Universidade e por maioria de razão o ensinarem ou exercerem algum cargo administrativo dentro della. (²)

Afigura-se-nos que Sanches trouxera da Russia uma affeição decidida a uma organização do Estado em que o soberano fôsse o chefe da administração civil e religiosa.

A influencia do pontifice no governo de um paiz irritava-o, e na propria Russia desejava que os clerigos não aprendessem o latim, arreceando-se de que um dia a egreja russa viesse a submetter-se á soberania do papa. (³)

E' muito interessante, para aquelles que fôrem levados a considerar Sanches um livre pensador, lêr o que elle escreve a respeito dos livros de Voltaire e Rousseau e

(¹) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 19.

(²) *Methodo de aprender e estudar a medicina*, pag. 115.

(³) *Sur la culture des sciences et des beaux arts dans l'empire de Russie* (1765). Mss. da Collecção Barca Oliveira.

«de um milhar de brochuras que procuram destruir a religião». Pensa que todo o reino ou republica tem necessidade de uma crença. Estamos, porém, um pouco longe da fidelidade á egreja catholica que proclamava em 1735. Vinte annos depois

«a santa religião... é a crença em Deus auctor de todo o bem e de todas as verdades reveladas para o bem dos homens em sociedade. Um estado não póde subsistir sem religião, nem sem a santidade do juramento. Deus collocou na alma humana o desejo da sua conservação e o poder de produzir um semelhante a si. A religião revelada é um bem de uma ordem superior: é tornar o homem mais feliz e mais contente em si mesmo pela esperança e para communicar, auxiliar e amar os seus semelhantes.

Religião material e religião revelada não devem dirigir-se a destruir o nosso corpo nem a impedir os nossos deveres que tendem á nossa conservação. Se ellas servissem para nos destruir ou atormentar não poderiam provir de Deus, auctor de todo o bem. Jejuns prolongados, orações durante longas horas, porque prejudicam o corpo, devem proscrever-se. As superstições e excessos fanaticos tiveram por origem os claustros do Oriente.» ([1])

Se eram estas as ideias fundamentaes em materia de religião, outros pontos ainda importa pôr em relevo.

Já dissémos de que modo pensava em relação ao Tribunal da fé. Com o tempo a aversão ao odioso tribunal foi augmentando em vez de se attenuar com a distancia e os annos. Falando das inquirições de sangue, dizia elle irritado no *Methodo de aprender e estudar a medicina*, a proposito das matriculas da Universidade:

«Mas no caso que o Senado Academico o despachasse a examinar-se, e a matricular-se, a attestação deste exame e desta matricula lhe serviriam por toda a vida em logar das inquirições de sangue limpo, que tão necessarios são hoje em Portugal até para ser official de prateiro, e mestre de lêr e escrever: dispendendo o reino cada anno pelo menos 60 contos de reis em tirar inquirições, que ficam no poder dos Ecclesiasticos.

Fechava-se a porta deste modo aos Christãos novos e aos Mes-

([1]) *Education d'um seigneur russe* (1766). Mss. da mesma collecção.

tiços para não serem Medicos, nem Letrados; adquiriria o reino mais officiaes mechanicos, ou os perderia de uma vez e ficaria deste modo limpo de sangue e de muita gente.» ([1])

Poucos annos depois, a 18 de dezembro de 1766, manifestava a opinião de que a Inquisição devia suspender-se totalmente, voltando os bispos a julgar os casos de heresia, mas sem meirinhos nem prisões. Quando fôsse relaxado algum individuo suspeito deste crime, seria de novo processado pelos magistrados civis, conformemente ás leis do reino. ([2])

Por ultimo, em uma carta ao P.e Theodoro de Almeida, a 18 de janeiro de 1777, escrevia:

«Que casta de gente se prende pela Inquisição de Castella? São Deistas, Atheistas, Judeus, Mouros, Calvinistas, ou Feyticeyros e aqui estas prizoens fazem estrondo e pasmo.» ([3])

Esta aversão ao Santo Officio que directamente colhemos nas suas obras é affirmada egualmente pelos seus biographos. Diz Andry que bastava que deante delle se falasse na Inquisição para que se exaltasse. Testemunha das desventuras e até dos supplicios que o tribunal fizera soffrer a alguns dos seus amigos e parentes, apesar da regularidade do seu procedimento e da pureza da sua fé, guardara-lhe uma recordação inapagavel e um resentimento eterno. Vicq d'Azyr traduz a mesma ideia por outras palavras.

Se o illustre medico se insurgia contra as pretenções da Egreja a influir no governo civil, se desejava que de todo se extinguisse a Inquisição, não tinha mais sympathias pelo clero regular e desejava que os seus privilegios fôssem reduzidos.

([1]) Op. cit., pag. 147.

([2]) *Sobre a inhibição de se tomarem graus na faculdade de Canones em Coimbra.* Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([3]) Ricardo Jorge — *Cartas de Ribeiro Sanches* -- *Separata da «Medicina Contemporanea»* — Lisboa, Typ. Adolpho de Mendonça, 1901 -- pag. 19

Sobre os jesuitas, manifestava a sua satisfacção por lhes ter sido arrancado o ensino da mocidade:

«Deus seja louvado que me chegou ainda a tempo que os PP. da Companhia de Jesus não são já Confessores nem Mestres; porque se conservassem ainda aquella acquisição tão antiga nenhuma das verdades que se lerão neste papel poderiam ser caracterizadas com outro titulo que de heresias.» ([1])

Sobre as outras congregações religiosas, Ribeiro Sanches manifesta as suas ideias em 1769. Trata-se da Russia, e elle mostra qual a situação ao tempo de Pedro o Grande. Ahi as rendas dos bispos e da Ordem de S. Basilio consistiam em aldeias e terras. A's vezes um bispo, um arcebispo, um prior de um convento, era senhor de 10:000 escravos casados, cada um dos quaes chegava a pagar 1$200 réis por anno. Alguns destes conventos não tinham mais de 6 a 8 frades. Ao passo que isto succedia, os curas tiravam o sustento dos freguezes, e, como estes eram pobres, nos templos faltavam os ornamentos e vasos sagradas, as egrejas caíam em ruinas e se um incendio as destruia não eram reconstruidas.

Pedro o Grande instituiu um tribunal especial para administrar os bens ecclesiasticos, tirando do superfluo dos prelados e communidades recursos para levantar egrejas, ampliar villas e aldeias, subsidiar o clero secular onde o estipendio era insufficiente, regular os vencimentos dos bispos e dos frades, sustentar os filhos dos soldados invalidos, e, havendo sobras, abrir vias de communicação, canaes e outras obras publicas.

Derivando da Russia para os paizes catholicos, bem comprehendia a difficuldade de se imitarem as «heroicas» resoluções de Pedro o Grande, mas lembrava-se de que em muitos delles os privilegios ecclesiasticos tinham sido reduzidos. O clero regular vivia convencido de que os bens de que gosava eram de senhorio absoluto da côrte

([1]) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 18.

de Roma e o rei devia fazer-lhe sentir que elles pertencem ao estado civil. ([1])

Em outra parte, Sanches achava prodigioso o numero dos que estavam *empregados no estado ecclesiastico*, secular e regular, muito superior ás necessidades do culto. ([2]) Louvava a rainha da Hungria porque em Praga reduziu todos os conventos de frades a um só e ordenou que todas as freiras trabalhassem em fazer as camisas dos seus soldados. Desejaria que em Portugal fôssem limitados tambem os conventos, cujo numero calculava em 626. Os cem ou duzentos que fôssem supprimidos «sem offender a Deus» podiam servir para casernas, para prisões, para fabricas. ([3])

A sua aversão aos regulares chegava ás vezes a exprimir-se duma fórma pueril. E' do seu *Peculio de varias receitas* o conselho que dá a um cirurgião, cuja educação dirigiu de Paris, de não mandar aviar qualquer receita a qualquer botica dirigida por frades:

> «Os frades não são portuguezes: são filhos da sua ordem e a ordem é filha do seu geral que vive em Roma.» ([4])

Não eram apenas os privilegios de que gosavam as ordens religiosas que lhe repugnavam. A propria vida monastica lhe desagradava por conduzir á ociosidade. Pouco tempo depois de chegado á Russia e louvando os habitos de trabalho e economia de Pedro o Grande, attribuia-lhe o pensamento, com que estava de accôrdo, de que «rarissimas vezes se achava um contemplativo que não fôsse ocioso» e isso não podia consentil-o o imperador que dizia: «Eu sou pae e trabalho, que hão-de fazer meus filhos?»

([1]) *Meios que Pedro Primeiro, imperador da Russia, tomou para regrar os ecclesiasticos do seu imperio e estabelecer a sua subsistencia* (1769). Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([2]) *Algumas causas da perda da agricultura de Portugal depois do anno 1640* (1777) — Mss. da mesma Collecção.

([3]) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P**** (12 de agosto de 1777) — Mss. da mesma Collecção.

([4]) *Peculio de varias receitas* — Mss. da Bibliotheca Nacional.

Como na religião grega havia muitos mosteiros e conventos, Pedro o Grande prohibiu as profissões religiosas antes dos 50 annos, menos para evitar votos precipitados ou forçados do que para subtrahir individuos validos ao trabalho. [1] Sanches commungava das mesmas ideias, embora as modificasse em relação ao nosso paiz, procurando conseguir o mesmo fim por outros meios. Ninguem deveria abraçar o estado ecclesiastico sem ter estudado a theologia moral; ninguem entraria em um convento sem estar emancipado. [2]

O que fica escripto bastará para ajuizar das suas opiniões religiosas. Vejamos agora as suas opiniões politicas.

Julgava Sanches Portugal um reino immensamente atrazado, cheio de vicios de difficil correcção. Um dos seus manuscriptos tem por titulo *Difficuldades que tem um reino velho para emendar-se.* [3] Ahi chama ao nosso paiz um reino *cadaveroso*. Apesar disto não desespera de o salvar da ruina.

No vertice da sua organização politica está o rei. Sanches vê-o com applauso reivindicar o *jus* da majestade:

> «Só este grande rei conheceu que como a alma governa os movimentos de todo o corpo para conserval-o; assim elle, como alma e intelligencia superior do seu estado, era obrigado (a) promover a sua conservação e o seu augmento por aquelles meios que concebeu mais adequados.» [4]

Todavia, se para o rei deseja uma auctoridade absoluta, sem que deixe perder uma parcella do seu poder sobretudo em proveito da Egreja, Sanches não vê com bons olhos que esse poder se converta em tyrannia e oppressão. A respeito da Russia diz elle que por dois meios se podem governar os Estados: por simples decretos, me-

---

[1] Carta a Sampaio Valladares, de S. Petersburgo, a 15 de julho de 1735.

[2] *Pensamentos sobre o commercio de Portugal* — Mss. da Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris.

[3] Collecção Barca-Oliveira.

[4] *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 4.

didas de occasião e circumstancia, ou por meio de leis fixas que assegurem a liberdade e a propriedade. Mas *na altura da civilização a que chegou* não duvida de que a imperatriz seguirá antes por este ultimo caminho. ([1]) Os mesmos principios devem regular o exercicio do poder real no nosso paiz.

Já vimos que o illustre medico restringe muito as prerogativas ecclesiasticas e a propria auctoridade do papa como offensiva do poder real. Em relação á nobreza não lhe consente tambem usurpações.

Traça um quadro vigoroso da educação da nobreza e das suas nocivas consequencias:

«Chegavam á edade da adolescencia com o animo depravado: sem humanidade, porque não conheciam egual; sem subordinação, porque eram educados por escravas e escravos; ficava aquelle animo possuido da soberba, vangloria, sem conhecimento da vida civil, nem com a minima ideia do bem commum: assim degenerou aquella educação do Paço no qual pelo menos aprendiam a obedecer na mais insolente tyrannia de todos aquelles com quem tratavam.» ([2])

Apesar disto, não se encontram as mesmas ideias restrictivas a respeito da nobreza que sustenta ácerca do clero.

A razão deve estar em que as outras classes sociaes, burguezia e povo, não tinham ainda bastante solidez e consistencia para que sobre ellas pudésse estear-se qualquer governo.

Sanches não deixa de aconselhar a reducção de alguns privilegios da nobreza e não duvida mesmo em promover a coarctação do seu direito de propriedade, visto como, convencido de que o primeiro dever do Estado é velar pela sua conservação, quer que para o desenvolvimento do credito agricola e industrial o soberano vá bus-

---

([1]) *Sur la culture des sciences et des beaux-arts dans l'empire de Russie* (1765). Collecção Barca-Oliveira.

([2]) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 107.

car dinheiro ás mãos dos que o têm, ou seja fidalgo, ou ecclesiastico ou cidadão. ([1])

Na Ilha da Madeira via estabelecidas muitas familias nobres gosando morgadios e de posse de toda a ilha «que parece um dominio separado de Portugal». Queria chamal-os a collaborar na vida social, promovendo a sua transplantação para o reino, e o mesmo desejaria que se applicasse á India e á America. ([2])

Todavia, pensava, em relação á Russia, que as sciencias civis ou sciencias de governo só deviam ser cultivadas pelos nobres, destinados a servirem o Estado durante a guerra no exercito e durante a paz na magistratura. ([3]) Em Portugal tambem para elles reservava as altas patentes do exercito e da armada e os cargos elevados da administração do Estado. Por isso mesmo reclamava para elles uma solida instrucção. A arte da guerra transformara-se. Antes do uso da polvora e da fortificação das praças pelas leis da geometria e trigonometria, apenas precisava um general para vencer de animo ousado e valentia:

> «A arte da guerra hoje é uma sciencia fundada em principios que se aprendem e devem aprender... O verdadeiro guerreiro é hoje um mixto de homem de letras e de soldado. Deste modo adquiriu nos nossos tempos immortal fama o Marechal de Saxe, e por este caminho vae com igual gloria el Rey da Prussia.» ([4])

O mesmo pensava a respeito da educação civil. Ía buscar exemplos á antiguidade romana, mas modernamente encontrava na Dinamarca norma a seguir. Ahi em cada tribunal assistia um certo numero de moços nobres para aprenderem pela pratica as leis patrias e o que era a vida social:

([1]) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P**** — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([2]) *Considerações sobre o governo do Brasil desde o seu estabelecimento até o presente tempo* — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([3]) *Sur la culture des sciences et des beaux arts dans l'empire de Russie* — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([4]) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 108.

«O maior proveito que retiraria o Estado desta Educação seria que pensasse e que reflectisse maduramente, e que não passasse a vida naquella variedade e encadeamento de divertimentos, caças, jogos, dansas, bailes e outros semelhantes. Nenhuma cousa poderia fixar a volatilidade daquella edade, do que destinal-a logo que estivesse instruida a assistir nos Tribunaes como ouvintes, e de responderem por escripto ou de palavra, quando fossem perguntados pelos Magistrados: além de que lhes não ficaria tanto tempo para empregar naquella vida aerea; se costumariam a pensar e a réflectir que é a maior difficuldade que se encontra naquella edade, e o maior bem que se pode alcançar na sua educação.» (¹)

Em um dos seus manuscriptos affirma que o maior flagello de um imperio e a sua maior ruina é a ignorancia e a preguiça da nobreza, e que por todos os meios possiveis se devem procurar destruir estas duas pestes do Estado. (²) Esta affirmação envolve a confissão da importancia que concede á aristocracia na organização social.

Pouco se occupa Sanches da burguezia, mas querendo assentar a prosperidade do Estado no commercio, na industria e na agricultura, implicitamente reconhece o papel preponderante que lhe estava reservado em um futuro aliás muito proximo.

Finalmente, que é o povo para o illustre medico? muito pouco. Por uma contradicção notavel em quem vê no trabalho e na industria a base do estado civil, para os trabalhadores nada pretende a não ser communicações faceis para promover a circulação dos productos. O trabalho é um acto virtuoso,

«evita o vicio: vicio o maior contra a religião e contra o estado: e S. Bento achou o trabalho de mãos de tanta virtude que o poz por regra de sete horas por dia. Isto é o que basta para a boa educação da mocidade plebeia.» (³)

Sanches leva o seu desinteresse pelo povo tão longe que de modo algum lhe quer facilitar a instrucção, elle que da instrucção tudo fia:

(¹) Op. cit., pag. 111.

(²) *Sur la culture des sciences et des beaux arts dans l'empire de Russie.*

(³) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 71.

«Além disso, o povo não faz boas nem más acções, que por costume e por imitação, e rarissimas vezes se move por systema, nem por reflexão: será cortez ou grosseiro, sisudo ou ralhador, pacifico ou insultador, conforme fôr tratado, pelo seu Cura, pelo seu Juiz, pelo Escudeiro ou Lavrador honrado. O povo imita as acções dos seus maiores; a gente das villas imita o trato das cidades á roda; as cidades o trato da capital, e a capital da côrte; deste modo que a mocidade plebeia tenha ou não tenha mestre, os costumes que tiver serão sempre a imitação dos que virem nos seus maiores e não do ensino que tiveram nas escolas. Todo o ponto é que as leis do Estado estejam de tal modo decretadas que não falte á mais infima classe dos subditos o trabalho e que dispenda nisto o que dispende nos Hospitaes geraes e nas Confrarias.» ([1])

Ainda abaixo do trabalhador livre havia em Portugal escravos. Para esses vae toda a sympathia de Sanches e não o movem apenas razões de humanidade, impulsa-o a consideração capital da utilidade do Estado:

«Não creio que até agora ninguem cuidou ponderar os males que causa ao Estado, á Religião e á Educação da mocidade.

«A escravidão sem termo, como é a que se passa em Portugal, é perniciosa ao Estado. Porque não recupera pelos escravos os subditos que perde na conquista, na navegação e nos estabelecimentos que tem em Africa. Já disse qué os romanos permittiam aos escravos casarem-se, mesmo ainda com as mulheres romanas, e que os seus netos vinham a ser cidadoens (sic) e deste modo cada anno recuperava a Republica pela escravidão o que perdia pela conquista. Portugal não tem senão a perda dos subditos por estas victorias e acquisições.

«Eu não posso conceber como os Ecclesiasticos não têm remorso de consciencia em permitirem que fique escravo o menino que nasceu de pae ou mãe escrava, no meio do reino e da religião catholica. Que o adulto que foi captivo, ou comprado na Africa, ou na Ilha de S. Lourenço, fique escravo depois que foi baptizado, passe por razões politicas, e não por aquellas do Evangelho; mas que o mesmo se use com seu filho nascido nos dominios portuguezes e baptizado nos braços da mãe christã, isto é para mim incomprehensivel! Aqui só são incoherentes as maximas ecclesiasticas: ellas governaram a republica christã e civil em todo o dominio da monarchia como vimos: mas pela religião christã todos os fieis são eguaes emquanto observem os mandamentos da Egreja; porque consentem os ecclesiasticos esta desegualdade de escravo e homem livre entre os mesmos christãos? porque não entendem fóra da Egreja esta

([1]) Op. cit., pag. 72.

egualdade, e fazem entrar os escravos christãos na classe de subdito livre e cidadão? Esta contradicção é notoria; e indigna de conservar-se na christandade, pela honra, pela santidade e pela veneração que devemos ter para a religião christã.» (1)

Esboçamos as ideias politicas de Sanches; com a mesma rapidez passamos ás suas ideias economicas.

A mais solida base de um Estado é, para o medico illustre, a multidão dos subditos, e o seu augmento; desta origem resultam as suas forças, poder, grandeza e majestade. (2)

Em Portugal havia população insufficiente. As causas deste phenomeno eram o grande numero de plebeus que abraçavam o estado ecclesiastico e a emigração dos homens validos para as colonias, ou melhor para o Brasil. (3)

Themistocles disse que de uma pequena povoação podia fazer uma grande e de uma maior formar e estabelecer um Estado. Nenhuns outros meios ha para o conseguir que não sejam o trabalho e a industria dos habitantes. Nesta ultima comprehende a industria agricola que reclamava protecção em paiz tão atrazado como o nosso.

Bem provava este atrazo o estado do commercio de Portugal que a muito pouco se reduzia. O erario cobrava os quintos do oiro e diamantes e os rendimentos da alfandega. A exportação reduzia-se a laranjas e limões, algumas pipas de vinho e aguardente, pau do Brasil, oleo de copaiba e ipecacuanha. (4) O valor das mercadorias exportadas andaria por dois milhões e o das importadas por dez a doze. Dahi resultava uma sangria constante de oiro que não havia meio de sustar emquanto se não adoptas-

---

(1) Op. cit., pag. 56 e 57.

(2) Prologo do *Tratado da conservação da saude dos povos*, pag. x.

(3) *Pensamentos sobre o commercio de Portugal* — Mss. da Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris.

(4) *Pensamentos sobre o commercio de Portugal* — Mss. da Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris. — Carta a Sampaio Valladares de 15 de julho de 1735.

sem medidas que desenvolvessem e valorizassem os recursos do paiz. ([1])

Tudo nos faltava, na imprevidencia e preguiça em que viviamos. Tinhamos lan e seda, mas íamos comprar a estranhos os productos manufacturados; tinhamos linho e íamos buscar fóra hollanda e papel; tinhamos o pau brasil e compravamos cadeiras, mesas e bufetes fabricados por mãos estranhas; tinhamos coiro e sola e era do estrangeiro que vinham o calçado, as luvas e objectos analogos. De fóra vinham os mastros e cordas para os nossos navios; o breu e o pez para os calafetar; o correame para o exercito, o aço e os metaes uteis, o armamento das tropas; finalmente, tinhamos terras para semear e iamos buscar o pão á Sicilia e á Inglaterra. ([2])

Para favorecer a agricultura cumpria não permittir a importação de cereaes sem reserva nem precauções. ([3]) Já o dissera nas *Cartas sobre a educação da mocidade:*

«Emquanto se permitir entrem trigos de fóra do reino por mar e terra sem pagar direito algum, ou sem fazer celleiros desses grãos para se venderem sómente na falta do trigo nacional; prohibindo a todo o estrangeiro de vender o seu trigo mais do que ao director do celleiro daquelle porto, sempre haveria miseria no lavrador, e não terá dinheiro nem para educar seus filhos, nem augmentar a sua lavoura.» ([4]).

Critíca algumas disposições das nossas Ordenações que na pratica resultavam em detrimento da agricultura dos cereaes:

«No livro quinto das Ordenações tit. 76 e 77 se lêem leis contrarias ao augmento da agricultura e á circulação que deve continuar no estado civil: alli se defende que pessoa alguma compre trigo, farinha, centeio, cevada nem milho para tornar a vender... Que ninguem atravesse o pão que de fóra do reino vier e que só quem o trouxer o possa vender: que todos os que trouxerem pão de

([1]) Mesma carta.

([2]) Mesma carta.

([3]) *Algumas causas da perda da agricultura de Portugal depois do anno 1640* — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([4]) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 92.

Castella o possam vender livremente onde quizerem; o mesmo se determina alli com vinho e azeite para revender. Pela pratica constante e contraria totalmente a estas leis, que tem hoje Inglaterra e França, se vê que não poderá jamais Portugal ter agricultura em quanto se observarem.» ([1])

Como se vê, Sanches advoga nesta passagem um regimen cerealifero analogo ao que hoje vigora entre nós.

Não seria isto bastante. Era indispensavel augmentar a producção. Devia ordenar-se a sementeira de todas as terras lavradias ([2]) e promover-se que fossem applicados ás culturas mais uteis á economia nacional os terrenos que lhes fossem mais proprios:

«... Em França não está á vontade do possuidor de semear pão, vinho, azeite, milho, linho, é necessario considerar a necessidade universal e acommodar-se a terra que é capaz de produzir; no nosso Portugal ha terras excellentes para semear trigo, logo neste não se hão-de plantar mais vinhas que aquellas que são necessarias para o povo; no Minho ha excellentes terras para o linho, logo nestas se ha-de semear mui pouco pão; pelas ladeiras do Douro o vinho é o melhor, com abundancia, logo alli não se ha-de semear o pão.» ([3])

No seu empenho de promover a cultura dos cereaes, cuja escassez era uma das origens da nossa penuria, Sanches não duvída em aconselhar medidas violentas que as doutrinas economicas do tempo admittiam, mas que ainda recentemente vimos defendidas. Uma dellas é o arrancamento das vinhas em proveito da cultura cerealifera. «Seria melhor mandar arrancar a metade das vinhas e semeal-as de pão, do que compral-o, vendendo o vinho.» ([4])

Quem regularia, porém, esta applicação das terras ás differentes culturas, quem poderia estabelecer esta equivalencia entre a producção e o consumo? Um tribunal especial composto de muito poucos membros, que teria a seu

---

([1]) Op. cit., pag. 91.

([2]) *Pensamentos sobre o commercio de Portugal.*

([3]) Carta a Sampaio Valladares, de 15 de julho de 1735.

([4]) Mesma carta. Esta medida violenta foi posta em vigor em 1773 pelo Marquez de Pombal.

cargo inquirir das necessidades da agricultura. Uma das suas primeiras providencias seria proceder á organização de um tombo das terras cultivadas para base do imposto que sobre ellas houvesse de ser lançado para se desenvolver a mesma agricultura. ([1])

Indispensavel se tornava abrir estradas, *caminhos de carro,* que facilitassem a permuta dos trigos e outras sementes entre as differentes povoações do reino e que as levassem até aos portos de mar. ([2]) Neste serviço se podiam empregar os soldados, com augmento dos seus vencimentos. ([3]) Em outra parte deplora a falta de pontes e canaes.

Cumpria drenar os campos convertidos em lagôas, atoleiros e paúes. ([4]) Deviam-se limpar os portos assoriados, de modo a darem facil accesso ás embarcações. ([5]) Além das vantagens directas para a agricultura, a necessidade de architectos, engenheiros, machinistas, etc., augmentaria o commercio interior. ([6])

Isto, porém, não bastava, embora fôssem as medidas a que dava maior valor. Era necessario que a agricultura e a industria encontrassem capitaes baratos e para isso aconselhava o estabelecimento do credito agricola e industrial. Creado um fundo especial á custa de contribuições forçadas das classes preponderantes, em cada municipio um thesoireiro-vereador adeantaria aos lavradores as quantias de que carecessem, pagando-se pelas colheitas.

Preoccupava-se com razão o nosso medico com o facto de que os generos alimenticios serviam de dinheiro, e não eram valores negociaveis:

«Os lavradores não têm, nem podem ter dinheiro, nem os ferreiros, barbeiros, medicos das provincias, letrados, officios e outros

---

([1]) Carta citada.

([2]) *Algumas causas da perda da agricultura depois do anno 1640* — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([3]) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 94.

([4]) Op. cit., pag. 94.

([5]) Op. cit., pag. 94 — *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P**** — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([6]) Op. cit.

cargos: porque todos são pagos com os fructos que servem de dinheiro; havendo de servir na boa politica de mercancia, com tanta liberdade de compral-os e de vendel-os, como se faz com tudo o que é fabricado no reino. Emquanto as rendas das terras se pagarem em fructos e não em dinheiro, o que havia de ser posto por lei... sempre haverá miseria no lavrador.» (1)

Mais adeante acrescenta:

«Esta introducção de pagarem os lavradores, os rendeiros e os senhorios de terras as suas dividas com os fructos é antiquissima no reino; mas isso mesmo prova que o povo era então escravo do senhor da terra; prova que não havia agricultura, que deva satisfazer a necessidade; prova tambem que não havia commercio; daqui vieram aquelles perniciosos costumes da maior parte das terras dadas a foro, que se pagam em sementes, em gallinhas, em ovos, em porcos, em presuntos e em gado meudo e em vaccum. Ainda muitos Commendadores arrendam as suas commendas, com as clausulas expressas de serem pagos em parte com alimentos e com provisões. Muitos conventos, hospitaes, pagam com fructos e com porções alimenticias; o que tudo deve ser reduzido a dinheiro, e obrigar por deste modo ao lavrador vender nas praças publicas os fructos da sua agricultura. Não é necessaria almotaçaria, porque havendo muitos que vendem no mesmo logar, o concurso de tantos vendedores regra o preço do que vendem: deste modo se promove a circulação; o Lavrador sempre tem que vender; tem com que sustente a sua familia e educal-a, com que compre animaes, para augmentar a sua lavoura, ou das terras incultas fazel-as ferteis.» (2)

Outras medidas de fomento rural consistiam na conservação e ampliação dos bosques, á semelhança do que tinha visto na Lorena. Nas serras promovia o augmento das colmeias, adquirindo o estado a seda e vendendo as camaras o mel.

Julgava indispensavel que o governo mandasse examinar as serras, os montes, os rochedos e campos cobertos de matto para vêr se nelles se podiam plantar amoreiras para sustento dos bichos da seda ou castanheiros. Prohibia as coutadas pelos damnos que dellas resultavam á lavoira. (3)

---

(1) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 92.

(2) Op. cit., pag. 92.

(3) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P****.

Propunha que se decretassem algumas leis que vinham beneficiar a agricultura. Um conjuncto de diplomas legislativos devia impedir a transmissão e creação de morgadios e as doações a conventos e communidades.

Não podia esquecer-se o medico portuguez da pesca, em paiz com tão extenso litoral maritimo. Com pesar via elle que o bacalhau e o peixe estrangeiro que importavamos nos levavam por anno dois milhões, como se as costas dos nossos mares não tivessem peixe. ([1]) Lembrava-se de que ainda no principio do seculo vinha de Buarcos e da Figueira muita pescada secca vender-se pelas Beiras, com grande vantagem dos povos por ser mais barata do que o bacalhau. ([2])

Para desenvolver a pesca, o meio que aconselhava era o das associações de pescadores, ou pela intervenção directa do Estado ou pela de dois ou três particulares auctorizados por elle. Não era, porém, um monopolio o que desejava; o que julgamos estar na mente de Sanches era uma sociedade de capital e industria. ([3])

Quanto á industria fabril era sobretudo dos lanificios que se occupava. Lembrava o que vira em Potsdam, onde o rei Guilherme estabeleceu fabricas de lan para consumo do exercito e de todos os mais subditos. Desde que ellas começaram a funccionar, vestiu-se de panno e meias de lan, cobriu-se com um chapeu fabricado nas suas fabricas e assim succedeu com todos os da sua côrte.

Mas a todas as outras industrias manufactureiras queria elle protecção e auxilio. Lamentava que na exploração das colonias de Portugal e Espanha se tivesse levado apenas em vista a extracção dos metaes preciosos: oiro e prata. Nunca se pensou em estabelecer a agricultura, officios, fabricas, industria, para sustentar e vestir os habitantes. Dahi resultou que os metaes ricos fôram alimentar as

---

([1]) *Cartas sobre a educação da mocidade*, pag. 91.

([2]) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P**** — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([3]) Idem, idem.

industrias doutros paizes que lhes vendiam os objectos de que precisavam.

Já indicamos que entre os vicios que condemnava na mocidade das escolas, um lhe parecia capital, o amor ao luxo e sobretudo a preferencia dada a objectos de vestuario e outros que lhes vendiam doze ou quinze lojas estrangeiras onde os estudantes compravam meias, fivelas, luvas, estojos e tudo o que vinha de França e Ingleterra. Adquiriam o habito de se vestirem do que fóra do reino se fabricava. Quando, terminado o curso, se espalhavam pelo reino e eram chamados ao desempenho de cargos elevados, conservavam as mesmas tendencias, suspirando por tudo quanto era estrangeiro. ([1]) A sua opinião era que um bom patriota se devia alimentar e vestir do que a sua patria produzia, e que estes preceitos de economia nacional se deviam ensinar na Universidade. ([2])

Queria ainda que os magistrados, lentes, leitores, estudantes daquelle estabelecimento andassem todos vestidos da mesma sorte, sem differença na qualidade de panno ou estamenha e que estes fôssem fabricados no reino. Egualmente, todos os mais objectos de vestuario, meias, sapatos, fivelas, deviam ser de fabríco nacional. ([3]) E se lhe diziam que não tinhamos productos manufacturados, tão excellentes como os estrangeiros, respondia: «Que importa que eu em minha casa esteja vestido de panno da Inglaterra ou de pardilho!» ([4])

Em relação a outras industrías, as suas ideias são sempre as de protecção ao trabalho nacional. Por isso aconselha vivamente que se proceda á investigação das riquezas naturaes do paiz. Procurem-se os jazigos de ferro, cobre e carvão; saiba-se quaes os marmores que possui-

---

([1]) *Methodo para aprender e estudar a medicina*, pag. 163.

([2]) Op. cit., pag. 162.

([3]) Op. cit., pag. 162.

([4]) Carta a Sampaio Valladares, de 15 de julho de 1735. Como é geralmente sabido, D. José, posteriormente ao terramoto, vestiu-se de saragoça e briche das fabricas portuguezas.

mos; se no paiz se encontram pedras preciosas; proceda-se ao inventario das aguas mineraes, etc. ([1])

Todas as medidas que aconselhava tinham em vista o mesmo fito. Não lhe repugnava, porém, que se nacionalizassė o trabalho. Dahi a providencia que aconselhava de se naturalizarem com facilidade os estrangeiros que trariam os seus capitaes a crear novas industrias ou desenvolver as que já tinhamos. ([2]) Na mesma ordem de ideias aconselhava a creação de um porto franco em Lisboa que seria como que «uma estalagem geral do universo». Ahi seriam construidos grandes armazens, onde as mercadorias ficariam depositadas sem pagarem quaesquer impostos, excepto quando sahissem para consumo interno. ([3])

Sanches tambem se occupou das colonias portuguezas e em especial do Brasil.

Para estas preferia uma organização militar á semelhança da que existia na Russia. A que se exercia por meio de desembargadores, corregedores, provedores, assentistas, contractadores, meirinhos, etc., era precaria, fraca e inutil.

Não queria que lhes mandassemos missionarios, mas que em vez delles collocassemos alli curas negros, mulatos ou brancos, subordinados a um bispo com poucos proventos, e que não cobrasse dizimos nem possuisse terras.

As minas de oiro e diamantes seriam exploradas directamente pelo Estado. ([4])

Em outro manuscripto diz que os soberanos que formaram colonias se serviram das rendas reaes para organizar frotas, pagar pilotos, generaes e soldados e transportar á sua custa os que fundaram a colonia. Logo que ella esteja constituida é necessario que restitua ao Estado o

([1]) *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P**** — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([2]) *Pensamentos sobre o commercio de Portugal* — Mss. da Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris.

([3]) *Avantagens que resultarião de um porto franco na foz do Tejo* — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

([4]) *Difficuldades que tem um reino velho para emendar-se* — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

que dispendeu em fundal-a. Deve portanto gosar de menos liberdade, auctoridade e distincção do que gosam os subditos da metropole:

«Se a Inglaterra tivesse usado com a sua America septentrional como os romanos usavam com as suas colonias e reinos e republicas conquistadas, não estaria agora em guerra civil com os americanos revoltados.»

Portugal devia incorporar as suas colonias e organizal-as de modo que entre os habitantes nenhuma outra distincção houvesse que não fôsse a que resultasse do cargo que desempenhassem.

Como já dissémos, criticava que os governos de Portugal e Espanha apenas tivessem querido tirar das respectivas colonias os metaes preciosos, e que nellas não desenvolvessem a agricultura, a industria e o commercio. Os metaes preciosos foram alimentar as industrias dos outros paizes que lhes vendiam os objectos de que careciam.

Essas medidas que anteriormente se deviam ter tomado ainda hoje era tempo de as adoptar. Alargassem-se essas fontes de riqueza, formassem-se portos francos no Grão-Pará e no Rio de Janeiro e dotasse-se a colonia de tudo o que precisa uma potencia commerciante:

«onde se não conhecem nem devem conhecer monopolios, privilegios, contractos de tabaco, companhias, estanques, dizimos e bens de raiz ecclesiasticos.» (1)

Estas ideias de liberdade de commercio e de hostilidade aos monopolios e privilegios são expostas, a respeito do tabaco, em um pequeno manuscripto intitulado *Sobre as lavouras e fabricas de tabaco do Brasil*, e em uma carta em que o desenvolve. Nesta sobretudo, pensava até em occupar-se das medidas a adoptar para haver os dois milhões de cruzados que o monopolio do tabaco rendia. Deixava de o fazer, provavelmente, porque sabia que em

(1) *Considerações sobre o governo do Brasil desde o seu Estabelecimento até o presente tempo* — Mss. da Collecção Barca-Oliveira.

Portugal se pensava muito differentemente. Limitava-se portanto a apresentar algumas clausulas que se deviam introduzir na convenção com o contractador geral.

Entre ellas, desejava que lhe não fôsse permittido privilegio exclusivo de mandar navios carregados de mercadorias ao Brasil ou a qualquer outro porto do dominio portuguez. Em cada capitania os cultivadores de tabaco formariam uma especie de gremio, designando-se-lhes as terras em que podiam plantar a erva santa. Finalmente, o contractador seria obrigado a pagar esse tabaco pelo preço em que fôsse louvado por funccionarios dependentes do Estado.

Fizemos todo o possivel para reproduzir fielmente as ideias de Sanches quando se metteu, segundo a sua pittoresca expressão, a «governar por um pouco o mundo em secco». Não as apreciaremos, porém, por falta de competencia. Apenas diremos que ellas se inspiravam no colbertismo, então seguido em todos os paizes, embora por vezes fizesse concessões á liberdade de trabalho e commercio, certamente inspiradas na leitura dos economistas inglezes. O proprio Sanches nos ordena esta reserva; ao seu amigo Valladares dizia a respeito de considerações politicas que esboçava: *A materia é mui alta para um medico.*

BIBLIOGRAPHIA

OBRAS IMPRESSAS

1 — Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne, pour prouver que ce mal n'est pas venu d'Amérique, mais qu'il a commencé en Europe par une epidémie. Paris 1750 chez Durand — in 12.º (sem nome de auctor).

Paris — chez Durand et Pissot 1752 (sem nome de auctor) — in 12.º

Paris 1765 par S** D. M. — in 8.º

Vertida em inglez publicou-se em London apud Griffits 1751 — in 8.º

Traduzida em allemão sob o titulo de *Abhandlung von dem Ursprunge des Venusseuche. Aus dem Französischen ubersetzt von Georg Heinrich Weber*, Bremen 1775 — in 8.º

2 — Carta a Sachetti Barbosa de 23 de novembro de 1750, extractada nas *Considerações medicas* daquelle medico.

3 — Carta a Jacob de Castro Sarmento de 11 de novembro de 1752, publicada no *Appendix ao que se acha escripto na Materia medica do Dr. J. de Castro Sarmento sobre a natureza, contentos, effeitos e uso pratico, em fórma de bebida e banhos das Agoas das Caldas da Rainha* — Londres 1753.

4 — Carta a Sachetti Barbosa de 28 de dezembro de 1755, publicada nas *Considerações medicas* daquelle medico.

5 — Tratado da conservação da saúde dos povos: obra util e igualmente necessaria aos magistrados: capitaens generais, capitaens de mar e guerra, prelados, abbadessas, medicos e pays de familias: com hum appendix Consideraçoins sobre os terremotos, com a noticia dos mais consideraveis, de que fas menção a historia e dos ultimos que se sintirão na Europa desde o 1 de Novembro de 1755.

Em Paris e se vende em Lisboa em casa de Bonardes e du Beux, mercadores de livros. MDCCLVI — in 8.º gr.

— Agora novamente impresso e emendado de muitos e gravissimos erros com que sahiu a primeira impressão feita em Paris.

Lisboa, na officina de Joseph Filippe. MDCCLVII — in 4.º

Foi traduzido em espanhol por D. Benito Bails — Madrid. 1781 (Morejon). Andry diz que foi publicado em 1777.

As *Considerações sobre os terremotos* foram traduzidas em italiano por Marcello Sanches em 1783.

6 — Advertencia preliminar com o titulo *Ao leitor sobre esta edição* das obras de Luis de Camões — Nova edição — Paris — A' custa de Pedro Gendron 1759.

E' o proprio Sanches que nas *Cartas sobre a educação da mocidade* diz que esta advertencia é obra sua.

7 — Cartas sobre a educação da mocidade. Em Colonia 1760 — in 8.º gr.

Apesar da indicação, esta obra foi impressa em Paris. — Existem na Bibliotheca Municipal do Porto dois manuscriptos deste livro, um dos quaes autographo. Camillo publicou trechos de um manuscripto da mesma obra que possuia no jornal o *Atheneu* e nas *Noites de insomnia*.

8 — Carta a Monsenhor Salema, de 7 de janeiro de 1760.

Existe no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros. Foi publicada por nós no *Boletim* da 2.ª classe da Academia Real das Sciencias, vol. III, n.º de agosto de 1910.

9 — Lettre à Gmelin, sem data. Publicada por L. Bègue de Presle — Mémoire pour servir à l'histoire de l'usage interne du mercure sublimé corrosif — A la Haye et Paris chez P. Fr. Didot, 1763 — pag. 32.

10 — Officio de Sanches a Monsenhor Salema, de 26 de junho de 1758.

Existente no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros e publicado nos *Archivos de historia da medicina*, VI, pag. 21.

11 — Lettre à Monsieur Gobets — 1762. Deve ter sido publicada na *Gazette de Médecine*. Conhecemol-a pela *Mémoire pour servir à l'histoire de l'usage interne du mercure sublimé corrosif, de Le Bègue de Presle* — A la Haye et Paris chez P. Fr. Didot, 1763 — pag. 227.

12 — Metodo para aprender e estudar a medicina, illustrado com os apontamentos para estabelecerse huma Univercidade Real na qual deviam aprender-se as Sciencias humanas de que necessita o Estado Civil e Politico. 1763 — in 8.º gr.

13 — Carta a D. Luiz da Cunha, de 26 de dezembro de 1768.

Existente no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros. Foi publicada por Sousa Viterbo no jornal a *Arte* de 1880 e no *Commercio Portuguez* n.º 253 de 1882 e reproduzida na *Historia da Universidade* de Theophilo Braga, III, pag. 380.

14 — Carta a D. Luiz da Cunha, de 1 de maio de 1769.

Existe no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros. Foi publicada por Sousa Viterbo no jornal a *Arte* de 1880 e no *Commercio Portuguez* n.º 253 de 1882 e reproduzida na *Historia da Universidade* de Theophilo Braga, III, pag. 385.

15 — Carta a D. Luiz da Cunha, ministro de D. José, de 1 de julho de 1770, acompanhada de um memorial, com data do dia seguinte.

Existe egualmente no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros e foi publicada por Sousa Viterbo no jornal a *Arte* de 1880 e no *Commercio Portuguez* n.º 282 de 1882 e reproduzida por Theophilo Braga na *Historia da Universidade,* III, pag. 388.

16 — Artigo *Maladie vénérienne chronique* publicado na *Encyclopédie* ou *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* — 2.ª edition — vol. XVI, 1771.

17 — Carta ao P.ᵉ Theodoro de Almeida, de 26 de setembro de 1774.

Foi publicada por Rodrigues de Gusmão no *Archivo Pittoresco,* XI, 1868, n.ºs 18 e 19 e republicada por Ricardo Jorge, que a suppunha inedita, na *Medicina Contemporanea* de 1907 — n.º 29, de que se fez uma *separata.*

18 — Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette epidémie. Lisbonne, 1774, in 8.º (Andry, Pauly).

Traduzido em inglez por Jos. Skinner, London, 1792, in 8.º (Pauly).

Reunidos os n.ºs 1 e 18 formaram a

19 — Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne pour prouver que ce mal n'est pas venu d'Amérique, mais qu'il a commencé en Europe par une Epidémie. Suivie de l'examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette epidémie par Monsieur A. R. Sanches — in 12.º

Nouvelle edition revue et corrigée à Leide, chez André Koster, 1777 (com um prefacio de Gaubius) — in 12.º

Nouvelle edition revue et corrigée à Leyde, chez Henri Hoogenstratten, 1778 — in 12.º

20 — Carta a D. Vicente de Sousa Coutinho, de 20 de agosto, sem indicação do anno.

Publicada pelo snr. Arthur Araujo na *Gazeta dos Hospitaes*, n.º 22, 3.º anno — 1909, e em uma *separata*.

21 — Carta ao P.e Theodoro de Almeida, de 18 de janeiro de 1777, publicada por Rodrigues de Gusmão e Ricardo Jorge (V. n.º 17).

22 — Carta a Sousa Coutinho, de 8 de maio de 1779.

Existe no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros. Foi publicada por nós no *Boletim* da 2.ª classe da Academia Real das Sciencias, III, n.º de agosto de 1910.

23 — Mémoire sur les bains de vapeur de Russie, considerés pour la Conservation de la Santé et pour la Guérison de plusieurs Maladies in *Histoire de la société royale de médecine* — Année MDCCLXXIX.
A Paris — De l'imprimerie de Monsieur — chez P. Théophile Barrois le jeune — 1782.

24 — *De cura variolarum vaporarii ope apud Russos omni memoria antiquioris usu recepti.*

Traduzido tambem em russo com o titulo *O Parnykh Rossiskikh Banyakh* — S. Petersburgo, 1779.
Segundo uma nota dos seus mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, o manuscripto deste livro já tinha sido mandado para a Russia em 30 de janeiro de 1765. (Vol. IV).

25 — Observations sur les maladies vénériennes. Publiées par M. Andry. Paris, chez Théophile Barrois le jeune, 1785 — in 12.º

26 — Art. *Affections de l'âme* na *Encyclopedie methodique* — Médecine — Tome premier — Paris — chez Panckoucke — 1787.

MANUSCRIPTOS

1 — Discurso sobre as aguas de Penha Garcia.

Deste manuscripto, acabado anteriormente a 1726, dá conta Fonseca Henriques no seu *Aquilegio medicinal.*

2 — Projecto para se estudar a medicina em Portugal, escripto por ordem de D. Luiz da Cunha, nosso embaixador na Haya, em 1730 ou 1731.

A este manuscripto se refere Ribeiro Sanches na carta mencionada sob o n.º 5 e ainda no officio designado na lista dos impressos sob o n.º 10.

3 — Carta ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valladares — de Moscovia, 18 de janeiro de 1733.

Existe na Bibliotheca de Evora.

4 — Carta ao mesmo de S. Petersburgo, 20 de março de 1735.

Idem.

5 — Carta ao mesmo de S. Petersburgo, 15 de julho de 1735.

Idem.

6 — Origem da denominação de christão velho e christão novo no reino de Portugal e as causas da continuação destes nomes como tambem da cegueira judaica. Com o methodo para se extinguir em pouco esta differença entre os mesmos subditos e a cegueira judaica, tudo para augmento da religião catholica e utilidade do estado.

Este manuscripto pertence ao snr. dr. Manuel d'Oliveira, distincto clinico de Ponte do Lima, que o adquiriu entre outros papeis que pertenceram ao Conde da Barca. Já estava escripto em 1735, visto que, na carta

a Sampaio Valladares de 15 de julho deste anno (n.º 5), Sanches lhe remette um desenvolvido extracto deste mss. Innocencio viu um exemplar com a data de Paris 8 de novembro de 1748 assignado *Philopator*. Era uma nova copia ou redacção.

7 — Pharmacopeia ad usum Imperii Rutheni.

Sanches andava trabalhando nesta pharmacopeia quando escrevia a carta a Sampaio Valladares, mencionada sob o n.º 5. O mss. é mencionado por Barbosa Machado.

8 — Materia medica in qua nomina, vires, preparationes remediorum continentur.

Foi começado este mss. a 13 de dezembro de 1736. Existe na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. I dos mss. de Sanches.

9 — Praxis medica interna.

Deve ser da mesma epoca e constitue o II vol. dos mss. de Sanches existentes na mesma Bibliotheca.

10 — Versuræ physicæ (morbosæ), chemicæ, physiologicæ et historiæ naturalis, anatomiæ.

Tem a data de 20 de dezembro de 1736, mas já estava começado no anno anterior. Fórma o III vol. dos mss. de Sanches, existentes na mesma Bibliotheca.

11 — Um mss. em latim sem titulo sobre semeiotica, com a data de 14 de fevereiro de 1737, existente na Collecção dos mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. VI.

12 — Manuale practicum in usos domesticos concinatum et per symptomata et causas morborum et therapeiam digestum tam acutorum quam diuturnorum morborum.

No vol. V dos mss. de Sanches, existentes na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris.

13 — Observations de médecine pratique en latin.

Foi começado a 10 de agosto de 1739, e existe no vol. VII dos mss. da mesma Bibliotheca.

14 — Carta incompleta ao P.e Manuel Baptista, da Companhia de Jesus.

E' de S. Petersburgo, 1747. No vol. VI dos mss. da Escola de Medicina de Paris.

15 — Carta a Haller, de 20 de junho de 1747.

Encontramos menção della no VII vol. dos mesmos mss., a fl. 150 v.

16 — Dissertação sobre as paixões da alma, 11 de dezembro de 1753.

Este mss. existe na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris. no vol. III dos mss. de Sanches. Foi traduzido com algumas modificações por Andry e publicado na *Encyclopédie méthodique*, publicada pelo livreiro Panckoucke, com o titulo de *Affections de l'âme*.

17 — Pensées sur le gouvernement des universités de médecine et des médecins, 1754.

Citado por Vicq d'Azyr.

18 — Carta a Diogo de Mendonça Côrte Real, que por copia acompanha o officio de Galvão de Lacerda, dirigido ao mesmo ministro em 27 de fevereiro de 1755.

Este existe no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros, mas não aquella.

19 — Officio de 26 de janeiro de 1757 ao nosso ministro em Paris ou directamente ao secretario de estado, existente no Real Archivo da Torre do Tombo.

20 — Pensamentos sobre o commercio de Portugal.

E' este manuscripto anterior a 1760. Existe entre os mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris. Vol. VIII.

21 — Carta a Monsenhor Salema que deve ter acompanhado o officio do nosso enviado de 17 de setembro de 1759.

O officio existe no Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros, mas não a carta.

22 — Carta ao Dr. Joaquim Pedro de Abreu que Monsenhor Salema remetteu com o seu officio de 26 de novembro de 1759.

23 — Carta ao mesmo que Salema enviou com o seu officio de 10 de março de 1760.

24 — Carta ao mesmo, de 26 de março de 1760.

Não chegou a ser expedida e existe entre os mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. VIII.

25 — *Missionarios aos paizes alheios,* extensa carta a Monsenhor Pedro da Costa de Almeida Salema, datada de 28 de maio de 1760.

Existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa (Mss. n.º 235).

26 — Carta a Barbosa Machado, de 5 de julho de 1761.

Um fragmento desta carta existe na Bibliotheca da Ajuda.

27 — Carta a Kreuts, de 15 de fevereiro de 1762.

Existe entre os papeis de Sanches da Escola de Medicina de Paris — VI, pag. 268 e 269.

28 — Apontamentos para estabelecer um tribunal e collegio de medicina na intenção que esta sciencia se conservasse de tal modo que sempre fosse util ao Reyno de Portugal e aos seus dominios.

Existem na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris e foram escriptos anteriormente a 1763.

29 — Carta a Taubert, bibliothecario e conselheiro d'Estado da imperatriz da Russia, de 10 de janeiro de 1763.

Mencionada nos mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. IV.

30 — Carta á Academia Imperial de S. Petersburgo, de janeiro de 1763.

Mencionada nos mesmos mss., vol. IV.

31 — Outra carta á mesma Academia, de fevereiro de 1763.

Mencionada nos mesmos mss., vol. IV.

32 — Carta á imperatriz da Russia Catharina II, de 25 de maio de 1763.

Mencionada nos mesmos mss., vol. IV.

33 — 1763 — Sobre as colonias.

Innocencio viu este manuscripto cuja conclusão tem a data de 3 de dezembro de 1763. Pelo *Journal* de Sanches sabe-se que era dirigido a D. Vicente de Sousa Coutinho.

34 — Plan sur la manière de nourrir et d'élever les enfants trouvés dans l'hôpital de Moscou — 1764.

Mencionado por Andry, o herdeiro dos mss. de Sanches.

35 — Dissertation sur les beaux-arts, leur utilité, leurs inconvenients, leurs avantages — 1765.

E' tambem mencionado por Andry. Com o titulo levemente modificado: *De la culture des sciences et des beaux-arts dans l'empire de Russie,* pertence á collecção do Conde da Barca, hoje em poder do snr. Dr. Manuel d'Oliveira, de Ponte do Lima.

36 — Traité sur le rapport que les sciences doivent avoir avec l'état civil et politique appliqué à l'état présent de l'empire de Russie — 1765.

Mencionado tambem por Andry.

37 — Moyens pour conserver le commerce dejà etabli en Russie et pour le faire fleurir à perpetuité — 1766.

Mencionado egualmente por Andry.

38 — Moyens pour lier et attacher de plus en plus les provinces conquises à l'empire de Russie de la même manière que fit Auguste par rapport aux provinces de son empire.

Mencionado tambem por Andry.

39 — Plan pour l'éducation d'un jenne seigneur.

Mencionado por Andry — 1766. Faz parte da collecção do Conde da Barca, hoje pertença do snr. Dr. Manuel d'Oliveira.

40 — Reflexions sur l'économie politique des Etats appliquées particulièrement à l'empire de Russie — 1767.

Mencionado tambem por Andry.

41 — Lettre adressée à l'Université de Moscou sur la methode d'apprendre et d'enseigner la Médecine. Instruction pour le Professeur qui enseignera la chirurgie dans les deux hopitaux de S. Petersbourg.

Egualmente mencionado por Andry.

42 — Lettre sur les moyens de faire entrer un cours de morale dans l'éducation publique.

Mencionado por Andry.

43 — Reflexions sur l'Etat desavantageux des Laboureurs de Russie, des esclaves, des Domaines et des Seigneurs: lesquels souffrent les plus grandes charges de l'Etat, de manière qu'ils diminuent tous les jours en nombre et font languir l'agriculture et les arts de première necessité, avec les moyens propres à pouvoir recruter les armées de terre et de mer, sans y employer les Laboureurs et recompenser les soldats et les officiers qui ont servi pendant 20 ans.

Mencionado por Andry.

44 — Projets pour l'etablissement d'une Ecole d'agriculture.

Mencionado por Andry.

45 — Traité sur les moyens propres à augmenter le commerce de Russie.

Mencionado por Andry.

46 — Traité dans lequel on prouve que l'introduction d'une meilleure administration de la justice contribue à l'amélioration de la société.

Mencionado por Andry.

47 — Sobre a inhibição de se tomarem graus na faculdade de canones em Coimbra — Paris, 18 de outubro de 1766.

Existe na collecção do Conde da Barca, pertencente ao snr. Dr. Manuel d'Oliveira.

48 — Carta a Euler, de 4 de janeiro de 1766.

Mencionada nos mss. de Sanches da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris, vol. IV.

49 — Carta a Stehlin, de 4 de outubro de 1767.

Mencionada nos mesmos mss., vol. IV.

50 — *Mon Journal.*

Começado em dia de S. Martinho de 1768 este mss., em que Sanches lançou todas as particularidades da sua vida, foi proseguido até quasi á morte. Existe no vol. IV dos mss. da Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris.

51 — Carta a Sachetti Barbosa, de 22 de outubro de 1768.

Mencionada no seu *Journal.*

52 — Carta a Soares de Barros, da mesma data.

Mencionada no mesmo mss.

53 — Meios que Pedro Primeiro, imperador da Russia, tomou para regrar os ecclesiasticos do seu imperio e estabelecer a sua subsistencia — 9 de janeiro de 1769.

Está na collecção do Conde da Barca, pertencente ao snr. dr. Manuel d'Oliveira.

54 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 1 de fevereiro de 1769.

Mencionada no *Journal* de Sanches.

55 — Carta a Sachetti Barbosa, de 2 de fevereiro de 1769

Mencionada no mesmo mss.

56 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 12 de março de 1769.

Idem, idem.

57 — Carta a João Jacintho de Magalhães, de 14 de abril de 1769.

Idem.

58 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 12 de julho de 1769.

Idem.

59 — Carta a Sachetti Barbosa, da mesma data.

Idem.

60 — Carta ao mesmo, de 17 de julho de 1769.

Idem.

61 — Carta a Manuel Joaquim Henriques de Paiva, de 30 de julho de 1769.

Idem.

62 — Carta a Sachetti Barbosa, de 26 de julho de 1769.

Idem.

63 — Carta ao cirurgião João da Matta, de 9 de agosto de 1769.

Idem.

64 — Carta ao mesmo, de 15 de agosto de 1769.

Idem.

65 — Carta ao cirurgião João Pernelet, de 1 de setembro de 1769.

Idem.

66 — Carta ao P.e João Chevalier, de 18 de agosto de 1769.

Idem.

67 — Carta ao general de Betzkoy, de 9 de dezembro de 1769.

Idem.

68 — Carta a Razumowsky, de 9 de dezembro de 1769.

Idem.

69 — Carta a Stehlin, de 9 de dezembro de 1769.

Idem.

70 — Carta a Euler, de 9 de dezembro de 1769.

Idem.

71 — Carta ao Conde da Cunha, da mesma data.

Idem.

72 — Carta ao Principe Galitzin, da mesma data.

Idem.

73 — Carta a Sachetti Barbosa, de 5 de janeiro de 1770.

Idem.

74 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 20 de janeiro de 1770.

Idem.

75 — Carta a João Pernelet, da mesma data.

Idem.

76 — Carta ao secretario d'estado (?), de 17 de fevereiro de 1770.

Idem.

77 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 14 de fevereiro de 1770.

Idem.

78 — Carta a Sachetti Barbosa, da mesma data.

Idem.

79 — Carta a D. Vicente de Sousa Coutinho, de 20 de fevereiro de 1770.

Idem.

80 — Carta a Stehlin, de março de 1770.

Idem.

81 — Carta a João Jacintho de Magalhães, de 21 de junho de 1770.

Idem.

82 — Sobre o nuncio em Portugal, datado de Sabbado á noite 29 de dezembro.

Pertence á Collecção do Conde da Barca, hoje em poder do snr. dr. Manuel d'Oliveira.

83 — Peculio de varias receitas para diversas queixas, pelo Doutor Antonio Ribeiro Sanches, mandadas de Paris a algũas pessoas desta Côrte de Lisboa.

A pag. 91 tem outro frontispicio com o titulo seguinte: Receitas e concelhos (sic), pertencentes á cirurgia e medicina que da Côrte a Pariz para esta de Lisboa communicou o Dr. Antonio Sanches Ribeiro. Anno de 1771.

Este manuscripto foi remettido de Paris em varios cadernos a João Pernelet, como se vê de diversas passagens do *Journal* de Sanches. Incluem-se nelle differentes tratados que Barbosa Machado menciona, como: o *Tratado das febres*; a *Cirurgia medica*, etc.

84 — Carta a Payen, de 28 de março de 1771.

Citada no *Journal* de Sanches.

85 — Carta a Sachetti Barbosa, de 14 de novembro de 1771.

Idem.

86 — Carta a Soares de Barros, de 2 de setembro de 1771, a que este respondeu em 26 de novembro de 1771.

Esta ultima foi publicada por Ricardo Jorge na *Medicina Contemporanea* de 1909.

87 — Carta a Gaubius, a 11 de março de 1772.

Mencionada no *Journal* de Sanches.

88 — *Monopolios combatidos,* mss. no seu *Journal* com data de 17 de março de 1772.

Idem.

89 — Carta de 19 de maio de 1772 ao general Münnich.

Idem.

90 — Origine des hôpitaux.

Tem a data de 20 de junho de 1772 e encontra-se nos mss. de Sanches da Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Paris, VIII vol.

91 — Carta de 17 de julho de 1772 ao principe Galitzin.

No *Journal* de Sanches.

92 — Carta de 29 d'outubro de 1772 a Gonçalo Xavier de Alcaçova.

Idem.

93 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 2 de novembro de 1772.

Está transcripta no *Journal* de Sanches.

94 — Estatutos da Universidade com algumas observações sobre elles.

Inserto no *Journal* de Sanches.

95 — Esclarecimentos em francez para a venda da sua bibliotheca, com a data de 28 de março de 1773.

Idem.

96 — Reflexoens sobre a ley decretada por S. Majestade Fidelissima José Primeiro, em Mayo de 1773.

Idem.

97 — Ultimas Condiçoens que o D.^or Sanches propoem para o final ajuste da venda da sua Bibliotheca — 28 de junho de 1774.

Bibliotheca de Evora.

98 — Carta ao principe Galitzin, de 9 de dezembro de 1774.

No *Journal* de Sanches.

99 — Effets de la fumée ou vapeur de charbon allumé, com a data de 26 de agosto de 1775.

Idem.

100 — Carta a um irmão de D. Vicente de Sousa Coutinho, de 24 de novembro de 1775.

Idem.

101 — Carta a M.elle Payen, de 6 de dezembro de 1775.

Idem.

102 — Carta a Domachneff, director geral da Academia Imperial das Sciencias de S. Petersburgo, de dezembro de 1775.

Idem.

103 — Carta ao Conde de Schernichef, de 14 dezembro de 1775.

Idem.

104 — Carta ao Marquez de Angeja, de 21 de dezembro de 1775.

Idem.

105 — Carta a M.elle Payen, de 18 de janeiro de 1776.

Idem.

106 — Carta ao principe Pignatelli em espanhol, de 28 de janeiro de 1776.

Idem.

107 — Algumas causas da perda da agricultura de Portugal depois do anno 1640.

Este mss., que faz parte da collecção do Conde da Barca, pertence hoje ao snr. Dr. Manuel d'Oliveira.

108 — Carta a Gaubius, de 2 de fevereiro de 1777.

No *Journal* de Sanches.

109 — Carta ao Visconde de Ponte do Lima, de 31 de março de 1777.

Idem.

110 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 19 de abril de 1777.

Transcripta no *Journal* de Sanches.

111 — Carta a D. Vicente de Sousa Coutinho, de 26 de abril de 1777.

No *Journal* de Sanches.

112 -- Carta ao cirurgião João da Matta, de 16 de junho de 1777.

Idem.

113 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 16 de junho de 1777.

Idem.

114 — Carta a Gaubius, de 12 de junho de 1777.

Idem.

115 — Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em P*** — 12 de agosto de 1777.

Existe na collecção do Conde da Barca, pertencente hoje ao snr. Dr. Manuel d'Oliveira.

116 — Difficuldades que tem um reino velho para emendar-se — 25 de agosto de 1777.

Idem.

117 — Considerações sobre o governo do Brasil desde o seu estabelecimento até o presente tempo — 1777.

Idem.

118 — Avantagens que resultarião de hum porto franco na foz do Tejo desde Sacavem até Cascaes, edificado ou de hũa, ou de outra parte do Rio ou Barra.

Idem.

119 — Sobre as lavouras e fabricas de tabaco do Brasil.

Idem. Este mss., segundo o *Journal* de Sanches, deve ser de 5 de junho de 1778.

120 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 9 de janeiro de 1779.

Está citada no *Journal* de Sanches.

121 — Carta ao Conde de Betskoy, de 28 de agosto de 1780.

Citada no *Journal* de Sanches.

122 — Carta ao Dr. Alvares, de 18 de abril de 1782.

Idem.

123 — Carta a Gonçalo Xavier de Alcaçova, de 16 de agosto de 1782.

Idem.

124 — Carta a Andry, de 20 de outubro de 1782.

Idem.

125 — Mss. da Bibliotheca Nacional de Lisboa n.º 511 sobre assumptos muito diversos e que parece ser dos ultimos annos da vida de Sanches.

Além destes manuscriptos que se pódem datar, Barbosa Machado cita os seguintes:

126 — Dos effeitos, uso e applicação dos banhos russos artificiaes.

127 — Do methodo de ensinar a cirurgia.

128 — Historia febris Epidemicæ anno 1727 Petropoli grassata.

129 — Dissertação sobre a natureza do gallico e das enfermidades chronicas que procedem delle disfarçadas em symptomas differentes do mesmo gallico.

130 — Da utilidade e necessidade da agricultura em qualquer Estado politico, das causas da sua perda, e dos remedios para se augmentar em Portugal.

131 — Dos effeitos do descobrimento da America e conquistas e se as colonias devem ser regidas pelas mesmas leis civis e municipaes que o centro do reino de que dependem.

132 — Tratado da melancholia.

133 — Educação de meninos pertencente á conservação da saúde.

Esta obra foi remettida pelo auctor a Martinho de Mendonça de Pina e Proença.

A estes ha que juntar os que Andry menciona e lhe pertenceram:

134 — Pensées sur les effets de l'inoculation faite avec le poison de la petite vérole en differentes maladies et particulièrement dans la maladie vénérienne.

135 — Remarques sur l'ouvrage intitulé: Parallèle de differentes méthodes de traiter la maladie vénérienne.

136 — Reflexions sur les maladies vénériennes.

137 — Du mariage des prêtres.

138 — Dissertation dans laquelle on examine si la ville appellée par les Romains Pax Augusta est celle de Beja en Portugal, ou celle de Badajoz em Castille.

DOCUMENTOS

DOCUMENTO N.º 1

Certidão de edade de Ribeiro Sanches

Ex.mo e Rev.mo Snr.

SELLO
DE
100 REIS

Passe G.da 2 — 10 — 97

F. Bpo da G.da

Precisando-se da certidão de edade de Antonio Nunes Ribeiro Sanches, filho de Simão Nunes e de Anna Nunes Ribeiro, natural da Villa de Penamacor, deste bispado da Guarda e nascido no dia 7 de março do anno de mil seiscentos noventa e nove.

Pede-se a V. Ex.a Rev.ma, Snr. Bispo desta Diocese da Guarda se digne mandal-a passar.

E. R. M.cê

Em cumprimento do venerando despacho supra certifico que, vendo o competente livro dos baptizados da Villa de Penamacor, nelle a fl. 170 V.º encontrei o seguinte: Antonio, filho de Simão Nunes e sua mulher Anna Nunes, ambos do primeiro matrimonio, elle natural desta Villa e ella natural da Villa de Idanha a Nova e freguezes desta Villa, nasceu em sete dias do mez de março de mil seiscentos noventa e nove annos e foi baptizado por mim o Padre D.os Mendes, Cura desta freguezia, em quatorze do dito mez, era acima. Foram padrinhos Antonio Henriques e Maria Nunes, de que fiz este termo, sendo testemunhas P.e Domingos Alves e Antonio Lopes que todos assignamos dia mez era ut supra.
O P.e D.os Mendes — Antonio Lopes — P.e D.º Alves da Fon-

seca. E nada mais se continha no dito assento que fielmente mandei copiar.

Seminario Episcopal da Guarda, 2 d'outubro de 1897.

Logar do Sello

O cartorario *Antonio Augusto Lopes.*

DOCUMENTO N.º 2

Apresentação de Simão Nunes

Em 30 de maio de 1715, apresentou-se na casa das audiencias da Inquisição de Lisboa Simão Nunes, christão novo, casado com Anna Nunes, o qual já se tinha apresentado ao commissario do Santo Officio no Fundão, Paulo Pinto de Gouveia, em dezembro de 1706.

Declarou que haveria 24 annos que se tinha declarado em Penamacor com sua *avó materna Anna Mendes* por crente na lei de Moisés; e da mesma forma com *seu avô materno Simão Fernandes;* com seu pae *Alvaro Fernandes;* com *Isabel Nunes, sua mãe;* com Manuel Nunes, seu irmão; com sua irmã Isabel Nunes; com seu irmão Pedro Lopes; com seu primo Manuel Rodrigues Preto, morador no Fundão; com sua mulher Anna Nunes; com sua cunhada Clara Nunes, etc.

«Disse que elle como dito tem se chama Simão Nunes christão novo tratante natural e morador da villa de Penamacor de quarenta e dous annos de idade.

E que seus Pays são já defuntos e se chamarão Alvaro Fernandez christão novo curtidor e Izabel Nunes christã nova elle natural da villa de Penamacor, e ella da de Monsanto e falecerão na de Penamacor.

E que seus Avos paternos são tambem já defuntos e se chamavam Manoel Fernandez christão novo curtidor e Guiomar Nunes christã nova naturaes e moradores da villa de Penamacor onde falecerão.

E que seus Avos maternos são tambem já defuntos e se chamavão Simão Fernandes christão novo sapateiro e Anna Mendes christã nova naturaes da villa de Monsanto e moradores na de Penamacor onde falecerão.

E que por parte do dito seu Pay teve quatro tias chamadas Maria Nunes, Violante e Beatriz Rodrigues e Joanna Mendes. E que a dita sua tia Maria Nunes era christã nova e he ja defunta e foy cazada com Manoel Henriques tratante natural e moradora na villa de Penamacor onde faleceo de cujo matrimonio teve uma filha chamada Guiomar que faleceo solteira. E que a dita sua tia Violante

Rodriguez era christã nova e he ja defunta e foy cazada com Marcos Mendes Carixa christão novo curtidor natural de Penamacor e moradora em Monsanto onde faleçeo de cujo matrimonio teve quatro filhos chamados Lazaro Rodriguez christão novo sapateiro cazado com Izabel Mendes natural de Monsanto e morador no Fundão; Guiomar Nunes christã nova cazada com Manoel Nunes Sanches Medico natural de Monsanto e moradora em Idanha a nova onde faleçeo; Maria Nunes christã nova cazada com Thome Lopez curtidor natural e moradora em Monsanto onde faleçeo; Manoel Mendes christão novo Advogado cazado com Anna Sylva natural de Monsanto e moradores na Covilhã. E que a dita sua tia Beatriz Rodriguez era christã nova e ja defunta e foy cazada com Francisco Lopes natural e morador na villa de Penamacor de cujo matrimonio teve hum filho chamado Manoel que faleçeo de menor idade. E que a dita sua tia Joanna Mendes christã nova he ja defunta e foy casada com Pedro Rodriguez surrador natural da villa de Penamacor e moradora no Lugar de Fundão de cujo matrimonio teue dous filhos chamados Manoel Rodriguez Preto tratante cazado com Izabel Mendes natural e morador no Lugar de Fundão e Maria Nunes christã nova cazada com Manoel Mendes sapateiro natural do Fundão e moradora em Idanha a nova onde faleçeo.

E que por parte da dita sua May teue dous tios chamados Pedro Lopes e Maria de Vargas. E que o dito seu tio Pedro Lopes era christão novo e he ja defunto e foy tratante cazado com Leonor Mendes natural de Monsanto faleceo na Guarda de cujo matrimonio não teue filhos. E que a dita sua tia Maria de Vargas era christã nova e he ja defunta e foy cazada com Luis Neto sem officio natural de Monsanto e moradora em Penamacor onde faleçeo de cujo matrimonio teue dous filhos chamados Simão que faleçeo solteiro e Leonor Nunes christan nova cazada com Diogo Nunes curtidor natural de Penamacor e moradora no logar de Masal termo de Celorico da Beira.

E que elle tem seis Irmaos chamados Manoel Nunes, Maria e Izabel Nunes, Leonor Mendes, Pedro Lopes e Anna Mendes. E que o dito seu irmão Manoel Nunes he christão novo tratante cazado com Izabel Henriques natural de Penamacor e hoje não sabe onde asiste de cujo matrimonio tem duas filhas chamadas Maria que he a mais velha e terá sinco annos de idade e Izabel. E que a dita sua Irmã Maria Nunes he christã nova cazada com Lazaro Rodrigues sapateiro natural de Penamacor e moradora em Belmonte de cujo matrimonio teve dous filhos chamados Brites que he a mais velha e tera seis annos de idade, Antonio de outo annos de idade e Leonor de dous annos. E que a dita sua irmã Izabel Nunes he christã nova cazada com Manoel Fernandes Bonito sapateiro natural de Penamacor e moradora no Fundão de cujo matrimonio tem tres filhos chamados Alvaro de outo annos de idade, Maria de sinco annos de idade e Leonor de hum anno. E que a dita sua Irmã Leonor Mendes he christã nova veuva de Antonio Rodriguez sapateiro natural de Penamacor e moradora na Guarda de cujo matrimonio teue huma filha

chamada Brites que faleceo de menor idade. E que o dito seu irmão Pedro Lopes he christão novo sapateiro cazado com Anna Nunes natural de Penamacor e morador na Covilhã de cujo matrimonio tem duas filhas de menor idade de cujos nomes lhe não lembrão. E que a dita sua irmã Anna Mendes he christan nova cazada com Manoel Rodriguez ferreiro natural de Penamacor e morador em Alpedrinha de cujo matrimonio tem dous filhos chamados Manoel que he o mais velho e tera sinco annos de idade e Francisco.

E *que elle como dito tem he cazado com Anna Nunes, christã nova natural de Idanha a Nova e moradora em Penamacor de cujo matrimonio tem sinco filhos chamados Antonio que he o mais velho e tem treze annos, Maria, Izabel e Diogo e Guiomar.*

E que elle he christão bautizado e o foy na freguezia de São Tiago da villa de Penamacor pelo Padre Cura da dita freguezia Manoel Caldeira e foy seu Padrinho seu tio Pedro Lopes. E que he chrismado e o foy na dita Igreja pelo Bispo que então era da Guarda Dom frey Luis da Sylva e foy seu padrinho Domingos Antunes. E tanto que chegou aos annos de descrição hia as Igrejas ouvia Missa e se confessava e comungava e fazia as mais obras de christão. E sendo logo mandado por de joelhos se persignou e benzeo disse o Padre noso e Ave Maria Salve Rainha credo e Mandamentos da Ley de Deos e os da Santa Madre Igreja. E que elle so sabe ler e escrever. E que não sahio nunca deste Reino e nelle asestio em Penamacor Monsanto e na Guarda onde fallava com toda a gente que se lhe offerecia. E que elle não foy nunca prezo nem aprezentado no Santo Officio mais que agora. E de seus parentes foy prezo seu primo Manoel Mendes Brandão e aprezentados forão seus irmaos Pedro Lopes, Manoel Nunes, Izabel Nunes e sua mulher Anna Nunes. (1)

DOCUMENTO N.º 3

Interrogatorio de Luiz Nunes Ribeiro

Na audiencia de 22 de feuereiro de 1748 declarou Luís Nunes Ribeiro a sua genealogia. Era irmão do boticario Antonio Ribeiro de Paiva (processo n.º 6980) e de Gaspar Rodrigues. Deste disse: «E que o dito seu irmão Gaspar Rodrigues hé morador na villa de Castellobranco e cazado com Izabel Ayres e della tem hum filho e duas filhas chamados Pedro, Perpetua e Maria e a mais velha que he a Perpetua terá noue annos de idade, naturaes e moradores da dita uilla».

Em 6 de dezembro de 1747, declarou Luís Nunes Ribeiro «Que haverá quinze annos, pouco mais ou menos, na villa de Penamacor

(1) Inquisição de Lisboa, processo n.º 7906.

e casa de seu thio Simão Nunes, christão-novo, çapateiro, cazado com Anna Nunes, não sabe de quem he filho, natural e morador da dita villa aonde falleceo e ja tinha sido prezo no Santo Officio por mais de huma vez, se achou com elle e estando ambos sós entre praticas que tiverão lhe disse o dito Simão Nunes que deichasse a ley de Christo e vivesse na de Moyses porque só nella havia salvação e que por sua guarda rezasse a oração do Padre Nosso sem dizer Jezus no fim, etc.

«Disse mais que assistindo elle nesta cidade na Bitesga lhe falou Duarte Rebello, christão-novo, homem de negocio, solteiro, filho de Antonio Soares de Mendonça, não sabe o nome da mãe, nem donde he natural e morador nesta cidade a Santa Apolonia em caza do dito seu pae, para que recolhesse em sua caza e acompanhasse a algumas pessoas christãs-nonas que vinhão da Beira e os acondusisse athe se embarcarem em hum barco da Arrantella que os havia de levar para hum navio que estava prompto para partir para fora do Reino e devendo elle algumas obrigações ao dito Duarte Rebello que tãobem lhe pagava as casas se resolveo a recolher em sua caza sete ou oito pessoas das villas do Fundão e Covilhã que vinhão fogidas com temor de serem prezas pelo Santo Officio por serem algumas relapsas como lhe declarou o dito Duarte Rebello, porem elle não tinha conhecimento algum das ditas pessoas, mais do que de huma que se chamava Diogo Lopes boticario, morador na villa do Fundão e hé irmão de Manuel Mendes Monforte, medico na villa da Idanha, aos quaes com effeito se embarcarão para fora deste reino e elle confitente os acompanhou athé a Boa Vista aonde os estava esperando a embarcação.

Disse mais que para as conduções das ditas pessoas e de muytas mais que se auzentavão para fora do Reino concorrião com todo o necessario o dito Duarte Rebello e João Gomes de Carvalho, christão-novo, homem de negocio, solteiro, não sabe donde he natural e morador nesta cidade por detras da igreja de Santa Maria o que elle confitente sabe com certeza porque os mesmos lho dizião e derão tãobem a elle algum dinheiro não só pello seu trabalho, como tãobem para o sustento de seis crianças, filhas de humas pessoas da villa da Covilhã que vinhão fogidas para hirem para fora do Reino e forão prezas pelo Santo Officio na villa da Alhandra, e tãobem sabe que para o tronsporte de todas as pessoas hia falar aos capitães dos Navios hum Bernardo José, christão-novo, procurador de Antonio Soares de Mendonça e do dito Duarte Rebello que o mandava fazer esta deligencia por saber falar varias lingoas e ser muito intelligente, não sabe o seu estado, nem donde he natural e só que morava ao chafarís de Dentro e mais não disse».

O mesmo Luís Nunes Ribeiro declarou a seu respeito que tinha 30 annos em 1748 e ainda «que elle fora deste Reino esteve na Curia Romana por tempo de tres mezes e de passagem em muitas terras de Castella, França e Italia, por onde fazia jornada e que neste Reino tem assestido nesta cidade de Lisboa e na villa de Penamacor, sua patria e tem hido ás villas de Castello Branco, São Vi-

cente, Fundão, Alpedrinha e Covilhã e as vizinhanças das mesmas mas por pouco tempo».

Em 20 de setembro de 1748 na casa do tormento: «Disse mais que haverá 14 annos pouco mais ou menos na villa de Penamacor e caza delle confitente se achou com seu irmão inteiro Gaspar Rodrigues, christão-novo, medico, casado com Isabel Ayres, natural da dita villa de Penamacor aonde foy morador e della se auzentou para esta corte e daqui para Portalegre, onde não sabe se ainda existe, nem que fosse prezo, ou aprezentado, e estando ambos sós entre praticas que tiuerão se declararão por crentes e observantes da ley de Moyses para salvação de suas almas e por sua observancia dissérão que fazião as ditas ceremonias e não passarão mais, nem dissérão quem os havia ensinado, nem com quem communicavam e se fiarão huns dos outros por serem parentes e amigos e da mesma nação e mais não disse nem ao costume». [1]

DOCUMENTO N.º 4

Interrogatorio de Manuel Henriques de Lucena

Ao primeiro do Mez de outubro de mil settecentos e tres annos em Lisboa nos Estaos e caza Terceira das audiencias da Santa Inquisição estando ahy na de tarde o Senhor Deputado João de Souza de Castellobranco de ordem de sua Illustrissima mandou vir perante si a Manoel Henriques de Lucena Reo prezo contheudo nestes autos e sendo prezente lhe foi dado o juramento dos santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter segredo, o que tudo prometeo cumprir.

Perguntado se cuidou em suas culpas como nesta Meza lhe foi mandado e as quer confessar para descargo de sua consciencia salvação de sua alma e bom despacho de sua cauza.

Disse que sim cuidara e que não tinha culpas que confessar pello que lhe forão feitas as perguntas seguintes de sua geneologia, em que respondendo, disse

Que elle como ditto tem se chama Manoel Henriques de Lucena, christão-nouo, Procurador da Caza dos sincos, natural de São Vicente da Beira e morador nesta cidade de Lisboa, de secenta e dous annos de idade.

---

[1] Processo n.º 7410 da Inquisição de Lisboa.

E que seus Paes são ja defuntos, e se chamavão Diogo Gomes, não sabe que occupação teue, e Isabel Henriques naturaes e moradores de São Vicente da Beira.

E que seus Avós Paternos e Maternos são ja defuntos e lhes não sabe os nomes, excepto a sua Avó Materna que ouvio se chamaua Joanna Rodrigues.

E que por parte de seu Pay teve so hum Tio chamado Sebastião Rodrigues, Tratante, casado, não sabe com quem, nem que tivesse filho.

E que por parte de sua May não sabe que tiuesse tio algum.

E que elle Declarante teue duas Irmãs, chamadas Maria e Clara Henriques.

E que a dita sua Irmã Maria Henriques hé ja defunta, e foi casada com Antonio Vaz Tintoreiro de cujo matrimonio não tiuera filhos.

E que a dita sua Irmã Clara Henriques hé ja defunta e foi cazada com Diogo Henriques ja defunto, e foi Almocreve, de cujo matrimonio teue hum filho chamado Diogo que hé soldado, cazado, não sabe com quem, e morador nesta cidade.

E que tambem teue outro filho chamado Sebastião que sendo solteiro embarcou para fora e não deu mais noticia sua.

E que elle Declarante foi cazado com Maria Nunes, de cujo matrimonio teve sette filhos, chamados Maria, Isabel, e Luis que morrerão solteiros e Diogo Nunes, Antonio Ribeiro, Anna Nunes e Clara.

E que o ditto seu filho Diogo Nunes Ribeiro hé medico, cazado com Gracia Caetana da Veiga, de cujo matrimonio tem huma filha de menor idade, chamada Isabel; o qual hé natural de Idanha, e morador nesta cidade.

E que o ditto seu filho Antonio Ribeiro hé Estudante, solteiro, e morador nesta cidade em caza delle declarante.

E que a ditta sua filha Anna Nunes hé casada com Simão Nunes, Tratante, de cujo matrimonio tem duas crianças, cujos nomes não sabe, natural de Idanha, e morador em Penamacor.

E que a ditta sua filha Clara hé solteira moradora na dita villa de Penamacor com a ditta sua Irmã.

E que elle Declarante hé cristão baptisado, e o foi na Igreja Matris de São Vicente da Beira, pello Parrocho cujo nome não sabe, e foi seu Padrinho o Padre Simão de Lemos.

E que hé crismado e o foi na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Idanha a Nova pello Bispo da Guarda Dom Frei Alvaro de São Boa Ventura; e foi seu Padrinho o Padre Manoel Vaz Caluo.

E que tanto que chegou aos annos de discreção hia as Igrejas, ouvia misas e pregação se confessaua e commungaua, e fazia as mais obras de christão e logo mandado por de joelhos se persignou e benzeo, e disse o Padre Noso, Ave Maria, Salve Rainha, credo, Mandamentos da Ley de Deos e da Santa Madre Igreja, o que tudo soube muito bem.

E que elle Declarante não sahio fora deste Reyno, e nelle es-

teue em Idanha a Nova, Villa de Abrantes, Estremoz e nesta cidade de Lisboa, onde fallava com toda a casta de gente que se lhe offerecia.

E que elle sabe ler, escreuer, e que não aprendeo sciencia alguma.

E que elle nunca foi prezo, nem appresentado, nem sabe que o fosse parente seu algum.

Perguntado se sabe ou sospeita a cauza da sua prisão?

Disse que não.

Foi lhe ditto que elle está prezo por culpas cujo conhecimento pertence ao Santo officio e lhe fazem saber que desta Meza se não manda prender pesoa alguma sem primeiro haver bastante informação de haver comittido culpas que a elle pertençem, e que esta mesmo ouue para elle Reo ser prezo; pello que o admoestão com muita charidade da parte de Christo Senhor Nosso que trate do descargo de sua consciencia, confessando inteiramente a uerdade de suas culpas, não impondo porem a si, nem a outrem falso testemunho por ser o que lhe convem para descargo de sua consciencia, salvação de sua alma e bom despacho de sua cauza; e por tornar a dizer que não tinha que confessar foi outra vez admoestado em forma e mandado a seu carcere sendo lhe primeiro lida esta sessão que por elle ouvida e entendida disse estar escritta na verdade e asinou com o ditto Senhor Deputado Jacome Esteves Nogueira o escrevi. — *João de Sousa de Castello Branco.* — *Manoel Henriques Lucena.* [1]

DOCUMENTO N.º 5

Genealogia de Manoel Mendes Brandão

Aos 27 dias do mes de Março de 1707 annos em Lisboa nos Estaos e Casa do Despacho da Santa Inquisição estando ahy em audiencia de tarde o Senhor Inquisidor Paulo Affonço de Albuquerque mandou uir perante sy a Manoel Mendes Brandão Reo preso contheudo nestes autos, e sendo prezente lhe foi dado juramento dos Santos euangelhos em que pos a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter segredo o que tudo prometeo cumprir.

Preguntado se cuydou em suas culpas como nesta Meza lhe foi mandado, e as quer accabar de confessar pera descargo da sua consciencia, salvação de sua alma, e bom despacho de sua cauza. Disse que sim cuydara, e que não tinha mais culpas que confessar pello que lhe forão feitas as preguntas seguintes de sua geneologia a que respondendo:

---

[1] Processo n.º 1953 da Inquisição de Lisboa.

Disse que elle se chama Manoel Mendes Brandão, christão novo, aduogado, cazado com Anna da Sylva, natural da villa de Monsanto e morador na da Covilhã de trinta annos de idade.

E que seos Pays se chamão Marcos Mendes, christão novo que vive de sua fazenda, e Violante Rodrigues, christã nova, ella da villa de Penamacor, e elle da de Monsanto aonde são moradores.

E que seos Avos paternos e maternos são já defuntos, e não sabe o nome mais que ao Paterno que se chamava Lazaro Rodriguez, natural da villa de Monsanto, e os maternos ouvio que eram naturaes da villa de Penamacor.

E que elle por parte do seu Pay teue hum tio e huma Tia, meyos irmaons do dito seu Pay, chamados Antonio Rodrigues e Beatris Henrriques. E que o dito seu tio Antonio Rodrigues foi curtidor, christão novo ja defunto e cazado com Maria Rodrigues christan nova, ella não sabe donde seja natural, e elle o he da villa de Monsanto, onde forão moradores, de que teue Diogo e Leonor. E que o dito seu Primo Diogo Henrriques he sapateyro, cazado não sabe com quem natural e morador da villa de Monsanto, e ouvio que tinha hum filho, ou huma filha de menor idade, a quem não sabe o nome. E que a dita sua Prima Leonor Rodrigues he casada com Manoel Rodrigues Franco sapateyro, elle do lugar do Fundão, e ella da villa de Monsanto, onde são moradores, de que tem tres filhos a saber Maria, Antonio, e outro a quem não sabe o nome e são de menor idade. E que a dita sua Tia Beatris Henrriques he christã nova ja defunta, e foi casada duas vezes a primeyra com Gaspar Mendes, christão novo, e ouvio que era sapateyro, e segunda vez o foi com Francisco Lopes o Carapote, christão novo, sapateyro, ella natural da villa de Monsanto, e o dito seu Primeyro marido não sabe donde o seja, e o segundo o era da villa de Penamacor, e morador que forão em a de de Monsanto; e do primeyro matrimonio teue Izabel, Lazaro e Maria, e do segundo teue Antonio. E que a dita sua Prima Izabel Henriques he ja defunta, e foi cazada com Francisco Lopes, christão novo, sapateiro, naturais e moradores da villa de Monsanto e não tiverão filhos. E que o dito seu Primo Lazaro Rodrigues he christão nouo, sapateiro, cazado com Maria Nunes, christan noua, ella da villa de Penamacor, e elle da de Monsanto, onde forão moradores e com as guerras ouvio que vierão para Penamacor, e dahi para o Fundão, de que tem filhos de menor idade, a quem não sabe o nome. E que a dita sua Prima Maria Mendes he cazada com Rodrigo Lopes, christão nouo, Ferreyro, ella natural do reyno de Castella e elle da villa da Idanha a nova e moradores no Lugar do Fundão, e não ouvio que tiuessem filhos. E que o dito seu Primo Antonio Rodrigues he sapateyro, cazado com Leonor Mendes, christã noua, ella natural de Penamacor, e elle de Monsanto onde forão moradores e por ocasiaão das guerras ouuio se passarão para a Cidade da Guarda, e dahi para a villa de Belmonte, e ouvio que tinhão hum filho de menor idade, a quem não sabe o nome.

E que por parte de sua May teue algumas tias, e hum Tio a que so sabe o nome, e se chamava Alvaro Fernandes, e a huma Tia

chamada Maria Nunes, naturaes e moradores da villa de Penamacor, todos já defuntos.

E que o dito seu tio Alvaro Fernandez foi curtidor cazado com Izabel Nunez christan noua naturais e moradores que forão da villa de Penamacor, e são ja defuntos, de que tiuerão Manoel, Simão e Pedro Nunez, Maria Nunez e Leonor Mendes, Anna e outra a quem não sabe o nome. E que o dito seu Primo Manoel Nunes he Tendeyro, cazado não sabe com quem mas o he com huma christan noua, ella não sabe donde seja natural, e elle o he da villa de Penamacor e morador na da Couilhã, de que teve duas mininas a mais velha de tres annos de idade. *E que o dito seu Primo Simão Nunez he Tratante, cazado com Anna Nunez, christan noua,* natural élla da villa da Idanha a Nova, e elle da villa de Penamacor e ao prezente moradores no Lugar do Fundão de que tem Antonio e huma minina a quem não sabe o nome, ambos de menor idade. E que o dito seu Primo Pedro he solteyro sem officio, natural de Penamacor e morador não sabe donde. E que as ditas suas Primas Maria Nunez e Leonor Mendes são casadas, e tem filhos na forma que assim ficão confrontadas. E que a dita sua Prima Anna he casada com Manoel Fernandes sapateyro, moradores no Logar do Fundão e não sabe que tenhão filhos. E que a dita sua Prima a quem não sabe o nome he cazada com Manoel Rodrigues Morão, christão nouo, Ferreyro, ella natural da villa de Penamacor, elle da de Idanha a nova, e moradores no Lugar do Fundão, e não tem filhos.

E que elle tem mais huns Primos de huma Tia materna a quem não sabe o nome, chamados Manoel Rodrigues Preto e Guiomar Nunes. E que o dito seu Primo Manoel Rodrigues Preto he mercador, e viuvo de Leonor Mendes christã noua, naturais e moradores do lugar do Fundão, de que tem quatro ou sinco filhos de menor idade e so a hum sabe o nome que se chama Manoel. E que a dita sua Prima Guiomar Nunez he casada com João Rodrigues, Tosador, ella do Fundão, e elle da Covilhã, onde são moradores, de que tem Simão já defunto e João solteiros.

E que elle como dito tem he cazado com Anna da Sylva, christan nova, de que tem Francisca de menor idade, e que a dita sua molher he natural da Cidade da Guarda e moradora na villa da Covilhã. E que elle he Christão Bautizado, e o foi na Matriz da villa de Monsanto pello parocho da Igreja do Salvador e foi seu Padrinho o capitão mor Fernão de Andrada Olival. E que elle não sabe se he, ou não Chrismado . . . .

E que elle sahio fora deste Reyno, e no de Castella foi á Cidade de Badajos e neste asistio na villa da Covilhã, e em outras mais partes aonde tratava com toda a casta de gente que se lhe offeresia. [1]

---

[1] Inquisição de Lisboa, processo n.º 6643.

DOCUMENTO N.º 6

Genealogia de D. Francisca da Silva

Aos doze dias do mez de settembro de mil e settecentos e vinte e sinco annos em Lisboa nos Estaos e caza terceyra das audiencias estando ahi na de tarde o Senhor Inquisidor João Paes do Amaral mandou vir perante a si Francisca da Sylva ré apresentada. . . . Que ella como ditto tem se chama Francisca da Sylva, christan noua, natural e moradora da villa da Covilhã de trinta e trez annos de edade.

Que seos pays se chamão Manoel Mendes Brandão Aduogado e Anna da Sylva ambos christaos nouos, elle natural da villa de Monsanto, e ella da cidade da Guarda e moradores da ditta villa da Couilhã.

E que seos Avos paternos e maternos são já defuntos e os paternos se chamavão Marcos Mendes mercador e Violante Rodrigues ambos christaos nouos naturaes e moradores da villa de Monsanto onde fallecerão.

E os maternos se chamavão Mathias Mendes Sexas medico e Brites Mendes Froes, christaos novos, naturaes da cidade da Guarda e forão moradores da villa da Covilhã onde fallecerão.

. . . .

E que ella não tem irmão algum nem irmã. E que ella como ditto tem he cazada com Estevão Soares de Mendonça, christão novo, mercador e quem tem hum filho chamado Antonio de nove mezes.

E que ella he christã bautizada e o foy na villa da Covilhã na Igreja de São Pedro pello Parrocho que então era da ditta Igreja de cujo nome se não lembra e forão seos Padrinhos Simão Pinheyro e Catharina Mendes. E que ella nunca sahio fora deste Reyno e nelle assistio sempre na dita villa da Covilhã e hum mez na de Penella e agora nesta cidade de Lisboa onde fallava com toda a sorte de pessoas que se lhe offerecia ou fossem christãos velhos ou christãos novos. (1)

(1) Inquisição de Lisboa, processo n.º 8248.

DOCUMENTO N.º 7

Extractos dos registros de Salamanca

En el libro de matriculas del año 1720 á 1721, siendo Rector el S.^{r} D. Jozef Pizarro, al folio 52 aparece entre los estudiantes de Medicina matriculado en 28 de noviembre de 1720 «Antonio Rivero n.^{l} de Peñamacor, D.^{r} La Gardia 1.º» y en el folio 55 del mismo libro entre los estudiantes de la Facultad de Artes «Antonio Rivero Sanchez, n.^{l} de Peñamacor».

En el libro de matriculas del año 1721 a 1722, siendo R.^{r} el S.^{r} D. Mariano Jacinto de Blancas al folio 53 vuelto figura matriculado en 16 diciembre 1721 «Antonio Rivero Sanchez, n.^{l} de Penamacor, D. La Guardia 2.º».

En el libro de matricula año de 1722 á 1722 siendo Rector el S.^{r} D. Jozef Antonio Vindinueta aparece en el folio 53 vuelto entre los estudiantes de la Facultad de Medicina matriculado «Ant.º Ribero Sanchez, nat.^{l} de Peñamacor D.^{r} de La Guardia 3.º en 15 de D.^{re} de 1722».

En el libro de «matricula de el año de 1723 en el de 1724 siendo R.^{or} el. S.^{r} D. Al.º Gutierrez Salam.^{ca}» en el folio 53 vuelto aparece matriculado entre los estudiantes de la facultad de Medicina «D. Ant.º Rivero Sanchez n.^{l} de Penamacor D. Miranda 4 en 20 D.^{re} de 723».

En el libro de examenes de Medicina desde 1692 Bachilleramientos aparece el acta seguiente: (Este libro no tiene foliacion).

D. Ant.º Rivero Sanchez 6

Ex.^{en} para B.^{r} en Medicina de D. Antonio Rivero Sanchez n.^{l} de Peñamacor D.^{r} Guardia «En Salam.^{ca} y a cinco de Abril de mil set.^{os} y veinte y quatro desde las dos hasta las quatro de la tarde se juntaron en la sala del claustro de esta Univ.^{d} á examinar para B.^{r} en Medicina á d.^{ho} D. Ant.º Rivero Sanchez presentes los Sr.^{es} D.^{n} Alonso Gutierrez de Salamanca, R.^{or} D.^{res} D. Blas Perez de Villarta Presidente del acto D. Pedro Carrasco Zambran. D. Manuel Joly, D.^{n} Pedro de San Martin, D. Alonso Lopes Salgado, D. Joseph de Parada Outiberos, D. Manuel Ximenez Perez y D. Manuel Herrero Cathedraticos de la d.^{ha} Facultad Examinadores de d.^{ho} acto.

Y juntos parecio presente el d.^{ho} Don Ant.º Rivero Sanchez el qual en presencia de los d.^{hos} S.^{res} puso e fundo sus conclusiones en la facultad de Artes y Medicina á las quales le

arguieron quatro Doctores de la misma facultad examinandole arguyendole y preguntandole rigorosam.[e] en la referida facultad hasta que el examen fue acavado que se votó en secreto sobre su aprovaz.[n] ó reprovaz.[n] y constó sêr aprovado por nemine discrepante

D.[n] Alonso Gutierrez Salamanca R.[or]

D.[r] Blas Perez Villarta

Ante mi

Diego Garcia de Paredes S.[o] F.

DOCUMENTO N.º 8

Extracto do interrogatorio de Manuel Nunes Sanches

Em 29 de outubro de 1726, compareceu em audiencia Manuel Nunes Sanches, cirurgião, solteiro, de 24 annos, morador em Villa Franca de Xira, e que entrou nos carceres da Inquisição em 17 do mesmo mês.

«Disse mays que haverá quatro annos (1722) na Villa de Manteygas e caza delle confitente se achou com seu parente *Antonio Ribeyro Sanches, christão novo, medico, solteyro, nam sabe o nome dos Paes, natural de Penamacor, e de presente morador em Benavente,* não sabe que fosse prezo ou aprezentado, e estando ambos sós, entre practicas que tiverão não lhe lembra sobre que motivo se declararão e derão conta como crião, e vivião, na ley de Moysés pera salvação de suas almas, e não passarão mays».

«Que havera quatro annos na Cidade da Guarda e caza de huma tia de Antonio Ribeyro Sanches, primo delle confitente que lhe parece se chama *Leonor Mendes* christã nova veuva, nam sabe de quem, nem o nome dos pays natural da dita cidade se achou com ella e com o dito seu primo Antonio Ribeyro Sanches christão novo medico solteyro nam sabe o nome dos pays, natural de Penamacor e moradores na Cidade da Guarda, e hoje ouvio que o dito Antonio hera em *Banavente,* nam sabe que fossem presos ou aprezentados e estando todos tres a saber, elle confitente, e os ditos Antonio Ribeyro Sanches e Leonor Mendes entre practicas que tiveram perguntou elle confitente ao dito Antonio Ribeyro Sanches quando cahia o dia grande, e o mesmo lhe respondeu o dia em que cahia, e ambos se declararam por crentes e observantes da ley de Moyses para salvaçam de suas almas as quais praticas e declaraçam ouvio e prezenceou a dita Leonor Mendes a que nam respondeo couza

alguma. Disse mais que no dia seguinte na dita cidade da Guarda hindo a passeyo com o dito Antonio Ribeyro Sanches se achou com elle e estando ambos sos por occaziam de lhe parecer a elle confitente que o mesmo estava rezando lhe proguntou que rezava, e o mesmo lhe respondeo que a oraçam do Padre Nosso sem dizer Jezus no fim offerecida a Deos Padre porque nella se lhe pediam muitas cousas, e tambem os Psalmos Penitenciaes, ao que elle confitente lhe respondeo que tambem rezava a dita oraçam na sobredita forma e o Psalmo de Miserere, e acrescentou o dito Antonio Ribeyro que na occasiam da lua nova de cada mes uinhão dous dias santos como os sabados e nam passaram mais».

Manuel Nnnes Sanches, natural de Monsanto, era filho de Francisco Nunes de Payva, cirurgião e de Leonor Henriques, elle natural de Proença a Velha e ella de Idanha a Nova. O avô paterno chamava-se Gaspar Rodrigues de Paiva. Seus avos maternos chamavam-se Manuel Nunes Sanches e Guiomar Nunes. Teve um tio paterno chamado Gaspar Rodrigues de Paiva, mercador, casado duas vezes e com alguns filhos, de que só sabe o nome de Francisco Nunes de Paiva, mercador em Alpedrinha ou Penamacor. Teve tres tias maternas e quatro tios: Henrique Froes, Jorge Manuel, Marcos Nunes Sanches, Isabel Sanches e Helena Nunes e de outro matrimonio do seu avô, Miguel, estudante, não sabendo o nome dos restantes.

Seu tio Henrique Froes, boticario, casado com Violante Rodrigues tem os seguintes filhos: Manuel Nunes Sanches, Maria e outras duas. Seu tio Jorge Nunes, morador em Teixoso, é solteiro.

Seu outro tio Manuel Nunes Sanches assiste nas Minas na mata de Itauhi, onde tambem assiste outro seu tio Marcos Mendes Sanches. Sua tia Isabel Sanches assiste na Idanha a Nova, onde é casada com João Rodrigues Mourão, cirurgião.

Tem cinco irmãos e sete irmãs: Francisco Nunes de Paiva, Antonio Ribeiro Sanches, Gaspar Rodrigues de Paiva, Henrique, Leonardo, Leonor Henriques, Ignes Nunes, Francisca da Silva, Mariana e Brites, Anna e Guiomar.

Nunca saiu do reino e assistiu em Lisboa, Covilhã, Manteigas e Villa Franca de Xira.

Só lhe consta que uns seus parentes remotos, filhos de Simão Carvalho tivessem estado presos.

Foi-lhe publicada em 25 de julho de 1728 a sentença em auto publico a que assistiu D. João V, os infantes D. Francisco e D. Antonio, muita nobreza e povo, pela qual foi condenado a abjurar, a carcere e a ser instruido nos misterios da fé. [1]

---

[1] Inquisição de Lisboa, processo n.º 8256.

DOCUMENTO N.º 9

Documentos relativos a Diogo Nunes Ribeiro

Diogo Nunes foi preso em 22 de agosto de 1703.

As suas culpas constam dos processos seguintes:

Jorge Rodrigues Dias declarou que subindo um dia o Chiado se encontrou com Diogo Nunes Ribeiro, que lhe disse que se fosse preso não falase no nome d'elle.

Clara Rodrigues de Chaves declarou que indo a sua casa Diogo Nunes Ribeiro, morador ao Lagar do Cebo, observou que elle era observante da lei de Moisés.

Luiz Rodrigues Ferreira declarou que Diogo Nunes Ribeiro o informou de quando era a paschoa dos judeus.

José Nunes Chaves declarou que encontrando-se de fronte dos arcos do Rocio com Diogo Nunes Ribeiro, casado com uma filha de André de Sequeira, e morador em casa deste, se lhe declarou por crente na lei de Moisés.

Jorge Mendes Nobre, advogado, declarou-se por judeu com Diogo Nunes Ribeiro e vice-versa.

Gaspar Mendes Henriques, idem.

Ignes da Fonseca, idem.

Leonor Rodrigues, idem.

Francisco de Sá e Mesquita, estudante de medicina, idem.

Brites Nunes, idem.

INVENTARIO DOS BENS

Diogo Nunes Ribeiro declarou que não tinha bens de raiz.

Meia duzia de tamboretes torneados em romano. Dois contadores de pau do Brazil no valor de 40$000 reis. Um leito do mesmo pau, de 20$000 réis de valor. Quatro ou cinco caixões de pau da India, de 30$000 ou 40$000 reis, de valor.

Alguns livros de medicina que poderiam valer 30$000 réis.

Uma mula que lhe havia custado 62$500 reis.

Tem a receber de Roma uma letra da quantia de 25$000 reis a pagar a Antonio Manzoni, a qual provinha de umas flores e oleos que elle mandou ir para D. Lourenço de Almada. Um guarda-roupa e um bufete que tudo valeria 40$000 reis. E mais dois bufetes do valor de quatro mil reis.

Na audiencia de 5 de outubro de 1703 disse «que era medico natural de Idanha a Nova e morador nesta cidade de trinta e cinco annos de edade.

E que seus Pays se chamavam Manoel Henriques Lucena procurador da caza dos cinco natural de Idanha a Nova e morador

nesta cidade, e Maria Nunes ja defunta natural da dita villa da Idanha a Nova.

E que seus Avos paternos são já defuntos, e se chamavão Diogo Gomes Henriques e Izabel Henriques, naturaes e moradores em São Vicente da Beira.

E que seus Avós maternos se chamavão Luis Lopes já defunto e Maria Nunes não sabe donde elle fosse natural e ella o he de Idanha a Nova onde tambem he moradora.

E que por parte de seu Pay teue duas tias chamadas Clara e Maria Henriques. e que a dita sua tia Clara Henriques he ja defunta e foy casada com Diogo Henriques tratante de cujo matrimonio teve dous filhos chamados Sebastião solteiro morador em Idanha e João tambem solteiro morador na Bahia.

E que a dita sua tia Maria Henriques he tambem defunta e foy casada com Alvaro Vaz mercador de cujo matrimonio não teve filhos.

E que por parte de sua May teve hum tio e duas tias chamados Manoel Nunes Sanches, Anna Nunes e Leonor Lopes.

E que o dito seu tio Manoel Nunes he ja defunto e foy cirurgião cazado com Messia Nunes de cujo matrimonio teve huma filha chamada Maria Nunes cazada com Manoel Rodrigues moradora em Castella.

E que a dita sua tia Anna Nunes he veuva de Francisco Lopes Henriques mercador moradora em Idanha a Nova, de cujo matrimonio tem quatro filhos chamados Antonio Ribeiro Sanches, Leonor Henriques, João e Diogo, todos solteiros, moradores com a dita sua may.

E que a dita sua tia Leonor Lopes he cazada com Francisco Rodrigues mercador de pannos de cujo matrimonio tem seis filhos chamados Isabel casada com Francisco Lopes soldado de cavallo, Maria cazada não sabe com quem e os mais são pequenos e lhe não sabe os nomes moradores na Idanha com a dita sua may.

E que elle declarante tem hum irmão e duas irmãs chamados Antonio Ribeiro Sanches, Anna Nunes e Clara Henriques.

E que o dito seu irmão Antonio Ribeiro he solteiro Estudante de Medicina morador nesta cidade.

E que a dita sua Irmã Anna Nunes he moradora em Pena Macor cazada com Simão Nunes flamengo mercador de cujo matrimonio tem dous filhos pequenos cujos nomes não sabe.

E que a dita sua irmã Clara Henriques he solteira moradora em Pena Macor com a dita sua Irmã.

E que elle declarante he cazado com Grácia Caetana da Veiga christã nova de cujo matrimonio tem dous filhos chamados Manoel e Isabel de menor idade.

E que elle declarante he christão bautizado e o foy na Igreja de N. S.ra da Conceyção de Idanha a Nova pelo Parocho que então era a quem não sabe o nome e foy seu Padrinho seu avo Luis Lopes.

E que elle he chrysmado e o foy na dita Igreja de Nossa Se-

nhora da Conceyção pelo Bispo da Guarda Dom Martinho Affonso de Mello e foy seu Padrinho Manoel Nunes de Vizeu,

E que elle tanto que chegou aos annos de discrição hia as Igrejas e ouvia Misa e se confessava e comungava e fazia as mais obras de christão.

E sendo logo mandado por de joelhos se persignou e benzeo, Disse o Padre, Ave Maria, Salue Rainha, credo, mandamentos da ley de Deus e da Santa Madre Igreja que tudo soube.

E que elle declarante aprendeo Phiiosophia e Medicina e não sabe outra algua sciencia.

E que elle esteue nos Reynos de Castella nas cidades de Placencia e Salamanca, e neste Reyno esteve em Coimbra Guarda Abrantes e Lisboa onde fallaua com toda a sorte de gente que se lhe offerecia.

E que elle nunca foy prezo nem aprezentado nem sabe que parente seu algum o foçe.

Depoimento do P.e Frei Pedro da Trindade, religioso do convento de São Domingos, no qual declarou ter visto o reu Diogo Nunes Ribeiro praticar obras externas de christão, sendo medico do convento.

Id. de Fr. Alvaro de Castro, Fr. Bartholemeo do Sacramento, Fr. Henrique Borgonha. religiosos dominicanos.

Na defesa do reu, este declarou entre outras cousas:

«havera sette annos vivia elle R. na villa de Abrantes aonde entrou a ser morador no mes de Abril de 1697 aonde assistio até o mesmo mes de Abril de 1698 sem que tornasse mais á cidade da Guarda».

«não veio a esta cidade [de Lisboa] se não em Abril de 1698 que agora fazem seis annos e no ano de 1695 que thé ao prezente fazem oito annos e oito meses, de que depoem a 4.a testemunha estava elle R. sendo morador na cidade da Guarda, donde não veio se não em Abril de 1697 a viver na villa de Abrantes».

«Provará que Manuel Henriques Lucena pay delle R. vivendo em sua companhia aonde tinha o sustento todo, se apartou déllа, e a deixou somente por causa de elle R. dar diante delle humas bofetadas em outro seu irmão Antonio Ribeiro Sanches, que foi com o dito seu pai, e nunqua mais viveram todos, e apenas despois de algum tempo se fallarão por comprimento; fogindo tão bem elle R. da sua comonicação por ver e entender que o dito seu pai andava em máo estado, e pertendia cazar como não devia com huma sua amiga, sobre que elle R. lhe deu reprehençoes, e portanto lhe não podem prejudicar os juramentos do dito seu pai e irmão».

«... costumando elle R. hir da dita cidade da Guarda á dita vila de Idanha, donde he natural em quasi todos os veroins, e sempre no mez de Julho; e assistia thé o mes de Agosto e no dito mes de julho de 1694 ou teve huma grave pendencia com o Dr. Manuel Nunes Sanches, com quem brigou publicamente, ou ouve humas comedias em que elle R. entrou no mes de Agosto, fazendo huma

das principaes figuras, para o que precederão muitas vezes ensayos no tempo antecedente».

Em audiencia de 24 de julho de 1704 confessou o seguinte: «Disse mais que havera quatorze annos na ponte da cidade de Placencia se achou com seu Pay Manoel Henriques de Lucena Procurador na caza dos Sincos, christão novo, veuvo de Maria Nunes, e filho de Diogo Gomes, natural de São Vicente da Beira e morador nesta cidade, não sabe que fosse prezo, nem apprezentado, e estando ambos sós, por occasião de elle confitente lhe dar conta do ensino que lhe havião feito da Ley de Moyses, dizendo lhe que tinha crença na mesma Ley, se declararão e derão conta elle confitente e o dito seu Pay Manoel Henriques como crião e vivião na ditta Ley para saluação de suas almas depois do que se ficarão tratando e conhecendo por crentes e observantes da mesma ley thé que prenderão a elle confitente».

No auto de 19 de outubro de 1704, foi lida a sentença a Diogo Nunes Ribeiro, na qual se lhe mandou abjurar os erros, com carcere e habito penitencial perpetuo, sendo instruido nos misterios da fé, para salvação de sua alma. ([1])

DOCUMENTO N.º 10

Interrogatorio de Grácia Caetana da Veiga

Grácia Caetana da Veiga declarou na audiencia de 9 de novembro de 1703, ser natural de Lisboa e de 27 annos e que era filha de André de Sequeira, mercador e de Isabel Maria.

Tem tres irmans chamadas Francisca Soares, Theresa Eugenia e Branca Soares, todas solteiras e moradoras em casa de seus paes.

E' casada com Diogo Nunes Ribeiro, medico, de cujo matrimonio tem dois filhos chamados Manuel e Isabel, o mais velho de tres annos.

Foi condemnada a carcere e a habito penitencial a arbitrio dos Inquisidores. A sentença foi publicada no auto de 12 de desembro de 1716. ([2])

([1]) Inquisição de Lisboa, processo n.º 2367.
([2]) Inquisição de Lisboa, processo n.º 3054.

DOCUMENTO N.º 11

Denuncia feita por D. Bernarda Josefa de Miranda

Delatassão que deu a Meza da Inquisissão da cidade de Lisboa a Madre Donna Bernarda Josefa de Miranda religiosa no Mosteiro de São Bernardo desta villa de Coz contra o Medico Diogo Nunes Ribeiro, morador na ditta cidade de Lisboa.

Aos vinte e quatro dias do mes de Fevereiro de mil settecentos e dezaçeis annos em huma das grades do dito mosteiro aonde eu Manoel Carvalho Lourenço Notario do Santto Officio fui chamado, e na dita grade do ditto Mosteiro estavam da parte de dentro a ditta Donna Bernarda Josepha de Miranda, e por ella foi ditto perante mim, que para descargo de sua conçiençia e conçelho que lhe deu seu confessor delatava a Meza da Inquissição da cidade de Lisboa o Medico *Diogo Nunes Ribeiro* morador na ditta cidade de Lisboa que estando ella sobreditta em casa de sua Prima Donna Francisca Xavier, veuva que ficou de Dom Rodrigo de Miranda Henriques da ditta cidade e nella moradora; fora o dito delatado a caza da ditta sua Prima Donna Francisca Xávier a vizitar e curar a ella ditta Donna Bernarda Josepha de Miranda e que elle dito delatado diçera diante della e que lhe pareçe que tão bem estava prezente a ditta sua Prima muito mal dos senhores Inquizidores, e que elles favoreçião a quem lhes pareçia, e que bem lhes podião elles dar algum signal para que elle entendesse o porque estava preso pois lhe tinhão algũa obrigação para lho fazerem; e que lhe diçera mais, que de noite se punha de brussos quando estaua prezo e que por debaixo da porta (fora de horas) falava com os outros prezos que estavão encellarados. Que não dera mais sedo esta denunçiassão por não entender estaua obrigada mas que tanto que o seu confessor a advertira, não pode mais soçegar e que me pedia e rogava que logo remetesse esta denunciação a Meza da Inquizissom de Lisboa e por verdade do referido assignou aqui comigo *dia ut supra* — O Notario *Manoel Carvalho Lourenço* — *Donna Bernarda Josepha de Miranda Henriques.* [1]

---

[1] Caderno do Promotor da Inquisição de Lisboa, do anno de 1715, fl. 325.

DOCUMENTO N.º 12

Denuncia do capitão de mar e guerra Henrique de Baulssay

Aos vinte e sinco dias do mez de Abril de mil e settecentos e vinte e seis annos em Lisboa nos Estaos e Caza do Despacho da Santa Inquisição estando ahi na audiencia de tarde o Senhor Inquisidor João Alvares Soares, mandou vir perante si a hum homem que da salla pedio audiencia, e sendo presente por dizer que tinha que dar parte nesta Meza lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos a mam sob cargo do qual lhe foy mandado dizer uerdade e ter segredo o que tudo prometeo cumprir e disse chamar se Henrique de Basem sem officio solteyro, filho de Francisco de Bossem que foy capitão de Mar e guerra natural da Cidade de Amsterdam, estado de Hollanda e morador nesta cidade adiante do Chafaris de Andaluz, na rua que vay para S. Sebastião da Pedreyra e de sincoenta e dous annos de idade e logo disse:

Que pello Natal proximo passado nesta cidade de Lisboa o mandou procurar a hũa caza de café Pedro Lami homem de negocio solteyro não sabe o nome do pay, natural do Reyno de Inglaterra e morador nesta Cidade na rua dos mercadores freguezia de S. Julião, e preguntando elle denunciante ao dito Pedro Lami o que lhe queria este o convidou a hirem passear, e estando ambos só lhe disse a elle denunciante, se queria recolher em sua casa a hum homem que tinha feyto hum crime, e vinha a esta Corte occulto para tirar cartas de seguro, e que por elle denunciante entender que era verdade o que lhe dizia o dito Pedro Lami, a quem quis fazer este favor lhe disse que podia o dito homem hir para sua caza e hindo com effeyto porque elle denunciante o foy buscar a Quinta de Milfontes, junto a S. Cornelio com carta que para isso recebeo do dito Pedro Lami que disse ao tempo em que lha deo a elle denunciante, depois de ter fallado em receber o tal homem, que tambem a molher do mesmo viera assistir a seo marido e a havia recolher e que para virem as ditas pessoas elle dito Pedro Lami lhe mandaua carruagem, e que hindo com effeito elle denunciante a dita Quinta da mesma conduzio para sua caza as dittas duas pessoas, e as teue em sua caza por espaço de uinte e quatro dias; no discurso do qual tempo o dito homem ainda que ao principio lhe disse chamar se Jorge de Azeuedo, veyo a alcançar que o nome proprio do dito homem era Manoel Rodriguez Sarzedas porque assim o vio em cartas que mostravam ser de filho seo, cujo nome lhe não lembra, o qual escreuia ao dito homem pondo no sobrescritto Manoel Rodriguez Sarzedas meo pay e lhe escreuia da cidade da Guarda donde o dito Manoel Rodriguez Sarzedas era morador, e nella deixou outro filho por nome Jacinto, e outra filha cazada a quem não sabe o nome, e

que passados os ditos vinte e quatro dias veyo o dito Pedro Lami a caza delle denunciante em hũa noute pellas seis para as sette horas e fallando com o dito Manoel Rodriguez e sua molher lhe preguntou se estavão promptos e respondendo-lhe os mesmos que estavão promptos sahirão em companhia do dito Pedro Lami a pé, e se forão meter em hũa sege que tinha abaxo da porta delle testemunha hum tiro de espingarda a qual sege o mesmo Pedro Lami havia pedido emprestada a huns homens de negocio chamados Berga e Ansen Amburguezes ou Holandezes que assistem nesta cidade ao lagar do Sebo os quais entende elle denunciante que não tiueram noticia do effeyto para que lha pedio, e com a dita sege foy hum moço criado dos mesmos que lhe parece se chama Manoel de boa prezença, cabello comprido que reprezenta dezonto annos de idade e não esta prezente nas mais confrontações do mesmo nem da libré que leuava, o qual podera dar noticia para onde os levou; e que passados alguns dias uendo elle denunciante que o dito Manoel Rodrigues depois de haver sido seo hospede se fora embora sem com elle denunciante ter algũa attenção, estando elle denunciante ainda no conceyto de que o mesmo vinha a esta Corte, para alcançar a dita carta de seguro e que a teria alcançado e se recolherião para a sua terra, achando se elle denunciante no Terreyro do Paço, em o mesmo lhe fallarão *João* e *Sebastião Nunes* entre si irmãos e parentes do dito Manoel Rodriguez Sarzedas, homens de negocio solteyros não lhe sabe o nome dos pays os quais, no dito tempo lhe disserão que assistião em caza de *Diogo Nunes Ribeyro* junto do Conde de S. Vicente, e lhe derão os agradecimentos da parte do dito Manoel Rodriguez Sarzedas de o haver hospedado em sua caza e pelo que ouvio aos mesmos contando lhe os trabalhos que havia padecido no mar teue a noticia que o dito Manoel Rodriguez Sarzedas se havia embarcado para o Reyno de Inglaterra com a dita sua molher e seis ou sette filhos; e que com esta noticia, elle denunciante se queixara ao dito Pedro Lami de o haver enganado mettendo lhe em sua caza pessoas da nassão dos christãos nouos para se auzentarem deste Reyno, e dando lhe occasião de que elle denunciante inculpavelmente padecesse algum disgosto, e insinuando lhe que para se livrar do mesmo recorreria a esta Mesa dando parte do referido, o dito Pedro Lami o ameaçara dizendo lhe que tinha cem moedas de ouro para dar a quem a elle denunciante o matasse e que por esta razão elle denunciante vem dar parte do referido com a cautella que se fez notorio nesta Meza.

Diste mais que quando o ditto Manoel Rodriguez Sarzedas esteue em sua caza fez alguns escrittos de divida falsos e suppostos assim ao dito Pedro Lami, como a outras pessoas por nome Jorge Serneit e Boler Encheis Inglezes de nasção assistentes nesta cidade o dito Jorge ao lagar de Cebo e o Boler Encheis na rua dos mercadores, onde viue de seo negocio, e que tambem fizera outro escritto de divida a Guatequin, e Companhia tambem Inglezes assistentes nesta Cidade na rua dos mercadores, o qual emportava em trezentos ou quatrocentos mil reis que com effeyto o dito Manoel Rodri-

guez Sarzedas lhe confessou deuia ao mesmo, e que por sentença que os dittos supplicantes acredores alcançarão contra o ditto Manoel Rodriguez Sarzedas mandarão à Cidade da Guarda a hũ requerente chamado Manoel do Souto morador nesta cidade na rua dos Fornos em companhia do caixeyro do dito Guatichin com poderes bastantes para lhe uenderem a sua fazenda, e que isto he o que mais tinha que declarar e al não disse nem ao custume, e sendo lhe lida esta sua denunciação e por ella ouvida e entendida disse estava escritta na verdade, e que nella se affirmaua, ratificava e tornava a dizer de novo sendo necessario, sem ter mais que acrescentar, diminuir mudar ou emendar nem de nouo que dizer ao costume sob cargo dos juramentos dos Santos Evangelhos que outra vez lhe foy dado no que estiverão prezentes por honestas e Religiozas pessoas que tudo o sobredito virão e ouvirão e prometerão dizer verdade no que forem preguntados sob cargo do mesmo juramento que tambem receberão os licenciados Manoel de Figueiredo e Manoel Lourenço Monteyro Notario desta Inquisição que *ex causa* assistirão a esta ratificação e assignaram com o denunciante e o dito Senhor Inquisidor. Alexandre Henriques Arnaut o escrevi. —*Henrique De Baulssay* —*João Alvares Soares* — *Manoel de Figueiredo* — *Manoel Lourenço Monteyro.*

E hido o denunciante para fora forão preguntados os sobreditos Lecenciados se lhes parecia que fallava verdade e merecia credito e por elles foy ditto que lhes parecia que fallava uerdade e merecia credito e tornarão a assignar com o dito Senhor Inquisidor. Alexandre Henriques Arnaut o escrevi. — *João Alvares Soares* — *Manoel de Figueiredo* — *Manoel Lourenço Monteyro.* [1]

DOCUMENTO N.º 13

Apresentação de Diogo Nunes

Aos 7 de setembro de 1729 apresentou-se na Inquisição de Lisboa Diogo Nunes, christão novo, natural de S. Vicente da Beira, e morador no Curralinho, districto das minas do Ouro Preto, bispado do Rio de Janeiro.

Declarou que elle e sua mãe Clara Henriques se tinham por crentes na lei de Moisés.

«Disse mais que havera dous annos pouco mais ou menos na

---

[1] Caderno 96 do Promotor da Inquisição de Lisboa, fl. 163.

cidade de Londres e caza de *Diogo Nunes Ribeyro*, christão novo, medico se achou com sinco filhos do mesmo e de sua mulher a quem não sabe o nome chamados Rodrigo, Manoel Nunes e Andre e duas femeas mais a quem não sabe os nomes christãos novos solteyros, excepto huma que he cazada com Rodrigo Soares e com o dito Rodrigo Soares, christão novo, tratante todos naturaes desta cidade de Lisboa e moradores na dita cidade de Londres, onde professão publicamente a Ley de Moyses, não sabe que fossem prezos ou aprezentados e estando todos sette a saber elle confitente e os ditos Rodrigo, Manoel Nunes e Andre e duas irmãs dos mesmos parentes delle confitente e o dito Rodrigo Soares se declararam por crentes e observantes da ley de Moyses para salvaçam de suas almas, e com elles foy a sinago_a e por Judeus se trataram por tempo de dous annos».

«Disse mais que havera onze annos pouco mais ou menos nos Campos da Cachoeyra em hũa Rossa junto a Itambira seis leguas distante da villa do Ouro Preto e caza delle confitente se achou com seu irmão João Nunes Ribeiro já defunto, christão novo que foi tratante solteiro, natural da villa de São Vicente da Beyra e falleceo na cidade de Dunquerque, Reyno de França, vindo apresentar-se a esta Inquisição e com Manuel Nunes Sanches, christão novo, tratante e lavrador de Rossas, solteyro, filho do medico Manuel Nunes Sanches, não sabe o nome da may, e com hum irmão do mesmo chamado Marcos Mendes tambem lavrador, solteyro naturaes de Idanha a Nova e moradores no dito sitio de Itambira e com João Lopes Alvarez, christão novo tratante solteiro, filho de Antonio Lopes, segundo lhe parece não sabe o nome da may, natural da Covilhã segundo lhe parece e assistente vagamente e nenhua destas pessoas sabe que fosse preza ou apresentada e estando todos sinco . . . entre praticas que tiveram se declararam por crentes e observantes da Ley de Moyses».

«Disse mais que hauera dous annos na cidade de Londres e caza de seu primo Diogo Nunes de quem já disse, o mesmo persuadio a elle confitente que já que elle vivia na ley de Moyses lhe conuinha muyto circumcidarse, ao que elle confitente assentio, e com effeyto se sugeytou a circumcisão que se executou naquella ocasião com todas as solenidades que os Judeus costumão em semelhante occazião e não passarão mais, nem disserão quem os havia ensinado nem com quem mais se communicavam e se fiaram huns dos outros os parentes porque o erão e os mais por amigos e da mesma nação e al não disse nem ao costume».

«Aos sete dias do mes de Novembro de mil e setecentos e vinte e nove annos em Lisboa nos Estaos e Casa segunda das audiencias da Santa Inquisição estando ahi em audiencia da tarde o Senhor Inquisidor Philippe Maciel mandou vir perante si da sala a Diogo Nunes Reo aprezentado contheudo nestes auttos e sendo presente lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos sua mão sob cargo do qual lhe foy mandado dizer verdade e ter segredo o que tudo prometteo cumprir.

Preguntado se cuydou em suas culpas como nesta Meza lhe foy mandado, e as quer acabar de confessar para descargo de sua consciencia, salvação de sua alma, e bom despacho de sua cauza. Disse que sim cuydara, e que não he mais lembrado, pello que lhe fôrão feytas as perguntas seguintes de sua geneologia, a que respondendo disse:

Que elle como dito tem se chama Diogo Nunes, christão novo, Tratante natural de S. Vicente da Beyra e morador nesta cidade de sincoenta e tres annos de idade.

E que seus Paes são já defuntos e se chamavam Diogo Henriques, christão novo, Tratante, e Clara Henriques, elle natural da villa de Proença, e ella da de S. Vicente da Beyra, e moradores em Idanha a Nova, onde fallecerão.

E que seus Avos assim Paternos e Maternos são defuntos, e não lhe sabe os nomes, nem teue noticia delles excepto seu Avo Materno, que se chama Diogo Gomes, christão novo, que vivia de sua fazenda, já defunto, natural e morador em S. Vicente da Beira.

E que so sabe que por parte de sua May tivesse hum Tio chamado Manoel Henriques, christão novo, defunto, çapateyro, cazado com Maria Nunes, natural de S. Vicente da Beyra, e morador em Idanha a Nova, de quem teve sete filhos a saber Diogo Nunes, Luis Lopes, Antonio Nunes, Maria, Isabel, Anna e Clara todos christãos novos e naturaes de Idanha a Nova. E que o dito seu Primo Diogo Nunes Ribeyro he medico, cazado não sabe com quem, da qual molher tem sinco filhos a saber Manoel Nunes, formado na Universidade de Coimbra, Rodrigo sem officio, André, sem officio e não sabe o nome as filhas, todos moradores hoje na cidade de Londres para onde se auzentarão, e lá vivem todos professores da ley de Moyses. E que o dito seu Primo Luis Lopes he defunto e foy cirurgião, solteyro e faleceo vindo de viagem da India para este Reyno. E que o dito seu Primo Antonio Nunes, christão novo, solteyro, estudante de Medecina, auzente d'este Reyno, não sabe aonde. E que a dita sua Prima Maria he já defunta, e morreo solteyra na villa de Idanha a Nova e o mesmo sua Prima Izabel.

E que a dita sua Prima Anna he moradora em Penamacor e casada com Simão Nunes Flamengo, Rendeyro de quem tem seis ou sete filhos chamados Antonio Ribeyro Sanches, christão novo, Medico, solteyro, natural de Penamacor, professor de Judaismo, e morador em Londres, e Manoel solteyro que aprendia a boticario na dita cidade de Londres em companhia do dito seu irmão; e João solteyro, Ferrador, natural de Penamacor; e não sabe o nome dos mais.

E que a dita sua Prima Clara, christã nova, viuva de huu Tratante a quem não sabe o nome e supoem se chamava João Nunes, tambem moradora em Londres professora do Judaismo e tem dous filhos a quem não sabe os nomes e o mais velho que he maxo terá doze annos de idade.

E que elle tem tres meyos irmãos a saber Diogo Henriques, Manoel Mendes e Francisco; e dous irmãos inteyros a saber João Nunes Ribeyro e Sebastião Nunes Ribeyro, porque seu Pay foy duas

vezes cazado a primeira vez não sabe com quem, a segunda com sua May a dita Clara Henriques.

E que o dito seu meyo Irmão Diogo Henriques, christão novo, he já defunto e foy çapateiro e faleçeo em Idanha a nova, cazado não sabe com quem, e teve quatro filhos a saber Diogo, Francisco, Luis e Luisa naturaes de Idanha a nova onde são moradores.

E que seu sobrinho Diogo Nunes, christão novo, he çapateiro cazado não sabe com quem e sabe que tem filhos, e não sabe os nomes, nem quantos são. E que seu sobrinho Francisco he çapateiro cazado não sabe com quem, nem se tem filhos. E que seu sobrinho Luis não sabe se he çapateiro, nem se he casado e que sua sobrinha Luiza he cazada com hum filho do Palancho, não sabe que officio tem, nem se tem filhos.

E que seu Irmão Manoel Mendes he já defunto, foy çapateiro, cazado, não sabe com quem, de quem tem filhos, não sabe se são seis e só sabe os nomes a Joseph Mendes, Miguel, Isabel e Manoel, e Helena e Luiza, naturaes e moradores em Idanha a nova.

E que seu sobrinho Joseph Mendes parece-lhe que he çapateiro solteyro. E que seu sobrinho Manoel Mendes he solteyro, não sabe o officio, e o mesmo do outro Irmão, e mais Irmãos. E que o dito seu Irmão Francisco he christão novo, çapateyro e defunto, cazado não sabe com quem, ouvio que tinha filhos não lhes sabe os nomes, nem quantos são. E que seu irmão João Nunes he já defunto, Tratante das Minas da Cidade da Bahia, onde foy morador, e faleceo solteyro na Cidade de Dunquerque, Reyno de França.

E que seu Irmão Sebastiam Nunes foy Tratante nas Minas, e morador hoje na Cidade de Londres onde he professor da ley de Moyses, cazado não sabe com quem, e só que he filha de Andre de Sequeira e não tem filhos.

E que elle he viuvo de Leonor Henriques, christã nova, de quem não teve filhos, nem os tem naturaes.

E que elle he christão baptisado e o foy na freguezia de S. Vicente da Beyra pello Parocho que era da mesma, e seu Padrinho entende se chamava Francisco Lopes.

. . . .

E que elle não sabe ler, nem escrever, nem aprendeo sciencia alguma.

E que elle sahio deste Reyno e esteve no de Angola, e todo o estado do Brazil, e no Reyno de Inglaterra na cidade de Londres, e em França em Dunquerque, e outras terras de passagem, e neste Reyno na sua terra, e nesta, hindo a alguas feyras do Alentejo, donde falava com todas as pessoas que se lhe offerecião, ou fossem christãos velhos ou christãos novos.

E que elle nunca foy preso nem apresentado no Sancto Officio se não agora, e dos seus parentes forão presos seus Tios Manoel Henriques e Primo Diogo Nunes, e dos mays não sabe que fossem prezos ou apresentados . . . .»

«E declara que se contra elle tem dito os filhos de seo meyo irmão Manoel Mendes, e os de sua Prima Anna Nunes, cazada com Simão Nunes Flamengo, naturaes os primeiros de Idanha a Nova, e os segundos de Penamacor e moradores e os de seo meyo irmão Diogo Henriques, naturaes e moradores de Idanha a nova, he falso, como tambem o he, se acazo os filhos de outro seo meyo irmão Francisco não sabe donde são naturaes e moradores diserão delle declarante nesta Meza; por quanto auzentando-se elle declarante para o Brazil havera trinta e quatro para trinta e cinco annos não teve conhecimento d'elles, nem nunca mais os vio». (1)

DOCUMENTO N.º 14

Interrogatorio de Henrique Nunes de Paiva

Em 2 de maio de 1746, na inquisição de Lisboa, declarou Henrique Nunes de Paiva, tratante, natural de Monsanto, filho de Marcos Mendes Capote, sapateiro e de Catharina de Paiva, neto paterno de Thomé Lopes Capote, e materno de Manuel Nunes Sanches, medico e de Guiomar Nunes. Seu tio materno Henrique Froes, boticario na Covilhã, tem um filho chamado Manuel Froes, estudante, ausente nas Minas. Seu tio materno «Manoel Nunes Sanches he mercador, morador na villa de Benevente, e nella cazado, não sabe com quem, nem que tenha filhos». O outro seu tio Marcos Mendes Sanches é cirurgião na villa do Sabugal. Jorge, de quem não sabe mais nomes, seu tio materno, está ausente nas Minas. Sua tia Isabel Nunes foi casada com João Rodrigues, cirurgião, de quem teve um filho chamado Manuel, morador em Benavente e uma filha. Sua tia Leonor Nunes, moradora na Covilhã e ali casada com Francisco Nunes, cirurgião, de quem teve onze filhos, entre os quaes Manuel Sanches, cirurgião, assistente no Alemtejo e Francisco Nunes, estudante, ausente nas Minas. Do lado de sua mãe tem ainda os seguintes tios: Manuel Sanches, sem officio, ausente nas Minas, Miguel Nunes Sanches, tambem ausente nas Minas e Francisco José da Costa Alvarega, boticario no Sabugal.

Tem um irmão chamado Daniel Lopes, ausente em França e casado com Brites Henriques. Tem um outro chamado Thomé Lopes Capote, sem officio, morador em Benavente. (2)

---

(1) Inquisição de Lisboa, processo n.º 7488.
(2) Inquisição de Lisboa, processo n.º 4613.

DOCUMENTO N.º 15

Carta de Ribeiro Sanches a Jacob de Castro Sarmento, de 11 de novembro de 1752

«Por obedecer a Vm. lhe direi o que sei, pelo que aprendi de Boerhaave. Este nas liçoens publicas que leu no anno de 1731 e seguintes, de *Morbis nervorum,* tratou da Parlezia, e eu tenho hum extracto feito por Mons. le Baron Vanswieten destas liçoens, adonde se lê o seguinte: — «Requiritur ad curam Paralyseos Aer calidus, et quidem gradu magno, unde Æstas imprimis fervida adeo prodest. Thermæ sive conclavia sulphuratis caloribus calefacta, cæterum arida qualia sunt in Campania, prosunt; non balnea humida; hæc enim relaxando nocent: hæc quo sicciora, eo meliora; hinc prosunt peregrinationes in loca montana siccissima; hinc lectos ingrediantur siccissimos supra storias bibulas in loco superiore ædium, loco undique obducto ligno sicco poroso non picto: sed Hippocrates in libro de natura Hominis dicit, quod calor siccus sit gignendis febribus aptissimus. Aquæ potus nocet; frigida pauca concedi potest, sed tepidi potus nocent quam maxime, ab his enim fiunt tremores, vacillationes, paralyses: Vinum nigrum creticum, vel ejus defectu Canarinum cum pauxillo panis: Cerevisia fortissima non nimis acris. imprimis momma Brunswicensis.»

«Eu proprio, no anno 1730 e 1731, lhe ouvi o mesmo, quando explicava os Aphorismos de *Cognoscendis et curandis morbis:* E observei que os Paralyticos que vierão a fazer uso de aguas thermaes, todos vinham a morrer apopleticos. O Dr. Diogo Nunes, Medico com a experiencia de 40 annos de Lisboa, me disse no anno 1724, que havia observado que todos os que cahiam em Estupores, se hiam ás Caldas da Rainha, vinham cada vez peores e que por ultimo morriam apopleticos.» [1]

DOCUMENTO N.º 16

Apresentação de Simão Lopes

Aos dez dias do mez de Março de 1730 annos em Lisboa nos Estaos e Casa do Despacho da Santa Inquisição, estando ahi na audiencia de tarde o Senhor Deputado do Conselho Geral João Alvez

---

[1] Do *Appendix ao que se acha escrito na Materia Medica do Dr. J. de Castro Sarmento sobre a natureza, contentos, effeitos e uso pratico, em forma de bebida e banhos das Aguas das Caldas da Rainha* — Londres, 1753, pag. 94 e 95.

Soares que de ordem de Sua Eminencia assiste na Meza, mandou vir perante si a hum homem que da salla pedio audiencia e sendo presente por dizer a pedira para se apresentar de culpas de judaismo que havia cometido lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que poz a mão sob cargo do qual lhe foy mandado dizer uerdade e ter segredo a que tudo prometeo cumprir e disse chamar-se Simão Lopes, christão novo, sem officio, solteyro, filho de João Esteves Henriques, contratador e Francisca Michaella, natural e morador desta cidade de Lisboa da idade de 17 annos . . . .

Disse mais que havera hum anno na cidade de Londres e caza de Diogo Nunes Ribeyro, medico, cazado com Gracia Caetana se achou com sinco filhos dos mesmos, primos delle confitente chamados André e Joze Nunes Ribeiro, Rodrigo Lopes todos sem officio, Izabel da Veyga Caetana e Maria Caetana todos solteyros, excepto a Izabel que he cazada com Rodrigo Soares homem de negocio, naturaes desta cidade de Lisboa e moradores na de Londres em Inglaterra onde são publicos professores do judaismo, não sabe que fossem prezos ou aprezentados entre praticas que tiuerão a respeyto das leys em que os mesmos dizião que a de Christo não era boa, todos se declararão por crentes e observantes da ley de Moyses para saluação de suas almas, e os mesmos lhe disseram que por sua observancia hião as sinagogas e rezauão rezas judaicas e se hauião circuncidado e persuadirão a elle confitente que tambem se circuncidasse o que elle nunca consentio e tambem nunca foy a sinagoga, e não passaram mais.

Disse mais que haverá hum anno na cidade de Londres e caza de Miguel Nunes Fernandes que na dita cidade se chama Izac Nunes Fernandes, christão novo, sem officio, solteyro, não lhe sabe o nome dos Paes, natural do Rio de Janeyro e morador na dita cidade de Londres, onde he publico professor do judaismo, não sabe que fosse prezo ou aprezentado se achou com elle . . . . (1)

DOCUMENTO N.º 17

Carta de Alvares a Lafaye, de Paris 26 de fevereiro de 1762

«Para responder á pergunta que me dirige, se em Lisboa se fazia uso nas doenças venereas do mercurio sublimado segundo o methodo que toda a Europa attribue ao Doutor Van Swieten, ahi vae tudo quanto posso posso ter a honra de apresentar-lhe a este respeito.

Ha cinco annos que, estando ainda em Lisboa, encontrei por

(1) Processo n.º 7299 da Inquisição de Lisboa.

acaso um livro in 8.º que tinha por titulo: *Novas memorias sobre o estado presente da grande Russia*, t. II, impresso em 1725, em Amsterdam, sem nome de auctor; nelle se diz falando da Siberia, a pag. 161, *Mas os Moscovitas servem-se de remedios muito mais violentos; porque nas doenças venereas tomam Mercurio sublimado, sem nenhum vehiculo, ou em caldo azedo, ou em sopa feita com papas de aveia.*

Tal foi a primeira noção que tive do uso do sublimado puro, entre os Russos. Considerei este remedio como demasiado violento para o tentar no clima de Lisboa; mas seis ou sete mezes depois de ter copiado esta passagem, Laughier, medico de Vienna, que tinha estado em Lisboa na qualidade de Medico da nossa rainha, escreveu ao Dr. Wade, sabio medico irlandez, residente em Lisboa, que *Van Swieten tinha descoberto as utilidades maravilhosas do Mercurio sublimado nas ditas doenças,* pedindo-lhe que communicasse este remedio aos medicos e cirurgiões portuguezes, o que o Dr. Wade não deixou de fazer.

Tentou-se este remedio em Lisboa: alguns doentes se curaram com o seu uso e eu não soube que fosse mortal para nenhum, mas como me arreceava de semelhante droga, julguei, antes de falar della a nenhum dos meus confrades, dever consultar a este respeito o Doutor Sanches.

Este escreveu-me de Paris para Lisboa, que Van Swieten não era o inventor do uso interno do sublimado corrosivo nas doenças em questão cuja gloria mal a proposito se attribuia, que elle (Sanches) não se importava de reivindicar, mas que lho tinha communicado escrevendo-lhe de Petersburgo para Leyde em 1742, 1743 e 1744; que tinha sido tambem por sua instigação que o Dr. Schreiber tinha feito uso deste remedio no Hospital de Petersburgo; que o sublimado, para ser util, reclamava ser administrado com methodo, sem o que é pernicioso, que a dóse é a quarta parte de um grão em agua-ardente de frumento ou de cevada. Esta carta é datada de 2 de janeiro de 1758; como eu deixei Lisboa no mez de fevereiro seguinte, não me foi possivel seguir o resultado dos casos em que foi applicado este remedio.

Tendo vindo para Paris, o Doutor Sanches confirmou-me os perigos que correm os que fazem uso do sublimado mesmo num banho de vapor, como é o methodo dos russos; que um cirurgião, vindo da Siberia para Petersburgo, tinha sido o primeiro que lhe falara deste remedio que era usado na Siberia; que tinha sido por causa das maravilhas que este cirurgião lhe havia contado a seu respeito que tinha induzido o Dr. Schreiber a empregal-o no Hospital.

Alguma coisa mais, é que Sanches me mostrou varias cartas que Van Swieten lhe tinha escripto de Leyde para Petersburgo, de uma das quaes me deixou copiar a passagem seguinte: cumpre esperar sempre os resultados de todos os medicamentos novos porque cáem algumas vezes. A respeito do vosso sublimado, reitero-vos os meus agradecimentos. Servi-me delle com utilidade: Em Leyde, 28 de abril de 1747. Tutus tuus. Assignado Van Swieten.

Eis-nos certos de que Van Swieten não é inventor da applicação do sublimado, apesar de que um medico italiano publicou uma carta de Van Swieten que poderia fazel-o crer.

Não ha seis mezes que encontrei em um livro inglez intitulado: *The modern part of an universal History*, vol. IX, pag. 10. que os japonezes fazem frequentemente uso do mercurio sublimado em um certo licor muito estimado.

Ahi tem quanto extrahi dos livros de differentes nações sobre a historia deste remedio e enviei tudo isto á alguns dos meus confrades de Lisboa que com certeza o publicarão.

Paris, 26 de fevereiro de 1762.» (1)

DOCUMENTO N.º 18

Carta de Sanches a Mr. Gobets

«Fico-lhe muitissimo obrigado por me ter communicado o numero XXXI da *Gazeta de Medicina* de 23 d'outubro de 1762. Li nelle uma carta do snr. Alvares a Mr. de la Faye, na qual notei que os factos não são referidos exactamente com todas as suas circumstancias e que ha nelles alguns erros. E' verdade que eu disse ao snr. Alvares que nem o snr. Barão Van Swieten nem eu eramos os inventores do uso interno do Mercurio sublimado corrosivo para curar as doenças venereas; que eu o soubera d'um cirurgião ao serviço do exercito da Russia que vivera muito tempo na Siberia onde fizera uso delle, e de algumas outras pessoas que me confirmaram a narração do dito cirurgião. Como não pensava que o snr. Alvares tornaria publico o que lhe escrevi para Lisboa, não puz difficuldade em lhe mostrar algumas cartas do Barão de Van Swieten sobre este assumpto. A carta que cita como datada de Leyde a 28 d'abril de 1747 é datada de Vienna; não levanto outras inadvertencias na mesma carta do snr. Alvares, porque o meu unico fim é queixar-me de que elle communicasse ao publico o que lhe disse em particular. O snr. barão Van Swieten não precisa. para sustentar a grande reputação devida tão legitimamente ao seu grande saber e á sua grande pratica, de ser o inventor de um remedio do qual o grande Boerhaave disse no segundo volume da sua *Chimica* proces. 198. *Granum unum aquæ unciã dilutum dat remedium cosmeticum... Si drachma talis mixturæ syrupo violaceo mitificata potatur bis*

(1) Traduzida do livro de Le Begue de Presle — *Mémoire pour servir à l'histoire de l'usage interne du mercure sublimé corrosif* à la Haye et Paris chez P. Fr. Didot. MDCCLXIII, pag. 34.

terve in die, mira præstat in multis morbis incurabilibus; sed prudenter à prudente Medico: abstinè si methodum nescis... Quando van Swieten publicar o seu quarto e quinto volume dos Commentarios sobre os aphorismos de seu mestre, estou persuadido de que tratará das virtudes do sublimado corrosivo no capitulo *de lue venereâ,* ahi dará o methodo de o administrar não só em algumas especies de doenças venereas, mas em outras doenças; digo apenas varias especies, porque os Empiricos imaginam falsamente que todas as differenças da dita doença devem ser curadas por um unico remedio e por um só methodo de administrar as differentes composições do mercurio. Não duvido de que Van Swieten trate esta materia de maneira que o publico nada mais tenha a desejar; e isso é mais glorioso e mais necessario ao bem publico do que a pequena gloria de ter sido o primeiro a pôr em voga o mercurio sublimado corrosivo. Eis o que eu desejaria chegasse ao conhecimento do publico, não só para o desenganar, mas ainda para provar a mais respeitosa consideração que tenho por este illustre medico que tão bem tem merecido do genero humano pelo seu grande saber e pelas suas excellentes qualidades.» ([1])

DOCUMENTO N.º 19

Minuta do officio de Gonçalo Manuel Galvão de Lacerda, nosso representante em Paris, de 10 de outubro de 1749

«Despacho este correio a fim de participar a V. Ex.ª para que seja presente a S. M. a triste noticia de que o embaixador D. Luiz da Cunha falleceu hontem 9 do corrente entre as seis e sete horas do dia de uma hydropesia de peito, a que não precedeu rigorosamente quasi molestia alguma.

«No dia antecedente em que não sahiu da sua camara se levantou, comeu muito bem e recebeu nella as visitas que o buscaram sem algum signal de molestia que o opprimisse.

«Recolheu-se com pouca differença á meia noite e no discurso della sentiu um frio mais que natural mas, como isto lhe houvesse succedido outras vezes, os creados que lhe assistiam e o seu escudeiro que elle mandou chamar, vendo que elle não tinha febre se

([1]) Traduzido do livro de Le Begue de Presle — *Mémoire pour servir à l'histoire de l'usage interne du mercure sublimé corrosif* à la Haye et Paris chez P. Fr. Didot, MDCCLXIII, pag. 227.

serviram dos mesmos remedios de que outras vezes tinham usado, com os quaes se reparou o calor perdido e o doente ficou socegado.

«Como fosse já perto da manhã se mandou por ordem do mesmo Embaixador chamar o Dr. Antonio Ribeiro Sanches que veiu ás horas referidas e que achou que sem movimento ou contorsão alguma havia o dito Embaixador expirado.» (1)

DOCUMENTO N.º 20

Minuta de um officio de Galvão de Lacerda a Diogo de Mendonça, de 27 de fevereiro de 1755

«Ill.mo Ex.mo Snr.

«O doutor Antonio Ribeiro Sanches que me vê repetidas vezes me buscou um dia da semana passada e me entregou uma carta da qual remetto a V. Ex.ª a copia.

«Não ouso interpôr o meu parecer na materia que contém a dita carta, informando sómente a V. Ex.ª a fim de que seja presente a S. M. que o Dr. Antonio Ribeiro Sanches é profundamente sabio e pelos muitos paizes que tem visto se instruiu exactamente, adquirindo muitas noticias uteis e de que póde bem servir-se no Tratado que tem escripto como refere na sua carta.

«Quanto mereça a Real attenção de S. M. como entende poderá obter V. Ex.ª se servirá participar-me a real resolução do dito Senhor para a fazer saber a este digno nosso nacional. Deus guarde a V. Ex.ª» (2)

DOCUMENTO N.º 21

Carta de Ribeiro Sanches a D. Luiz da Cunha, de 26 de janeiro de 1757

«Illustrissimo e Excellentissimo Sñor — Pesso mil perdoens a V. Excellencia de molesta-lo com esta carta, e com o Memorial aqui junto. Mas espero achar na benignidade de V. Excellencia não somente excusa do meu atrevimento, mas tãobem a sua efficas proteção, que espero alcansar, principalmente quando V. Excellencia fi-

(1) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

(2) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

car, persuadido, que só o amor da patria foi a vnica causa, e que elle somente me deu todo o motivo.

No fim do livro que publiquei vltimamente, prometi continuar a escreuer para a vtilidade da patria, e comecei a ajuntar depois de hum anno os materiais para compor hum livro da *Educação Politica em Geral*, e respeitivamente a o nosso Reyno, e tãobem como se devia ensinar, aprender e governar a Medicina nelle, do qual tratado ajuntei aqui hum mui succinto summario, para que V. Excellencia possa julgar da sua vtilidade.

Estou irresoluto a continuar na composicão desta por varios incidentes que me occorrem actualmente, e os principais pesso a V. Excellencia seja servido que lhos communique do modo mais breve e facil que me for possivel.

Os gastos que fis na composição, e na impressão do livro que publiquei o anno passado me impossibilitão para continuar em semelhante trabalho. Em Lisboa houve livreyro que reimpremio o meu tratado da saude, que vendera mais barato por muitas razoens faceis de comprehender, de tal modo que ficará quasi toda a minha edicão esquecida com perda para mim tão consideravel como de ficar empenhado.

Ao mesmo tempo o Principe Gallitzin que chegou ha pouco tempo a esta com sua molher para curarse de hua penivel enfermidade me propoem tomar ao meu cuidado curar esta queyxa: o haver curado a esta Princesa em Russia juntamente, com o Conselho dos Medicos da Corte do mesmo Imperio, e do Lente de Medicina *Gaubius* na Universidade de Leyde (que tãobem foi consultado) para que eu curasse esta queyxa, como consta pellas suas cartas que tenho em meu poder, obrigão a este Principe a instarme com interesses mayores do que posso esperar por compor o dito tratado, para que condescenda aos seos rogos, e a sua necessidade. Se eu me determinasse a tratar a dita queyxa comecaria no mes de Março que vem e me seria preciso passar todo o verão em sua companhia ou nas Caldas, ou nas provincias Meridionaes deste Reyno, o que me occuparia hum anno, longe dos meos livros; e he certo qué por esta distracão puderia não so continuar a obra começada, mas ainda com muita probabilidade, o jamais pensar a trabalhar nella.

Seria facil, Excellentissimo Senhor, desenganar a este cavalheyro ou abraçando a conveniencia que me propoem, ou refuza-la, quando eu soubesse se a nossa Corte quer empregarme a escrever não o *tratado* asima referido, mas tãobem outro qualquer para a vtilidade do nosso Reyno.

Se u quizera alegar servicos, e despezas que fis despois de vinte e seis para servir a minha patria persuado me da clemencia de Sua Magestade que serião atendidas nesta occasião: Mas agora não pesso galardão nem justiça; pesso somente a V. Excellencia humildemente a sua proteção, e a clemencia de Sua Magestade que me de meyos para satisfazer o ardente dezejo que tenho de sirvillo, lendo, e escrevendo o que lhe podera ser vtil e aos sevs fieis vassallos. Ou fosse com subsidio bastante para compor com socego, ou

annual, ou do modo que V. Excellencia achar mais proposito que semelhante obra sahisse a lus, ou mesmo entregar o Manuscrito prompto para a impressão a quem Sua Magestade ordenasse. Se alcançar por meyo da proteção de V. Excellencia o que proponho, não posso esperar nem jamais pretendo outra mayor fortuna, nem vantagem e ficarei em quanto viver na escravidão tão voluntaria de servir a V. Excellencia, como he o ardente dezejo de ser útil a minha patria. Fico para obedecer a V. Excellencia com o mayor respeito.

Deos guarde a V. Excellencia muitos annos.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

De V. Excellencia

mui fiel, mui obrigado, e obediente creado

Antonio Ribeyro Sanches.

26 de Janeiro, 1757.»

Na capa encontra-se: Authographo de Antonio Ribeiro Sanches: — Medico illustrado, author de varias obras de reconhecido merito. São raros os authographos deste personagem. (¹)

DOCUMENTO N.º 22

Officio de Sanches a Monsenhor Salema, de 26 de junho de 1758

«Tenho a honra de remetter a V. Illustrissima o methodo para introduzir-se a medicina em Portugal fundada na verdadeira physica conforme a ordem que V. Ilustrissima me intimou da parte de S. Magestade que Deus guarde. E como foi preciso entrar na demonstração dos dois pontos principaes que proponho, cresceu pela importancia da materia este papel, mais do que eu queria, e por esta razão ajuntei no fim um resumo para que todos o possam ler sem tanta molestia. Se fôr approvada a minha proposta, que venham estudantes a aprender nas universidades estrangeiras e que se estabeleça uma Escola Geral e Real de Medicina, então escreverei de que *modo deve ser* governada; *como se ha* de ensinar e aprender nella esta Sciencia; *como hão* de ser os exames e os gráus que

(¹) Autographos e originaes remettidos pelo Ministerio da Instrucção Publica ao Archivo da Torre do Tombo em 3 de dezembro de 1870, n.º 31.

hão-de tomar os que a estudarem. Tambem tratarei por quem havia de ser praticada a cirurgia no reino e seus dominios. E tambem onde deviam aprender os boticarios e como deviam ser governadas as boticas e os droguistas. Onde haverão de aprender as parteiras e por quem haverão de ser instruidas. Tratarei do prejuizo que causam as boticas das communidades religiosas: E do damno que causou á arte medica e ao bem publico a permissão de se venderem segredos para curar. E emfim tratarei estas materias de tal modo que todo o Estado tire o proveito egual ás despezas que fizer com estes estabelecimentos e com as pessoas que hão-de executar e manter a subordinação, e a ordem, e os Regimentos ordenados por Sua Magestade Fidelissima. Desejára que V. Illustrissima ficasse tão satisfeito da execução da Ordem Real que foi servido intimar-me, como da minha prompta obediencia. Esta mesma em todo o tempo compensará no que faltar de acertado no papel que presento a V. Illustrissima a quem peço ordenar-me o que fôr do seu maior agrado porque com a mais prompta vontade e o maior respeito fico para obedecer a V. Illustrissima que Deus guarde muitos annos. Belleville arrabalde de Paris 26 de junho de 1758. Illustrissimo e Reverendissimo Senhor. De V. Illustrissima mui obediente e obrigado creado, *Antonio Ribeiro Sanches.*» [1]

DOCUMENTO N.º 23

Trecho de um officio de Monsenhor Salema, de 7 de janeiro de 1760

«O Dr. Sanches me remetteu hoje o livro incluso com a carta junta, obra que já insinuei a V. Ex.ª e que me parece merecer a attenção de El Rey Nosso Senhor e do seu sabio e respeitavel ministerio pelos muitos objectos de utilidade que ella propõe para a educação e instrucção da mocidade portugueza e que é a materia de varias conversações que tive com este douto e honrado patriota; julgando-a de grande proveito, lhe signifiquei a quizesse pôr por escripto para que deste modo resultasse ao nosso reino todo o bem que se póde tirar da dita obra: a mencionada carta narra o motivo porque pareceu mais conveniente que se preferisse a impressão do manuscripto, estando certo que o numero de exemplares não excede o de que o auctor faz menção e que amanhã vem todos para meu poder.» [2]

[1] *Archivos de historia da medicina portugueza*, VI — pag. 21. Existe o rascunho deste manuscripto na Bibliotheca da Escola de Medicina de Paris — Vol. IX.

[2] Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

DOCUMENTO N.º 24

Carta de Sanches a Monsenhor Salema, de 7 de janeiro de 1760

«Illustrissimo e Reverendissimo Senhor.

«Foi V. Illustrissima servido conceder-me mandar-lhe esse exemplar do manuscripto que tive a honra de communicar-lhe, pedindo-lhe seja servido remettel-o á nossa côrte, e das precauções que tomei para que toda a impressão viesse a ficar no poder de V. Ill.ma, como consta da obrigação do impressor aqui junta; tão (1) peço a V. Illustrissima humildemente queira declarar o motivo porque se imprimiu este papel, reduzindo-se todo a diminuir o volume do manuscripto, e para que se lesse o conteúdo com maior facilidade e egual recato. Espero amanhã levar a V. Illustrissima os cincoenta exemplares, porque não foi possivel hoje estarem promptos mais do que esse unico que remetto agora. Se V. Illustrissima fôr servido tambem de dar parte á Nossa Côrte que dita impressão ficará no seu poder até receber ordem para dispôr della; porque só deste modo ficará a nossa côrte persuadida que não sendo do seu agrado este impresso ninguem o verá, nem lerá. Eu vou continuando com o trabalho que sou obrigado effectuar; e sempre com a mais prompta vontade para obedecer a V. Illustrissima com o maior respeito. Deus guarde a V. Illustrissima muitos annos. Sete de janeiro de 1760. Snr. Pedro da Costa de Almeida Salema.

De V. Illustrissima

mui fiel e obrigado creado

Antonio Ribeiro Sanches.» (2)

---

(1) Parece que deve ser *tambem*, que Sanches escreveria *tão bem.*
(2) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

DOCUMENTO N.º 25

Carta de Sanches a D. Luiz da Cunha, de 26 de dezembro de 1768

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

«Como V. Excellencia foi servido haverá sete ou oito annos intimar-me pelo Rev.mo Pedro de Salema, então ministro nesta côrte, a ordem de S. Magestade Fidelissima, que escrevesse o *methodo mais util de ensinar e aprender a medicina*, e que pouco tempo depois avizei a V. Excellencia que tinha executado a dita real ordem. e que esperava a sua para remetter-lhe o meu trabalho, achei de minha obrigação, vendo-me velho e tão achacado, que me vejo no fim da carreira, mostrar até o fim da vida a minha inviolavel obediencia ás ordens de S. Magestade, no impresso aqui junto, que tomo a liberdade (de) pôr aos pés de V. Excellencia, pedindo-lhe ao mesmo tempo mui humildemente que S. Magestade Fidelissima conheça que tem ainda fóra dos seus vastos dominios subditos tão obedientes em servil-o como promptos a perder a vida no seu real serviço. Espero que V. Excellencia ficará persuadido que fico com o maior respeito á sua obediencia mui prompto.

«Deus guarde a mui Illustre Pessoa de V. Excellencia por muitos e dilatados annos.

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

De V. Excellencia

mui humilde e mui obediente creado,

Antonio Ribeiro Sanches.

«Paris 26 dezembro 1768.» [1]

---

[1] Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros. Foi publicado pela primeira vez por Sousa Viterbo no periodico a *Arte* em 1880 e posteriormente no *Commercio Portuguez* de 5 de novembro de 1882.

DOCUMENTO N.º 26

Officio de D. Vicente de Sousa Coutinho a D. Luiz da Cunha, de 13 de fevereiro de 1769

«Depois de ter escripto a V. Ex.ª entrou o doutor Sanches nesta casa e me leu uma carta de Gonçalo Xavier, na qual lhe diz que, tendo a honra de faltar a V. Ex.ª nelle, lhe ouvira que, mandando-lhe escrever o *Methodo por que se devia ensinar a medicina em Portugal,* não tivera mais noticia desta obra. Que a sua pensão lhe suspendera Mr. Salema por *piques particulares*. Que El-rei o sabia ou se fallara nesta materia depois que residia em França. Com està occasião me é permittido referir a V. Ex.ª o que sei, ficando-me a satisfacção de advogar a causa de um portuguez de tanto prestimo, que nós abandonamos, e que estimam tanto os estrangeiros. Logo que cheguei a esta côrte, sabendo que elle escrevera o tal *Methodo,* o li com muito gosto, achando-o propiissimo a promover aquella faculdade no nosso reino, sendo o mesmo, com pouca differença, que se pratica em muitas outras Universidades da Europa. E ainda no caso de parecer que havia nelle alguma coisa incompativel aos nossos costumes, facilmente se poderia reformar ou supprimir, sem que se perdesse nada da substancia. Quando tinha formado este juizo, me disseram que Martinho de Mello, insinuando-lhe fizesse imprimir alguns exemplares, os levara comsigo para Lisboa, o que me dava a entender que V. Ex.ª os teria examinado e que era inutil fallar-lhe de um Escripto de que tinha já conhecimento.

«Pelo que toca a Mr. Salema, sempre reprovei que, por questões pessoaes, cessasse de pagar a pensão de Sua Magestade, reconhecendo que os homens podem dissentir uns dos outros nos affectos ou opiniões, conformando-se no amor do Principe e da Patria: as nossas injurias não tem nada de commum com as do Estado; a mesma pessoa que nos desagrada póde fazer-lhe grandes serviços, e estas victimas da vingança propria as mais das vezes se immolam em prejuizo do interesse publico.

«Finalmente, passando ao ultimo artigo de não haver escripto sobre esse particular, o Senhor Conde de Oeiras se lembrará que o fiz ha quatro annos, de que não tive resposta, cujo silencio me magoou, vendo-me obrigado a ser o triste expectador da miseria de um compatriota tão benemerito, se não fôra soccorrido de uma potencia extranha. O *Methodo dos estudos* lhe causou muita fadiga e egual despeza, precisado de comprar livros e de consultar, pelo meio de presentes, varios professores das mais celebres Universidades. Não posso dissimular a V. Ex.ª que ninguem o excede no amor do seu Paiz, não vindo Portuguez a França que não ache nelle um generoso amparo.

«Se V. Ex.ª quizer ter a bondade de representar o conteúdo

d'este officio a El-Rei nosso Senhor, estou persuadido de que a simples narração do facto bastará a justifical-o, restituindo-lhe a graça de um principe tão magnanimo como compassivo.» [1]

DOCUMENTO N.º 27

Trecho de um officio de D. Luiz da Cunha a Sousa Coutinho, de 9 de abril de 1769

«Em nenhum delles me falla V. S.ª na obra composta pelo Dr. Sanches, de quem recebi tambem uma carta acompanhada com um exemplar della; á vista da qual e do que V. S.ª referia: ordena S. Mag.de que V. S.ª receba a si toda a impressão da dita obra, e ma remetta mandando-me dizer o custo della, para della mandar embolsar ao Dr. Sanches, a quem V. S.ª poderá segurar que logo que eu chegue a Lisboa passarei a ordem para se lhe continuar a mezada de que Sua Magestade lhe fez mercê.» [2]

DOCUMENTO N.º 28

Carta de Sanches a D. Luiz da Cunha, de 1 de maio de 1769

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Já que Vossa Excellencia foi servido interessar-se tanto a meu favor que o snr. Dom Vicente de Sousa Coutinho, Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade Fidelissima, me intimou a sua ordem, que é a de Sua Magestade que Deus Guarde, que pela Sua Reál Clemencia me continuava a pensão, que comecei a receber no anno 1759, Espero que não sómente lhe será acceite o meu animo, todo dedicado a obedecer-lhe, mas ainda convencel-o que fico penetrado da sua piedosissima protecção e humanidade. Na mesma ordem se continha que entregasse ao mesmo senhor Dom Vicente a edição do *Methodo para aprender e estudar a Medicina*, da qual entreguei logo quarenta exemplares, que conservava em meu poder depois do anno 1763, no qual foi impresso, esperando depois daquelle tempo a presente ordem de Vossa Excellencia e ainda outras mais, no firme proposito de exe-

[1] Publicado pela primeira vez por Sousa Viterbo na *Arte* de 1880 e posteriormente no *Commercio Portuguez* de 5 de novembro de 1882.
[2] Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

cutal-as com semelhante pontualidade, e que mereceria facilmente mais o meu zelo, mais do que a minha capacidade e diligencia da sua approvação já preoccupado a meu favor. — Fico para obedecer com o maior respeito a V. Ex.ª, cuja Illustre Pessoa guarde Deus por muitos e mui dilatados annos — Paris 1 Maio 1769 — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — De V. Ex.ª mui humilde e mui obediente creado, *Antonio Ribeiro Sanches.*» (¹)

DOCUMENTO N.º 29

Officio de D. Luiz da Cunha a Sousa Coutinho, de 18 de julho de 1769

«Ha tempos que disse a V. S.ª que recolhesse a si para mos remetter os livros que imprimiu o Dr. Sanches, e que delle soubesse V. S.ª o que lhe tinha custado a impressão, para que sen o presente a S. Magestade lhe mandasse satisfazer; e como até agora nem tenho recebido os livros, nem V. S.ª me tenha mandado dizer a importancia da impressão, torno a lembrar a V. S.ª este particular, para haver de ter effeito, cumprir-se a vontade de Elrei Nosso Senhor, que tambem ordena que V. S.ª lhe continue aquella mezada que S. Magestade lhe tinha mandado dar, de que no correio que vem direi a V. S.ª a quantia, pois que ella foi alevantada por Pedro da Costa sem para isso ter precedido ordem de S. Magestade; e a importancia da dita mezada a poderá V. S.ª carregar na lista dos portes das cartas para ser embolsado.» (²)

DOCUMENTO N.º 30

Carta de Sanches ao Conde de Oeiras de 9 de outubro de 1769

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

«Em consequencia das ordens de V. Excellencia, contidas nos despachos, desde o 9 de abril deste presente anno, commettidas ao snr. Dom Vicente de Sousa Coutinho, ministro plenapotenciario de S. Magestade Fidelissima nesta Côrte, recebi por sua ordem o valor

(¹) Publicado pela primeira vez por Sousa Viterbo.
(²) Archivo do Ministerio dos Negocios estrangeiros.

de reis 180$000, que é a metade da tença annual que S. Magestade, que Deus guarde, foi servido conceder-me pela sua Real Clemencia. Pelo que peço a V. Ex.ª mui humildemente representar ao mesmo Senhor da minha parte, posto aos seus reaes pés, toda a vivacidade do meu eterno agradecimento, como tambem da mais illimitada obediencia, que conservei sempre por milhares de motivos.

«Tambem em consequencia da mesma ordem recebi no mesmo tempo tresentas e trinta e oito libras tornezas, custo da impressão do *Methodo de conhecer a Medicina*, etc., de que dei recibo. (¹)

«E com que expressões poderei agradecer a V. Excellencia as obrigações infinitas com que a sua poderosa protecção quiz honrar-me e favorecer-me? Considerando o meu estado e a minha inutilidade, acho que V. Excellencia, como Digno herdeiro do Snr. Dom Luiz da Cunha quiz imital-o em favorecer-me: porque aquelle Excellentissimo Snr., sem attender mais que a sua generosidade e beneficencia, quiz sempre proteger-me e adiantar-me tanto quanto todos sabem ao que cheguei na Russia. Quiz V. Excellencia avivar aquelle eterno agradecimento, que conservo para tão excellentes virtudes, imitando-as; e ao mesmo tempo favorecendo-me tão especialmente, que será para mim, emquanto conservar o minimo alento, uma lei inviolavel de obedecer e de venerar a V. Excellencia.

«Espero que V. Excellencia quererá permittir-me que lhe represente mui humildemente o que me tem occorrido depois que puz no poder do Snr. Dom Vicente de Sousa os quarenta exemplares do *Methodo para estudar a medicina*, que posso julgar chegaram já á vista de V. Excellencia. Considerei que na segunda parte, isto é *Apontamentos para fundar-se uma Universidade real*, se criticarão com razões muitos pensamentos e consequencias, que então me pareceram acertadas, conforme o tempo e as circumstancias em que estava o reino no anno de 1762 e 63, tempo em que escrevia aquelle supplemento. E como pelo espaço de sete a oito annos, que correram depois, muitos abusos se extinguiram e muitos costumes se reformaram, pela bondade e observancia das leis que S. Magestade Fidelissima tem decretado, não duvido que muita parte do que escrevi naquella digressão ou será superfluo ou mal fundado.

«Pelo que peço a V. Excellencia que se achar poderei occupar o que me restar de vida naquella ou semelhante indagação, de ordenar-me o que fôr do seu agrado: porque animado, se fôr, com a honra das suas ordens, ficarei mais prompto, e, poderá ser, mais capaz de executal-as de modo que mereçam a sua approvação.

«Fico para obedecer a V. Excellencia com tanta gratidão, qual

---

(¹) A 5 de outubro de 1769 escreve Sanches no seu *Journal*: Recebi mais 338 lt. pela impressão do *Methodo*.

é o summo respeito que conservo para a sua Mui Illustre Pessoa, que Deus guarde por mui dilatados e felizes annos. Paris, 9 de outubro 1769. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor — De V. Ex.ª mui humilde e obediente criado, *Antonio Ribeiro Sanches.*» (¹)

DOCUMENTO N.º 31

Memorial dirigido a D. Luiz da Cunha em 2 de julho de 1770

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Dom Luiz da Cunha.

«Representa a Vossa Excellencia com o maior respeito Antonio Ribeiro Sanches que concedendo-lhe a Real Clemencia de Sua Magestade que Deus guarde a tença annual de 360.000 reis, que começou a cobral-a no anno de 1759 até o fim de junho de 1761, lhe foi suspendido o pagamento pelo espaço de sete annos e nove mezes, como constava dos seus recibos. Reconhecendo o supplicante a alta protecção que deveu a Vossa Excellencia para que Sua Magestade fosse servido continuar-lhe aquella graça, recorre novamente a Vossa Excellencia, pedindo-lhe humildemente obtenha o real consentimento para que os *cahidos* da dita tença, que importam 2.790.000 reis, lhe sejam pagos em renda vitalicia a 12 por cento, visto exceder a edade de 70 annos, sendo nascido a 7 de março de 1699. E como a renda vitalicia de 2.790.000 reis a 12 por cento é de 334.800 reis, esta somma espera da benignidade de Vossa Excellencia receber annualmente por quartos, como recebe a tença de 360.000 reis, fazendo ambas as sommas 694.800 reis.

«Ficará penetrado de reconhecimento á grandeza e generosidade de Vossa Excellencia, e emquanto viver não cessará de fazer votos ao ceu pelas felicidades de Vossa Excellencia. Paris 2 de julho de 1770. *Antonio Ribeiro Sanches.*» (²)

(¹) Publicado pela primeira vez por Sousa Viterbo.

(²) Foi publicado pela primeira vez por Sousa Viterbo. Este memorial está collado no seu *Journal* a pag. 82.

DOCUMENTO N.º 32

Ultimas Condiçoens, que o D.or Sanches propoem para ofinal ajuste da venda da sua Bibliotheca

Quando remeteo o Cathalogo dos seus Livros no anno de 1770 pedio vinte mil Libras de França em dinheiro de contado, ou tres mil Libras de renda vitalicia, tendo nascido no anno de 1699, a 7 de Março, como consta da fé de Baptismo que conserva e se achará na Paroquia de S.t Iago em Penamacor; eque ficaria gosando dos ditos seus Livros durante asua vida. Tambem dizia, que findo aquelle anno, excederia opreço das ditas mil libras, por que todos os dias augmentava onumero dos mesmos Livros, eos seus MS. ainda que depouca consequencia p.a Portugal.

Depois daquelle dia (3 de Mayo de 1770) no qual se remeteo o dito Cathalogo, tem comprado duzentos etrinta eseis Authores; não diz volumes, porque comprou AA. que contem de seis the quinze volumes. Os depreço são os seguintes.

1 Universal Dictionary of Comerce. 2 vol. infol. London, com Cartas Geograficas detodas as costas eportos do Mundo.

2 Josephus Anti. P. Havercamp. 2 vol. infol.

3 Biblia Sacra. Interp. Sebast. Castalione pre.re edition.

4 History of Charles v. 3. vol. in 4.º

5 Xenophonty. Opera. L. editio ab Ernesto Lipsiae. 4 vol. in 8.º

6 Sextus Empiricus. Editio Fabritii. Hamburgi.

7 La plus part des Classiques de Burman; avec Sougile, et touttes ses oeuvres.

8 Cudworthi, Comentariis. Moshein. Version Latina, Notisque Lugd. Bat. 2 vol. in4.º 1773.

9 Basnage. Continuation del'histoire des Juifs. 15 vol. 12.º

10 Brifonius de Tornely. fol.

11 Rasnusis: Voya, Navigatione. 3. vol. fol.

12 Biefield. touttes. ses Oeuvres. 2. vol. 4.º Leyde 1772.

13 Scriptores Historiae Romanae, Numismatibus, Chronologia Romana. Hildebergae. 4. vol. fol. 1748 cum figuris.

14. Prezente, que lhe fizerão das Décadas de Barros, e de Couto, e da 12.a imprensa em Pariz em 1645, epublicada pelo infeliz Manoel Fernandes Villa Real, etc.

Náo se contáo, nem louváo os que se tem comprado pertencentes a Medicina em Inglez, Francez, e Italiano, como tambem o que respeita a Literatura, historia, economia, Politica, desde 30 de Mayo de 1770 athe agora.

E assim nesta conformidade declara que se acompra desses Livros se terminar no prezente anno de 1774 p.lo preço de vinte e tres mil libras tornezias, dinheiro de contado no fim delle; mas se

o comprador escolher antes pagar em renda vitalicia, então se pagarão tres mil Libras cada anno; durante a sua vida, q D.ˢ lhe conservar, e principiará acobrar adita renda no principio de Janeiro proximo, que vem de 1775 mesmo em Pariz.

Elle fica obrigado agastar em cada anno p.ª completar

H.ª da Academia Real das Sciencias de Pariz.

H.ª e Memorias da Sociedade Real de Londres.

Nova Acta naturae Curiosos. Norimberg.

Comentaria de Scientia Naturali, et medica. Lipsiae.

Medical Observations et Inquiries. London.

Medical Essay et Literary. Edinburgi.

Continuation del'histoire des Voyages du Nord. Pariz e com as encadernaçoens de 160, the 200 Libras tornezias.

Se viver no estado, em q'se acha adquirirá mais livros, huns que comprará, outros que lhe mandão de prezente de m.ᵗᵃˢ partes.

Desta maneira quem calcular p.ˡᵃ taboa das probabilidades da vida humana, achará que elle devia pretender hum terço mais daquelle, porque se ajusta.

Mas todas estas Condiçoens terão o seu valor athe o fim deste anno de 1774, acabado elle, serão todas nullas, e nesse cazo lhe ficará aliberdade de propor outras para os annos vindouros.

Se o Comprador quizer que sefaça o Contracto de venda por hum Notario publico de Pariz, parece que o methodo seguinte será omais util, eproporcionado, para que ambos os Contrahentes fiquem satisfeitos.

Devese authorizar por Procuração bastante a pessoa idonea em Lisboa, ou em Pariz; omais acertado. he hum Banqueiro de Credito (porque estas Cazas ordinariamente não morrem). Ao dito Procurador se deve entregar huma Copia do dito Cathalogo, que mandou, para que por ella, e por outra do acrescimo dos livros, q'tem, e diz aqui, se possa fazer o contracto de venda, e compra entre elle e o seu constituinte com os Artigos seguintes. 1.º que pelos ditos receberia por todo este anno athe o fim de Dezembro de 1774 a somma de vinte e tres mil Libras de contado pela mão de quem com elle assignar ali o contracto. 2.º que no cazo que o dito comprador escolhese pagarlhe em rendas vitalicias, se conformaria com a sua vontade, pagando emcada hum anno no principio do mez ou mezes de Janeiro e principiando no de 1775; e dahi em diante, durante a sua vida a soma de tres mil Libras tornezas. 3.º que por seu falescimento o dito Procurador na prezença de Notario publico tomaria posse de todos os seus Livros, MS. papeis soltos, e impressos, p.ª se cumprir o dito contracto.

O perigo que pode correr aodᵗᵒ Comprador, ou elle, p.ª que corra algum risco o dito contracto, he hum incendio, ou huma calamidade publica, imprevista. O remedio he segurar em Amsterdam na Companhia dos Seguros o Capital desta compra, pagando cada anno dois ou três por cento á dita Comp.ª para que no cazo de fogo, fique seguro do que tem que receber, e q'lhe pertence.

Quem pagará estes juros he aquestão: e se deixa o resolvela á

consciencia do comprador, considerando, que elle fica sempre obrigado a dispender em cada hum anno as 160 athe 200 Libras para a compra das Obras periodicas, que sahem cada anno.

Considerando agrande piedade, que S. Mag.de uzou com os herdeiros do defuncto Barbosa, ousa implorala a favor de hum Irmão seu, que tem em Napoles, Medico formado em Leyde deid.e de sessenta annos; para que morrendo elle selhe conserve adita renda vitalicia, como generozam.te deixou aos d.os herdeiros domesmo Barbosa, com outra Compra Semelhante da Sua Bibliotheca. Pois he certo não ter nada, que possa deixar ao seu mesmo Irmão, não se tendo naturalizado em França, onde não pode testar denenhũ dos seus bens pelas Leys daquelle Reino.

Escripta em 28 de Junho de 1774. (1)

DOCUMENTO N.º 33

Carta de Sanches a D. Vicente de Sousa Coutinho, de 8 de maio de 1779

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

Não posso deixar de ir aos pés de V. Excellencia (ainda que bem molestado) para ter a honra de agradecer-lhe eternamente o amparo e a protecção que foi servido alcançar para a felicidade, e augmento da nossa nação. Hontem 7 do corrente sahiu impresso no *Journal* de Paris, o seguinte: *Lettres Patentes du Roi données à Versailles le 29 Août 1778, registrées en Parlement le 23 avril 1779, pour l'abolition du Droit de Aubaine,* entre la France et les Etats de la reine de Portugal et des Algarves.

Foi V. Excellencia o primeiro e unico dos nossos embaixadores depois da feliz acclamação que pensou restituir a Portugal os privilegios de que gosava desde Henrique segundo da França até á morte del Rei D. Sebastião. Não tenho já expressões para poder agradecer a V. Excellencia tantos e tão assignalados favores com que foi servido amparar-me e proteger-me, e principalmente nesta occasião, porque os effeitos do seu previdente animo abrangem ainda a um unico irmão que tenho, que poderá por minha morte herdar os meus livros. Me seria impossivel satisfazer-me em louvar o generoso, piedoso e previdente animo de V. Excellencia! Repetirei até o ultimo suspiro cada dia os mais entranhaveis rogos pela sua perfeita

(1) Existe na Bibliotheca de Evora.

e feliz conservação, para vigiar naquella da patria como todos os que a amam necessitam.

Deus guarde a Mui Illustre Pessoa de V. Excellencia por muitos e dilatados annos. Paris 8 de maio de 1779.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

De V. Excellencia

mui humilde, fiel e obediente criado

Antonio Ribeiro Sanches.

DOCUMENTO N.º 34

Certidão d'obito de Ribeiro Sanches

PRÉFECTURE DU DÉPARTEMENT DE LA SEINE

Extrait des minutes des Actes de décès

RECONSTITUÉS EN VERTU DE LA LOI DU 12 FÉVRIER 1872

Paroisse St Jean de Grève à Paris — Année 1783.

L'an mil sept cent quatre vingt trois, le mercredy quinzième jour du mois d'octobre, messire Antoine Nunes Ribeiro Sanches, Conseiller d'Etat de la Cour de Russie docteur en médecine de l'Université de Salamanque, ancien prémier médecin des camps et armées du noble corps des Cadets et du Corps de Sa Magesté l'Impératrice de toutes les Russies, associé des académies de Saint-Pétersbourg et de Lisbonne et de la Société royale de médecine de Paris, âgé de quatre vingt quatre ans, décédé d'hier, rue de la Verrerié, de cette paroisse, a été inhumé dans une fosse particulière du cimetiére de cette église, en présence de Me Félix Collet de la Nouë, procureur au parlement, son executeur testamentaire demeurant rue du Coq, de cette paroisse, et de Nicolas François Favrel, bourgeois de Paris, fondé de procuration du frère et de la nièce du défunt, demeurant rue des Gravilliers, paroisse Saint Nicolas des Champs, qui ont signé: Collationné à l'original et délivré par moi, vicaire de la dite paroisse Saint Jean en Grève, soussigné, à Paris ce treize janvier mil sept cent quatre vingt quatre; signé: Greuyard — Expédié et collationné; signé: Olayner, notaire à Paris. Admis par la Commission (Loi du 12 février 1872). Le membre de la Commission; signé: Sciout. Pour copie conforme. Paris le trente mai mil neuf cent dix.

Le sécretaire général de la Préfecture

Pour le sécretaire général

Le Conseiller de Préfecture délégué — Illegivel.

DOCUMENTO N.º 35

AO SABIO, E INSIGNE PORTUGUEZ
O SENHOR ANTONIO RIBEIRO SANCHES,

Doutor em Medicina pelas Universidades de Coimbra, Salamanca, e Leyde, Medico que foi da Camara, e dos Exercitos das Emperatrizes de todas as Russias, Anna Iwanowna, e Isabel Petrowna, Membro da Sociedade Real de Londres, da Academia Imperial de Petresburgo, e das mais célebres da Europa, &c. &c.

Se eu pertendesse buscar para Protector desta pequena Traducção hum Sabio, cujo nome se visse gravado nos Annaes das mais celebres Academias, e Universidades da Europa; se eu quizesse enobrecer o frontespicio desta Obra feita por hum grande Medico, com o nome de outro, que pela extensão dos seus vastos conhecimentos tivesse a fortuna de ser discipulo, e amigo do Grande Boerhaave; e a incomparavel honra de ser escolhido por elle mesmo para Medico da Camara, e dos Exercitos das Emperatrizes de todas as Russias; se finalmente eu determinasse dedicar este breve Tratado, feito para utilidade pública, e bem da Sociedade, a hum homem, que penetrado do verdadeiro amor da patria, só estimasse aquillo, que pudesse ser-lhe proveitoso, e capaz de promover a sua gloria, os seus interesses, e a sua verdadeira felicidade, que outro me poderia lembrar, senão o insigne Portuguez Antonio Ribeiro Sanches?

Sim, Senhor, eu certamente não podia, ainda que quizesse, achar hum homem, em quem se vissem unidas em summo grão todas estas qualidades, que em poucos se divisão separadas, senão procurasse a benemerita, e tão distincta pessoa de V. M.

A Sociedade Real de Londres, a Academia das Sciencias de Petresburgo, que tanto deve ao incansavel, e vigilante cuidado de V. M. sendo o mesmo que restabeleceo, e reformou os seus Estatutos; e as outras Academias mais célebres da Europa, que tem a gloria de o contarem entre os seus membros, mostrão com toda a evidencia a verdade do que digo. As producções do profundo entendimento, e feliz engenho de V. M. a distinção, o respeito, o elogio, com que o seu nome he proferido pelos Sabios, entre os quaes posso contar o Filosofo Naturalista Conde de Buffon, são outros tantos testemunhos desta mesma verdade. Os grandes favores, e beneficios, que V. M. movido unicamente de hum verdadeiro patriotismo reparte com os Portuguezes, que tem a ventura de o conhecerem, entre os quaes tenho eu o primeiro lugar, como quem mais, e de mais perto participou das innumeraveis graças, que a sua incomparavel generosidade foi servida liberalizar-me, provão claramente o acerto, e justiça da minha eleição.

Aceite V. M. pois como effeito daquelle sentimento de virtude, e humanidade, que tantas vezes se dignou communicar-me, e de que sempre me lembrarei, como dos momentos mais affortunados da minha vida, esta pequena Traducção; e com ella os ardentes, e sinceros votos, que continuamente faço pela longa duração da vida de V. M. e que esta seja acompanhada de huma saude tão prospera, e vigorosa, que possa encher completamente os meus affectuosos desejos, para que á sombra do seu nome fique indelevel a toda a posteridade este testemunho da minha veneração, e do meu reconhecimento.

Eu sou, e serei toda a minha vida com os mais vivos, e sinceros sentimentos

De V. M.

Muito humilde, e obediente criado

M. R. D. A. [1]

---

[1] Do livro: *Breves instrucções sobre os partos a favor das parteiras das provincias, feitas por ordem do ministerio por Mr. Raulin.* Obra traduzida do francez por M. R. D. A. — Lisboa, na regia officina typografica — 1772.

INDICE

TÁBUA ANALYTICA